

UM DOS LIVROS DO ANO do BRITISH BOOK AWARDS

SHORTLIST do THE WATERSTONES BOOK PRIZE

O HOMICÍDIO PERFEITO

UM GUIA
PARA
BOAS RAPARIGAS

HOLLY JACKSON

#1 New York Times Bestseller

 EDITORIAL PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

UM DOS LIVROS DO ANO do BRITISH BOOK AWARDS

SHORTLIST do THE WATERSTONES BOOK PRIZE

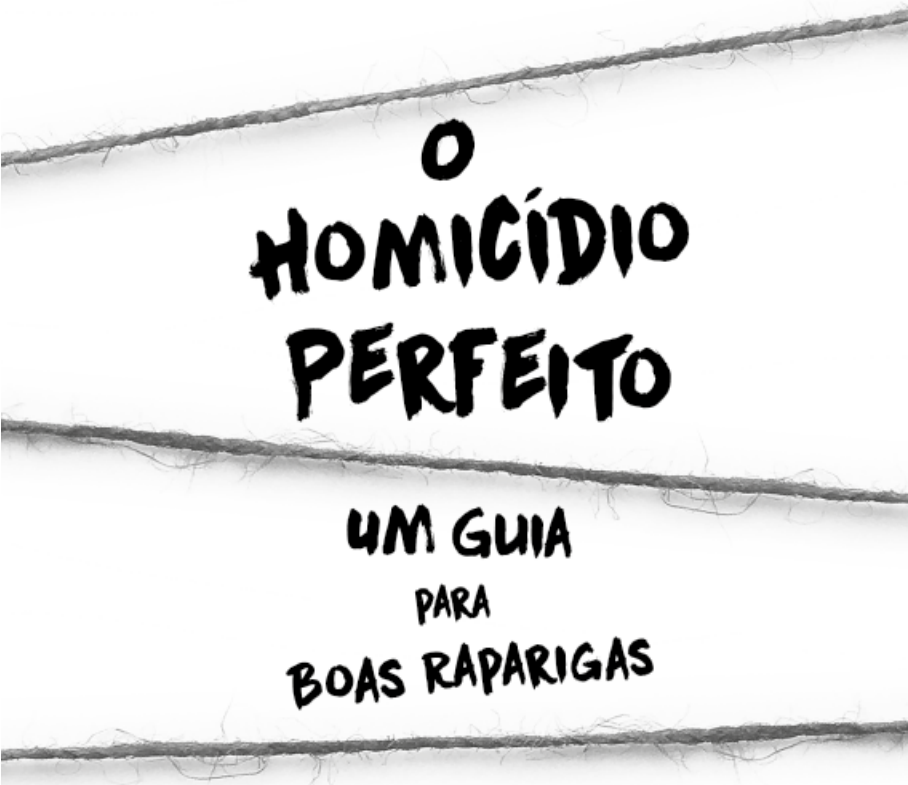
O HOMICÍDIO PERFEITO

UM GUIA
PARA
BOAS RAPARIGAS

HOLLY JACKSON

#1 New York Times Bestseller

 EDITORIAL PRESENÇA



O HOMICÍDIO PERFEITO

**UM GUIA
PARA
BOAS RAPARIGAS**

HOLLY JACKSON

O HOMICÍDIO PERFEITO

UM GUIA
PARA
BOAS RAPARIGAS



Tradução de
Frederico Pedreira

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *A Good Girl's Guide to Murder*

Autora: *Holly Jackson*

Text copyright © 2019 Holly Jackson

Edição original publicada em 2019 por Egmont UK Limited

Os direitos morais da autora estão certificados.

Todos os direitos reservados.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2021

Tradução: *Frederico Pedreira*

Revisão: *Inês Guerreiro/Editorial Presença*

Design da capa: *Lizzie Gardiner*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição em papel, Lisboa, junho, 2021

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

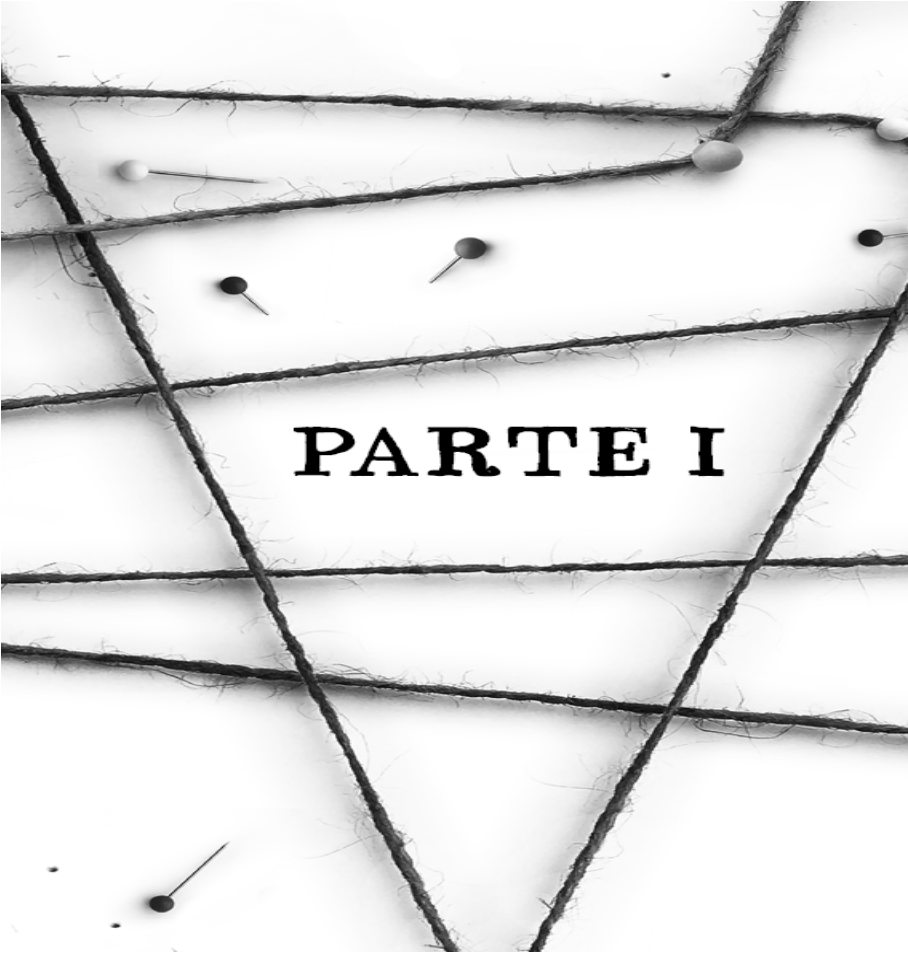
Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para a mãe e para o pai, este primeiro é para vocês.



PARTE I

RDA

Reconhecimento
de desempenho
acadêmico

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO ALARGADO 2017/18

Número do candidato

4169

Nome completo do candidato

Pippa Fitz-Amobi

Parte A: Proposta do candidato

A preencher pelo candidato

- Programas de estudo ou área(s) de interesse relacionados com o tema:

Inglês, Jornalismo, Jornalismo de Investigação, Direito Penal

Título provisório do Projeto de Investigação

Apresente o tópico a ser investigado mediante uma exposição/questão/hipótese.

Investigação no âmbito dos casos de pessoas desaparecidas em 2012, nomeadamente de Andie Bell, em Little Kilton.

Relatório pormenorizado acerca da forma como os *media* (imprensa e televisão) e as redes sociais se tornaram agentes de valor inestimável para a investigação policial, utilizando Andie Bell como caso de estudo. E as implicações resultantes da forma como a imprensa apresentou Sal Singh e a sua alegada culpa.

Inicialmente, os meus recursos serão:

Entrevista com um especialista em casos de pessoas desaparecidas, entrevista com um jornalista local responsável por noticiar o caso, artigos de jornal, entrevistas com membros da comunidade. Manuais e artigos sobre procedimentos policiais, psicologia e o papel dos *media*.

Comentários da supervisora:

Pippa, tal como discutimos, trata-se de um tema extremamente delicado para escolheres — um crime terrível que teve lugar na nossa cidade. Bem sei que nada te fará desistir do mesmo, mas o projeto foi aceite apenas na condição de que não sejam ultrapassadas barreiras éticas. Parece-me que vais precisar de encontrar um ângulo de abordagem mais concreto para o teu relatório, à medida que fores avançando na tua investigação, sem te concentrar demasiado em questões delicadas.

E quero deixar bem claro o seguinte: **NÃO DEVES ENTRAR EM CONTACTO** com nenhuma das famílias envolvidas neste caso. Tal constituirá uma transgressão ética, e o teu projeto será desclassificado. E não trabalhes demasiado. Tem um bom verão.

Declaração do candidato

Declaro que li e compreendi a regulação aplicável a práticas desleais, tal como estipuladas na advertência aos candidatos.

Assinatura:

Pippa Fitz-Amobi

Data:

18/07/2017

Pip sabia onde eles moravam.

Toda a gente em Little Kilton sabia onde eles moravam.

A casa deles era como a casa assombrada da cidade; os passos das pessoas precipitavam-se ao passar por ela, e as palavras sufocavam e morriam-lhes nas gargantas. No caminho de acesso à residência, ouviam-se os gritinhos das crianças, que aí se juntavam a caminho de casa, depois da escola, desafiando-se umas às outras para correrem e tocarem no portão de entrada.

Mas a casa não estava assombrada com fantasmas; ali moravam apenas três pessoas tristes que tentavam fazer as suas vidas como dantes. Uma casa que estava assombrada, não por luzes bruxuleantes ou por cadeiras espectrais que tombavam, mas por letras escuras pintadas com *spray* que diziam *Família Escumalha* e por janelas estilhaçadas com pedras.

Pip nunca deixara de perguntar a si mesma porque não teriam mudado de casa. Não que fossem obrigados a isso; não tinham feito nada de mal. Mas não percebia como conseguiam viver assim.

Pip sabia muitas coisas; sabia que o termo técnico utilizado para o medo de palavras compridas era hipopotomonstrosesquipedaliofobia, sabia que os bebés nascem sem rótulas, sabia palavra por palavra as melhores citações de Platão e Catão e também sabia que existiam mais de quatro mil espécies de batata. Mas não sabia como os Singhs arranjavam a força necessária para permanecer naquela casa. Ali, em Kilton, sob o peso de tantos olhos arregalados, dos comentários sussurrados e ainda assim audíveis, das conversas de circunstância dos vizinhos, que agora já não passavam disso mesmo.

Particularmente cruel era o facto de a casa deles ficar muito perto da Escola Secundária de Little Kilton, que tanto Andie Bell como Sal Singh tinham frequentado e à qual Pip regressaria para começar o seu último ano, dali a poucas semanas, quando o intenso sol de agosto mergulhasse em setembro.

Pip deteve-se e pousou a mão no portão de entrada, mostrando-se imediatamente mais corajosa do que metade dos miúdos da cidade. Percorreu com o olhar o caminho que conduzia à porta da frente. Podia até parecer estar a alguns metros de distância, mas a verdade é que, entre o lugar onde se encontrava e aquela porta, estendia-se um abismo atroador. Era possível que tudo aquilo fosse uma péssima ideia; ela própria o havia ponderado. O sol da manhã estava quente, e já sentia a parte de trás dos joelhos a colar-se-lhe às calças de ganga. Uma má ideia ou uma ideia ousada. E, contudo, as mentes mais brilhantes da história sempre haviam dado primazia à ousadia em lugar da

segurança, e as suas palavras sempre tinham servido de encorajamento inclusive às piores ideias.

Ignorando o abismo com a sola dos sapatos, caminhou até à entrada e, depois, detendo-se apenas por um segundo para se certificar de que estava segura do que ia fazer, bateu à porta três vezes. O seu próprio reflexo devolveu-lhe o olhar, tão tenso quanto ela: os longos cabelos escuros que o sol havia aclarado ligeiramente nas pontas, tornando-as acastanhadas, o rosto pálido, apesar da semana que acabara de passar no Sul de França, os olhos verdes, acutilantes e um pouco turvos, preparados para o impacto.

A porta abriu-se com o estrépito de uma corrente a cair e do duplo estalido da fechadura.

— Olá...? — disse ele, segurando a porta semiaberta, mantendo a outra mão recolhida junto à ilharga. Pip pestanejou para dispersar o espanto do olhar e, contudo, não foi capaz de o evitar. Ele parecia-se tanto com Sal: o Sal que ela conhecia de todas as reportagens televisivas e das fotografias dos jornais. O Sal que se evaporava da sua memória de adolescente. Ravi tinha o mesmo cabelo do irmão, um cabelo preto e desgrenhado com a risca de lado, as mesmas sobrancelhas espessas e arqueadas e a mesma pele em tons de carvalho.

— Olá...? — voltou ele a dizer.

— Hum... — A destreza de Pip para se desenvencilhar de situações difíceis aconteceu tarde de mais. Tinha o cérebro demasiado ocupado a assimilar o facto de, ao contrário de Sal, ele ter uma covinha no queixo, exatamente como a sua. E parecia mais alto desde a última vez que o vira. — Hum, desculpa, olá. Esboçou então um aceno, do qual logo se arrependeu.

— Olá...?

— Olá, Ravi — disse ela. — Eu... tu não me conheces... Chamo-me Pippa Fitz-Amobi. Andava dois anos atrás de ti quando saíste da escola.

— OK...

— Estava a pensar se podias dispensar-me um *jiffy*¹ do teu tempo? Bom, não exatamente um *jiffy*, mas... Sabias que um *jiffy* é uma unidade de tempo concreta? É um centésimo de segundo, por isso... será que me podes dispensar talvez uns quantos *jiffies* em série?

Oh, céus, era o que acontecia sempre que se sentia nervosa ou encurralada; começava a debitar uma série de factos inúteis disfarçados de piadas más. E outra coisa: muito nervosa, Pip começava a falar num tom muito mais afetado, abandonando a classe média para se lançar numa imitação medíocre da classe alta. Quando dissera realmente *jiffy* na vida?

— O quê? — perguntou Ravi com ar confuso.

— Esquece, desculpa — disse Pip, recompondo-se. — Bem, comecei agora a fazer o meu PIA para a escola e...

— O que é um PIA?

— Projeto de Investigação Alargado. É um projeto que desenvolvemos de forma independente, ao mesmo tempo que fazemos os *A-Levels*². Podemos escolher o tema que quisermos.

— Oh, não estudei assim tanto tempo — disse ele. — Desisti da escola logo que pude.

— Er... bom, estava a pensar se estarias disposto a ser entrevistado para o meu projeto.

— É sobre o quê? — As sobrancelhas escuras apertaram-se mais junto aos olhos.

— Hum... é sobre o que aconteceu há cinco anos.

Ravi suspirou ruidosamente, e os seus lábios contraíram-se num esgar que parecia indicar um súbito acesso de cólera.

— Porquê?

— Porque não acho que o teu irmão tenha sido o responsável, e vou tentar prová-lo.

¹ *Jiffy*, sem correspondente em português, tanto pode significar «um momento» ou «um instantinho» como uma unidade de tempo concreta. (NT)

² *A-Levels ou Advanced Levels*: qualificações em diferentes áreas de estudo destinadas a estudantes com idades geralmente compreendidas entre os 17 e os 18 anos que estão a terminar o ensino secundário em Inglaterra e no País de Gales, correspondendo aos exames que os alunos fazem em Portugal com o objetivo de ingressar no ensino universitário. (NT)

Diário de Produção — 1.^a Entrada

Entrevista com Ravi Singh agendada para sexta-feira à tarde (levar perguntas preparadas).

Passar a computador a transcrição da entrevista com Angela Johnson.

O diário de produção serve para assinalarmos possíveis obstáculos durante a pesquisa, bem como os progressos realizados e os objetivos do relatório final. O meu diário de produção terá de ser um pouco diferente: irei registar aqui todas as minhas pesquisas, relevantes ou irrelevantes, dado que por enquanto ainda não sei ao certo o que será o meu relatório final nem o que poderá revelar-se ou não relevante. Ainda não sei qual é o meu objetivo. Vou ter de esperar e de perceber em que ponto me encontro no fim da minha investigação e que espécie de ensaio serei então capaz de escrever. [Isto começa a parecer-se um bocado com um diário...]

Espero que o resultado final NÃO seja o ensaio que propus à Sra. Morgan. Espero que seja a verdade. O que realmente aconteceu à Andie Bell no dia 20 de abril de 2012? E se o Salil ‘Sal’ Singh não é o culpado, como a minha intuição me diz, quem a matou?

Não acredito que vá realmente resolver o caso e descobrir quem assassinou a Andie. Não sou agente da polícia com acesso a um laboratório médico-legal (como é óbvio) e também não ando armada em boa. Mas tenho a esperança de que a minha investigação acabe por desenterrar factos e relatos que possam suscitar algumas dúvidas justificadas a propósito da culpa do Sal e sugerir que a polícia procedeu de forma errada ao fechar o caso sem ter aprofundado mais a questão.

Assim, os meus métodos de investigação serão realmente: entrevistar as pessoas próximas do caso, perseguição obsessiva dos media e conjecturas ABSOLUTAMENTE desvairadas.

[NÃO DEIXAR QUE A SRA. MORGAN VEJA ISTO!!!!]

Portanto, a primeira etapa deste projeto é investigar aquilo que aconteceu à Andrea Bell — que todos conheciam como Andie — e as circunstâncias em que se deu o seu desaparecimento. Esta informação será obtida a partir de artigos de jornais e conferências de imprensa da polícia realizadas por volta dessa altura.

[Aponta já as referências para que não tenhas de o fazer mais tarde!!!!]

Copiado e colado a partir do primeiro suporte mediático a noticiar o desaparecimento dela:

«Andrea Bell, 17 anos, foi dada como desaparecida de sua casa, em Little Kilton, Buckinghamshire, na sexta-feira passada.

Saiu de casa no seu carro — um Peugeot 206 preto —, com o telemóvel, mas não levou roupas consigo. A polícia refere que o seu desaparecimento se revelou “completamente insólito”.

Desde o fim de semana que a polícia tem realizado buscas nos bosques em torno da casa de família.

Andrea, conhecida por Andie, é descrita como uma jovem caucasiana com um metro e setenta de altura e cabelo louro comprido. Pensa-se que usava umas calças de ganga escuras e uma

camisola de lã azul curta na noite em que desapareceu.»³

Depois de tudo ter acontecido, outros artigos que apareceram mais tarde revelavam mais pormenores acerca da última vez que Andie fora vista com vida e do período de tempo no qual se crê que tenha sido raptada.

Andie Bell foi «vista pela última vez com vida pela sua irmã mais nova, Becca, por volta das 22h30 do dia 20 de abril de 2012».⁴

Esta versão dos acontecimentos foi corroborada pela polícia numa conferência de imprensa realizada no dia 24 de abril, uma terça-feira: «As imagens captadas por uma câmara de videovigilância colocada no exterior do edifício do Banco STN, em Little Kilton High Street, confirmam que o automóvel de Andie foi visto a deixar a sua casa por volta das 22h40.»⁵

Segundo as declarações dos seus pais, Jason e Dawn Bell, «(Andie) devia ter ido buscá-los a um jantar às 00h45». Quando Andie não apareceu nem atendeu as suas chamadas, começaram a telefonar aos seus amigos na expectativa de que um deles pudesse saber onde a filha se encontrava. «Às três da manhã de sábado, (Jason Bell) telefonou para a polícia para dar conta do desaparecimento da filha.»⁶

Portanto, independentemente do que possa ter acontecido à Andie Bell nessa noite, a verdade é que aconteceu entre as 22h40 e as 00h45.

Parece-me que é um bom ponto de partida para transcrever a minha entrevista telefónica de ontem com a Angela Johnson.

³ www.gbtn.co.uk/news/uk-england-bucks54774390 23/04/12

⁴ www.thebuckinghamshiremail.co.uk/news/crime-4839 26/04/12

⁵ www.gbtn.co.uk/news/uk-england-bucks69388473 24/04/12

⁶ Forbes, Stanley, 2012, «A Verdadeira História do Assassino de Andie Bell», *Kilton Mail*, 01/05/12, pp. 1-4.

Transcrição da entrevista com Angela Johnson, do Departamento de Pessoas Desaparecidas

Angela: Está lá?

Pip: Boa tarde. Estou a falar com Angela Johnson?

Angela: Sou eu, sim. Estou a falar com a Pippa?

Pip: Sim, muito obrigado por ter respondido ao meu e-mail.

Angela: Ora essa.

Pip: Importa-se que grave esta entrevista para que possa depois transcrevê-la e usá-la no meu projeto?

Angela: Sim, não há problema. Desculpa, mas só tenho dez minutos. Bom, o que te interessa saber acerca de pessoas desaparecidas?

Pip: Bem, estava a pensar se me poderia explicar o que acontece quando alguém é dado como desaparecido?

Angela: Ora bem: assim que alguém liga para o 112 para dar conta do desaparecimento de alguém, a polícia tenta reunir o maior número de pormenores possível de forma a identificar potenciais riscos para a pessoa que está desaparecida, e só nessa altura a polícia poderá entrar em ação de forma adequada. Nessa primeira chamada, a informação detalhada que é requerida passa pelo nome, pela idade, pela descrição da pessoa, pela roupa que usava da última vez que foi vista, pelas circunstâncias do seu desaparecimento, se o facto de ter desaparecido é ou não uma ocorrência insólita no que diz respeito à pessoa em questão, juntamente com outros pormenores respeitantes a algum veículo que possa estar envolvido no desaparecimento. Ao utilizar toda esta informação, a polícia irá determinar se se trata de um caso de alto, de médio ou de baixo risco.

Pip: E que tipo de circunstâncias tornam um caso de alto risco?

Angela: Temos um caso de alto risco quando a pessoa em questão se encontra numa posição vulnerável por causa da idade ou de uma incapacidade. Se o seu comportamento estiver em total desacordo com a sua pessoa, então esse comportamento indica que a pessoa terá sido exposta a alguma espécie de violência, o que torna o caso de alto risco.

Pip: Hum, portanto, se a pessoa em causa tiver 17 anos e o facto de ter sido dada como desaparecida for considerado algo insólito no seu caso, isso significa que se poderá considerá-la um caso de alto risco?

Angela: Oh, certamente, dado que há um menor envolvido.

Pip: Então, qual seria a resposta da polícia face a um caso de alto risco?

Angela: Bom, destacar-se-iam imediatamente alguns agentes da polícia para o local de onde a pessoa terá desaparecido. O agente da polícia terá de reunir mais pormenores acerca da pessoa desaparecida, pormenores relativos, por exemplo, aos amigos ou companheiros da pessoa em questão, juntamente com outros relativos ao seu estado

de saúde, entre outras informações de natureza financeira que podem ser obtidas quando a pessoa em causa tenta levantar dinheiro. Os agentes da polícia também irão precisar de umas quantas fotografias recentes da pessoa e, em situações de alto risco, podem chegar a recolher amostras do ADN da pessoa no caso de estas se revelarem necessárias em exames forenses subsequentes. E, com a autorização dos proprietários da casa, toda a área circundante poderá ser alvo de buscas de forma a tirar a limpo se a pessoa desaparecida não procurou refugiar-se ou esconder-se nessa propriedade e para apurar se existem outras pistas que possam servir de provas. Este é o procedimento habitual.

Pip: Portanto, a polícia começa imediatamente à procura de pistas ou de indícios de que a pessoa desaparecida tenha sido vítima de crime?

Angela: Com certeza. Se as circunstâncias do desaparecimento forem suspeitas, os agentes seguem sempre o mote: «em caso de dúvida, há que considerar a hipótese de homicídio.» Claro que só uma percentagem muito reduzida de casos de pessoas desaparecidas acaba por se revelar homicídio, mas os agentes da polícia recebem instruções para recolher provas numa fase inicial do caso, como se estivessem a investigar um homicídio.

Pip: E, depois das buscas efetuadas no local de residência, o que acontece quando não se encontra nada de relevante?

Angela: As buscas são alargadas às áreas circundantes. É possível que os agentes peçam alguns contactos telefónicos. Poderão interrogar amigos, vizinhos, qualquer pessoa que possa dar alguma informação relevante. Se a pessoa desaparecida for um jovem, um adolescente, não se poderá partir do pressuposto de que os pais estão a par de todos os amigos e conhecidos do filho ou filha. Os seus pares são um bom ponto para se estabelecerem depois outros contactos importantes, percebes, algum namorado ou namorada secretos, esse tipo de coisas. E geralmente discute-se também a hipótese de uma estratégia por parte da comunicação social, já que as solicitações de informação divulgadas pelos media poderão revelar-se muito úteis nestas situações.

Pip: Portanto, se a pessoa desaparecida for uma rapariga de 17 anos, a polícia terá contactado os amigos dela e o namorado numa fase bastante inicial da investigação, certo?

Angela: Sim, claro. Nessa altura já terão sido feitos vários contactos, porque, se a pessoa que está desaparecida tiver fugido de casa, é bastante provável que tenha procurado esconderijo junto de alguém que lhe seja próximo.

Pip: E, nos casos de pessoas desaparecidas, a partir de que altura a polícia parte do princípio de que anda à procura de um cadáver?

Angela: Bom, não é possível, em termos de tempo... Oh, Pippa, tenho de ir. Desculpa, chamaram-me agora mesmo para a reunião.

Pip: Oh, OK, muito obrigada por ter dispensado este tempo para falar comigo.

Angela: E, se tiveres mais alguma pergunta, basta enviáres-me um e-mail, e respondo-te logo que possa.

Pip: Farei isso, sim. Obrigada mais uma vez.

Angela: Adeus.

Encontrei estas estatísticas online:

80% das pessoas dadas como desaparecidas são encontradas nas primeiras 24 horas. 97% são encontradas na primeira semana. 99% dos casos são resolvidos no primeiro ano. Resta apenas o equivalente a 1% dos casos.

Um por cento das pessoas que desaparecem não voltam a ser encontradas.

Mas há outro número a ter em consideração: apenas 0,25% dos casos de pessoas desaparecidas têm um desfecho fatal.⁷

Em que situação se encontra o caso de Andie Bell quanto a estes números? A pairar incessantemente algures entre 1% e 0,25%, subindo e descendo por frações, em minúsculas deslocações decimais.

Mas por esta altura já quase todas as pessoas aceitaram que ela morreu, embora o seu corpo nunca tenha sido encontrado. E porquê?

Por causa do Sal Singh.

⁷ www.findmissingperson.co.uk/stats

As mãos de Pip desviaram-se do teclado, tendo ficado com os dedos indicadores a pairar sobre as teclas W e H enquanto tentava ouvir o alvoroço que vinha do andar de baixo. Um estrondo, passos pesados, um arranhar de patas e risinhos descontrolados de rapaz. Passados instantes, percebeu claramente o que se estava a passar.

— Joshua! Porque é que o cão está a usar uma das minhas camisas?! — foi o berro enérgico de Victor, que atravessou a alcatifa de Pip.

Pip riu-se emitindo um ronco leve, clicando com o rato para guardar o seu diário de produção e fechando a tampa do portátil. A partir do momento em que o pai regressava do trabalho, ocorria um crescendo típico e diário. Não havia vez que não fizesse barulho: os seus sussurros ouviam-se por toda a sala, as suas gargalhadas convulsas, acompanhadas de pancadinhas nos joelhos, soavam tão estridentes que as pessoas se retraíam de susto, e todos os anos sem exceção Pip despertava com o ruído que ele fazia ao atravessar o corredor do andar de cima, *em bicos de pés*, para distribuir meias de Pai Natal na véspera de Natal.

O seu padraсто era o inimigo número um da subtileza.

No andar de baixo, Pip foi encontrar o cenário ainda em processo de construção. Joshua andava a correr de uma divisão para a outra — da cozinha para a entrada e desta para a sala de estar —, sem parar, soltando um riso casquinado enquanto se deslocava.

No seu enalço seguia *Barney*, o golden retriever que trazia vestida a camisa mais vistosa do pai de Pip: a do padrão verde berrante que comprara aquando da última viagem que tinham feito à Nigéria. O cão derrapava, eufórico, pelo chão polido de carvalho da entrada, resfolgando numa grande excitação.

E atrás seguia Victor, vestido com o seu fato de três peças cinzento Hugo Boss, a perseguir o cão e o rapaz com os seus quase dois metros de altura, ao mesmo tempo que as suas gargalhadas irrompiam em escalas cada vez mais agudas e descontroladas. Era uma espécie de encenação privada do Scooby-Doo em versão caseira da família Amobi.

— Oh, céus, estou a tentar fazer os trabalhos de casa — disse Pip, sorrindo ao dar um salto para trás, evitando que aquela trupe a derrubasse. *Barney* deteve-se por instantes para lhe dar uma cabeçadinha no queixo, tendo zarpado logo a seguir para saltar por cima do pai e de Josh enquanto os dois caíam ao mesmo tempo no sofá.

— Olá, picle — disse Victor, dando uma pancadinha no lugar ao seu lado no sofá.

— Olá, pai. Fizeste tão pouco barulho que nem me apercebi de que estavas em casa.

— Minha *Pipsicles*, és demasiado inteligente para reciclares uma piada.

Sentou-se ao lado deles, sentindo o arfar exausto de Josh e do pai a dilatar e a afundar o estofo almofadado do sofá contra a parte de trás das suas pernas.

Josh começou a escavar pela narina direita dentro, e o pai deu-lhe uma palmada na mão para que a afastasse.

— Então, como foi o vosso dia? — perguntou, levando Josh a fazer um relato secante e pormenorizado acerca dos jogos de futebol em que tinha participado nesse dia.

Pip deixou de prestar atenção à conversa; já tinha ouvido toda aquela história no carro, quando fora buscar Josh ao clube. Mesmo assim, só ouvira em parte o relato, visto que acabara por se distrair com a forma como o treinador interino olhara fixamente para a sua pele branca como a neve, com um ar muito espantado, enquanto ela lhe mostrava qual dos miúdos de 9 anos era o seu, isto antes de lhe ter dito: «Sou a irmã do Joshua.»

Por essa altura, já devia estar habituada, habituada aos olhares demorados das pessoas a tentarem perceber a logística da família, os números e as palavras assinaladas com um círculo em torno da sua árvore genealógica. O gigante nigeriano era evidentemente o seu padrasto, ao passo que Joshua era o seu meio-irmão. Mas Pip não gostava de usar essas palavras, esse tipo de termos técnicos. As pessoas que amamos não são álgebra, não são elementos suscetíveis de serem calculados, subtraídos ou mantidos à distância por meio de uma vírgula decimal. Victor e Josh não eram apenas três oitavos seus, eram totalmente seus. O seu pai e o seu irmãozinho irritante.

O seu pai «verdadeiro», o homem que lhe dera o nome Fitz, morrera num acidente de automóvel quando contava apenas dez meses de idade. E, embora por vezes Pip assentisse com a cabeça e sorrisse quando a mãe lhe perguntava se se lembrava da forma como o pai costumava cantarolar baixinho enquanto lavava os dentes ou das gargalhadas que ele dera ao ouvir a segunda palavra de Pip, que fora «caca» —, a verdade é que não se lembrava dele. Mas por vezes não é em nosso benefício que nos lembramos de alguma coisa, às vezes fazemo-lo apenas para deixar um sorriso no rosto de outra pessoa. Essas mentiras eram permitidas.

— E como está a correr o teu projeto, Pip? — Victor voltou-se para ela enquanto desabotoava a camisa que o cão tinha vestida.

— Está a correr bem — disse ela. — Neste momento, ando só a fazer pesquisa genérica e a passar alguma informação a limpo. Esta manhã, fui visitar o Ravi Singh.

— Oh... E então?

— Estava ocupado, mas disse-me que podia voltar na sexta-feira.

— Eu cá *não* voltava — disse Josh em tom de aviso.

— Isso é porque és um rapazinho pré-púbere que gosta de criticar tudo e todos e ainda acredita que dentro dos semáforos moram umas criaturas minúsculas. — Pip olhou para ele. — Os Singhs não fizeram nada de mal.

O pai decidiu intervir.

— Joshua, imagina que toda a gente te criticava por alguma coisa que a tua irmã tivesse feito.

— A Pip passa a vida a fazer trabalhos de casa.

Pip executou na perfeição um lançamento da almofada do sofá à cara do irmão com um só movimento do braço. Victor segurou nos braços do rapaz enquanto este se contorcia todo para se desforrar, fazendo-lhe cócegas nas costelas.

— Porque é que a mãe ainda não voltou? — perguntou Pip, provocando um Josh ainda preso ao aproximar o pé e a respetiva meia felpuda do rosto dele.

— Ia diretamente do trabalho para o Clube de Leitura das Mães Emborrachadas — disse o pai.

— E isso quer dizer que... podemos comer piza ao jantar? — perguntou Pip. E, de repente, a amigável contenda foi esquecida, e ela e Josh já faziam novamente parte do mesmo batalhão. Este deu um salto no sofá e enganchou o braço no dela, lançando um olhar suplicante ao pai.

— Claro — disse Victor, dando-lhe uma palmadinha no traseiro com um sorriso rasgado. — Caso contrário, como vou conseguir engordar esta bunda?

— Pai... — resmungou Pip, repreendendo-se a si mesma por lhe ter ensinado aquela expressão no passado.

⁸ Trocadilho com *popsicle*, que significa gelado de água. *Pipsicle* pode também significar uma pessoa extremamente crédula. (NT)

Diário de Produção — 2.^a Entrada

É bastante difícil perceber através das notícias dos jornais aquilo que se passou depois no caso Andie Bell. Existem lacunas que serei obrigada a colmatar com conjecturas e rumores, pelo menos até ao momento em que tudo se torne mais claro com entrevistas posteriores; se tudo correr bem, o Ravi e a Naomi — que era uma das melhores amigas do Sal — poderão ajudar nesse sentido.

Pelo que a Angela disse, supostamente, a polícia terá recolhido algumas informações acerca dos amigos da Andie, isto depois de ter reunido depoimentos da parte da família Bell e de ter realizado buscas na residência dela.

Depois de bisbilhotar de fio a pavio o histórico do Facebook, parece que as melhores amigas da Andie eram duas raparigas chamadas Chloe Burch e Emma Hutton. As minhas provas são estas:



Emma Hutton, Sal Singh e outros 97 gostam disto

Ver mais 6 comentários

Emma Hutton Oh, meu Deus, Andie, és literalmt incrível! Tão tão bonita.

Gostar · Responder 7 de abril às 22h34

Chloe Burch FDS Preferia não estar na mesma fotografia que tu. Mostra-me essa cara.

Gostar · Responder 7 de abril às 22h42

Andie Bell Não obrigadaaaaa

Gostar · Responder 7 de abril às 23h22

Emma Hutton Andie achas que podemos tirar uma melhor com nós as três quando for a próxima calamidade? Preciso de uma foto nova de perfil :)

Gostar · Responder 7 de abril às 23h27

Escreve um comentário...

Este post foi publicado duas semanas antes de a Andie ter desaparecido. Ao que parece, a Chloe e a Emma já não moram em Little Kilton. [Enviar-lhes talvez uma mensagem privada para saber se não se importam de ser entrevistadas por telefone?]

A Chloe e a Emma esforçaram-se muito nesse primeiro fim de semana (dias 21 e 22) para ajudar a divulgar a campanha promovida pela Polícia de Thames Valley no Twitter: #VamosencontrarAndie.

Não acho que seja descabido partir do pressuposto de que a polícia terá contactado a Chloe e a Emma ou na sexta-feira à noite ou na manhã de sábado. Quanto ao que elas disseram à polícia, não faço ideia. Espero vir a descobrir.

Sabe-se pelo menos que a polícia falou com o namorado da Andie na altura. O nome dele é Sal Singh, e na altura frequentava o último ano na Escola Secundária de Kilton juntamente com a Andie.

A polícia terá entrado em contacto com o Sal algures durante o dia de sábado.

«Richard Hawkins, inspetor da polícia, confirmou que os agentes tinham interrogado Salil Singh no sábado, dia 21 de abril. Interrogaram-no a propósito do seu paradeiro na noite anterior, especialmente durante o período de tempo em que se julga que Andie terá desaparecido.»⁹

Nessa noite, o Sal estivera em casa do seu amigo Max Hastings, na companhia dos seus quatro melhores amigos: Naomi Ward, Jake Lawrence, Millie Simpson e Max.

Mais uma vez, vou ter de tirar isto a limpo com a Naomi na próxima semana, mas parece-me que o Sal disse à polícia que saíra de casa do Max por volta das 00h15. Fez o caminho de volta para casa a pé, e o pai dele (Mohan Singh) confirmou que «o Sal chegou a casa por volta das 00h50».¹⁰ Nota: Da casa do Max (Tudor Lane) até à casa do Sal (Grove Place) são 30 minutos a pé — diz o Google.

A polícia confirmou o álibi invocado pelo Sal, que disse ter estado na companhia dos seus quatro amigos durante esse fim de semana.

Foram colados cartazes para divulgar o desaparecimento. Os interrogatórios de porta a porta começaram a ser feitos no domingo.¹¹

Na segunda-feira seguinte, cem voluntários ajudaram a polícia a realizar buscas nos bosques da localidade. Já vi imagens da televisão; uma fileira interminável de pessoas no meio dos bosques a chamarem por ela. Mais tarde, nesse dia, foram avistadas algumas equipas forenses a caminho da residência da família Bell.¹²

E na terça-feira tudo mudou.

Parece-me que é melhor analisar os acontecimentos desse dia e dos que se seguiram de uma forma cronológica, embora, enquanto cidade, tenhamos tomado conhecimento dos pormenores com algum atraso e baralhação à mistura.

Meio da manhã: Naomi Ward, Max Hastings, Jake Lawrence e Millie Simpson entraram em contacto com a polícia a partir da escola e confessaram ter fornecido informações falsas. Contaram que o Sal lhes tinha pedido que mentissem e que na verdade ele saíra de casa do Max por volta das 22h30 na noite em que a Andie desapareceu.

Não tenho a certeza absoluta de qual teria sido o procedimento adequado da polícia neste caso, mas acredito que por essa altura o Sal já seria considerado o primeiro suspeito.

Mas não conseguiam encontrá-lo em lado nenhum: o Sal não estava na escola e também não estava em casa. E também não atendia o telemóvel.

Ainda assim, soube-se mais tarde que o Sal tinha enviado uma mensagem ao pai do seu telemóvel, nessa manhã, embora continuasse a ignorar todas as outras chamadas. A imprensa acabaria depois por designar essa mensagem como uma «mensagem de confissão».¹³

Na noite dessa terça-feira, uma das equipas policiais que andavam à procura da Andie acabou por encontrar um cadáver no bosque.

Era o Sal.

Tinha-se suicidado.

A imprensa nunca chegou a revelar a forma como o Sal se suicidou, mas acabei por saber, tal como todos os outros alunos da secundária de Kilton acabaram por saber na altura, através do infalível poder dos boatos que circulam em todas as escolas secundárias.

O Sal entrou no bosque que fica perto da casa onde morava, tomou uma mão-cheia de comprimidos para dormir e enfiou um saco de plástico na cabeça, que apertou ao pescoço com um elástico. Acabou por sufocar enquanto estava inconsciente.

Mais tarde, nessa noite, numa conferência de imprensa realizada pela polícia, não houve qualquer referência ao Sal. A polícia limitou-se a informar sumariamente das tais imagens captadas pela câmara de videovigilância, que mostravam a Andie a afastar-se de casa ao volante de um carro, às 22h40.¹⁴

Na quarta-feira, o carro da Andie foi encontrado estacionado na estrada de uma pequena zona residencial (Romer Close).

Só na segunda-feira seguinte uma porta-voz da polícia revelou a mensagem que aqui se pode ler: «Trago uma notícia a respeito da investigação do caso Andie Bell. Em resultado das recentes informações de cariz oficial e forense, temos fortes razões para suspeitar de que um jovem chamado Salil Singh, de 18 anos, esteve envolvido no sequestro e no homicídio de Andie. As provas seriam agora suficientes para prender e incriminar o suspeito, se este não tivesse falecido antes de ter havido oportunidade de dar início aos procedimentos habituais.»

As provas referidas pela polícia são as seguintes:

Encontraram o número de telemóvel da Andie escrito no corpo do Sal.

A partir de testes forenses, foram encontrados vestígios do sangue da Andie debaixo das unhas dos dedos médio e indicador da mão direita do Sal.

Também foram encontrados vestígios do sangue da Andie na mala do carro abandonado. Foram encontradas impressões digitais do Sal no tabliê e no volante do carro, juntamente com outras impressões digitais da Andie e dos restantes elementos da família Bell.¹⁵

Segundo a polícia, as provas teriam sido suficientes para incriminar o Sal e garantir a sua condenação em tribunal (ou assim esperara a polícia). Mas o Sal estava morto, portanto, não poderia haver lugar a julgamento ou a uma acusação formal. Nem haveria lugar a defesa.

Nas semanas que se seguiram, fizeram-se mais buscas pelas regiões arborizadas de Little Kilton e nos arredores. Nessas buscas foram utilizados cães treinados para localizar cadáveres. Foram destacados mergulhadores da polícia para o rio Kilbourne. Mas o corpo da Andie nunca foi

encontrado.

O caso de desaparecimento da Andie Bell foi encerrado administrativamente em meados de junho de 2012.¹⁶ Um caso só pode ser «encerrado administrativamente» se «a documentação corroborante contiver provas suficientes para incriminar o autor do crime, não tivesse este falecido antes de a investigação poder ser finalizada». Poderá dar-se uma «reabertura do caso sempre que surjam novas provas ou pistas de investigação».¹⁷

Daqui a quinze minutos saio para ir ao cinema: mais um filme de super-heróis que o Josh nos chantageou emocionalmente para vermos. Mas falta ainda contar uma parte final da história relativa ao caso Andie Bell/Sal Singh, e agora sinto-me inspirada.

Oito meses depois de o caso Andie Bell ter sido administrativamente encerrado, a polícia apresentou um relatório ao criminalista local. Em casos deste género, cabe ao criminalista decidir se é ou não necessário investigar em mais detalhe as causas da morte, com base na suposição de que a pessoa em questão terá falecido e de que já terá decorrido tempo suficiente desde a sua morte. O criminalista dirige-se depois ao secretário de Estado da Justiça, em conformidade com a Secção n.º 15 do Coroners Act de 1988, para dar início a um inquérito sem a existência de um cadáver. Quando não existe cadáver, o inquérito em causa irá depender sobretudo das provas fornecidas pela polícia, bem como do facto de os oficiais superiores envolvidos na investigação acreditarem ou não que a pessoa desaparecida está morta.

Um inquérito é uma investigação judicial que tem por objetivo determinar a causa e as circunstâncias médicas do óbito. O inquérito não poderá «culpar nenhum indivíduo pelo óbito ou determinar a responsabilidade criminal de pessoas em nome individual».¹⁸

No final do inquérito, em janeiro de 2014, o criminalista pronunciou um veredicto de «assassinato ilegal», tendo sido então emitida a certidão de óbito da Andie Bell. Literalmente, «assassinato ilegal» significa que alguém provocou a morte de uma pessoa mediante um «ato ilegal», ou seja, mais concretamente, uma morte decorrente de «assassinio, homicídio involuntário, infanticídio ou condução perigosa».¹⁹

É aqui que tudo acaba.

A Andie Bell foi declarada legalmente morta, apesar de o seu corpo nunca ter sido encontrado. Dadas as circunstâncias, poderemos supor que o veredicto de «assassinato ilegal» remete para homicídio. Após o inquérito da Andie, o Ministério Público da Coroa (MPC) emitiu um comunicado em que se pode ler: «O processo contra Salil Singh teria sido baseado em provas acessórias e forenses. Não cabe ao MPC estipular se Salil Singh matou ou não Andie Bell, já que essa decisão é da responsabilidade de um júri.»²⁰

Portanto, embora nunca tenha havido julgamento, e apesar de nunca um porta-voz do júri se ter levantado, com as palmas das mãos a transpirar e tomado pela adrenalina, e declarado logo a seguir. «Este júri declara o réu culpado», apesar de o Sal nunca ter tido a menor hipótese de se defender, ainda assim é o culpado. Não num sentido jurídico, mas em todos os outros sentidos que realmente importam.

Quando perguntamos às pessoas da cidade o que aconteceu à Andie Bell, respondem-nos sem a mais pequena hesitação: «Foi assassinada pelo Salil Singh.» Não dizem alegadamente, pode ter sido, provavelmente foi ou é possível que.

Foi ele que a matou, dizem. O Sal Singh matou a Andie.

Já eu não tenho tanta certeza disso...

[Próxima entrada no diário — talvez ponderar como se teria desenrolado a ação judicial contra o Sal se tivesse ido a tribunal. Começar depois a retirar o essencial e a tentar encontrar as lacunas.]

⁹ www.gbtn.co.uk/news/uk-england-bucks78355334 05/05/12

¹⁰ www.gbtn.co.uk/news/uk-england-bucks78355334 05/05/12

¹¹ Forbes, Stanley, «Rapariga da Localidade Continua Desaparecida», *Kilton Mail*, 23/04/12, pp. 1-2.

¹² www.gbtn.co.uk/news/uk-england-bucks56479322 23/04/12

¹³ www.gbtn.co.uk/news/uk-england-bucks78355334 05/05/12

¹⁴ www.gbtn.co.uk/news/uk-england-bucks69388473 24/03/12

¹⁵ www.gbtn.co.uk/news/uk-england-bucks78355334 09/05/12

¹⁶ www.gbtn.co.uk/news/uk-england-bucks87366455 16/06/12

¹⁷ The National Crime Recording Standards (NCRS) https://www.gov.co.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/99584773/ncrs.pdf

¹⁸ <http://www.inquest.uk/help/handbook/7728339>

¹⁹ <http://www.inquest.uk/help/handbook/verdicts/unlawfulkilling>

²⁰ www.gbtn.co.uk/news/uk-england-bucks95322345 14/01/14

Era uma emergência, dizia a mensagem escrita. Uma emergência SOS. Pip apercebeu-se de imediato de que isso só poderia significar uma coisa.

Pegou nas chaves do carro, disse adeus à mãe e a Josh com um berro despachado e apressou-se a sair pela porta da frente.

Pelo caminho, parou na loja para comprar uma tablete de chocolate para ajudar a restabelecer o enorme coração, agora partido, de Lauren.

Assim que parou o carro diante da casa de Lauren, reparou que Cara tivera exatamente a mesma ideia. Porém, o estojo de primeiros socorros de Cara era mais completo que o de Pip; trouxera também uma caixa de lenços de papel, um pacote de batatas fritas com molho e um conjunto multicolor de máscaras faciais.

— Estás pronta para isto? — perguntou Pip a Cara, fazendo chocar a anca com a dela em jeito de cumprimento.

— Sim, preparadíssima para as lágrimas. — Ao dizê-lo, ergueu os lenços de papel, e a caixa repuxou-lhe uma madeixa do cabelo louro platinado e ondulado.

Pip desembaraçou-lhe o cabelo e depois tocou à campainha, fazendo com que as duas se retraíssem um pouco ao ouvir a cançoneta roufenha e monocórdica.

A mãe de Lauren abriu a porta.

— Ah, já chegou a cavalaria — disse com um sorriso. — A Lauren está lá em cima no quarto.

Foram encontrar Lauren na cama, totalmente enterrada no fortim de um edredão; o único sinal da sua existência parecia ser uma mecha espetada de cabelo ruivo que despontava por cima do mesmo. Foram necessárias várias palavras de encorajamento mais o isco do chocolate para a fazer voltar à superfície.

— Em primeiro lugar — disse Cara, libertando à força o telemóvel dos dedos de Lauren — estás proibida de olhar para isto nas próximas vinte e quatro horas.

— Ele fê-lo por mensagem! — queixou-se Lauren, assoando o nariz e fazendo com que um verdadeiro lago de ranho fosse cuspidos como um tiro de canhão para o lenço lamentavelmente fino.

— Os rapazes são uns estúpidos, graças a Deus que não tenho de lidar com isso — disse Cara, pondo o braço à volta de Lauren e pousando o seu queixo afilado no ombro dela. — Consegues arranjar alguém muito melhor do que ele, Loz.

— Isso mesmo. — Pip partiu mais uma barra do chocolate para dar a Lauren.

— Além do mais, o Tom sempre disse «pacificamente» quando queria dizer

«especificamente».

Cara ficou imediatamente em sintonia com este comentário e apontou para Pip em sinal de concordância.

— *Pacificamente*, acho que estás melhor sem ele — disse Pip.

— *Atlânticamente*, também me parece o mesmo — acrescentou Cara.

Lauren soltou uma risada húmida com um ligeiro ronco, e Cara piscou o olho a Pip; uma vitória subentendida. Sabiam que, se trabalhassem juntas, não levariam muito tempo a fazer Lauren rir outra vez.

— Obrigada por terem vindo, miúdas — disse Lauren com voz chorosa. — Não tinha a certeza se viriam. Provavelmente, andei a ignorar-vos durante metade do ano para estar com o Tom. E agora vou ser um emplastro no meio de duas melhores amigas.

— Estás a dizer disparates — disse Cara. — Somos todas melhores amigas, certo?

— Isso mesmo — concordou Pip com um aceno de cabeça —, nós e aqueles três rapazes que permitimos que desfrutassem da nossa maravilhosa companhia.

As outras duas riram. Os rapazes — Ant, Zach e Connor — tinham ido todos para fora nessas férias de verão.

Mas, de todos os seus amigos, Cara era a que Pip conhecia há mais tempo, e, sim, eram as melhores amigas. Era algo que nem valia a pena dizer. Tinham-se tornado inseparáveis desde que Cara, então com 6 anos, abraçara uma Pip ainda muito pequena e sem amigos e lhe perguntara: «Também gostas de coelhos?» Eram o amparo uma da outra quando se tornava demasiado difícil aguentar as amarguras da vida a sós. Embora na altura contasse apenas 10 anos, Pip tinha ajudado a apoiar Cara quando esta tivera de se confrontar com o diagnóstico e com a subsequente morte da mãe. E estivera sempre ao seu lado dois anos antes, com um sorriso no rosto e um telefonema a altas horas da noite quando Cara saía. Cara não era a imagem chapada da melhor amiga; era a imagem chapada de uma irmã. A sua pessoa era sinónimo de casa.

A família de Cara era a segunda família de Pip. Elliot — ou o Sr. Ward, como tinha de lhe chamar na escola — era o seu professor de História, bem como a sua terceira figura paternal, a seguir a Victor e ao fantasma do seu primeiro pai. Pip passava tanto tempo em casa da família Ward que já tinha uma caneca com o seu nome gravado e um par de pantufas a combinar com as de Cara e de Naomi, a irmã mais velha desta.

— Certo. — Cara debruçou-se de repente para alcançar o comando da televisão. — Uma comédia romântica ou filmes com rapazes a serem barbaramente assassinados?

Foi necessário verem um filme lamechas e metade de outro, retirados do catálogo da Netflix, para que Lauren conseguisse sair a custo da fase de negação e

entrar com muito zelo na fase de aceitação.

— Devia arranjar um novo corte de cabelo — disse ela. — É isso que devemos fazer.

— Sempre disse que ficarias bem de cabelo curto — disse Cara.

— E achas que devia fazer um *piercing* no nariz?

— Oh, podes crer — assentiu Cara.

— Nunca percebi qual é a lógica de se fazer um orifício num dos orifícios do nariz — disse Pip.

— Mais uma das citações fabulosas da Pip que vão parar a um livro. — Cara fingiu escrevê-la com a mão no ar. — Qual era aquela que me fez desatar a rir no outro dia?

— Foi a da salsicha — disse Pip com um suspiro.

— Ah, pois foi — disse Cara, rindo com um ronco leve. — Ouve isto, Loz: perguntei à Pip que pijama ela queria vestir, e ela vira-se para mim com a maior das descontrações e diz: «É-me salsicha.» E depois nem sequer percebeu por que motivo a resposta à minha pergunta era estranha.

— Não é assim tão estranha — disse Pip. — Os meus avós da parte do meu primeiro pai são alemães. «É-me salsicha» é um provérbio alemão que se usa no dia a dia. Significa *É-me indiferente*, só isso.

— Ou então tens uma obsessão por salsichas — disse Lauren a rir.

— Diz a filha de uma estrela porno — foi a observação sarcástica de Pip.

— Oh, meu Deus, quantas vezes vou ter de dizer isto? Ele fez uma sessão fotográfica todo nu nos anos oitenta, foi só isso.

— Bom, falemos dos rapazes da nossa década — disse Cara, dando uma pancadinha no ombro de Pip. — Já foste falar com o Ravi Singh?

— Uma mudança de assunto bastante questionável. Já fui, sim, mas vou voltar lá a casa amanhã para o entrevistar.

— Nem acredito que já começaste o teu PIA — disse Lauren, imitando um cisne a desfalecer para cima da cama. — Eu já estou com vontade de mudar o meu título: pessoas a morrerem à fome é um tema demasiado deprimente.

— Suponho que devas querer entrevistar a Naomi em breve. — Cara lançou um olhar penetrante a Pip.

— Claro. Podes dizer-lhe que sou capaz de passar por casa dela na próxima semana com a aplicação do gravador de voz e um lápis?

— Está bem — disse Cara e depois hesitou. — Sei que não se vai importar, mas podes ter cuidado quando falares com ela? É que às vezes ainda fica muito perturbada com a situação. Ele era um dos melhores amigos dela. Aliás, era provavelmente o *melhor* amigo dela.

— Claro que sim — disse Pip com um sorriso. — O que achas que vou fazer? Amarrá-la e obrigá-la a responder às minhas perguntas?

— Vais usar essa tática com o Ravi amanhã?

— Não me parece.

Então Lauren sentou-se e fungou de forma tão ruidosa que Cara estremeceu à frente delas.

— Vais então a casa dele? — perguntou.

— Vou, pois.

— Oh, mas... o que irão as pessoas pensar se te virem entrar na casa do Ravi Singh?

— É-me salsicha.

Diário de Produção — 3.^a Entrada

Não estou a ser imparcial. Claro que não. Sempre que releio os detalhes referidos nas minhas duas últimas entradas, não posso deixar de evocar mentalmente uma série de situações dramáticas ocorridas em tribunal, tudo fruto da minha imaginação: ora sou uma advogada de defesa cheia de bazófia que salta do seu lugar para contestar o que é dito, mexendo depois na papelada e piscando o olho ao Sal quando a acusação cai na minha armadilha, ora desato a correr na direção do banco do juiz e dou-lhe uma bofetada enquanto digo, aos berros: «Ele não é o culpado, Meritíssimo!»

Tudo isto porque, por motivos que nem eu própria consigo compreender, quero que o Sal Singh esteja inocente. Motivos que já vêm desde os tempos em que eu tinha 12 anos, incongruências que me têm feito muita confusão ao longo destes últimos cinco anos.

Seja como for, tenho de estar alerta para a tendência de corroborar esta minha posição. Por isso, pensei que seria boa ideia entrevistar alguém que esteja plenamente convencido da culpa do Sal. Stanley Forbes, um jornalista do Kilton Mail, acabou de responder ao meu e-mail dizendo que lhe posso telefonar hoje a qualquer hora. Cobriu uma grande parte do caso Andie Bell na imprensa local e chegou inclusive a estar presente no inquérito do criminalista. Para ser sincera, acho que é um jornalista de caca e para além disso tenho a certeza de que os Singhs poderiam processá-lo por calúnia e difamação com inúmeras provas. Transcreverei a entrevista aqui logo a seguir.

Oh, meu Deeeeeuuuss...

Transcrição da entrevista com Stanley Forbes, do jornal Kilton Mail

Stanley: Sim?

Pip: Olá, Stanley, daqui fala a Pippa, trocámos há pouco alguns e-mails.

Stanley: Sim, claro, eu sei. Querias pedir-me umas dicas a propósito do caso Andie Bell/Salil Singh, certo?

Pip: Isso mesmo.

Stanley: Bom, podes começar.

Pip: OK, obrigada. Hum, portanto, em primeiro lugar queria perguntar-lhe se esteve presente no inquérito do criminalista do caso da Andie.

Stanley: Podes crer, miúda.

Pip: Já que a imprensa nacional não desenvolveu muito o assunto e só noticiou o veredicto e o comunicado que o Ministério Público da Coroa emitiu mais tarde, estava a pensar se me poderia dizer que espécie de provas a polícia apresentou ao criminalista.

Stanley: Um monte de coisas.

Pip: Certo. Pode dizer-me quais foram os argumentos-chave da polícia?

Stanley: Hum... Bem, o investigador principal do caso da Andie descreveu sumariamente os pormenores do seu desaparecimento, incluindo horas precisas e por aí fora. E depois passou à prova que ligava o Salil ao seu homicídio. Fizeram um grande alarido a propósito do sangue que foi encontrado na mala do carro dela; disseram que esse sangue indicava que tinha sido assassinada algures e que o corpo fora escondido na bagageira para ser depois transportado até a um local onde se pudessem desvencilhar dele. Nas declarações finais, o criminalista disse qualquer coisa como: «Parece-me bastante claro que a Andie foi vítima de um homicídio motivado por questões sexuais e que o autor do crime terá despendido grandes esforços para se desfazer do cadáver.»

Pip: E sabe se o inspetor Richard Hawkins ou qualquer outro agente da polícia avançou com alguma sequência cronológica dos acontecimentos ocorridos nessa noite ou se sugeriu a forma como supostamente o Sal a teria assassinado?

Stanley: Sim, tenho uma vaga ideia disso. A Andie saiu de casa no carro dela, e o Salil, que ia a pé para casa, interceitou-a algures pelo caminho. Com ele ou ela ao volante, a verdade é que o Salil a levou para um lugar afastado e assassinou. Escondeu o corpo na mala do carro e depois conduziu até outro lugar remoto para esconder o cadáver ou se livrar dele. E, atenção, fê-lo com tal eficiência que mesmo agora, passados cinco anos, o corpo ainda não foi encontrado. Deve ter escavado um buraco mesmo fundo. E depois livrou-se do carro naquela estrada onde foi depois encontrado, a estrada de Romer Close, parece-me. E, de seguida, voltou a pé para casa.

Pip: Portanto, por causa do sangue encontrado na mala do carro, a polícia acredita que a Andie foi assassinada algures e que o corpo foi depois escondido num lugar diferente.

Stanley: Exato.

Pip: OK. Em muitos dos seus artigos relativos ao caso, refere-se ao Sal como um «assassino», um «homicida» e mesmo um «monstro». Deve estar ciente de que, sem uma condenação, deve usar a palavra «alegadamente» quando faz o relato de um crime.

Stanley: Acho que não preciso que uma criança me diga como devo fazer o meu trabalho. Seja como for, é óbvio que foi ele o autor do crime, e toda a gente sabe disso. Foi ele que a matou, e depois a culpa levou-o a cometer suicídio.

Pip: OK. Sendo assim, quais são as razões que o levam a estar convicto da culpa do Sal?

Stanley: São tantas que não posso agora referi-las uma por uma. Para além das provas que existem, ele era o namorado, certo? E, nestes casos, o autor do crime é sempre o namorado ou o ex-namorado. Para além disso, o Salil era indiano.

Pip: Hum... Na verdade, o Sal nasceu e foi criado na Grã-Bretanha, embora não deixe de ser digno de nota que se refira a ele como sendo indiano em todos os seus artigos.

Stanley: Bom, vai dar ao mesmo. Era de origem indiana.

Pip: E em que medida esse facto é relevante?

Stanley: Não sou propriamente especialista na matéria, mas eles têm um modo de vida diferente do nosso, certo? Não tratam as mulheres da mesma maneira que nós; para eles, as mulheres são como bens. Por isso, parto do pressuposto de que talvez a Andie tivesse decidido que não queria continuar a namorar com o Salil e de que ele a matou num acesso de raiva, porque, do ponto de vista dele, ela pertencia-lhe.

Pip: Uau... Eu... Hum... O... Sinceramente, Stanley, surpreende-me bastante que ainda não tenha sido processado por difamação.

Stanley: Ninguém me processou porque toda a gente sabe que o que estou a dizer é verdade.

Pip: Bom, eu cá não acho. E parece-me muito irresponsável da sua parte rotular alguém de homicida sem usar as palavras «presumível» ou «alegado» quando não houve lugar a julgamento ou a condenação. Ou o facto de lhe chamar monstro. E, já que falamos em escolhas de palavras, não deixa de ser interessante comparar este caso com a reportagem que fez há pouco tempo acerca do estrangulador de Slough. Este assassinou cinco pessoas e confessou-se culpado em tribunal, e, ainda assim, referiu-se a ele no título da sua notícia como um «jovem transtornado pelo amor». É porque ele é branco?

Stanley: Isso não tem nada a ver com o caso do Salil. Limito-me a dar os nomes às coisas. Precisas de te acalmar um bocado. O rapaz está morto. Que importância tem que as pessoas lhe chamem homicida? É algo que já não o pode prejudicar.

Pip: Tem importância, sim, até porque a família dele não está morta.

Stanley: Começa a parecer-me que achas de facto mesmo que ele está inocente. O que vai contra todas as previsões dos agentes mais experientes da polícia.

Pip: Só acho que existem algumas lacunas e incongruências na suposta acusação do Sal.

Stanley: Pois, se o miúdo não tivesse decidido acabar com a própria vida antes de ter ido parar à prisão, talvez tivéssemos tido oportunidade de colmatar essas lacunas.

Pip: Isso é bastante insensível da sua parte.

Stanley: Bom, também foi bastante insensível da parte dele ter matado a sua bonita namorada loira e ter escondido os seus restos mortais.

Pip: Alegadamente!

Stanley: Queres mais provas de que aquele miúdo era um assassino, sua maníaca? Não nos foi dada autorização para publicarmos isto, mas o meu contacto na polícia disse que encontraram um bilhete com uma ameaça de morte no cacifo da Andie na escola. Ele ameaçou-a e depois passou das palavras aos atos. Palavra de honra, achas mesmo que poderia estar inocente?

Pip: Acho, sim. E também acho que o senhor não passa de um tipo racista, intolerante e imbecil, de um oportunista chapado...

(Stanley desliga a chamada.)

Bom, parece que eu e o Stanley não vamos ser melhores amigos...

Seja como for, esta entrevista forneceu-me duas informações que me faltavam. A primeira é que a polícia acha que a Andie foi assassinada algures e que depois terá sido escondida na mala do próprio carro e levada para um segundo local, para que o autor do crime se pudesse livrar do cadáver.

A segunda informação que o encantador Stanley me forneceu diz respeito à tal «ameaça de morte». Não vi isto mencionado em nenhum dos artigos ou comunicados da polícia. Deve haver uma razão para essa omissão: talvez a polícia não tenha achado a informação relevante. Ou se calhar não conseguiu provar que esse bilhete estava de algum modo ligado ao Sal. Ou então foi o Stanley que inventou tudo. Seja como for, é algo que valerá a pena ter em mente quando entrevistar os amigos da Andie.

Portanto, agora que já estou a par (mais ou menos) da versão da polícia acerca do que se terá passado naquela noite e da forma como o processo decorreria em tribunal, está na altura de fazer um MAPA DO CRIME.

Isto depois do jantar, já que a mãe me deve chamar dentro de três... dois... exato.

Está com um aspeto muito profissional, não haja dúvida... Ainda assim, ajuda a visualizar a versão dos acontecimentos de acordo com a opinião da polícia. Tive de fazer algumas suposições enquanto estava a engendrâ-lo. A primeira é que se pode ir a pé da casa do Max para a casa do Sal por vários caminhos; escolhi aquele que passa pela rua principal porque o Google diz que é o mais rápido e parto do pressuposto de que a maior parte das pessoas prefere uma rua bem iluminada para caminhar à noite.

A estrada principal indica também um ponto de interceção bastante plausível no cruzamento com Wyvil Road, onde supostamente a Andie terá parado e o Sal terá entrado no carro dela. Na perspetiva de um detetive, existem de facto algumas zonas residenciais bastante sossegadas e uma herdade em Wyvil Road. Qualquer um destes lugares sossegados e isolados — assinalados com um círculo — poderá ser à partida o local do crime (de acordo com a versão dos acontecimentos da polícia).

Não me dei ao trabalho de tentar adivinhar o local preciso onde foi largado o corpo da Andie, já que, tal como toda a gente, não faço a menor ideia de qual possa ser esse local. Mas, dado que entre o lugar onde o carro foi abandonado, em Romer Close, e a casa do Sal, em Grove Place, são cerca de dezoito minutos a pé, só me resta supor que deve ter chegado aos arredores de Wyvil Road por volta das 00h20. Por isso, se o momento em que a Andie e o Sal se cruzaram em Wyvil Road se deu por volta das 22h45, isto teria dado ao Sal uma hora e trinta e cinco minutos para a matar e esconder o cadáver. Em termos cronológicos, parece-me perfeitamente admissível. É possível, de facto. Mas desde logo surge uma série de «porquês» e de «comos» que carecem de explicação.

A Andie e o Sal saem os dois ao mesmo tempo, por volta das 22h30, por isso devem ter combinado encontrar-se, certo? Parece demasiada coincidência não terem comunicado e planeado encontrar-se antes. A questão é que nem por uma vez a polícia mencionou qualquer chamada ou troca de mensagens entre a Andie e o Sal que pudesse dar a entender alguma combinação entre eles. E, se os dois planearam isto num lugar onde não pudesse haver qualquer registo da conversa, na escola, por exemplo, porque não ficou combinado que a Andie iria buscar o Sal a casa do Max? Parece-me bastante estranho.

Já estou a divagar. São duas da manhã e acabei de comer metade de um Toblerone. Deve ser por isso.

Havia uma canção a rumorejar no seu íntimo. Uma batida perturbadora que lhe latejava na pele dos pulsos e do pescoço, uma toada roufenha que soava quando tossicava, tentando livrar-se do sufoco que lhe oprimia a respiração. Depois, acometeu-a a terrível percepção de que, uma vez consciente da sua respiração, a mesma já não poderia passar-lhe despercebida.

Estava especada à porta de entrada, à espera de que ela se abrisse como por magia. Cada segundo que passava se tornava mais pastoso e espesso à medida que a porta a olhava de alto a baixo, e os minutos pareciam estender-se sem fim à vista. Quanto tempo teria passado desde que batera à porta? Quando percebeu que não aguentava mais, Pip pegou no *tupperware* com *muffins* frescos que segurava, transpirado, debaixo do braço e deu meia-volta para se ir embora. Hoje, a casa fantasma estava encerrada para visitas, e a decepção não podia ser maior.

Ao afastar-se alguns passos, Pip ouviu um raspar e um estalido que vinha da porta e, ao voltar-se, pôde ver Ravi Singh à entrada, com um cabelo desgrenhado e um ar confuso que o rosto crispado sublinhava.

— Oh — disse Pip com uma voz esganiçada que não era a sua. — Desculpa, pensava que me tinhas dito para voltar na sexta-feira. Hoje é sexta.

— Hum, sim, é verdade — disse Ravi, coçando a cabeça com o olhar perdido algures entre os tornozelos de Pip. — Mas... sinceramente... achava que estavas só a gozar comigo. Pensei que era uma piada. Sinceramente, não estava à espera de que voltasses cá.

— Hum... Pois, lamento. — Pip esforçou-se ao máximo para não parecer ofendida. — Não é piada nenhuma. Prometo. Estou a falar a sério.

— Sim, pareces-me o género de rapariga séria. — Devia realmente ter muita comichão na nuca. Ou então a comichão que Ravi Singh tinha na cabeça era o equivalente aos factos inúteis de Pip: uma espécie de armadura e respetivo escudo quando o cavaleiro dentro dela se contorcia.

— A minha seriedade é irracional — disse Pip com um sorriso, estendendo-lhe o *tupperware*. — E fiz estes *muffins*.

— São *muffins* para me subornares?

— Era o que a receita dizia, sim.

Notou-se um esgar nos lábios de Ravi, embora não fosse propriamente um sorriso. Só então Pip tomou verdadeiramente consciência de quão difícil devia ser a sua vida naquela cidade, ao ver o espectro do falecido irmão refletido no seu rosto. Não admirava que lhe custasse tanto sorrir.

— Então, posso entrar? — perguntou Pip, espetando o lábio inferior e franzindo muito os olhos, numa tentativa de imitar a sua melhor expressão de súplica, a mesma que, segundo o pai, lhe dava um ar de quem estava com prisão de ventre.

— Sim, está bem — disse ele após uma pausa quase demolidora. — Mas só se parares de fazer essa cara. — Recuou um passo e deixou-a entrar em casa.

— Obrigada, obrigada, obrigada — apressou-se Pip a dizer e, no seu entusiasmo, tropeçou no degrau da entrada.

De sobrolho franzido, Ravi fechou a porta e perguntou-lhe se aceitava uma chávena de chá.

— Sim, por favor. — Pip deteve-se com algum embaraço no átrio, procurando ocupar o menor espaço possível. — Simples, se não te importares.

— Nunca confiei em pessoas que bebem chá simples. — Fez um gesto para que ela o seguisse até à cozinha.

A divisão era ampla e muitíssimo luminosa; a parede que dava para a rua era um só painel gigantesco composto por portas corrediças de vidro que abriam para um extenso jardim que parecia explodir com todo o esplendor do verão e das videiras retorcidas, que mais pareciam saídas de um conto de fadas.

— Como tomas o chá, então? — perguntou Pip, pousando a mochila numa das cadeiras da sala de jantar.

— Com leite, até ficar branco, e três torrões de açúcar — disse ele sobre o fervilhar infernal da chaleira.

— Três torrões de açúcar? *Três?*

— Eu sei, eu sei. Como se percebe, não sou uma pessoa muito doce por natureza.

Pip ficou a observar Ravi enquanto este se azafamava pela cozinha, com a chaleira a ferver a servir de pretexto para o silêncio entre os dois. Viu-o enfiar a mão num frasco com saquetas de chá quase vazio e a tamborilar na mesa enquanto se ocupava a verter a água e a deitar o açúcar e o leite. Aquela energia nervosa era contagiante, e o coração de Pip começou a bater mais depressa para acompanhar o ritmo do tamborilar incessante.

Ravi aproximou-se com duas canecas, segurando a de Pip pela base escaldante de forma que ela a pudesse agarrar pela pega. A caneca dela tinha como adorno um boneco a sorrir e a seguinte legenda: *Qual é a melhor altura para ir ao dentista?* *Tooth hurty*²¹.

— Os teus pais estão em casa? — perguntou ela, pousando a caneca na mesa.

— Népia. — Ravi bebeu um golinho de chá, e Pip reparou com agrado que não era daquelas pessoas que sorviam ruidosamente a bebida. — E, se estivessem, não estarias aqui. Tentamos não falar muito no Sal; o assunto deixa a mãe perturbada. Na verdade, deixa-nos a todos perturbados.

— Nem consigo imaginar — disse Pip em voz baixa. Pouco importava que

já se tivessem passado cinco anos; para Ravi, era ainda um assunto muito delicado —, percebia-se imediatamente na cara dele.

— Não é só o facto de ele ter morrido. É também o facto de... bom, de não termos sequer o direito de fazer o luto pela morte dele por causa do que aconteceu. E o mero facto de eu poder dizer «Sinto a falta do meu irmão» faz-me parecer quase um monstro.

— Não acho que isso seja verdade.

— Eu também não, mas parece-me que neste caso eu e tu estamos em minoria.

Pip bebeu um golinho do chá para colmatar o silêncio, mas estava demasiado quente, de tal maneira que as lágrimas lhe vieram aos olhos.

— Já estás a chorar? Ainda nem sequer chegámos às partes mais tristes... — A sobrelha direita de Ravi arqueou-se, franzindo-lhe a testa.

— O chá... quente... — disse Pip, ofegante, sentindo a língua esponjosa e escaldada.

— Deixa-o arrefecer por um *jiffy* ou por *um centésimo de segundo*, o que vai dar ao mesmo.

— Ei, ainda te lembras.

— Como me poderia esquecer dessa tua apresentação? Então, que perguntas me querias fazer?

Pip baixou os olhos para o telemóvel que tinha pousado no colo e disse:

— Em primeiro lugar, importas-te que grave a conversa, para que possa depois transcrever tudo palavra por palavra?

— Parece-me uma sexta-feira muito divertida, sem dúvida.

— Vou aceitar isso como uma autorização. — Pip abriu o fecho da mochila metalizada e extraiu do seu interior um maço de papéis anotados.

— O que é isso tudo? — disse ele de dedo esticado.

— Perguntas pré-preparadas. — Remexeu nos papéis para compor a pilha.

— Oh, uau, estás mesmo empenhada nisto, não estás? — Ravi olhou para ela com uma expressão que vacilava entre o curioso e o cético.

— Estou, pois.

— Deverei ficar nervoso?

— Ainda não — disse Pip, lançando-lhe um último e demorado olhar antes de carregar no botão vermelho para gravar.

21 Jogo de palavras entre *tooth burty* (dorzinha de dentes) e *Thursday* (quinta-feira), sem correspondente em português. (NT)

Diário de Produção — 4.^a Entrada

Transcrição da entrevista com Ravi Singh

Pip: Bom, quantos anos tens?

Ravi: Porquê?

Pip: É só para ter os dados certos.

Ravi: OK, sargento, fiz 20 anos há pouco tempo.

Pip: (Solta uma gargalhada) [Nota à margem: OH, MEU DEUS, O MEU RISO SOA HORRÍVEL NA GRAVAÇÃO. NÃO POSSO VOLTAR A RIR!]

E o Sal era três anos mais velho do que tu?

Ravi: Sim.

Pip: Recordas-te de algum comportamento estranho da parte do teu irmão no dia 20 de abril de 2012, uma sexta-feira?

Ravi: Uau, vais mesmo direta ao assunto. Hum, não, nada de estranho. Nesse dia jantámos cedo, por volta das sete, antes de o meu pai o ter deixado em casa do Max, e lembro-me de o ouvir a conversar como de costume, como era hábito dele. Se andava a planear secretamente assassinar alguém, posso dizer-te que nenhum de nós percebeu. Estava muito... empolgado, parece-me que é essa a palavra.

Pip: E como te pareceu quando voltou de casa do Max?

Ravi: Nessa altura, já me tinha ido deitar. Mas lembro-me de que, na manhã seguinte, estava muito bem-disposto. O Sal sempre foi madrugador. Levantou-se, preparou pequeno-almoço para todos e só depois recebeu uma chamada de uma das amigas da Andie. Foi então que ficámos todos a saber que ela estava desaparecida. Como é óbvio, a partir desse momento, deixou de estar empolgado, passou a estar só preocupado.

Pip: Portanto, nem os pais da Andie nem a polícia lhe telefonaram durante a noite de sexta-feira, certo?

Ravi: Que eu saiba, não. Os pais da Andie não sabiam muito bem quem era o Sal. Ele nunca chegou a conhecê-los ou a ir a casa deles. Geralmente, era a Andie que vinha cá a casa ou então estavam juntos na escola ou quando havia festas.

Pip: Há quanto tempo estavam juntos?

Ravi: Desde o ano anterior, pouco tempo antes do Natal, há uns quatro meses. O Sal tinha duas chamadas não atendidas no telemóvel, foi uma das melhores amigas da Andie que lhe telefonou por volta das duas da manhã. Mas ele tinha o telemóvel em silêncio, por isso não acordou com as chamadas.

Pip: E que mais aconteceu nesse sábado?

Ravi: Bom, depois de ter ficado a saber que a Andie estava desaparecida, o Sal ficou literalmente agarrado ao telemóvel, a tentar telefonar-lhe de cinco em cinco minutos. A chamada ia sempre parar às mensagens, mas ele achou que, se ela atendesse alguma chamada, seria a dele.

Pip: Espera, então o Sal telefonou para o telemóvel da Andie?

Ravi: Sim, tentou centenas de vezes, não só durante esse fim de semana mas também na segunda-feira seguinte.

Pip: Não parece o género de coisa que alguém faça quando sabe que matou a outra pessoa e que esta não irá atender.

Ravi: Especialmente se tiver o telemóvel dela escondido nos bolsos ou no seu próprio quarto.

Pip: Bem visto. Portanto, o que aconteceu nesse dia?

Ravi: Os meus pais disseram-lhe para não ir a casa da Andie, porque a polícia ia lá estar a fazer uma busca. Por isso deixou-se ficar em casa, enquanto tentava telefonar-lhe para o telemóvel. Perguntei-lhe se teria alguma ideia de onde ela pudesse estar, mas parecia completamente desorientado. Ainda me disse uma coisa de que nunca mais me esqueci. Disse-me que tudo o que a Andie fazia era deliberado e que talvez tivesse fugido de propósito, com a intenção de castigar alguém. Claro que, com o passar do fim de semana, chegamos à conclusão de que talvez não tivesse sido o caso.

Pip: Quem poderia a Andie querer castigar? O teu irmão?

Ravi: Não sei, não quis insistir nisso. Eu não a conhecia muito bem; ela só cá veio a casa meia dúzia de vezes. Quer dizer, na altura parti do pressuposto de que esse «alguém» de que o Sal estava a falar pudesse ser o pai dela.

Pip: O Jason Bell? Porquê?

Ravi: Ouvi por alto algumas coisas quando ela esteve cá em casa. Calculei que não tinha propriamente uma boa relação com o pai. Não me recordo de nada em específico.

[Ufa... Diz «em específico» e não «em pacífico».]

Pip: Precisamos de informações específicas. Portanto, quando é que a polícia entrou em contacto com o Sal?

Ravi: Contactaram-no na tarde desse sábado. Telefonaram-lhe a perguntar se podiam passar por cá para falar com ele. Chegaram por volta das três, talvez quatro da tarde. Eu e os meus pais fomos para a cozinha para que eles pudessem ficar à vontade, por isso não chegámos a ouvir nada da conversa.

Pip: E o Sal contou-te o que eles lhe perguntaram?

Ravi: Uma parte, sim. Estava um bocado assustado porque gravaram a conversa e...

Pip: A polícia gravou a conversa? Isso é normal?

Ravi: Não sei, tu é que és o sargento. Disseram-lhe que era um procedimento habitual e depois perguntaram-lhe onde tinha estado naquela noite e com quem. E fizeram também perguntas acerca da relação que ele e a Andie tinham.

Pip: E como era a relação deles?

Ravi: Sou irmão dele. Não estava propriamente a par da relação deles. Mas, sim, o Sal gostava mesmo dela. Quer dizer, parecia todo contente por andar com a rapariga mais bonita e mais popular desse ano. Mas a Andie parecia ter sempre um drama qualquer.

Pip: Que espécie de dramas?

Ravi: Não sei, acho que era daquelas pessoas que parecem dar-se bem com esse tipo de coisas.

Pip: Os teus pais gostavam dela?

Ravi: Sim, os meus pais eram porreiros com ela. Ela também nunca lhes deu razões para que agissem de outro modo.

Pip: Então, o que aconteceu depois de a polícia o ter entrevistado?

Ravi: Hum... Os amigos dele passaram por cá nessa noite, queriam ver se ele estava bem, percebes...

Pip: E foi nessa altura que ele pediu aos amigos que mentissem à polícia e lhe dessem um álibi?

Ravi: Acho que sim.

Pip: Porque fez isso, na tua opinião?

Ravi: Não sei. Quer dizer, talvez tenha ficado abalado depois do interrogatório da polícia. Talvez tenha ficado assustado com a hipótese de vir a ser considerado suspeito e por isso tentou arranjar uma forma de se proteger. Não sei.

Pip: Partindo do pressuposto de que o Sal estava inocente, fazes ideia de onde poderá ter estado desde que saiu da casa do Max, às 22h30, até ter chegado a casa, pelas 00h50?

Ravi: Não, até porque ele também nos contou que só começou a fazer o percurso a pé para casa depois de ter saído de casa do Max, por volta das 00h15. Acho que deve ter estado sozinho algures e que, se tivesse contado a verdade, deixaria de ter um álibi. Não abona muito a favor dele, não achas?

Pip: Quer dizer, mentir à polícia e pedir aos amigos para fazerem o mesmo não abona a favor do Sal. Mas também não constitui prova absoluta de que tivesse alguma coisa a ver com a morte da Andie. Mas, diz-me, o que aconteceu no domingo?

Ravi: No domingo à tarde, o Sal e os amigos ofereceram-se para ajudar a colar cartazes para dar conta do desaparecimento e para os fazer circular pelas pessoas da cidade. Na segunda-feira, não me cruzei muitas vezes com ele na escola, mas acredito que deva ter sido uma situação muito difícil, já que ninguém falava noutra coisa a não ser no desaparecimento da Andie.

Pip: Lembro-me disso.

Ravi: E a polícia também andava por lá; vi-os revistarem o cacifo da Andie. Sim, portanto, nessa noite, estava um bocado em baixo. Parecia calmo, mas estava muito preocupado, como seria de esperar. A namorada estava desaparecida. E no dia seguinte...

Pip: Não tens de falar no dia seguinte, se não te apetecer.

Ravi: (Uma pausa breve) Não faz mal. Fomos juntos a pé para a escola e depois fui à secretaria, e o Sal ficou no parque de estacionamento. Queria ficar sentado lá fora um bocadinho, antes de entrar. Foi a última vez que o vi. E a única coisa que lhe disse foi «até logo».

Eu... Eu sabia que a polícia estava lá na escola; corria o boato de que andavam a falar com todos os amigos do Sal. Só por volta das duas da tarde é que reparei que a minha mãe tinha tentado telefonar-me, por isso fui para casa, e, quando lá cheguei, os meus pais disseram-me que a polícia precisava urgentemente de falar com o Sal e perguntaram-me se o tinha visto. Acho que os agentes tinham estado a revistar o quarto dele. E também tentei telefonar ao Sal, mas o telemóvel chamava e nada. O meu pai mostrou-me a mensagem que tinha recebido. Foi esta a última vez que tive notícias dele.

Pip: E tu lembras-te do que dizia essa mensagem?

Ravi: Sim, a mensagem dizia: fui eu. Sou eu o culpado. Perdoem-me. E... (uma pausa breve) a polícia voltou mais tarde, nessa noite. Os meus pais foram abrir a porta, e eu fiquei aqui à escuta. Quando disseram que tinham encontrado um cadáver no bosque, tive por instantes a certeza absoluta de que estavam a falar da Andie.

Pip: E... Não quero parecer insensível, mas os comprimidos para dormir...

Ravi: Sim, eram do pai. Ele andava a tomar fenobarbitais para as insónias. Mais tarde, ficou com um grande sentimento de culpa. Agora já não toma nada, só dorme pouco.

Pip: Alguma vez te ocorreu que o Sal pudesse ter tendências suicidas?

Ravi: Nunca. O Sal era literalmente a pessoa mais alegre deste mundo. Passava a vida a rir e a fazer brincadeiras. Sei que isto é um bocado piroso, mas era o género de pessoa que deixa toda a gente bem-disposta só com a sua presença. Conseguia sempre ser o melhor em tudo o que fazia. Era o orgulho dos meus pais, o aluno que tirava excelente a tudo. Agora, só lhes resta a minha pessoa.

Pip: E, desculpa-me perguntar isto, mas a grande questão é: achas que o Sal matou a Andie?

Ravi: Eu... Não, não acho. Não consigo sequer imaginar uma coisa dessas. Não faz sentido. O Sal era uma das pessoas mais bondosas à face da Terra, percebes? Nunca perdia a calma, por muito que o enervasse. Nunca foi daqueles rapazes que se metem em brigas. Era o melhor irmão mais velho que alguém poderia desejar e vinha sempre em meu socorro quando precisava. Era a melhor pessoa que alguma vez conheci. Por isso, só te posso responder que não. Ainda assim, não sei, a polícia parece tão convicta, e as provas... sim, sei que o caso não abona a favor do Sal. Mas, ainda assim, não consigo acreditar que fosse capaz de fazer uma coisa daquelas.

Pip: Eu percebo... Acho que por agora é tudo.

Ravi: (Recosta-se na cadeira e solta um longo suspiro) Então, Pippa...

Pip: Podes tratar-me por Pip.

Ravi: Pip, então. Dizes que isto é para um projeto da escola?

Pip: É, sim.

Ravi: Mas porquê? Porque escolheste isto? OK, talvez não acredites que o Sal seja o culpado, mas o que te levaria a tentar prová-lo? O que ganhas com isso? Não há ninguém nesta cidade que tenha o menor problema em achar que o meu irmão era um monstro. Já todos passaram essa fase.

Pip: A Cara, a minha melhor amiga, é irmã da Naomi Ward.

Ravi: Ah, a Naomi... Sempre foi simpática comigo. Vinha muitas vezes cá a casa, andava sempre atrás do Sal, parecia um cachorrinho. Estava completamente apaixonada por ele.

Pip: Oh... a sério?

Ravi: Eu sempre achei que sim. A forma como se ria de tudo o que ele dizia, mesmo de coisas sem piada... Mas acho que ele não sentia o mesmo por ela.

Pip: Hum.

Ravi: Então estás a fazer isto pela Naomi? Continuo a não perceber.

Pip: Não, não é isso. O que eu estava a tentar dizer é que cheguei a conhecer o Sal.

Ravi: Ai sim?

Pip: Sim. Ele ia muitas vezes a casa dos Wards quando eu também lá estava. Uma vez, deixou-nos ver um filme para maiores de 15 anos com eles, embora eu e a Cara só tivéssemos 12 na altura. Era uma comédia, e ainda me lembro das gargalhadas que dei. Ri-me até às lágrimas, embora não percebesse muito bem as piadas, isto porque o riso do Sal era mesmo muito contagiante.

Ravi: Aquele riso esganiçado e nervoso?

Pip: Exato. E tinha 10 anos quando ele me ensinou sem querer o meu primeiro palavrão, que foi merda, já agora. E houve outra vez em que me ensinou a virar panquecas na frigideira, já que eu era uma nulidade completa, mas ao mesmo tempo era tão teimosa que não deixava ninguém fazê-lo por mim.

Ravi: Era um bom professor.

Pip: E, quando eu estava no primeiro ano, houve dois rapazes que começaram a implicar comigo pelo facto de o meu pai ser nigeriano. E o Sal assistiu à cena. E depois aproximou-se e disse com a maior calma do mundo: «Quando vocês os dois forem expulsos por fazerem bullying, lembrem-se de que a escola secundária mais próxima fica a uma hora e meia de distância. Terão de começar tudo do zero, numa escola completamente diferente. Pensem nisso.» E nunca mais se meteram comigo. E depois o Sal foi sentar-se ao meu lado e ofereceu-me o KitKat dele para me animar. Desde essa altura, eu... Ora, esquece.

Ravi: Ei, então? Partilha comigo, vá. Deixei que me entrevistasses... embora os muffins que trouxeste para me subornar saibam a queijo.

Pip: Bom, desde essa altura, passou a ser um herói para mim. Recuso-me a acreditar que tenha sido ele.

Diário de Produção — 5.^a Entrada

Estive duas horas a investigar isto: acho que posso enviar um requerimento à Polícia de Thames Valley a pedir uma cópia do interrogatório que fizeram ao Sal se o pedir ao abrigo da Lei pela Liberdade de Informação.

Existem algumas exceções no que respeita a revelar informações ao abrigo dessa lei, como os casos em que os materiais requisitados estão de algum modo relacionados com uma investigação em curso ou quando isso infringe de alguma maneira o Regulamento de Proteção de Dados, nomeadamente ao divulgar-se informação pessoal acerca de pessoas que estão vivas. Mas o Sal está morto, por isso não haverá razão para me recusarem o acesso ao interrogatório dele, certo? O melhor é aproveitar e tentar ter acesso a outros relatórios da polícia relativos à investigação do caso Andie Bell.

Mudando de assunto: não consigo tirar da cabeça as coisas que o Ravi disse acerca do Jason Bell. Estou a falar das relações tensas que a Andie mantinha com o pai e do facto de o Sal ter achado logo que ela tinha fugido para castigar alguém.

O Jason e a Dawn Bell divorciaram-se pouco depois de ter sido emitida a certidão de óbito da Andie (isto é do conhecimento de quase toda a gente em Little Kilton, mas, ainda assim, consegui corroborar esta versão dos acontecimentos após uma investigação rápida no Facebook). O Jason saiu de casa e agora mora numa cidade que fica a cerca de quinze minutos daqui. Pouco tempo depois do divórcio, começa a aparecer em fotografias ao lado de uma bonita senhora de cabelo louro que aparenta ser demasiado jovem para ele. Ao que parece, estão agora casados.

Estive horas no YouTube a ver as gravações das primeiras conferências de imprensa realizadas depois de a Andie ter sido dada como desaparecida. Admira-me não ter reparado nisto antes, mas há qualquer coisa no comportamento do Jason que não bate certo: a força um pouco excessiva com que aperta o braço da mulher quando ela começa a chorar por causa da Andie, a forma como põe o ombro à frente dela para a poder afastar do microfone quando acha que ela já falou o suficiente. Além disso, as oscilações na sua voz soam ligeiramente forçadas quando diz: «Amamos-te muito, Andie» e «Volta para casa, por favor, vai ficar tudo bem». A forma como a Becca, a irmã da Andie, se encolhe toda quando ele olha para ela... Sei que isto não é muito objetivo e detetivesco da minha parte, mas há alguma coisa nos olhos dele — uma certa frieza — que me deixa perturbada.

E depois chamou-me à atenção o PONTO-CHAVE. Na conferência de imprensa da tarde de 23 de abril, segunda-feira, o Jason Bell diz o seguinte: «Só queremos a nossa menina de volta. Estamos completamente destroçados e sem saber o que fazer. Se souberem onde ela está, digam-lhe para telefonar para casa, ao menos assim saberemos que está em segurança. A Andie era uma presença tão forte no nosso lar, sem ela fica tudo demasiado silencioso.»

Isso mesmo. Ele disse «era». ERA. PRETÉRITO IMPERFEITO. Isto foi antes de toda aquela história relacionada com o Sal. Nesta altura, ainda toda a gente achava que a Andie pudesse estar viva. Mas o Jason Bell disse ERA.

Será que foi apenas de um erro inocente da parte dele ou estaria a falar no passado porque já sabia que a filha estava morta? Será que o Jason Bell cometeu um deslize?

Tanto quanto posso averiguar, naquela noite o Jason e a Dawn estavam numa festa, e supostamente a Andie deveria ter ido buscá-los. Teria ele saído da festa mais cedo nessa noite? E, se não foi esse o caso, mesmo que tenha um álibi bastante forte, isso não significa que não possa estar de algum modo envolvido no desaparecimento da Andie.

Se a ideia é criar uma lista de pessoas sob suspeita, parece-me que o Jason Bell terá de constar em primeiro lugar nessa lista.

Pessoas sob suspeita

Jason Bell

Parecia passar-se algo esquisito, como se a atmosfera no quarto estivesse pesada e se fosse adensando lentamente, até sentir que estava a expelir o ar em grandes coágulos gelatinosos. Ao longo dos anos de convivência com Naomi, nunca tinha experienciado nada assim.

Pip mostrou a Naomi um sorriso tranquilizador e fez uma piada de circunstância a propósito da quantidade de pelo do cão *Barney* que tinha agarrada às calças de malha. Naomi esboçou um sorriso e passou os dedos pelo cabelo louro de corte repicado e mais escuro nas pontas.

Estavam as duas sentadas no escritório de Elliot Ward, Pip numa cadeira giratória e Naomi à frente dela, na poltrona de cabedal rubro. Naomi não estava a olhar para Pip; ao invés disso, estava a olhar fixamente para os três quadros pendurados na parede ao fundo do escritório. Eram três telas gigantescas da família, imortalizada para sempre em pinceladas iridescentes. Os pais dela a caminharem num bosque outonal, Elliot a beber de uma caneca fumegante, e uma Naomi e uma Cara ainda crianças, num balouço. A mãe tinha-as pintado quando já estava a morrer, fora essa a última marca que deixara no mundo. Pip estava consciente da imensa importância que essas pinturas tinham para os Wards, da forma como as telas olhavam por eles nos bons e maus momentos. Mas Pip lembrava-se de que chegara a ver mais quadros expostos naquele escritório; talvez Elliot tivesse decidido guardá-los na arrecadação para os oferecer mais tarde às filhas quando elas crescessem e saíssem de casa.

Pip sabia que Naomi andava no psicólogo já há sete anos, desde que a mãe morrera. E que só muito a custo conseguira lidar com a ansiedade e completar o curso na universidade. Mas há uns meses sofrera um ataque de pânico no seu novo emprego em Londres e tivera de se despedir e voltar para casa para viver com o pai e a irmã.

Naomi estava fragilizada, e Pip esforçava-se para não ferir a sua suscetibilidade. Pelo canto do olho, pôde espreitar a incessante contagem do cronómetro na aplicação do gravador de voz, no telemóvel.

— Bom, podes contar-me o que estavam todos a fazer nessa noite em casa do Max? — perguntou num tom delicado.

Naomi remexeu-se na poltrona, baixando os olhos para os joelhos.

— Hum, estávamos só a beber, a conversar e a jogar *Xbox*, nada de muito emocionante.

— E a tirar fotografias? Há uma série delas no Facebook que foram tiradas nessa noite.

— Sim, tirámos umas quantas fotografias parvas. Estávamos só na brincadeira, nada de mais — disse Naomi.

— Ainda assim, não há nenhuma fotografia do Sal dessa noite.

— Não, pois é. Se calhar já tinha saído antes de termos começado a tirá-las.

— E lembras-te se o Sal estava com um comportamento estranho antes de ter saído? — perguntou Pip.

— Hum... Não, na verdade, acho que não.

— E ele chegou a falar na Andie?

— Hum, acho que... sim, um bocadinho, talvez. — Naomi remexeu-se novamente na poltrona, extraíndo do cabedal um ruído surdo e prolongado assim que se desprende do assento. Algo que o irmãozinho de Pip teria achado muito engraçado, tal como ela, se as circunstâncias fossem outras.

— O que disse ele sobre ela? — perguntou Pip.

— Hum... — Naomi interrompeu-se por instantes, puxando uma cutícula rasgada do polegar. — Ele, hum... Acho que tinham tido uma desavença qualquer. Lembro-me de o Sal dizer que ia passar algum tempo sem falar com ela.

— Porquê?

— Não me lembro dos pormenores. Mas a Andie era... um bocado insuportável. Estava sempre a tentar arranjar confusão com o Sal por causa das coisas mais insignificantes. O Sal preferia remeter-se ao silêncio em vez de entrar em discussões.

— O que motivava essas discussões?

— Eram as coisas mais estúpidas que se possa imaginar. Como o facto de ele não lhe responder às mensagens escritas com a rapidez que ela desejaria. Coisas desse género. Eu... Eu nunca disse isto ao Sal, mas sempre achei que a Andie era um poço de problemas. Não sei, se eu tivesse dito alguma coisa, talvez as coisas se tivessem passado de forma diferente.

Ao reparar no rosto abatido de Naomi e no evidente palpar do seu lábio superior, Pip percebeu que teria de a arrancar àquela situação confrangedora antes de ela se fechar de vez.

— O Sal chegou a dizer nessa noite que ia sair mais cedo?

— Não, não disse.

— E a que horas é que ele saiu de casa do Max?

— Perto das dez e meia da noite, temos quase a certeza.

— E disse alguma coisa antes de ter saído?

Naomi mudou de posição e fechou os olhos por instantes, apertando de tal modo as pálpebras que Pip detetou um ligeiro frémito nelas, mesmo encontrando-se a alguma distância.

— Sim — acabou por dizer. — Disse só que não estava numa boa onda, que ia a pé para casa e que queria deitar-se cedo.

— E a que horas saíste de casa do Max?

— Eu não cheguei a... Eu e a Millie acabámos por passar lá a noite, no quarto de hóspedes. O pai foi-me buscar na manhã seguinte.

— E a que horas foste para a cama?

— Hum, acho que foi pouco antes da meia-noite e meia. Não tenho a certeza.

Soaram então três toques rápidos à porta do escritório, e logo surgiu a cabeça de Cara a espreitar, tendo soltado um guincho assim que o seu rabo de cavalo mal-amanhado ficou preso no caixilho da porta.

— Pira-te, estou a gravar — disse Pip.

— É uma emergência, desculpa, são dois segundos — disse Cara, demorando-se ainda de cabeça espetada. — Que raio aconteceu àquele montão de bolachas *Jammie Dodgers*?

— Não sei.

— Ainda ontem vi com os meus olhos o pai abrir um pacote inteiro delas. Onde estão?

— Não sei, pergunta-lhe.

— Ele ainda não chegou.

— Cara — disse Pip, já de sobranceiras erguidas.

— Sim, desculpa, vou-me já pirar — disse ela, desprendendo o cabelo e fechando a porta novamente ao sair.

— Hum, OK — disse Pip, tentando retomar o assunto. — Portanto, quando soubeste que a Andie estava desaparecida?

— Ao final da manhã de sábado, acho, foi quando o Sal me enviou uma mensagem escrita.

— E nessa altura ocorreu-te algum lugar onde ela pudesse estar?

— Não sei. — Naomi encolheu os ombros; Pip não tinha a certeza se já a vira a encolher os ombros antes. — A Andie era aquele género de pessoa que conhece imensa gente. Acho que na altura devo ter pensado que poderia estar com outros amigos que não conhecíamos e que não queria ser encontrada.

Pip respirou fundo como que para se preparar, lançando um olhar relance aos seus apontamentos; a pergunta seguinte requeria muito tato da sua parte.

— Podes falar-me do momento em que o Sal te pediu para mentires à polícia a propósito da hora a que ele tinha saído de casa do Max?

Naomi tentou falar, e contudo parecia não encontrar as palavras certas. Um silêncio estranho e opressivo começou a propagar-se na pequena divisão em que se encontravam, um silêncio de tal modo pesado que Pip sentiu um zunido nos ouvidos.

— Hum — disse Naomi por fim, desta feita com a voz um pouco alterada.

— Passámos por casa do Sal no sábado à noite para vermos como ele estava. E estávamos todos a falar acerca do que tinha acontecido quando ele disse que

estava nervoso porque a polícia já tinha estado lá em casa a fazer-lhe perguntas. E ele achava que ia estar na mira da polícia por ser namorado dela. Por isso perguntou-nos só se nos importávamos de dizer que ele tinha saído de casa do Max um pouco mais tarde do que na realidade saíra, do género meia-noite e um quarto, mais coisa menos coisa, isto para que a polícia parasse de andar atrás dele e se preocupasse apenas em encontrar a Andie. Na altura não foi... hum... não me pareceu que houvesse alguma coisa de errado nisso. Pensei só que ele estava a tentar ser consciente e que queria ajudar a encontrar a Andie o mais rapidamente possível.

— E ele disse onde tinha estado entre as dez e meia da noite e a meia-noite e um quarto?

— Hum... Já não me lembro. Não, acho que não.

— Não lhe perguntaste? Não quiseste saber?

— Não me lembro mesmo, Pip. Desculpa — disse Naomi com uma fúgadia.

— Não faz mal. — Pip apercebeu-se de que tinha inclinado o corpo todo para a frente ao fazer aquela última pergunta; vasculhou entre os seus apontamentos e voltou a sentar-se direita. — Portanto, a polícia telefonou-te no domingo, não foi? E disseste-lhes que o Sal tinha saído de casa do Max à meia-noite e um quarto, certo?

— Sim.

— Então porque é que os quatro mudaram de ideias e decidiram contar tudo à polícia na terça-feira a propósito do falso álibi do Sal?

— Acho... acho que foi porque entretanto tivemos algum tempo para pensar no assunto e sabíamos que nos íamos meter em sarilhos por causa dessa mentira. Nenhum de nós achava que o Sal pudesse estar envolvido no que aconteceu à Andie, por isso achámos que não haveria problema se disséssemos a verdade à polícia.

— E disseste aos outros três que era isso que ias fazer?

— Sim, falámos algumas vezes por telefone na noite de segunda-feira e combinámos fazê-lo.

— Mas não disseram ao Sal que iam falar com a polícia.

— Hum — disse Naomi, passando novamente os dedos pelo cabelo. — Não. Não queríamos que ele ficasse chateado connosco.

— OK, última pergunta. — Pip reparou na expressão de alívio evidente no rosto de Naomi. — Achas que o Sal matou a Andie naquela noite?

— Não o Sal que eu conhecia — disse ela. — Não havia melhor pessoa do que ele. Andava sempre na brincadeira, fazia toda a gente rir. E era muito delicado com a Andie, embora ela talvez não merecesse. Por isso, não sei realmente o que se passou nessa noite ou se foi o Sal que cometeu o crime, mas quero acreditar que não foi ele.

— OK, está feito — disse Pip com um sorriso, carregando no botão do telemóvel para parar a gravação. — Muito obrigada por isto, Naomi. Sei que não é fácil.

— Não há problema — disse aquiescendo e levantou-se da cadeira, fazendo o cabedal da poltrona chiar com a fricção das pernas.

— Espera, só mais uma coisa — disse Pip. — Sabes se o Max, o Jake e a Millie andam por aí, para os poder entrevistar?

— Oh, a Millie anda à aventura pela Austrália, e o Jake está a morar com a namorada em Devon, tiveram um filho há pouco tempo. Mas o Max está em Kilton; terminou há pouco tempo o mestrado e tem andado a candidatar-se a empregos, como eu.

— Achas que se iria importar se lhe pedisse uma entrevista rápida? — perguntou Pip.

— Dou-te o número dele e perguntas-lhe. — Naomi segurou a porta do escritório para que Pip pudesse passar.

Já na cozinha, foram dar com Cara a tentar enfiar duas fatias de pão torrado na boca ao mesmo tempo e depararam também com Elliot, que acabara de chegar e vestia uma camisa amarela-pastel hedionda, estando nesse momento ocupado a limpar a bancada da cozinha com um pano. Voltou-se assim que as ouviu entrar, e as luzes do teto incidiram nas pequenas madeixas encanecidas do seu cabelo castanho e refulgiram nos seus óculos de aros grossos.

— Já acabaram, miúdas? — perguntou com um sorriso amável. — Melhor altura era impossível. Acabei de ligar a chaleira.

Diário de Produção — 7.^a entrada

Voltei agora mesmo da casa do Max Hastings. Foi estranho estar lá em casa, como se tivesse presenciado uma espécie de reconstrução da cena do crime; pareceu-me tudo igual às fotografias publicadas no Facebook que a Naomi e companhia tiraram naquela fatídica noite, há cinco anos. A noite que mudou esta cidade para sempre. O Max também parece exatamente igual: alto, cabelo louro e escorrido, a boca um tudo-nada grande de mais para o seu rosto anguloso, um tanto presumido. Mas disse que se lembrava de mim, o que não deixa de ser simpático.

No entanto, depois de ter conversado com ele, não sei... Não consigo deixar de pensar que há algo de errado nesta história. Ou um dos amigos do Sal está a confundir o que se passou naquela noite ou simplesmente a mentir. Mas porquê?

Transcrição da entrevista com Max Hastings

Pip: Pronto, já está a gravar. Portanto, Max, tens 23 anos, certo?

Max: Errado. Na verdade, faço 25 daqui a mais ou menos um mês.

Pip: Oh...

Max: Sim, tive leucemia aos 7 anos, por isso não pude ir à escola durante muito tempo e fiquei com um atraso de um ano. Eu sei, sou um menino-prodígio.

Pip: Não fazia ideia.

Max: Posso dar-te o meu autógrafo mais logo.

Pip: OK, portanto, indo diretamente o assunto, consegues descrever a relação que o Sal e a Andie tinham um com o outro?

Max: Era porreira. Não era propriamente a história de amor do século nem nada parecido. Mas achavam-se um ao outro bonitos, por isso penso que resultava.

Pip: Não havia nada de mais profundo?

Max: Não sei, nunca dei grande importância a namoros de escola.

Pip: Como começou a relação deles, afinal de contas?

Max: Houve uma festa de Natal em que ficaram os dois bêbedos e acabaram por se enrolar um com o outro. A coisa desenvolveu-se a partir daí.

Pip: Era uma dessas festas a que chamavam... como é que era... calamidades?

Max: Bolas, já me tinha esquecido de que costumávamos chamar «calamidades» às nossas festas caseiras. Sabias da existência dessas festas?

Pip: Sim. Lá na escola o pessoal ainda as organiza. É tradição, pelos vistos. Diz a lenda que foste tu que começaste essas festas.

Max: O quê? Os miúdos ainda organizam festas caseiras de desbunda total e chamam-lhes calamidades? Que fixe! Sinto-me um verdadeiro deus. Sabes se ainda fazem aquela parte do triatlo para o anfitrião seguinte?

Pip: Nunca participei nessas festas. Bom, mudando de assunto, já conhecias a Andie antes de ela ter começado a namorar com o Sal?

Max: Sim, conhecia-a por alto, da escola e das calamidades. Falávamos às vezes, sim, mas nunca fomos amigos do peito nem nada disso. Não éramos próximos. Ela era mais uma conhecida.

Pip: OK, portanto, no dia 20 de abril, sexta-feira, quando estavam todos em tua casa, recordas-te de algum comportamento estranho por parte do Sal?

Max: Nem por isso. Talvez estivesse um bocado mais calado do que era costume, no máximo.

Pip: E na altura perguntaste-te porquê?

Max: Népia, já estava bastante bêbedo.

Pip: E o Sal chegou a dizer alguma coisa a respeito da Andie nessa noite?

Max: Não, não disse absolutamente nada acerca dela.

Pip: Não disse que tinham tido uma discussão ou...

Max: Não, nem sequer referiu o nome dela.

Pip: Até que ponto te lembras do que se passou nessa noite?

Max: Lembro-me de tudo. Passei a maior parte do tempo a ganhar ao Jake e à Millie no Call of Duty. Lembro-me disso porque a Millie tinha estado o tempo todo a falar em igualdade e coisas do género e depois não ganhou uma só vez.

Pip: Isso passou-se depois de o Sal se ter ido embora?

Max: Sim, foi-se embora bastante cedo.

Pip: Onde é que andava a Naomi enquanto vocês jogavam videojogos?

Max: Andava desaparecida em combate.

Pip: Desaparecida? Não estava convosco?

Max: Hum, não... hum... tinha ido lá acima.

Pip: Sozinha? Fazer o quê?

Max: Não sei. Fazer uma sesta. Arriar o calhau. Sei lá eu.

Pip: Quanto tempo?

Max: Não me lembro.

Pip: OK, e o que disse o Sal quando se foi embora?

Max: Não disse nada. Saiu sem ninguém reparar. Na altura, nem sequer me apercebi de que tinha saído.

Pip: Portanto, na noite seguinte, assim que souberam que a Andie estava desaparecida, foram todos a casa do Sal, certo?

Max: Sim, achámos que deveria estar bastante em baixo.

Pip: E como é que ele vos pediu que mentissem e lhe arranjassem um álibi?

Max: Pediu-nos em conversa. Disse que a situação estava complicada para o lado dele e perguntou-nos se podíamos ajudá-lo, mudando um bocado as horas. Não foi nada de estrondoso. Não é propriamente como se tivesse dito: deem-me um álibi. Não foi assim que as coisas se passaram. Era só um amigo a pedir-nos um favor.

Pip: Achas que o Sal matou a Andie?

Max: Parece-me que não há outra hipótese. Quero dizer, se me estás a perguntar se achava que o meu amigo seria capaz de matar alguém, a minha resposta seria: claro que não. Ele era muito dado, uma espécie de consultório sentimental em pessoa. Mas só pode ter sido ele, por causa do sangue e dessas coisas. E acho que a única razão que teria levado o Sal a matar-se seria se tivesse feito alguma coisa terrível. Por isso, infelizmente, bate tudo certo.

Pip: OK, obrigada. Eram estas as minhas perguntas.

Existem algumas incongruências entre as duas versões dos acontecimentos.

A Naomi disse que o Sal tinha referido a Andie em conversa e que contara a todos os amigos dele que tinham tido uma desavença. O Max diz que nem por uma vez chegou a referir o nome dela em conversa. A Naomi contou que o Sal disse a toda a gente que se ia embora mais cedo porque «não estava numa boa onda». O Max diz que ele saiu sem que ninguém tivesse reparado.

Claro, bem sei que estou a pedir-lhes que se lembrem de algo que se passou há cinco anos. É natural que haja certos lapsos de memória.

Mas há que ter em conta aquilo que o Max disse a propósito de a Naomi ter desaparecido em combate. Embora não saiba dizer quanto tempo a Naomi esteve ausente, a verdade é que fez questão de dizer que tinha passado a «maior parte» da noite a jogar com a Millie e com o Jake e que a Naomi não tinha estado presente durante essa atividade em particular. Digamos apenas que me é possível deduzir que esteve uma hora «lá em cima», pelo menos. Mas porquê? Por que razão haveria ela de estar sozinha no primeiro andar da casa do Max em vez de estar na companhia dos amigos? A não ser que o Max tenha cometido o deslize de me dizer que a Naomi saiu de casa nessa noite e esteve algum tempo ausente, estando agora a tentar protegê-la.

Nem acredito que estou realmente a escrever isto, mas começo a suspeitar de que a Naomi poderá ter tido alguma coisa a ver com esta história da Andie. Conheço-a há onze anos. Sempre tive um grande respeito pela Naomi, quase como se ela fosse a minha irmã mais velha, o que não me impede de agora lhe seguir o rasto. A Naomi é boa pessoa, o tipo de pessoa que olha para nós com um sorriso encorajador quando estamos a contar uma história e às tantas já ninguém está a ouvir. É uma pessoa afável, delicada, calma. Mas será que também pode ter um lado instável? Será capaz de alguma espécie de violência?

Não sei. Não me quero precipitar. Mas também há que ter em consideração aquilo que o Ravi disse, isto é, que achava que a Naomi estava apaixonada pelo irmão. Pelas respostas da Naomi, parece-me bastante claro que não morria de amores pela Andie. E a entrevista com ela foi tão estranha, o ambiente estava tão tenso... Sei que lhe estava a pedir que revivesse algumas más

memórias, mas posso dizer o mesmo acerca do Max, e a entrevista dele foi facilíma, em comparação com a outra. E contudo... Terá sido a entrevista com o Max demasiado fácil? Será que estava demasiado à vontade?

Não sei o que hei de pensar, mas ainda assim não consigo parar de matutar nestas coisas. A minha imaginação está desenfreada e ainda por cima está a fazer-me um manguito. Consigo imaginar a cena: a Naomi mata a Andie num acesso de raiva e de ciúmes. O Sal depara com a cena e fica aturdido e perturbado. A sua melhor amiga matou a sua namorada.

Ainda assim, fiel à amizade com a Naomi, ajuda-a a livrar-se do corpo da Andie, e depois fazem um pacto e decidem nunca mais falar no assunto. Mas ele não se consegue livrar do terrível sentimento de culpa resultante daquilo que ajudou a ocultar. A única saída que lhe ocorre é o suicídio.

Ou será que estou a inventar um caso onde não existe?

É bastante provável. Seja como for, acho que ela tem de entrar na lista.

Pessoas sob suspeita

Jason Bell

Naomi Ward

— OK, portanto, agora só precisamos de ervilhas congeladas, tomate e algodão — disse a mãe de Pip, afastando a lista das compras do nariz para conseguir decifrar os gatafunhos de Victor.

— Não é algodão, é pão — disse Pip.

— Ah, pois é, tens razão — disse Leanne com um risinho. — Dava umas belas sanduíches para esta semana...

— Óculos? — Pip tirou da prateleira um pão de forma embalado e enfiou-o no cesto das compras.

— Não, ainda não me dou por derrotada. Os óculos fazem-me parecer velha — disse Leanne, abrindo a arca dos congelados.

— Não faz mal, tu já és velha — disse Pip, o que lhe valeu um golpe gélido no braço com o saco de ervilhas congeladas. Ao fingir um desfalecimento com gestos dramáticos por causa do golpe fatal das ervilhas, Pip apanhou-o a olhar para ela. Vestido com uma *T-shirt* e umas calças de ganga, ria-se discretamente, com a mão a tapar a boca.

— Ravi — disse ela, atravessando o corredor e aproximando-se dele. — Olá.

— Olá — disse ele com um sorriso, coçando a parte de trás da cabeça, como ela já estava à espera de que fizesse.

— É a primeira vez que te vejo aqui. — Aqui era o único supermercado que havia em Little Kilton, um edifício pequeno e acanhado junto à estação de comboios.

— Sim, geralmente vamos às compras fora da cidade — disse ele. — Mas houve uma emergência. — Ao dizer isto, ergueu uma garrafa de leite meio-gordo de formato familiar.

— Isso não aconteceria se bebesses chá simples.

— Jamais passarei para o lado das trevas — disse ele, erguendo o olhar assim que a mãe de Pip se aproximou com o cesto cheio. Depois sorriu-lhe.

— Ah, este é o Ravi, mãe — disse Pip. — Ravi: a minha mãe, Leanne.

— Prazer em conhecê-la — disse Ravi, apertando a garrafa de leite contra o peito e esticando o braço direito.

— Igualmente — disse Leanne, apertando a mão que ele lhe estendia. — Na verdade, já nos conhecíamos. Fui a agente que vendeu a casa aos teus pais. Caramba, já deve ter sido há uns quinze anos. Lembro-me de que na altura devias ter uns 5 anos, andavas sempre vestido com um pijama largo do *Pikachu* que tinha um tutu agarrado.

Ravi ficou muito corado. Pip aguentou o riso até se dar conta de que ele

estava a sorrir.

— Não é incrível que essa moda nunca tenha pegado? — disse ele, soltando um riso abafado.

— Bom, as obras de Van Gogh também foram pouco valorizadas no tempo em que ele era vivo — disse Pip quando já se encaminhavam todos para a caixa.

— Podes ir primeiro — disse Leanne, fazendo um gesto para que Ravi avançasse —, nós vamos demorar mais tempo.

— Oh, a sério? Obrigado.

Ravi avançou a passos largos para a caixa e lançou à mulher que estava de serviço um daqueles seus sorrisos imaculados. Pousou o leite e disse:

— É só isto, obrigado.

Pip ficou a observar a mulher e reparou nas rugas a engelharem-lhe a pele assim que o seu rosto de crispou num esgar de repugnância. A mulher passou de seguida a garrafa de leite pelo leitor de código de barras ao mesmo tempo que fitava Ravi com um olhar gélido e venenoso. Ainda bem que os olhares não matavam. Ravi tinha os olhos afundados no chão, como se não tivesse reparado, embora Pip soubesse que não era verdade.

Algo de primitivo começou a bulir no sangue de Pip. Algo que numa fase inicial poderia assemelhar-se a uma sensação de náusea, mas que continuava a crescer e a ferver até chegar ao ponto de começar a zunir-lhe nos ouvidos.

— Uma libra e quarenta e oito — disse a mulher de chofre.

Ravi tirou do bolso uma nota de cinco libras, mas, quando tentou dar-lhe o dinheiro, ela estremeceu e afastou a própria mão com um gesto brusco. A nota foi parar ao chão num voo planado de folha outonal, e Pip encolerizou-se.

— Ei — disse ela em voz alta, avançando com firmeza até junto de Ravi. — Tem algum problema?

— Não faças isso, Pip — disse Ravi em voz baixa.

— Com licença, Leslie — disse Pip, lendo num tom desdenhoso o nome gravado no crachá de identificação da mulher. — Perguntei-lhe se tinha algum problema.

— Tenho, sim — disse a mulher. — Não quero que ele me toque.

— Acho que se pode dizer que ele também não quer que lhe toque; a estupidez pode ser contagiosa.

— Vou chamar o meu supervisor.

— Sim, faça isso. Assim sempre lhes dou uma amostra das reclamações que vou enviar para a sede até lhes entupir o *e-mail*.

Ravi pousou a nota de cinco libras na caixa registadora, pegou na garrafa de leite e foi a caminhar em silêncio até à porta de saída.

— Ravi? — chamou Pip, mas ele ignorou-a. Pip deu meia-volta, e ouviu-se o chiar dos seus ténis a rodopiarem no chão demasiado lustroso. Quando já estava prestes a chegar à porta, voltou-se e disse em voz alta: — Mais uma coisa, Leslie:

se calhar devia ir ao médico para lhe tirarem essa cara de cu.

Já fora do supermercado, Pip pôde ver Ravi a descer a colina em passo rápido a uns dez metros de distância. Pip, que não corria por nada deste mundo, desatou a correr para o apanhar.

— Estás bem? — perguntou, atravessando-se à frente dele.

— Não. — Prosseguiu caminho, esquivando-se-lhe, com a enorme garrafa de leite a chocalhar apertada contra a ilharga.

— Fiz alguma coisa de mal?

Ravi voltou-se, e os seus olhos escuros chispavam. Então, disse:

— Escuta, não preciso que me defendam, muito menos uma miúda qualquer que mal conheço. Não sou o teu problema, Pippa; não tentes fazer de mim o teu problema. Só vais piorar as coisas.

Ao dizer isto, continuou a andar, e Pip ficou a vê-lo afastar-se até que o toldo de um café lhe obstruiu a visão, fazendo com que desaparecesse de vista. Ficando ali especada, ainda ofegante, Pip sentiu a raiva a recuar e a esmorecer aos poucos no seu íntimo. Apossou-se dela um vazio quando essa raiva a abandonou.

Diário de Produção — 8.^a entrada

Que nunca ninguém diga que a Pippa Fitz-Amobi não é uma entrevistadora oportunista. Hoje, estive outra vez em casa da Cara com a Lauren. Os rapazes também se juntaram a nós mais tarde, embora tivessem insistido em ver o jogo de futebol enquanto conversávamos. Elliot, o pai da Cara, estava a tagarelar acerca de um assunto qualquer quando às tantas me lembrei de que chegou a conhecer o Sal bastante bem, não só porque o Sal era amigo da filha, mas também porque chegou a ser aluno dele. Já consegui recolher algumas considerações acerca da personalidade do Sal junto dos amigos e do irmão dele (os seus pares geracionais, digamos assim), mas pensei que talvez o pai da Cara pudesse revelar-me algo do seu ponto de vista de adulto. O Elliot aceitou ser entrevistado; também não lhe dei grande hipótese de escolha.

Transcrição da entrevista com Elliot Ward

Pip: Portanto, foi professor do Sal durante quantos anos?

Elliot: Hum, ora bem. Comecei a dar aulas da secundária de Kilton em 2009. O Salil esteve presente nas primeiras aulas de preparação que dei para os exames nacionais, por isso... fui professor dele durante quase três anos, acho eu. Sim, foi isso.

Pip: Então o Sal chegou a fazer o exame nacional de História?

Elliot: Oh, e não só. O Sal tinha esperanças de entrar no curso de História da Universidade de Oxford. Não sei se te lembras, Pip, mas, antes de ter começado a ensinar lá na escola, eu era professor associado nessa universidade. Ensinava História. Decidi mudar de emprego de forma a poder estar cá e cuidar da Isobel na altura em que ela esteve doente.

Pip: Pois foi.

Elliot: Portanto, no primeiro período desse ano, antes de tudo aquilo ter acontecido, cheguei a passar muito tempo com o Sal. Ajudei-o a redigir a carta de apresentação antes de ele enviar as candidaturas para as universidades. Quando foi chamado para uma entrevista em Oxford, fui eu que o ajudei a preparar-se para a entrevista, dentro e fora da sala de aula. Era um miúdo muito inteligente. Brilhante. E foi aceite na universidade. Quando a Naomi me contou, fui logo comprar-lhe um cartão e chocolates.

Pip: Então o Sal era muito inteligente?

Elliot: Oh, sem dúvida. Era um jovem muito, muito esperto. Aquilo que aconteceu depois foi uma grande tragédia. Duas vidas tão jovens desperdiçadas. O Sal teria sido um aluno de vintes a tudo, não tenho dúvida acerca disso.

Pip: Teve alguma aula com o Sal na segunda-feira que se seguiu ao desaparecimento da Andie?

Elliot: Hum, caramba... Sim, acho que sim, até porque me lembro de ter ficado a conversar com ele depois da aula e de lhe ter perguntado como estava a lidar com a situação. Por isso, sim.

Pip: E reparou em algum comportamento estranho da parte dele?

Elliot: Bom, isso depende daquilo que queres dizer com estranho. Nesse dia, toda a gente na escola estava a comportar-se de forma um bocado estranha; uma das nossas alunas estava desaparecida, e as notícias não falavam de outra coisa. Acho que me lembro de o ver bastante calado, talvez um pouco acabrunhado com aquela história toda. Pareceu-me preocupado, disso não tenho dúvidas.

Pip: Preocupado por causa da Andie?

Elliot: É possível, sim.

Pip: E quanto à terça-feira seguinte, o dia em que se matou: lembra-se de o ter visto na escola em algum momento, durante essa manhã?

Elliot: Hum... não, não me recordo disso, até porque nesse dia tive de telefonar para a escola para pôr baixa. Estava com uma virose, por isso deixei as miúdas na escola de manhã e passei o resto do dia em casa. Só soube da notícia depois, quando me telefonaram da escola à tarde, a propósito daquela história do álibi que envolvia a Naomi e o Sal e para me dizerem que a polícia os tinha interrogado na escola. Por isso, a última vez que vi o Sal só pode ter sido na tal aula de segunda-feira.

Pip: E acha que o Sal matou a Andie?

Elliot: (Suspiro) Quero dizer, percebo que seja muito fácil convencermos-nos do contrário; ele era de facto um miúdo adorável. Mas, tendo em conta as provas apresentadas, é difícil acreditar que não tenha sido ele. Por isso, por muito injusto que à partida possa parecer, acho que só pode ter sido ele. Não há outra explicação.

Pip: E quanto à Andie Bell? Também foi professor dela?

Elliot: Não... hum... quer dizer, sim. Estava na mesma turma de preparação para o exame de História que o Sal, por isso foi minha aluna nesse ano. Mas não continuou a ter aulas de História depois disso, portanto, não cheguei a conhecê-la muito bem.

Pip: OK, obrigada. Já pode continuar a descascar as suas batatas.

Elliot: Grato pela autorização.

O Ravi não referiu que o Sal tinha recebido uma proposta da Universidade de Oxford. É possível que não me tenha contado outras coisas a propósito do irmão, mas não tenho a certeza se o Ravi voltará a dirigir-me a palavra depois daquilo que aconteceu há uns dias. Não queria magoá-lo; estava a tentar ajudar, foi só isso. Talvez devesse passar lá por casa para lhe pedir desculpa... Provavelmente, irá bater com a porta na minha cara. [Seja como for, não posso deixar que isso me demova novamente do meu propósito.]

Se o Sal era assim tão inteligente e estava destinado a estudar em Oxford, como será possível que as provas que o associam ao homicídio da Andie sejam tão óbvias? E se ele não tivesse de facto um álibi para o período em que a Andie esteve desaparecida? Era suficientemente inteligente para se safar de outra maneira qualquer, parece-me agora bastante claro.

P.S.: Estávamos a jogar Monopólio com a Naomi e... talvez me tenha precipitado nas minhas conclusões. Ela ainda faz parte da lista de pessoas sob suspeita, mas considerá-la uma assassina? É simplesmente impossível. Recusa-se a pôr casas no tabuleiro mesmo quando tem duas propriedades azuis-escuras, porque acha que seria demasiado maldoso da sua parte. No meu

caso, começo a comprar hotéis logo que posso e desato a rir quando os outros vão parar direitinhos à minha armadilha mortal. Até eu tenho mais instinto assassino do que a Naomi.

No dia seguinte, Pip estava a dar uma última vista de olhos ao requerimento que iria enviar para a Polícia de Thames Valley a pedir algumas informações. No seu quarto o ar permanecia estagnado e sufocante, e o sol parecia estar ali fechado com ela, igualmente acabrunhado, embora ela já tivesse aberto a janela para o deixar sair.

Pip ouviu vagamente alguém bater à porta assim que anuiu verbalmente ao acabar de ler o seu próprio *e-mail*, tendo dito «Sim, está bom» antes de carregar no botão de enviar; esse minúsculo clique que viria a dar início a um período de espera de vinte dias úteis.

— Pips — ouviu-se o berro de Victor do andar de baixo. — Bateram à porta, é para ti.

O ar foi-se tornando um pouco mais fresco a cada passo que dava ao descer as escadas, e Pip trocou o primeiro círculo do inferno do seu quarto por um calor já bastante tolerável. Dobrou depois a esquina a seguir ao patamar das escadas, com uma ligeira derrapagem das meias no soalho, e contudo deteve-se a meio caminho assim que deparou com Ravi Singh à porta. O pai dela falava-lhe com entusiasmo. O calor voltou a subir-lhe às faces.

— Hum... Olá — disse Pip, aproximando-se deles. Porém, as rápidas pancadinhas das patas no soalho tornaram-se mais audíveis atrás dela assim que *Barney* abriu caminho e passou à sua frente, lançando o focinho à virilha de Ravi.

— Não, *Barney*, para baixo — gritou Pip, avançando num ápice. — Desculpa, ele é um bocado atrevido.

— Isso é coisa que se diga acerca do teu pai? — disse Victor.

Pip olhou para ele de sobrolho franzido.

— Está bem, já percebi — disse ele, começando logo a afastar-se na direção da cozinha.

Ravi baixou-se para fazer festas a *Barney*, e Pip sentiu a ventoinha da cauda do cão soprar-lhe nos tornozelos.

— Como sabias a minha morada? — perguntou Pip.

— Informei-me na agência imobiliária onde a tua mãe trabalha — disse ele, endireitando-se. — A sério, a tua casa é um verdadeiro palácio.

— Bom, o estranho que acabou de te abrir a porta é um advogado especializado em direito empresarial.

— Não é um rei?

— Só às vezes — disse ela.

Pip reparou que Ravi olhava para baixo, e, embora os seus lábios trémulos

tentassem conter o riso, viu-o sorrir de orelha a orelha. Foi então que tomou consciência da forma como estava vestida: umas jardineiras de ganga muito largas por cima de uma *T-shirt* com as palavras *TALK NERDY TO ME*²² gravadas junto ao peito.

— Hum... então, qual é a razão da visita? — disse ela. Sentiu uma volta no estômago e só então se deu conta de que estava nervosa.

— Eu... vim cá porque... queria pedir desculpa. — Cabisbaixo, Ravi fitou-a com os seus olhos grandes debaixo de umas sobrancelhas franzidas. — Irritei-me e disse coisas que não devia ter dito. Não acho que sejas só uma miúda qualquer. Desculpa.

— Não faz mal — disse Pip. — Eu também peço desculpa. A minha intenção não era intrometer-me e defender-te dos outros. Só queria ajudar, só queria que aquela mulher soubesse que aquilo que disse não está certo. Mas às vezes a minha boca começa a debitar palavras antes de as conferir primeiro com o cérebro.

— Oh, quanto a isso tenho as minhas dúvidas — disse ele. — Aquele comentário acerca da cara de cu foi bastante inspirado.

— Ouviste isso?

— A versão arrojada da Pip fez-se ouvir alto e bom som.

— Já ouvi dizer que há outras versões da Pip que se fazem ouvir alto e bom som, como a Pip dos concursos de perguntas e respostas na escola e a Pip que gosta de corrigir a gramática dos outros. Quer então dizer que... está tudo bem entre nós?

— Tudo bem — disse ele sorrindo e voltando a baixar os olhos na direção do cão. — Eu e a tua criatura humana estamos bem.

— Na verdade, estava prestes a sair para ir dar uma volta com o cão. Queres vir connosco?

— Sim, claro — disse ele, afagando as orelhas de *Barney*. — Como podia dizer não a esta carinha laroca?

Pip esteve prestes a dizer, *Oh, por favor, ainda me fazes corar*, mas depois conteve-se.

— Ok, vou só buscar os meus sapatos. Quietos, *Barney*.

Pip correu até à cozinha. A porta das traseiras estava aberta, e viu os pais ocupados com pequenos afazeres junto às flores e Josh entretido a jogar futebol, como era seu hábito.

— Vou levar o *Barns* à rua. Até já — berrou ela para o exterior, e a mãe acenou-lhe com a mão enfiada na luva de jardinagem para lhe dar entender que tinha ouvido.

Pip enfiou num ápice os ténis-proibidos-na-cozinha que tinha deixado precisamente na cozinha e, quando já ia a caminho da porta, agarrou na trela do cão.

— Já está, vamos — disse, prendendo a trela à coleira de *Barney* antes de fechar a porta ao sair.

Ao saírem do caminho de acesso à casa, atravessaram a rua e enveredaram pelo bosque que ficava do lado oposto. Pip sentiu com alívio o rendilhado das sombras projetado sobre as suas faces quentes. Solto *Barney* da trela, e o cão afastou-se num ápice.

— Sempre quis ter um cão. — Ravi fez um esgar sorridente quando *Barney* voltou atrás para os apressar. Depois deteve-se, mexendo o maxilar enquanto ruminava algum pensamento em silêncio. — Mas o Sal era alérgico, por isso nunca pudemos...

— Oh... — Pip não sabia ao certo o que dizer.

— No *pub* onde trabalho, há uma cadela; é a cadela do dono. Chama-se *Peanut* e é uma grand danois que passa a vida a babar-se. Às vezes, deixo-lhe uns restos *sem querer*. Não contes a ninguém.

— Sou totalmente a favor de deixar restos *sem querer* — disse ela. — Qual é o *pub* onde trabalhas?

— O *George and Dragon*, para os lados de Amersham. Não é aquilo que quero fazer para sempre. É só para poupar algum dinheiro, o suficiente para poder ir para o lugar mais afastado de Little Kilton que conseguir.

Ao ouvir isto, Pip sentiu uma pena tremenda dele, uma pena para a qual não tinha palavras e que lhe deixou um nó na garganta.

— O que queres fazer para sempre?

Ravi encolheu os ombros.

— Dantes, queria ser advogado.

— Dantes? — Pip deu-lhe um ligeiro toque com o cotovelo. — Acho que te irias sair muito bem.

— Hum, não quando as únicas notas dos exames que recebi compõem a palavra *DUUUDDEE*.²³

Ravi disse-o em tom de piada, mas Pip sabia que para ele não era piada nenhuma. Tanto um como o outro sabiam que a escola tinha passado a ser um verdadeiro pesadelo para Ravi após a morte de Andie e de Sal. Pip tinha inclusive chegado a testemunhar as piores demonstrações de *bullying*. Tinha visto letras vermelhas a escorrerem tinta do seu cacifo: *Tal irmão, tal irmão*. E lembrava-se também da manhã de neve em que oito rapazes mais velhos o tinham imobilizado no chão e virado quatro caixotes do lixo a transbordar por cima da cabeça dele. Jamais se esqueceria da expressão que vira no rosto de Ravi, na altura com 16 anos. Jamais.

Foi então que, como um balde de água fria que a deixou com um nó no estômago, Pip tomou consciência do lugar onde estavam.

— Oh, meu Deus — disse ela num sobressalto, cobrindo o rosto com as mãos. — Peço-te imensa desculpa, nem sequer me ocorreu tal coisa. Esqueci-me

completamente de que este é o bosque onde encontraram o Sal...

— Não faz mal — disse Ravi, interrompendo-a. — A sério. Não tens culpa de que o bosque mais próximo de tua casa seja precisamente este. Além do mais, não há lugar algum em Kilton que não me faça lembrar dele.

Pip deteve-se alguns instantes a observar *Barney* e Ravi, vendo o cão deixar cair o pau aos pés de Ravi e este brandir o braço, fingindo atirá-lo novamente, fazendo com que o cão recuasse, avançasse e depois recuasse novamente, até se decidir finalmente a atirá-lo outra vez.

Mantiveram-se em silêncio durante algum tempo. Porém, o silêncio não os deixava desconfortáveis na presença um do outro; era um silêncio carregado de réstias de pensamentos que ambos entretinham a sós. E, como se revelou passados instantes, os pensamentos de um e de outro tinham enveredado pelo mesmo caminho.

— Desconfiei de ti quando foste bater à minha porta pela primeira vez — disse Ravi. — Mas não acreditas mesmo que o Sal tenha feito aquilo, pois não?

— Não consigo acreditar em tal coisa — disse ela, galgando uma velha árvore caída. — O meu cérebro nunca mais conseguiu desligar-se do que aconteceu. Por isso, quando surgiu lá na escola esta coisa do projeto, aproveitei logo a desculpa para poder reavaliar o caso.

— É a desculpa ideal — disse ele, assentindo com a cabeça. — Eu não tive nada do género.

— Como assim? — Pip voltou-se para ele, brincando com a trela à volta do pescoço.

— Há três anos, tentei fazer o mesmo que tu. Os meus pais disseram-me para esquecer o assunto e que só iria dificultar ainda mais a minha vida, mas na altura recusei-me a aceitá-lo.

— Tentaste investigar o caso?

Fez continência em jeito de brincadeira e depois disse em voz grossa:

— Afirmativo, sargento. — Era como se não se pudesse dar ao luxo de parecer vulnerável, como se não pudesse manter uma pose séria o tempo suficiente sem com isso mostrar vulnerabilidade. — Mas não consegui chegar a nenhuma conclusão — prosseguiu. — Era impossível. Telefonei à Naomi Ward quando ela ainda andava na universidade, mas ela só chorava e dizia que não podia falar comigo acerca do assunto. O Max Hastings e o Jake Lawrence nunca responderam às minhas mensagens. Tentei entrar em contacto com os melhores amigos da Andie, mas bastava dizer-lhes quem era para desligarem a chamada. Digamos que ser o irmão do assassino não é propriamente o melhor cartão de visita. E, como é óbvio, contactar a família da Andie estava fora de questão. Estava demasiado próximo do caso e tinha consciência disso. Era demasiado parecido com o meu irmão, demasiado parecido com o «assassino». E não podia recorrer à desculpa do projeto da escola.

— Lamento muito — disse Pip, sem palavras e embaraçada com a injustiça da situação.

— Não é preciso — encorajou-a Ravi. — Ao menos desta vez não estou sozinho nisto. Continua, quero ouvir as tuas teorias. — Pegou no pau de *Barney*, agora coberto de baba, e arremessou-o na direção das árvores.

Pip hesitou.

— Continua. — Sorriu-lhe com o olhar, arqueando a sobancelha. Estaria a testá-la?

— OK, neste momento tenho quatro teorias — disse ela e pela primeira vez começou a verbalizá-las. — Claro que a versão mais óbvia dos acontecimentos é a história comumente aceite, isto é, que foi o Sal a matá-la e que a culpa e o medo de ser apanhado o levaram ao suicídio. A polícia poderia argumentar que as únicas razões pelas quais existem lacunas no caso é porque o cadáver da Andie não foi recuperado e porque o Sal não está vivo para relatar como tudo aconteceu. Mas a minha primeira teoria — disse ela, espetando um dedo no ar e certificando-se de que não era o do meio — é que foi uma terceira pessoa a matar a Andie Bell, embora o Sal tivesse estado de algum modo envolvido no caso, talvez na qualidade de cúmplice por encobrimento. Mais uma vez, terá sido o sentimento de culpa a levá-lo a cometer suicídio, e as provas que encontraram no corpo implicam-no como autor do crime, embora não tenha sido ele a matá-la. O verdadeiro assassino continua à solta.

— Sim, também pensei nisso. Mas, mesmo assim, não gosto dessa teoria. Qual é a próxima?

— Teoria número dois — disse ela. — Houve uma terceira pessoa envolvida no caso que matou a Andie, sendo que o Sal não esteve de modo algum envolvido no crime nem teve conhecimento do mesmo. O seu suicídio, ocorrido alguns dias mais tarde, não foi motivado pelo sentimento de culpa de um homicida, mas talvez por uma série de fatores diversos, incluindo a pressão a que esteve sujeito, derivada do desaparecimento da sua namorada. As provas que encontraram no corpo dele — o sangue e o número de telemóvel — têm uma explicação perfeitamente inocente e não estão relacionadas com a morte dela.

Ravi acenou com a cabeça com um ar pensativo.

— Ainda assim, continuo a achar que o Sal não seria capaz de fazer aquilo, mas tudo bem. Qual é a terceira teoria?

— Terceira teoria. — Pip engoliu em seco, sentindo a secura colar-se-lhe à garganta. — A Andie é assassinada por uma terceira pessoa na sexta-feira. O assassino sabe que o Sal, namorado da Andie, daria o suspeito perfeito. Especialmente tendo em conta que parece não ter nenhum álibi para justificar o seu paradeiro durante mais de duas horas nessa noite. O assassino mata o Sal e faz com que o crime pareça um suicídio. Mancham-lhe o corpo de sangue e escrevem-lhe na pele o número de telemóvel de forma a incriminá-lo. Tudo corre

conforme previsto.

Ravi deteve os passos por instantes.

— Achas realmente possível que o Sal tenha sido assassinado?

Ao dar-se conta do olhar aguçado de Ravi, Pip percebeu que era essa a resposta de que andara à procura.

— Acho que, teoricamente, é uma hipótese a ser considerada — disse Pip, assentindo com a cabeça. — A quarta teoria é a mais rebuscada de todas. Respirou fundo e disse de um fôlego: — Ninguém matou a Andie Bell, até porque ela não está morta. A Andie simulou o seu desaparecimento e depois arranjou maneira de levar o Sal para o bosque, matou-o e fez com que o crime parecesse suicídio. Foi ela que escreveu o próprio número de telefone no corpo dele e o encheu de sangue, para que toda a gente pensasse que estava morta. Por que razão haveria de o fazer? Talvez precisasse de desaparecer do mapa por alguma razão. Talvez temesse pela própria vida e precisasse de fazer crer a outras pessoas que já estava morta. Talvez tivesse até um cúmplice no meio disto tudo.

Ficaram novamente em silêncio, enquanto Pip procurava ganhar fôlego e Ravi ponderava lentamente as respostas dela ao caminhar, com um lábio superior saliente a denotar concentração.

Tinham dado uma volta completa no bosque; através das árvores que se perfilavam adiante, era possível discernir a estrada batida pelo sol. Pip chamou *Barney* e pôs-lhe novamente a trela. Atravessaram a estrada e foram a caminhar em passo vagaroso até à porta de casa dela.

Seguiu-se um momento de silêncio algo incómodo, e Pip ficou indecisa sobre se o deveria convidar a entrar. Ele parecia estar à espera de alguma coisa.

— Bom — disse Ravi, coçando a cabeça com uma mão e passando a outra pela cabeça do cão —, o motivo da minha visita de hoje é... Quero fazer um acordo contigo.

— Um acordo?

— Sim, quero entrar nisto — disse, notando-se-lhe um ligeiro frémito na voz. — Nunca tive uma hipótese, sequer, mas, quanto a ti, a situação é diferente. Tens um papel de espectador neste caso, e a desculpa do projeto da escola poderá abrir-te algumas portas. Tens a possibilidade de falar realmente com as pessoas. Através de ti, poderei vir a descobrir aquilo que realmente aconteceu. Há muito que espero por uma oportunidade como esta.

Pip voltou a sentir as faces quentes e afogueadas, e a voz ligeiramente trémula de Ravi fez com que sentisse um aperto no peito. Estava realmente a contar com a ajuda dela; quando começara o projeto, jamais lhe ocorrera que tal pudesse acontecer. Uma parceria com Ravi Singh.

— Por mim, está combinado — disse ela com um sorriso, estendendo a mão.

— Combinado — disse ele, tomando a mão dela na sua mão quente e ligeiramente pegajosa, embora se tenha esquecido de a apertar. — *OK*, tenho

uma coisa para ti. — Levou a mão ao bolso de trás das calças, retirou um velho *iPhone* e exibiu-o na palma da mão aberta.

— Hum, já tenho um desses, mas obrigada na mesma — disse Pip.

— É o telemóvel do Sal.

²² O termo *nerd* é habitualmente utilizado para indicar uma obsessão com a tecnologia ou a ciência ou mesmo para designar uma pessoa introvertida, com poucas competências sociais, ou ainda alguém que é especialista num determinado domínio técnico ou área de estudo. Uma das possíveis traduções da frase é: «Diz-me coisas *nerds*.» (NT)

²³ *Dude*: forma de tratamento coloquial que corresponde a «meu», em português. Em Inglaterra, até 2017, os exames do ensino secundário eram avaliados de acordo com a seguinte tabela de classificação, da nota mais elevada à mais baixa: A*, A, B, C, D, E, F, G e U. (NT)

— Como assim? — Pip ficou a olhar para ele, boquiaberta.

Ravi respondeu brandindo o telemóvel, sacudindo-o ligeiramente no ar.

— Isso é do Sal? — perguntou Pip. — Como o tens contigo?

— A polícia cedeu-nos o telemóvel dele poucos meses depois de terem dado por encerrada a investigação do caso da Andie.

Uma faísca fulgurante e discreta atravessou a nuca de Pip.

— Posso... — disse — posso dar uma vista de olhos?

— Claro — disse ele a rir. — Foi para isso mesmo que o trouxe, sua tola.

A excitação tomou posse dela num rompante desenfreado, veloz e atordoador.

— Oh, céus — disse ela, já desorientada, apressando-se a levar a chave à porta. — Vamos entrar e dar-lhe uma vista de olhos no meu gabinete de trabalho.

Tanto ela como *Barney* precipitaram-se para a entrada, mas houve um terceiro par de pés que não os seguiu. Pip voltou-se num ápice.

— Qual é a graça? — disse. — Despacha-te.

— Desculpa, é só que és muito engraçada quando te pões ainda mais séria do que de costume.

— Rápido — disse ela, encaminhando-o com um gesto na direção das escadas. — Não o deixes cair.

— Não o vou deixar cair.

Pip subiu os degraus a correr, e Ravi seguiu-a com passos demasiado vagarosos. Antes que tivesse tempo de chegar, a rapariga fez uma vistoria rápida ao quarto para evitar alguma situação embaraçosa.

Lançou-se de seguida a uma pilha de sutiãs lavados de fresco que estavam junto à cadeira, juntou-os e enfiou-os numa gaveta, fechando-a com estrondo no preciso momento em que Ravi entrou no quarto. Fez-lhe então sinal para que se sentasse na cadeira de escritório, que era pouco firme para ela.

— Gabinete de trabalho? — perguntou ele.

— Exatamente — disse ela. — Algumas pessoas optam por trabalhar nos respetivos quartos. Eu durmo no meu gabinete de trabalho. É bastante diferente.

— Ora aqui tens. Carreguei-o ontem à noite.

Passou-lhe o telemóvel para as mãos, e ela tomou-o nas palmas em concha com a mesma destreza deliberada e o mesmo cuidado que mostrava todos os anos ao desembulhar as bugigangas que o seu primeiro pai lhe comprava nos bazares de Natal.

— Chegaste a inspecioná-lo alguma vez? — perguntou ela, deslizando o

dedo pelo ecrã para desbloquear o aparelho com um cuidado que nunca tivera com os seus próprios telemóveis, nem mesmo com o mais recente.

— Sim, claro. Como se um louco. Mas agora é todo teu, sargento. O que é que *tu* inspecionarias primeiro?

— O registo de chamadas — disse ela, tocando ao de leve na tecla verde com o desenho de um telefone.

Primeiro, percorreu com os olhos a lista de chamadas perdidas. Havia muitas dessas chamadas recebidas no dia 24 de abril, a terça-feira em que ele morrera. Chamadas do *Pai*, da *Mãe*, do *Ravi*, da *Naomi* e do *Jake*, entre outros números não gravados que certamente seriam da polícia a tentar localizá-lo.

Pip percorreu a lista até alcançar os registos mais antigos, correspondentes à data do desaparecimento de Andie. O telemóvel de Sal registava duas chamadas não atendidas nesse dia. Uma era de *Max-y Boy*, recebida às 19h19, provavelmente uma chamada de Max do género *a-que-boras-vens*. A outra chamada perdida, conforme Pip pôde constatar com um baque no coração, era de *Andie*<3, recebida às 20h54.

— A Andie telefonou-lhe nessa noite — disse Pip para si mesma e para Ravi.
— Pouco antes das nove.

Ravi acenou com a cabeça.

— Mas o Sal não atendeu.

— Pippa! — A voz brincalhona-mas-séria de Victor trepou pelas escadas. — Não quero rapazes no quarto.

Pip sentiu uma onda de calor invadir-lhe as faces. Voltou-se, ficando de costas para Ravi para que este não pudesse ver, e depois gritou em resposta:

— Estamos a trabalhar no meu PIA! Tenho a porta aberta.

— OK, tudo bem! — ouviu-se do andar de baixo.

Olhou de relance para Ravi e reparou que ele estava novamente a rir-se baixinho dela.

— Para de achar graça à minha vida — disse ela, voltando a olhar para o telemóvel.

De seguida, começou a inspecionar a lista de chamadas que Sal tinha feito. O nome de Andie surgia repetido inúmeras vezes em longas sequências. De vez em quando, essas sequências surgiam interrompidas por uma chamada ocasional para casa ou para o pai, contando-se também uma para Naomi no sábado. Pip demorou alguns instantes a contar todas as vezes que o nome de Andie surgia: entre as 10h30 de sábado e as 07h20 de terça-feira, Sal telefonara-lhe 112 vezes. Cada uma dessas chamadas durara apenas dois ou três segundos; tinham ido todas parar diretamente ao correio de voz.

— Ele telefonou-lhe mais de cem vezes — disse Ravi, percebendo a expressão no rosto dela.

— Porque haveria o Sal de lhe telefonar tantas vezes se supostamente fora ele

a matá-la e a esconder algures o telemóvel dela? — perguntou Pip.

— Há uns anos, entrei em contacto com a polícia e fiz-lhes exatamente a mesma pergunta — disse Ravi. — O agente da polícia disse-me que era óbvio que o Sal tinha feito um esforço deliberado para parecer inocente nesta história toda ao telefonar tantas vezes para o telemóvel da vítima.

— Mas — contrapôs Pip — se eles chegaram à conclusão de que o Sal estava a fazer um esforço para parecer inocente de forma a evitar ser apanhado, porque não se desfez algures do telemóvel da Andie? Poderia ter deixado o telemóvel dela no mesmo lugar onde supostamente se livrou do corpo, já que, ao fazê-lo, jamais incorreria em risco de o associarem à morte dela. Se o objetivo fosse não ser apanhado, porque haveria de ficar na posse da prova mais cabal do caso? E depois sentir-se desesperado a ponto de acabar com a própria vida, conservando essa prova fundamental?

Ravi fingiu dois disparos na direção dela com o polegar e indicador esticado.

— O agente da polícia também não soube responder a isso.

— Chegaste a ler as últimas mensagens escritas que a Andie e o Sal trocaram? — perguntou ela.

— Sim, ora espreita lá. Não te preocupes, não são mensagens eróticas nem nada disso.

Pip regressou ao ecrã principal e abriu a aplicação das mensagens escritas. Clicou então no ícone com o nome de Andie, sentindo-se como uma intrusa a galgar a barreira do tempo.

Sal enviara duas mensagens a Andie depois de esta ter desaparecido. A primeira fora na manhã de domingo: *andie volta para casa está toda a gente preocupada*. E depois, na tarde de segunda-feira: *por favor telefona a alguém só para sabermos que estás bem*.

A mensagem que precedia estas duas fora enviada na sexta-feira em que ela fora dada como desaparecida. Às 21h01, Sal enviara-lhe uma mensagem a dizer: *não volto a falar contigo enquanto não parares*.

Pip mostrou a Ravi a mensagem que tinha acabado de ler.

— Ele disse-lhe isto logo depois de ter ignorado a chamada dela nessa noite. Fazes ideia do que poderá ter provocado a discussão entre os dois? O Sal queria que a Andie parasse com o quê, exatamente?

— Não faço ideia.

— Achas que posso transcrever isto para o meu projeto de investigação? — perguntou ela, esticando o braço por cima dele para alcançar o computador portátil. De seguida, instalou-se na sua cama e transcreveu o texto das mensagens, com erros gramaticais e tudo.

— Agora tens de dar uma vista de olhos à última mensagem que ele enviou ao meu pai — disse Ravi. — A tal que eles dizem que é a confissão dele.

Pip percorreu o ecrã até chegar à mensagem. Às 10h17 da derradeira terça-

feira, Sal escrevera ao pai: *fui eu. sou eu o culpado. perdoem-me*. Os olhos de Pip percorreram várias vezes a mensagem, procurando desvendar um pouco mais do seu sentido a cada leitura. Cada bloco pixelizado que correspondia a uma letra era um enigma, o género de enigma que só se pode resolver quando deixamos de olhar e começamos a ver.

— Também já deste conta, certo? — Ravi continuava a observá-la.

— Da gramática? — disse Pip, procurando um sinal de concordância no olhar dele.

— O Sal era a pessoa mais inteligente que já conheci — disse ele —, mas as mensagens de texto dele pareciam de um verdadeiro analfabeto. Sempre apressadas, sem pontuação ou maiúsculas.

— Devia ter o corretor automático desligado — disse Pip. — Ainda assim, temos três pontos finais e um hífen na última mensagem. Embora esteja tudo escrito em minúsculas.

— E que ilações tiras disso? — perguntou Ravi.

— O meu pensamento não dá saltos pequenos, Ravi — disse ela. — Dá saltos do tamanho do Everest. A conclusão que tiro disto é que a mensagem foi escrita por outra pessoa. Alguém que se encarregou de acrescentar a pontuação, simplesmente porque seria assim que essa pessoa estaria habituada a escrever mensagens de texto. Provavelmente, essa pessoa terá verificado à pressa a mensagem e chegado à conclusão de que parecia o Sal a escrever porque estava tudo em minúsculas.

— Foi isso mesmo que pensei na altura em que recuperámos o telemóvel. A polícia limitou-se a mandar-me embora. Os meus pais também não quiseram saber — disse ele com um suspiro. — Acho que têm um pavor de morte de tudo o que seja falsas esperanças. E o mesmo se passa comigo, para ser sincero.

Pip pesquisou por alto os restantes menus do telemóvel. Sal não tinha tirado nenhuma fotografia na noite em questão, e também não havia nenhum registo fotográfico desde a data do desaparecimento de Andie. Para se certificar, Pip inspecionou também a pasta dos arquivos apagados. Os lembretes diziam unicamente respeito aos trabalhos escritos que tinha de entregar, além de outro acerca de comprar um presente para o aniversário da mãe.

— Há uma coisa curiosa na pasta das notas — disse Ravi, aproximando a cadeira antes de abrir a aplicação para ela verificar.

As notas eram bastante antigas: a palavra-passe do *wi-fi* de casa de Sal, uma página apenas com estágios profissionais que escolhera para se candidatar. Porém, havia uma nota um pouco mais recente, escrita numa quarta-feira, dia 18 de abril de 2012. Pip clicou na nota. Nessa página fora escrita apenas uma coisa: *R009 KKJ*.

— É a matrícula de um carro, certo? — disse Ravi.

— Parece, sim. Ele escreveu isto na pasta das notas dois dias antes de a Andie

ter sido dada como desaparecida. A matrícula diz-te alguma coisa?

Ravi abanou a cabeça.

— Tentei procurá-la no Google, na esperança de descobrir quem era o proprietário, mas não tive sorte.

Mesmo assim, Pip transcreveu a matrícula no seu diário de produção, bem como a hora exata a que a nota fora editada pela última vez.

— Pronto — disse Ravi — foi tudo o que consegui descobrir.

Pip lançou um último olhar sorumbático ao telemóvel antes de o devolver.

— Parece desiludida — disse ele.

— Tinha só esperança de encontrar algo mais substancial que nos pudesse servir de pista. Não há dúvida de que os erros gramaticais e as inúmeras chamadas para a Andie fazem com que pareça inocente em todo este caso, mas não chegam para dar um novo rumo à investigação.

— Por enquanto, não — disse ele —, mas tinhas de ver isto. Tens alguma coisa de novo para me mostrares?

Pip hesitou. Na verdade até tinha, mas uma dessas coisas era o possível envolvimento de Naomi. O seu instinto protetor entrou em ação, obrigando-a a calar-se. No entanto, se iam realmente ser parceiros na investigação, teriam de estar perfeitamente entrosados um com o outro. Tinha consciência disso. Abriu a pasta de documentos onde guardava o diário de produção, deslizou o cursor para subir a página e passou o portátil para as mãos de Ravi.

— Até agora, é tudo o que tenho — disse.

Ele deu uma vista de olhos ao documento em silêncio e depois devolveu-lhe o computador, desta feita com uma expressão pensativa no rosto.

— OK, portanto, a questão do itinerário que terá servido de álibi ao Sal permanece um enigma — disse. — Acho que ele esteve sozinho depois de ter saído de casa do Max, às dez e meia da noite, até porque isso explica a razão de ter entrado em pânico e de ter pedido aos amigos que mentissem para o proteger. É possível que tenha simplesmente parado a caminho de casa e decidido sentar-se num banco a jogar *Angry Birds* ou qualquer coisa do género.

— Concordo — disse Pip. — O mais provável é ter estado sozinho durante esse período de tempo, por isso não podia ter um álibi; é a única explicação que faz sentido. Por isso, podemos descartar essa linha de investigação. Parece-me que o próximo passo será tentarmos descobrir tudo o que conseguirmos acerca da vida da Andie e, durante o processo, identificar alguém que pudesse ter tido algum motivo para a matar.

— Adivinhaste o meu pensamento, sargento — disse ele. — Talvez possas começar pelas melhores amigas da Andie, a Emma Hutton e a Chloe Burch. É bastante provável que aceitem falar contigo.

— Já enviei mensagens às duas, mas ainda não recebi resposta.

— OK, ótimo — disse ele, acenando com a cabeça para si mesmo e depois

para o portátil. — Nessa entrevista que fizeste ao jornalista, falaste em algumas incongruências no caso. Detetaste outras para além dessas?

— Bom, se tivesses matado alguém, irias lavar-te várias vezes da cabeça aos pés, incluindo as unhas. Especialmente se andasses a inventar álibis e a simular telefonemas para pareceres inocente no caso. Acho que te lembrarias de... oh, sei lá, de te livrar do maldito do sangue que te tinha ficado nas mãos, de forma que não fosses apanhado em flagrante.

— Sim, e uma coisa é certa: o Sal não seria estúpido a ponto de não o fazer. Mas... e as impressões digitais dele que encontraram no carro da Andie?

— Seria expectável que encontrassem as impressões digitais do Sal no carro; afinal de contas, era namorado dela — disse Pip. — Não é possível datar com precisão as impressões digitais.

— E quanto a terem escondido o cadáver? — Ravi inclinou-se para a frente. — Dado o facto de morarmos onde moramos, podemos depreender que terá sido enterrada algures no bosque ou nas proximidades da cidade.

— Exatamente — assentiu Pip com um aceno de cabeça. — Uma cova suficientemente profunda para que jamais conseguissem encontrá-la. Como poderia o Sal ter tido o tempo necessário para escavar um buraco tão fundo só com as mãos? Seria uma carga de trabalhos, mesmo com uma pá.

— A menos que não tenha sido enterrada.

— Sim, mas uma pessoa que quisesse livrar-se de um cadáver de outras formas teria necessariamente de dispor de mais tempo e de mais ferramentas — disse Pip.

— E esta é apenas a versão mais óbvia dos acontecimentos, como disseste.

— Supostamente — disse ela. — Até ao momento em que começamos a perguntar *onde, o quê e como*.

Provavelmente, achavam que ela não os conseguia ouvir. Os pais, a discutirem lá em baixo, na sala. Há muito que se apercebera de que «Pip» era uma palavra que atravessava especialmente bem tudo o que era paredes e pisos.

Ao escutar através da fresta da porta, não era difícil apanhar alguns retalhos da conversa e juntá-los até ficar com uma ideia daquilo que eles diziam. À mãe não agradava a ideia de Pip estar a dedicar tanto tempo do verão a um trabalho escolar. Ao pai não agradava o facto de a mãe o ter dito. Depois, a mãe ficou aborrecida com o facto de o pai ter interpretado mal aquilo que ela quisera dizer. Achava que a obsessão da filha pelo caso Andie Bell não seria saudável para ela. Já o pai ficava aborrecido com o facto de a mãe não dar espaço a Pip para cometer os seus próprios erros, se é que era disso que se tratava.

Pip cansou-se daquele pugilismo verbal e fechou a porta do quarto. Sabia que aquela disputa cíclica acabaria por se esgotar passado pouco tempo, sem que se impusesse a necessidade de uma intervenção imparcial. Além do mais, tinha um telefonema importante para fazer.

Na semana anterior, Pip enviara uma mensagem privada para as duas melhores amigas de Andie. Emma Hutton respondera horas antes com um número de telemóvel, dizendo que não se importava de responder a «uma ou outra pergunta» nessa mesma noite, quando fossem oito horas. Ao contar isto a Ravi, Pip recebera uma mensagem que consistia unicamente numa página inteira de *emojis* com caras chocadas e punhos cerrados em jeito de celebração.

Pip olhou de relance para o relógio na barra de ferramentas do computador, e essa olhadela transformou-se num olhar fixo. O relógio continuava teimosamente a marcar as 19h58.

— Oh, vá lá — disse ela depois de ter contado duas vezes até dez e percebido que o algarismo oito no marcador dos minutos ainda não dera lugar a um nove.

Quando isso aconteceu, uma eternidade depois, Pip disse «Já posso» e carregou no botão de gravar da aplicação do telemóvel. Marcou o número de Emma, sentindo um formigueiro na pele provocado pelos nervos. A chamada foi atendida ao terceiro toque.

— Está? — ouviu-se uma voz aguda e doce.

— Olá, Emma, daqui fala a Pippa.

— Ah, sim, olá. Espera um segundo, deixa-me só subir para o meu quarto.

Pip aguardou com impaciência, ouvindo o som dos passos de Emma a galgarem o lance de escadas.

— OK — disse ela. — Portanto, disseste que estás a fazer um trabalho acerca

da Andie, é isso?

— É mais ou menos isso, sim. É sobre a investigação que fizeram em torno do desaparecimento dela, sem esquecer o papel dos *media* em todo esse processo. É uma espécie de estudo de caso.

— OK — disse Emma, denunciando alguma hesitação no tom de voz. — Não sei até que ponto poderei ajudar em alguma coisa.

— Não te preocupes, só tenho algumas perguntas básicas para te fazer acerca da investigação, consoante aquilo que recordares dela — disse Pip. — Bom, em primeiro lugar, quando soubeste que ela estava desaparecida?

— Hum... foi por volta da uma da manhã. Os pais dela telefonaram-me, a mim e à Chloe Burch; éramos as melhores amigas da Andie. Disse-lhes que não tinha estado com a Andie nem recebido notícias dela, mas que iria fazer algumas chamadas para me informar. Tentei telefonar ao Sal Singh nessa noite, mas ele só atendeu o telemóvel na manhã seguinte.

— A polícia chegou a entrar em contacto contigo? — perguntou Pip.

— Sim, na manhã de sábado. Vieram cá a casa para me fazerem algumas perguntas.

— E o que lhes disseste?

— A mesma coisa que já tinha dito aos pais da Andie. Que não fazia ideia do local onde ela pudesse estar; que não me tinha dito que ia para algum lado em particular. Fizeram-me também perguntas acerca do namorado da Andie, e foi então que lhes falei no Sal, que lhe tinha ligado pouco tempo antes e que lhe contara que ela estava desaparecida.

— O que lhes contaste sobre o Sal?

— Bom, disse-lhes só que nessa semana parecia ter havido uma espécie de briga entre eles na escola. Vi-os discutir na quinta e na sexta-feira, disso tenho a certeza, o que não era nada habitual. Geralmente, era a Andie que se zangava com ele, já que o Sal não se deixava envolver. Mas dessa vez ele pareceu-me mesmo furioso com alguma coisa.

— O que seria? — perguntou Pip. De repente, tornou-se mais clara para ela a razão de a polícia ter achado prudente entrevistar Sal nessa tarde.

— Sinceramente, não faço ideia. Quando toquei no assunto, a Andie disse simplesmente que ele estava a ser «um cabraozinho» a propósito de qualquer coisa.

Pip ficou surpreendida.

— OK — disse. — Então a Andie não tinha planeado estar com o Sal nessa sexta-feira?

— Não, aliás, ela não tinha planeado nada; devia ter ficado em casa nessa noite.

— Ah... Então porquê? — Pip endireitou-se no assento.

— Hum, não sei se devo contar.

— Não te preocupes — Pip tentou ocultar o desespero no tom de voz — acredita que, se não for relevante, não entrará no meu projeto. Mas sempre poderá ajudar-me a compreender melhor as circunstâncias do seu desaparecimento dela.

— OK, está bem. Bom, a Becca, a irmã mais nova da Andie, tinha sido internada no hospital semanas antes por se ter automutilado. Entretanto, os pais dela tiveram de se ausentar, por isso disseram à Andie que teria de ficar em casa a tomar conta da Becca.

— Oh... — foi a única coisa que Pip pôde dizer.

— Pois é, pobre miúda. E, mesmo assim, a Andie deixou-a sozinha. Só agora, olhando para trás, é que percebo quão difícil deve ter sido para ela ter uma irmã mais velha como a Andie.

— O que queres dizer com isso?

— Hum... Não sei, não quero estar a dizer mal de alguém que já não está entre nós, mas... Entretanto, passaram-se cinco anos, e eu cresci e refletir sobre tudo isto. Quando olho para trás e começo a pensar nesses tempos, não gosto nada da pessoa que era antigamente. A pessoa que era quando estava com a Andie.

— Achas que ela foi uma má amiga para ti? — Pip não queria falar demasiado; era necessário, isso sim, que Emma continuasse a falar.

— Sim e não. É muito difícil de explicar — disse Emma com um suspiro. — A amizade da Andie era muito destrutiva, mas na altura eu estava viciada nela. Queria ser a Andie. Não vais escrever nada disto, pois não?

— Não, claro que não. — Uma pequena mentira.

— OK. Bom, a Andie era linda, era popular, era divertida. O mero facto de seres amiga dela e de ela querer passar tempo contigo fazia com que te sentisses especial. Desejada. E depois ela acabava por se passar e servir-se das tuas inseguranças para te deitar abaixo e magoar-te. Mesmo assim, tanto eu como a Chloe Burch não deixávamos de estar do lado dela, sempre à espera de que voltasse a dar-nos a mão e a fazer-nos sentir bem na nossa pele. Tanto podia ser pessoa mais incrível como a pessoa mais horrível deste mundo, e nunca sabíamos que lado da Andie nos ia aparecer. Até me admira que a minha autoestima tenha sobrevivido no meio disto tudo.

— A Andie era assim com toda a gente?

— Bom, eu e a Chloe achávamos que sim. A Andie não nos deixava ir a casa dela muitas vezes, mas eu via a forma como ela tratava a Becca. Podia ser muito cruel com ela. — Emma interrompeu-se. — Não digo estas coisas por achar que a Andie teve aquilo que merecia. Não, não é de todo isso que quero dizer, ninguém merece ser assassinado e enterrado num buraco. Estou só a dizer que, olhando agora para trás e vendo o género de pessoa que a Andie era, consigo perceber por que motivo o Sal se passou e decidiu matá-la. Ela tinha o condão de

nos elevar aos píncaros e de nos rebaixar logo a seguir; na minha opinião, era de esperar que tudo acabasse em tragédia.

A voz de Emma deu lugar a uma fungadela chorosa, e então Pip percebeu que a entrevista tinha chegado ao fim. Emma não conseguia dissimular o choro, e também não precisava.

— OK, não tenho mais perguntas. Muito obrigada pela tua ajuda.

— Não há problema — disse Emma. — Desculpa, pensei que já tinha superado isto tudo. Pelos vistos não.

— Não, eu é que peço desculpa por te ter obrigado a relembrar estas coisas. Hum, na verdade também enviei uma mensagem à Chloe Burch a pedir-lhe uma entrevista, mas ela ainda não me respondeu. Vocês ainda mantêm o contacto?

— Não, nem por isso. Quero dizer, costumo enviar-lhe uma mensagem pelo aniversário, mas... acabámos por nos afastar definitivamente depois daquilo da Andie e, mais tarde, quando deixámos a escola. Na verdade, acho que tanto eu como ela queríamos que isso acontecesse, para que pudéssemos romper de vez com as pessoas que tínhamos sido no passado.

Pip voltou a agradecer-lhe e desligou a chamada. Respirou fundo e ficou por momentos a olhar para o telemóvel. Já sabia que Andie era uma rapariga bonita e bastante popular, aliás, era algo que a comunicação social fizera questão de deixar bastante claro. E, como qualquer aluno da escola preparatória, sabia também que as pessoas populares tinham as suas falhas de carácter. Contudo, não esperara ouvir aquilo. Que, passado tanto tempo, Emma pudesse ainda ressentir-se do facto de ter dedicado tanto afeto ao seu carrasco.

Seria afinal essa a verdadeira Andie Bell, escondida por detrás daquele seu sorriso perfeito, por detrás daqueles olhos azul-claros reluzentes? Todos os que gravitavam em torno dela estavam ofuscados pela sua presença, cegos e incapazes de reparar nas trevas que sempre haviam espreitado nela. Até ser tarde de mais.

Diário de Produção — 11.^a Entrada

INFORMAÇÃO ATUALIZADA: Fiz uma pesquisa para tentar encontrar o proprietário do automóvel com a matrícula que o Sal tinha apontado nas suas notas: R009 KKJ. O Ravi tinha razão. Precisaríamos de descobrir a marca e o modelo do carro antes de enviar um pedido de informação à agência de licenciamento de condutores e veículos. Acho que essa pista em particular está morta.

OK, voltando à tarefa em mãos. Acabei de falar ao telemóvel com a Chloe. Desta vez, tentei uma tática diferente; não precisei de recapitular as mesmas coisas que tinha ficado a saber em conversa com a Emma e também não quis estorvar a entrevista com questões emocionais ainda latentes a respeito da Andie.

Ainda assim, acabei por deparar inadvertidamente com algumas dessas questões...

Transcrição da entrevista com a Chloe Burch

[Começo a ficar cansada de transcrever as apresentações do costume nestas entrevistas; são sempre iguais, e eu pareço sempre um bocado atrapalhada. A partir de agora começo a saltar diretamente para as partes mais interessantes.]

Pip: OK, a minha primeira pergunta é esta: como definirias a relação da Andie e do Sal?

Chloe: Boa, parece-me. Ele tratava-a bem, e ela achava-o muito giro. O Sal parecia sempre muito calmo e levar tudo com descontração; sempre achei que ele faria com que a Andie descontraísse um bocado.

Pip: E o que te leva a pensar que a Andie precisava de descontrair?

Chloe: Oh, é só porque na vida dela havia sempre algum drama à mistura.

Pip: E o Sal conseguiu que ela descontraísse?

Chloe: (Risos) Não.

Pip: Mas aquilo que eles sentiam um pelo outro era mesmo a sério?

Chloe: Não sei, acho que sim. Depende do que queres dizer com «sério».

Pip: Bom, desculpa perguntar isto, mas eles andavam a dormir juntos?

[Sim, fico com pele de galinha só de ouvir isto novamente. Mas tenho de saber tudo.]

Chloe: Uau, os projetos para a escola mudaram muito desde o meu tempo. Por que raio precisas de saber isso?

Pip: Ela não te contou?

Chloe: Claro que me contou. E não, na verdade isso não acontecia.

Pip: Oh. A Andie era virgem?

Chloe: Não, não era.

Pip: Então com quem é que ela andava a dormir?

Chloe: (Pausa) Não faço ideia.

Pip: Na altura não sabias?

Chloe: A Andie sempre gostou de ter segredos, OK? Era algo que parecia dar-lhe força. O facto de eu e a Emma não sabermos certas coisas dava-lhe um gozo tremendo. Ainda assim, gostava de nos espicaçar com essas coisas porque adorava que fizéssemos perguntas. Por exemplo, onde ia buscar todo aquele dinheiro. Quando perguntávamos, limitava-se a rir e a piscar o olho.

Pip: Dinheiro?

Chloe: Sim. Aquela rapariga passava a vida nas compras, andava sempre com imenso dinheiro. E, no nosso último ano, contou-me que andava a poupar para um preenchimento dos lábios e para uma plástica ao nariz. Nunca contou isso à Emma, só a mim. Mas também era generosa com esse dinheiro; comprava-nos maquilhagem e essas coisas e deixava-nos sempre usar as roupas dela. Mas depois, nas piores alturas, arranjava sempre maneira de dizer coisas como: «Oh, Chlo, está-me a parecer que alargaste isso. Agora vou ter de o dar à Becca.» Um doce de rapariga.

Pip: Onde é que ela arranjava esse dinheiro? Tinha algum part-time?

Chloe: Não. Nunca soube, já te disse. Partia do pressuposto de que era o pai que lho dava.

Pip: Uma espécie de mesada?

Chloe: Sim, talvez.

Pip: Portanto, quando se soube que a Andie estava desaparecida, pensaste alguma vez que ela tivesse fugido com o objetivo de castigar alguém? O pai dela, talvez?

Chloe: A Andie tinha demasiadas coisas boas na vida dela para que quisesse fugir.

Pip: Mas a relação dela com o pai era tensa?

[Assim que eu digo a palavra «pai», o tom de voz da Chloe muda completamente.]

Chloe: Não vejo como isso possa ter alguma relevância para o teu projeto. Ouve, sei que fui um bocado desbocada ao falar sobre a Andie e também sei que ela tinha os seus defeitos, mas ainda assim estamos a falar de uma pessoa que foi a minha melhor amiga e que foi assassinada. Não me parece correto estarmos aqui a debater os relacionamentos pessoais da Andie ou a falar sobre a família dela, por muitos anos que tenham passado.

Pip: Não, tens razão, desculpa. Só pensei que seria mais fácil para mim compreender o caso se soubesse como era a Andie e o que se estava a passar na vida dela.

Chloe: Sim, está bem, mas nada disto é relevante para o caso. O Sal Singh matou-a. E não é a entrevistar umas quantas pessoas que vais passar a conhecer a Andie. Era impossível conhecê-la a fundo, mesmo quando se era a melhor amiga dela.

[Tento pedir-lhe desculpa de forma desastrada antes de regressarmos ao tópico em questão, mas por esta altura parece-me óbvio que a Chloe já não está interessada na conversa. Agradeço-lhe a ajuda antes de ela desligar.]

Grrr, é tão frustrante. Pensei que estava realmente a chegar a algum lado, mas não, acabei por andar às cegas em terreno minado e por ter de lidar com as emoções à flor da pele das duas melhores amigas da Andie, e nisto acabei por estragar tudo. Embora tanto uma como a outra digam que já andaram para a frente, parece-me que nenhuma delas se conseguiu ainda libertar totalmente da sombra da Andie. Aliás, é possível que ainda guardem alguns dos segredos dela. Uma coisa é certa: toquei num ponto sensível ao mencionar o pai da Andie em conversa; será que há uma história por trás disto?

Acabei de reler mais uma vez a transcrição e... parece-me que poderá haver algo encoberto nesta entrevista. Quando perguntei à Chloe com quem a Andie andava a dormir, a minha verdadeira intenção era perguntar com quem a Andie tinha ido para a cama antes do Sal, algum relacionamento anterior. Mas, sem querer, acabei por formular a pergunta no pretérito imperfeito: «Com quem é que ela andava a dormir?» Isto, neste contexto, significa que, sem querer, acabei por perguntar com quem é que a Andie andava a dormir ao mesmo tempo que namorava com o Sal. Mas a Chloe não me corrigiu. Limitou-se a responder que não sabia.

Estou a dar demasiada atenção a ninharias, tenho consciência disso. Claro, há sempre a possibilidade de a Chloe ter respondido à pergunta que lhe quis fazer inicialmente. É possível que isto não tenha nenhum interesse. Sei que não é à custa destas minudências gramaticais que irei resolver o caso; não é assim que o mundo funciona, infelizmente.

Seja como for, agora que lhe apanhei o jeito, já não consigo parar. Será que a Andie mantinha um relacionamento secreto com outra pessoa? Será que o Sal acabou por descobrir tudo, tendo sido essa a razão de terem estado a discutir? Será que isso explica a última mensagem que o Sal enviou à Andie antes de ela ter desaparecido: não volto a falar contigo enquanto não parares?

Não sou agente da polícia, e isto é só um projeto para a escola, por isso não os posso obrigar a contar o que quer que seja. Trata-se do género de segredos que só se partilha com as melhores amigas, não com uma miúda qualquer que esteja a fazer o PIA.

Oh, meu Deus. Acabou de me passar uma coisa horrível pela cabeça, embora possa ser uma ideia brilhante. Uma coisa horrível e indecente, decerto, talvez até bastante estúpida. E moralmente condenável, isso é certo. Ainda assim, acho que devo ir em frente. É impossível sair totalmente ilibada desta história se a minha intenção for descobrir realmente aquilo que aconteceu à Andie e ao Sal.

Vou tentar falar com a Emma, fazendo-me passar pela Chloe.

Ainda tenho aquele cartão sim pré-pago que usei quando estava de férias no ano passado. Se o puser no telemóvel, posso enviar uma mensagem escrita à Emma e fingir que sou a Chloe com um novo número de telemóvel. Pode resultar; a Emma disse que elas perderam o contacto, por isso é provável que não suspeite de nada. Também pode não resultar. Mas não tenho nada a perder e sempre posso vir a saber de alguns segredos e descobrir quem é o verdadeiro assassino.

Ei, Em, daqui fala a Chloe, mudei de número há pouco tempo. Ouve, uma miúda de Kilton acabou de me telefonar para fazer perguntas acerca da Andie para um projeto da escola. Ela também te ligou? Xxx

Omg olá 🖐️.

Sim, ligou-me há uns dias. Fez-me ficar um bocado emocionada outra vez por causa da situação, p ser sincera. Xx

Sim, bem a Andie teve sempre esse efeito sobre nós. Não lhe contaste nada sobre a vida amorosa da Andie, pois não? Xx

Presumo que estejas a falar do gajo secreto dela, aquele mais velho, e não do Sal?

Sim

Não, não lhe contei nada

Pois, eu também não. Nunca percebi se a Andie chegou a contar-te quem era o tipo.

Ná, sabes bem que não. A única coisa que ela disse foi que se quisesse podia dar cabo da vida dele, lembra-te?

Nem tenho a certeza se ele existia mesmo, p ser sincera.

Se calhar inventou essa história para tornar tudo mais misterioso.

Talvez. Agora não é muito difícil perceber o que aconteceu, já que se casou com a puta pouco depois de se terem divorciado.

Não vejo como. Só nós as duas é que sabíamos. E o pai da Andie, obviamente. Mas que importa que ela saiba?

Acho que era bom para ti tentares afastar-te disso. Eu sinto-me muito melhor por me ter distanciado de tudo o que esteja relacionado com a Andie, acredita.

Sim, seria ótimo! Avisa-me quando tiveres tempo e fores a Londres. 🍷

Sim, ela tinha sempre muitos segredos.

Sim, se calhar. A tal miúda também começou a fazer perguntas acerca do pai da Andie; achas que ela sabe?

Sim, mas será que ela sabe que a Andie estava a par de tudo?

Sim, tens razão. Acho que ainda sinto um bocado aquele instinto protetor a propósito dos segredos da Andie, percebes?

Sim, vou tentar. Ei, tenho de ir, amanhã trabalho cedo. Devíamos combinar um encontro em breve para pormos a conversa em dia, não achas?

Aviso! Tchau xxxxx

Oh, céus...

Nunca transpirei tanto em toda a minha vida. Ainda estou em choque por ter conseguido safar-me desta. Houve momentos em que foi por pouco que não me descaí, mas... consegui, a verdade é essa.

Mas sinto-me mal com isto. A Emma é tão simpática... É uma pessoa em quem se pode confiar. Mas não deixa de ser positivo o facto de me sentir culpada; mostra que ainda não perdi completamente o sentido de justiça. Talvez continue a ser uma boa rapariga...

E assim, sem que nada o fizesse prever, passamos a contar com mais duas pistas.

O Jason Bell já fazia parte das pessoas sob suspeita, mas agora o nome dele ficará a negrito, na qualidade de suspeito número um. Tinha um caso com outra pessoa e a Andie sabia. E o mais importante é que o Jason sabia que a Andie sabia. É bastante provável que ela lhe tenha falado no assunto ou se calhar foi ela que o apanhou em flagrante. Não há dúvida de que isso preenche algumas lacunas e serve para explicar em parte a relação tensa que tinham um com o outro.

E, agora que penso no assunto, será que a Andie recebia todo aquele dinheiro do pai em segredo PORQUE sabia o que se estava a passar? Será possível que estivesse a chantageá-lo? Não, é pura conjectura; preciso de tratar a questão do dinheiro como uma informação em separado, pelo menos até me conseguir certificar da sua origem.

Passemos então à segunda pista e à maior revelação da noite: a Andie estava a ter um caso em segredo com um homem mais velho enquanto namorava com o Sal. Esse caso era de tal modo secreto que nunca chegou a contar às amigas quem era o tipo, tendo-lhes dito apenas que poderia dar cabo da vida dele. Ponho-me logo a pensar no inevitável: um homem casado. Será que as misteriosas quantias de dinheiro vinham dele? Tenho um novo suspeito. Alguém que certamente teria um motivo para silenciar a Andie para sempre.

Não era esta Andie que esperava encontrar na minha investigação, uma Andie tão distante da imagem de vítima bela e loura que as pessoas tinham dela. Uma vítima amada pela sua família, uma vítima adorada pelas suas amigas, uma vítima que partira demasiado cedo deste mundo, depois de ter caído nas mãos do seu namorado «cruel e assassino». Quem sabe se esta Andie não terá sido desde o princípio uma personagem de ficção, engendrada para cativar aos poucos a compaixão das pessoas, fazendo que trocassem de bom grado as suas moedas por artigos de jornal. E, à medida que vou escavando, esta imagem começa aos poucos a revelar-se junto aos cantos.

Preciso de telefonar ao Ravi.

Pessoas sob suspeita

Jason Bell

Naomi Ward

Amante secreto mais velho (muito mais velho?)

— Odeio acampar — resmoneou Lauren, tropeçando na lona amarfanhada da tenda.

— Ai sim? Pois, mas é o meu aniversário, e eu gosto — disse Cara, relendo as instruções com a língua presa entre os dentes.

Era a última sexta-feira das férias de verão, e as três raparigas encontravam-se na pequena clareira da floresta de faias nas imediações de Kilton. A escolha de Cara para começar a celebrar o seu décimo oitavo aniversário: dormir ao relento e passar toda a noite a mijar de cócoras atrás de árvores sombrias. Esta também não teria sido a escolha de Pip. Uma coisa era certa: também não percebia qual era a lógica de optar por instalações sanitárias e camas arcaicas. Ainda assim, sabia que conseguiria disfarçar suficientemente o seu desagrado.

— Tecnicamente, é ilegal acampar fora das instalações de um parque de campismo oficial — disse Lauren, pontapeando a lona da tenda em jeito de retaliação.

— Bom, só nos resta esperar que a polícia do campismo não ande de olho no Instagram, já que eu anunciei ao mundo a nossa vinda. Agora pouco barulho — disse Cara — estou a tentar ler.

— Hum, Cara... — disse Pip um pouco a medo — tens consciência de que o que compraste não é uma tenda, certo? É um toldo gigantesco.

— Vai dar ao mesmo — disse ela. — E vai ter de dar para nós e para os três rapazes.

— Mas isto nem sequer traz chão... — disse Pip de dedo em riste, apontado à imagem que vinha nas instruções.

— *Tu* é que não trazes chão — Cara abriu caminho de rabo empinado. — E o meu pai arranjou-nos uma lona impermeável.

— Quando é que os rapazes vêm? — perguntou Lauren.

— Ainda há dois minutos enviaram uma mensagem a dizer que estavam a sair. E não — disparou Cara —, não vamos esperar por eles para montarem a tenda por nós, Lauren.

— Não era isso que eu estava a dizer.

Cara estalou os dedos.

— Acabar com o regime patriarcal, tenda por tenda, uma de cada vez.

— Toldo — corrigiu Pip.

— Queres que eu te faça mal?

— Não, de tooodo.

Passados dez minutos, um enorme toldo branco com três metros de largura e seis de comprimento estava montado no solo da floresta, não podendo parecer mais deslocado naquele ambiente. Tudo se tornou mais fácil a partir do momento em que perceberam que a armação era de encaixe. Pip verificou o telemóvel. Eram já sete e meia da tarde, e a aplicação do estado do tempo dizia que o pôr do sol começaria dentro de quinze minutos, embora pudessem ainda contar com mais duas horas de crepúsculo antes que ficasse noite cerrada.

— Isto vai ser tão divertido... — Cara recuou alguns passos para admirar o trabalho manual que tinham feito. — Adoro acampar. Vou beber gim e comer gomas de morango até vomitar. Amanhã não quero lembrar-me de nada.

— Dois objetivos admiráveis — disse Pip. — Queres ir buscar o resto da comida ao carro? Fico aqui a arrumar os sacos-cama e a montar as lonas.

O carro de Cara encontrava-se estacionado no minúsculo parque de estacionamento em cimento, a quase duzentos metros de distância do lugar que tinham escolhido. Lauren e Cara começaram a afastar-se em passos vacilantes por entre as árvores, estando toda a floresta iluminada por aquela cintilação alaranjada e derradeira que precede o cair da noite.

— Não se esqueçam das lanternas — gritou ela, pouco antes de as ter perdido de vista.

Pip prendeu as grandes lonas laterais ao toldo, praguejando quando o velcro não a ajudou na tarefa, obrigando-a a montar do princípio uma das partes laterais. Debateu-se algum tempo com a lona impermeável e foi com agrado que ouviu os passos de Cara e Lauren a regressarem, quebrando alguns galhos pelo caminho. No entanto, assim que saiu do toldo para espreitar, não viu ninguém. Era apenas uma pega, a escarnecer dela do cimo de uma das copas sombrias, fazendo soar o seu casquinar arisco e roufenho. Foi de má vontade que saudou o pássaro, tendo voltado logo a seguir ao trabalho, começando a dispor os três sacos-cama numa fila única, ao mesmo tempo que fazia um esforço para não pensar no facto de Andie Bell poder estar enterrada algures naquela floresta, a vários metros da superfície do solo.

O ruído dos ramos a quebrarem-se com o avançar dos passos tornou-se mais audível assim que estendeu o último saco-cama, e depois seguiu-se o estrépito de gargalhadas ruidosas e de guinchos que só poderia indicar uma coisa: os rapazes tinham chegado. Acenou na direção deles e das raparigas, que entretanto haviam regressado de braços carregados. Ant²⁴, que — como o nome indicava — não crescera muito desde que tinham travado amizade, aos doze anos, Zach Cohen, que morava quatro casas abaixo da casa dos Amobis, e Connor, que Pip e Cara conheciam dos tempos da escola primária. Nos últimos tempos, Connor parecia andar demasiado interessado em Pip. Ela tinha a esperança de que esse interesse não demorasse muito a esmorecer, como acontecera daquela vez em que ele se convencera de que poderia realmente ter futuro como psicólogo de gatos.

— Ei — disse Connor, transportando uma geleira a meias com Zach. — Oh, raios, elas ficaram com os melhores lugares para dormir. Oh, fomos vencidos com um *piparote*.

Estranhamente, não era a primeira vez que Pip ouvia aquela piada.

— Hilariante, Con — disse ela num tom inexpressivo, afastando o cabelo dos olhos com a mão.

— Oh... — interveio Ant —, não fiques assim, Connor. Se fosses um belo trabalho de casa, talvez ela quisesse levar-te para a cama.

— Ou o Ravi Singh — disse Cara num sussurro dirigido a Pip, piscando-lhe o olho.

— Os trabalhos de casa são muito mais gratificantes do que os rapazes — disse Pip, dando uma cotovelada nas costelas de Cara. — E tu não podes falar muito, Ant, já que tens a vida sexual de um náutilo.

— E isso é...? — perguntou Ant, esboçando ondas sucessivas com a mão no ar.

— Bom — disse Pip —, o pénis de um náutilo parte-se durante a relação sexual, de modo que esse molusco só pode ter sexo uma única vez na vida.

— Confirma-se — disse Lauren, que no ano anterior se tinha envolvido com Ant.

Todos naquele grupo desataram às gargalhadas, e Zach deu uma palmada amigável nas costas de Ant.

— Brutal, a sério — disse Connor ainda a rir alto.

Entretanto, já uma escuridão com cambiantes prateados cobrira a floresta, cercando por todos os lados a pequena e brilhante tenda de campanha, iluminada no escuro como uma lanterna no meio das árvores adormecidas. No interior da tenda tinham colocado dois candeeiros carregáveis de luz amarela, e havia três lanternas dispostas entre eles.

Felizmente, tinham decidido entrar na tenda de campanha, pensara Pip na altura, já que começara a chover bastante, embora estivessem em grande medida abrigados pelas copas das árvores.

Estavam todos sentados em círculo, com petiscos e bebidas no meio, mantendo as duas lonas nas extremidades da tenda subidas de forma a atenuar o cheiro a rapaz.

Pip chegara inclusive a beber uma lata de cerveja quase até ao fim, sentada com o seu saco-cama azul-marinho coberto de estrelas enrolado até à cintura. Embora estivesse muito mais interessada nas batatas fritas e no molho *sour cream*. Não gostava muito de beber, não gostava daquela sensação de perda de controlo.

Ant estava a meio de contar uma história de horror, mantendo a lanterna debaixo do queixo de forma a dar um aspeto deformado e grotesco ao rosto. Calhava ser uma história sobre seis amigos, três rapazes e três raparigas, que

estavam a acampar numa tenda de campanha no meio da floresta.

— E a aniversariante — disse ele num tom teatral — vai neste momento acabar com um pacote inteiro de gomas de morango, e todos esses doces vermelhos ficam-lhe colados ao queixo como se fossem bocados de sangue.

— Cala-te — disse Cara de boca cheia.

— Ela manda calar o rapaz jeitoso da lanterna. É então que ouvem o ruído: alguma coisa ou alguém a arranhar a lona da tenda de campanha. Está a acontecer algo lá fora. Aos poucos, as unhas começam a romper a lona, até fazer um buraco no tecido. «Vocês estão a fazer uma festa?», ouve-se a voz de uma rapariga perguntar. E depois rasga o buraco de alto a baixo e, com um movimento brusco da mão, corta a garganta do tipo da camisa aos quadrados. «Sentiram a minha falta?», pergunta ela aos guinchos, e os amigos ainda com vida podem finalmente ver de quem se trata: é o cadáver em decomposição de uma Andie Bell morta-viva, que, por vingança...

— Cala-te, Ant. — Pip deu-lhe um encontrão. — Isso não tem piada.

— Então porque é que toda a gente está a rir?

— Porque vocês são todos uns mórbidos. Não é justo servires-te de uma rapariga assassinada para fazeres as tuas piadas de caca.

— Mas servires-te dela para o teu projeto da escola já é justo, não é? — interpôs Zach de súbito.

— Isso é completamente diferente.

— Estava prestes a chegar àquela parte sobre o amante secreto mais velho/ assassino da Andie — disse Ant.

Pip estremeceu e fulminou-o com o olhar.

— Foi a Lauren que me contou — disse ele em voz baixa.

— Foi a Cara que me contou — interveio Lauren, arrastando ligeiramente as palavras.

— Cara? — Pip voltou-se para ela.

— Desculpa — disse ela, tropeçando nas palavras por ter bebido mais do que a conta. — Não sabia que era para ser segredo. Só contei à Naomi e à Lauren. E pedi-lhes para não contarem a ninguém. — Ao dizer isto, vacilou, apontando o dedo a Lauren com um ar acusador.

Era verdade; Pip não lhe tinha dito especificamente que aquela informação deveria ficar em segredo. Pensara que não seria necessário. Não voltaria a cometer o mesmo erro.

— O meu projeto não serve para alimentar os vossos mexericos. — Procurou dominar o tom de voz, que se esganiçava com a irritação, enquanto o seu olhar saltava de Cara para Lauren e depois para Ant.

— Também não importa — disse Ant. — Tipo, metade do pessoal do nosso ano já sabe que estás a fazer um trabalho sobre a Andie Bell. E, já agora, porque é que estamos todos a falar sobre trabalhos de casa na nossa última noite de

sexta-feira em liberdade? Traz o tabuleiro, Zach.

— Qual tabuleiro? — perguntou Cara.

— Comprei um tabuleiro Ouija. Fixe, heim? — disse Zach, puxando a mochila. Retirou então da mochila um tabuleiro foleiro que mais parecia de plástico, inscrito com o alfabeto e adornado com uma pequena prancheta com uma janelinha de plástico através da qual se podia observar as letras. De seguida, colocou o tabuleiro no meio do círculo.

— Não — disse Lauren, cruzando os braços. — Nem pensar. Isso já vai muito para além dos limites do assustador. Se queres contar histórias, tudo bem, mas o tabuleiro não.

Pip perdeu o interesse e deixou de prestar atenção aos rapazes, que tentavam convencer Lauren, de forma a poderem pregar-lhe uma partida qualquer que tinham planeado de antemão, muito provavelmente sobre Andie Bell, para não variar. Esticou o braço por cima do tabuleiro Ouija para alcançar mais um pacote de batatas fritas e foi então que reparou.

Um clarão de luz branca no meio das árvores.

Sentou-se sobre os calcanhares e semicerrou os olhos para ver melhor. Voltou a acontecer. Na escuridão remota, uma pequena luz retangular assomou repentinamente e depois desapareceu. Como se fosse o brilho do ecrã de um telemóvel que o botão de bloqueio apagasse de súbito.

Pip ficou à espera, mas a luz não surgiu novamente. Estava tudo escuro lá fora. O som da chuva no ar. As silhuetas das árvores adormecidas, recortadas contra a lua sombria.

Até que uma dessas silhuetas obscurecidas se deslocou em duas pernas.

— Malta — disse ela em voz baixa, dando um ligeiro pontapé na canela de Ant para o calar. — Não olhem agora, mas acho que está ali alguém no meio das árvores. A observar-nos.

²⁴ *Ant*, aqui usado como nome próprio, significa «formiga». (NT)

— Onde? — disse Connor com os lábios, semicerrando os olhos ao fitar Pip.

— Às minhas dez horas — sussurrou ela. Os seus olhos arregalados contagiaram todos em volta.

E então, com um ruído repentino, Connor pegou numa lanterna e pôs-se de pé num salto.

— Ei, tarado — gritou ele com uma coragem inesperada. Saiu num ápice da tenda, mergulhou na escuridão e desatou a correr, fazendo oscilar freneticamente a luz da lanterna.

— Connor! — chamou Pip, desenhando-se do saco-cama. Agarrou a lanterna que um Ant estupefacto segurava entre as mãos e foi atrás do amigo, correndo na direção das árvores. — Espera, Connor!

Cercada por um emaranhado de sombras negras, Pip pôde vislumbrar alguns membros das árvores que a lanterna iluminava nas suas mãos trémulas, ao mesmo tempo que os seus passos calcavam a lama. As gotas da chuva atravessavam o foco de luz.

— Connor — voltou ela a gritar, sem deixar de perseguir o único sinal da presença do rapaz adiante, um veio de luz que lhe chegava através da escuridão opressiva.

Pôde então ouvir o tropel de mais passos que abriam caminho pela floresta atrás dela, bem como a voz de alguém que a chamava. Era uma das raparigas que gritava.

Começou então a sentir uma pontada no flanco enquanto corria, e agora a adrenalina ia consumindo os últimos vestígios de cerveja que a pudessem ter entorpecido. Estava alerta, pronta para o que desse e viesse.

— Pip — gritou alguém ao seu ouvido.

Ant alcançou-a, servindo-se da lanterna do telemóvel para lhe iluminar os passos por entre as árvores.

— Onde está o Con? — perguntou ele a arfar.

Pip estava sem fôlego. Apontou na direção da luz vacilante mais adiante, e Ant ultrapassou-a.

E Pip continuava a ouvir o ruído de passos atrás dela. Experimentou olhar em redor, mas viu apenas um pontinho de luz branca que parecia aumentar.

Olhou então em frente, e um súbito clarão da lanterna fez com que deparasse com dois vultos encolhidos. Desviou-se de repente e, de forma a não esbarrar neles, acabou por cair de joelhos.

— Estás bem, Pip? — perguntou Ant sem fôlego, já de mão estendida.

— Sim. — Pip sorveu o ar húmido, sentindo então uma cãibra comprimir-lhe o peito e o ventre. — Que raio, Connor...

— Perdi-o — disse Connor ainda a arfar, com a cabeça junto aos joelhos. — Acho que já o tinha perdido há algum tempo.

— Era um homem? Conseguiu vê-lo? — perguntou Pip.

Connor abanou a cabeça.

— Não, não consegui ver se era um homem, mas só podia ser, certo? Só reparei que tinha um capuz escuro na cabeça. Fosse quem fosse, só sei se escapuliu por outro caminho no momento em que eu tinha a lanterna desligada, e eu, feito estúpido, continuei pelo mesmo caminho.

— Feito estúpido, decidiste primeiro ir atrás dele — disse Pip num tom zangado. — Sozinho.

— Como é óbvio! — disse Connor. — Imagina tu, um tarado qualquer no meio da floresta à meia-noite, a observar-nos e provavelmente a tocar-se ao mesmo tempo. Queria dar-lhe uma carga de porrada.

— Correste um perigo desnecessário — disse ela. — O que estavas a tentar provar?

Surgiu um clarão branco em torno de Pip, e Zach apareceu de repente, parando mesmo a tempo de não esbarrar nela e em Ant.

— Que raio...? — foi a única coisa que disse.

Foi então que ouviram todos o berro.

— Merda — disse Zach, dando meia-volta e desatando a correr na direção oposta à do caminho que tinha feito.

— Cara! Lauren! — gritou Pip, segurando a lanterna com força e seguindo no encalço de Zach com os outros dois por perto. O mesmo caminho por entre as árvores sombrias, cheias de dedos fantasmagóricos a puxarem-lhe os cabelos. A pontada a dilacerá-la cada vez mais fundo, a cada passo.

Passado meio minuto, foram dar com Zach a servir-se do telemóvel para iluminar o lugar onde as duas raparigas permaneciam lado a lado, de braço dado, estando Lauren em lágrimas.

— O que aconteceu? — perguntou Pip, abraçando ao mesmo tempo as duas raparigas, que não paravam de tremer, embora a noite estivesse amena. — Porque gritaram?

— Porque nos perdemos, porque a lanterna caiu ao chão e porque estávamos bêbedas — disse Cara.

— Porque não ficaram na tenda? — perguntou Connor.

— Porque vocês nos deixaram sozinhas — gritou Lauren.

— Pronto, pronto — disse Pip. — Exagerámos todos um pouco. Está tudo bem; só precisamos de fazer o caminho de volta até à tenda. Por esta altura, já fugiram, quem quer que seja, e nós somos seis ao todo, certo? Estamos todos bem. — Ao dizer isto, limpou as lágrimas do queixo de Lauren.

Mesmo munidos das respetivas lanternas, foram necessários quase quinze minutos para conseguirem encontrar o caminho de volta à tenda; nessa noite, a floresta era outro planeta. Tinham chegado até a precisar da aplicação de mapas do telemóvel de Zach para se certificarem de que não se afastavam muito da estrada. Estugaram o passo assim que vislumbraram ao longe partes de tendas iluminadas entre os troncos das árvores e o clarão suave e amarelo das lanternas recarregáveis.

Foram poucas as palavras que trocaram ao fazerem uma limpeza apressada à tenda, deitando latas de bebidas vazias e embalagens de comida para um saco do lixo e abrindo espaço para estenderem os sacos-cama de cada um. Baixaram as lonas de todos os lados da tenda de forma a ficarem em segurança dentro daquelas quatro paredes brancas, e a única vista que tinham era a das árvores distorcidas que podiam espreitar da falsa moldura de janelas de plástico.

Os rapazes começavam já a fazer piadas acerca daquela corrida noturna e desenfreada no meio da floresta. Lauren ainda não estava preparada para brincar com o assunto.

Pip colocou o saco-cama de Lauren entre o seu e o de Cara e depois, incapaz de a ver mais tempo a debater-se ebriamente com o fecho-éclair, ajudou-a a entrar.

— Presumo que o tabuleiro Ouija esteja fora de questão... — disse Ant.

— Acho que já chega de sustos por hoje — disse Pip.

Ficou durante algum tempo sentada ao lado de Cara, obrigando-a a sorver a água que lhe deitava pela goela abaixo enquanto a distraía com uma conversa inócua a propósito da queda do Império Romano. Lauren já estava a dormir, e Zach também tinha adormecido no lado oposto da tenda.

Quando as pálpebras de Cara começaram a palpar menos a cada pestanejar, Pip voltou a enfiar-se sorrateiramente no saco-cama. Reparou que Ant e Connor ainda estavam acordados e continuavam a sussurrar, embora ela estivesse pronta para dormir ou pelo menos para se deitar e esperar que o sono viesse. Ao afundar as pernas no interior do saco-cama, sentiu algo friccionar-lhe o pé direito. Recolheu os joelhos até à altura do peito, afundou o braço no saco-cama, e os dedos apertaram um pedaço de papel.

Seria certamente uma embalagem de comida que caíra para dentro do saco-cama. Puxou-o. Não era. Tratava-se de um pedaço branco de papel de impressora, dobrado ao meio.

Desdobrou o papel e leu por alto o que estava escrito.

Eram palavras impressas em letra grande e formal que atravessavam a página: *Para de investigar, Pippa.*

Largou o papel, vendo-o cair, aberto. A sua respiração recuou no tempo até à correria no escuro, instantâneos de árvores sob o clarão da lanterna. A incredulidade deu lugar ao medo. Passados cinco segundos, o medo deflagrou e

transformou-se num acesso de cólera.

— Mas que raio...? — disse ela, pegando no bilhete e acercando-se dos rapazes num rompante.

— Chiu — disse um deles —, as miúdas já estão a dormir.

— Acham que isto tem piada? — disse Pip, baixando os olhos para eles e brandindo o bilhete dobrado ao meio. — Vocês são inacreditáveis.

— O que estás para aí a dizer? — perguntou Ant, olhando-a de soslaio.

— Estou a falar deste bilhete que me deixaram.

— Eu não te deixei bilhete nenhum — disse ele, esticando o braço para o alcançar.

Pip recuou.

— Achas mesmo que acredito nisso? — disse ela. — E esta coisa do tipo misterioso no meio da floresta, também foi ideia vossa? Faz parte da vossa brincadeira? Quem era, afinal? O vosso amigo George?

— Não, Pip — disse Ant, erguendo o olhar espantado para ela. — Sinceramente, não faço ideia do que estás a falar. O que diz o bilhete?

— Poupa-me a esse ar de inocente — disse ela. — Queres dizer alguma coisa, Connor?

— Pip, achas mesmo que eu teria desatado a correr atrás daquele tarado se fosse só o raio de uma partida? Não planeámos nada, juro.

— Estão a dizer que não foi nenhum de vocês que me deixou este bilhete?

Abanaram os dois a cabeça.

— Mentirosos de merda — disse ela antes de voltar para o lado da tenda ocupado pelas raparigas.

— A sério, Pip, não fomos nós — disse Connor.

Pip ignorou-o, arrastando-se para dentro do saco-cama e fazendo mais barulho do que era necessário.

Ficou então deitada, usando a camisola de lã enrolada como almofada e deixando o bilhete aberto ao seu lado, sobre a lona impermeável que servia de chão. Voltou-se para o observar novamente, tendo ignorado mais quatro «Pips» sussurrados por Ant e Connor.

Pip era a única que continuava acordada. Apercebia-se disso pelo som das respirações.

Das cinzas da sua raiva brotou um novo ser, criado por si mesma a partir das brasas e do pó. Uma sensação que vacilava entre o pavor e a dúvida, o caos e a lógica.

Repetiu tantas vezes as palavras mentalmente que estas se tornaram voláteis e assumiram um som estranho.

Para de investigar, Pippa.

Não era possível. Era apenas uma partida cruel. Uma partida, só isso.

Não conseguia afastar os olhos do bilhete, com olhos insones que seguiam, da

esquerda para a direita e vice-versa, as curvas negras das letras impressas.

E, na calada da noite, a floresta que a cercava estava cheia de vida. Galhos que se quebravam, um constante bater de asas que atravessava as árvores e os gritos. Não sabia dizer se eram raposas ou veados que gritavam, mas de facto guinchavam e berravam, e tanto podia ser como não ser Andie Bell a berrar das profundidades do tempo.

Para de investigar, Pippa.



PARTE II

Pip mexia nervosamente os dedos das mãos debaixo da mesa, esperando que Cara estivesse demasiado ocupada a tagarelar para reparar nos seus movimentos. Era a primeira vez que Pip se via obrigada a esconder algo à amiga, e os nervos não paravam de bulir com as mãos nervosas de Pip como se estas fossem marionetas puxadas por cordéis, provocando-lhe um nó no estômago.

Pip passara por lá no terceiro dia após o regresso à escola, quando os professores haviam deixado de falar sobre aquilo que iriam ensinar e tinham começado de facto a ensinar alguma coisa. Estavam sentadas na cozinha dos Wards a fingir que faziam os trabalhos de casa, mas na verdade Cara estava a afundar-se aos poucos numa crise existencial.

— E eu disse-lhe que nem sequer sei qual é o curso que quero tirar, quanto mais a universidade onde quero estudar. E ele começa logo com aquela lengalenga de «o tempo está a passar, Cara», e isso está a deixar-me stressada. E tu, já tiveste a grande conversa com os teus pais?

— Sim, há uns dias — disse Pip. — Decidi que quero ir para o King's College, em Cambridge.

— Inglês?

Pip assentiu com um aceno de cabeça.

— Não podia ter escolhido pior pessoa para desabafar acerca dos planos para o futuro — resmoneou Cara. — Aposto que já sabes o que queres ser quando fores crescida.

— Claro — disse ela. — Quero ser o Louis Theroux, a Heather Brooke e a Michelle Obama, todos combinados numa só pessoa.

— A tua eficiência é um insulto para mim.

Um apito de comboio ruidoso irrompeu do telemóvel de Pip.

— Quem é? — perguntou Cara.

— É só o Ravi Singh — disse Pip, passando os olhos pela mensagem escrita —, quer saber se já tenho mais novidades.

— Oh, agora andamos a trocar mensagens, é? — disse Cara num tom brincalhão. — Será que devo marcar já o casamento na agenda?

Pip atirou a esferográfica na direção dela. Cara esquivou-se com destreza.

A mentira fez com que o nó que sentia no estômago se apertasse ainda mais.

Ant e Connor continuavam a negar a autoria do bilhete que Pip encontrara no saco-cama quando os confrontava com o assunto na escola. Havia inclusive sugerido a hipótese de ter sido Zach ou uma das raparigas. Claro que o facto de negarem a autoria não constituía uma prova inabalável de que não tivesse sido

nenhum dos dois. Ainda assim, Pip tinha de considerar também a outra possibilidade: *e se?* E se tivesse sido de facto alguém envolvido no caso de Andie Bell a tentar assustá-la, convencendo-a assim a desistir do projeto? Alguém que tivesse muito a perder se ela continuasse.

Pip não falou a ninguém do bilhete: não disse nada às raparigas e manteve-se em silêncio quando os rapazes lhe perguntaram o que dizia o bilhete. Também não disse nada aos pais, nem sequer a Ravi. A preocupação deles poderia ditar o fim imediato do seu projeto. E teria de estar alerta para evitar possíveis fugas de informação. Tinha segredos que deveriam ser guardados a sete chaves e, com esse fim em vista, aprenderia com a sua mestra, a menina Andrea Bell.

— Onde está o teu pai? — perguntou Pip.

— Dah! Ainda há quinze minutos entrou aqui para dizer que estava de saída para ir dar uma explicação.

— Ah, pois foi — disse Pip. As mentiras e os segredos acabavam por distrair uma pessoa. Elliot dava sempre explicações três vezes por semana; fazia parte da rotina da família Ward, e Pip sabia-o perfeitamente. Os nervos estavam a deixá-la desatenta. Não tardaria muito que Cara se apercesse de alguma coisa; a amiga conhecia-a demasiado bem. Pip teria de se acalmar: afinal de contas, estava ali por uma razão. E a sua irrequietude faria com que fosse apanhada em flagrante.

Chegava-lhe aos ouvidos o constante murmúrio da televisão vindo da sala ao lado; Naomi estava a ver um qualquer filme de drama americano que envolvia uma série de disparos de pistolas com silenciador e vozes que berravam «Raios partam».

Agora era o momento perfeito para Pip entrar em ação.

— Ei, podes emprestar-me o portátil por dois segundos? — perguntou a Cara, aliviando a tensão do rosto de forma que a expressão não a denunciasses. — É só para procurar um livro para a disciplina de Inglês.

— Sim, claro — disse Cara, passando o portátil para o outro lado da mesa. — Não feches as páginas que tenho abertas.

— Está descansada — disse Pip, voltando o portátil para si de forma que Cara não pudesse ver o ecrã.

Pip conseguia sentir a pulsação latejar-lhe nos ouvidos. Era tanto o sangue que lhe circulava nas faces que só podia estar a corar. Baixando-se para se esconder atrás do ecrã, clicou para abrir o painel de controlo.

Na véspera, estivera acordada até às três da manhã, sempre com aquela questão do *e se* a assombrá-la, a afugentar-lhe o sono. Assim, andara a vasculhar informação na Internet, tendo consultado fóruns com perguntas mal formuladas e manuais de instruções para impressoras sem fios.

Alguém podia ter seguido Pip até à floresta. Isso era verdade. Era possível que uma pessoa qualquer tivesse ficado a observá-la e decidido atraí-la, a ela e

aos amigos, para fora da tenda de campanha, de modo a fazer passar a sua mensagem. Verdade. Mas na lista de pessoas sob suspeita dela havia apenas um nome, uma pessoa que poderia saber o local exato onde Pip e Cara tinham decidido acampar. Naomi. Pip caíra na asneira de não dar importância a isso, tudo por causa da Naomi que ela achava que conhecia. Podia muito perfeitamente haver outra Naomi. Uma Naomi que poderia estar ou não estar a mentir a propósito de ter estado fora de casa de Max durante algum tempo na noite em que Andie morrera. Uma Naomi que podia ou não ter estado apaixonada por Sal. Alguém que podia ou não ter odiado Andie a ponto de a matar.

Após várias horas de pesquisas persistentes, Pip acabara por chegar à conclusão de que não havia maneira de consultar os documentos anteriores que uma impressora sem fios imprimira. E ninguém que estivesse no seu perfeito juízo decidiria salvar um documento com uma mensagem daquelas no seu computador, por isso não adiantaria de nada vasculhar a pasta de documentos do computador de Naomi. Ainda assim, havia algo que poderia fazer.

Clicou na opção *Dispositivos e Impressoras* do portátil de Cara e deslizou o cursor do rato até à impressora da família Ward, que alguém tinha designado *Freddie Prints Jr.* Clicou no botão direito do rato para aceder à opção *Propriedades da Impressora* e depois clicou em *Avançadas*.

Pip decorara todos os passos a seguir depois de ter consultado um tutorial com bonecos numa página da Internet. Colocou um visto na caixa da opção *Manter os Documentos Impressos*, clicou em *Aplicar* e deu a tarefa por concluída. Fechou o painel de controlo e clicou novamente na página dos trabalhos de casa de Cara.

— Obrigada — disse, devolvendo-lhe o portátil, convicta de que qualquer pessoa poderia ouvir o seu coração bater, uma coluna de som colada ao peito.

— Tranquilo.

Daí em diante, o portátil de Cara passaria a guardar toda a informação que dissesse respeito à impressora da família. Se Pip voltasse a receber um bilhete impresso, estaria em condições de averiguar com toda a certeza se o mesmo vinha ou não de Naomi.

A porta da cozinha abriu-se ao som de uma explosão vinda da Casa Branca e de agentes da polícia federal a gritarem «Saíam todos daqui!» e «Salvem-se!». Naomi apareceu junto à porta.

— Por amor de Deus, Nai — disse Cara —, baixa isso, estamos a trabalhar.

— Desculpa — disse ela num sussurro, como se isso compensasse o facto de a televisão estar aos berros. — Só vim buscar uma bebida. Estás bem, Pip? — Naomi fitou-a com uma expressão intrigada, e só então Pip se apercebeu de que estava a olhar para ela com um ar pasmado.

— Err... sim. Assustaste-me, só isso — disse ela, com um sorriso demasiado

largo a desenhar-se desconfortavelmente no rosto.

Diário de Produção — 13.^a entrada

Transcrição da segunda entrevista com Emma Hutton

Pip: Obrigada por teres aceitado falar comigo outra vez. Será uma continuação muito breve da primeira entrevista. Prometo.

Emma: Sim, não há problema.

Pip: Obrigada. Portanto, em primeiro lugar, andei a recolher informações por aí acerca da Andie e chegou-me aos ouvidos uma série de boatos que queria verificar contigo. Ouvi dizer que a Andie teria tido um relacionamento com outra pessoa na altura em que estava com o Sal. Um tipo mais velho, talvez? Já tinhas ouvido falar nessa história?

Emma: Quem te contou isso?

Pip: Desculpa, mas pediram-me que não revelasse o nome.

Emma: Foi a Chloe Burch?

Pip: Desculpa, a sério. Pediram-me para não dizer.

Emma: Só pode ter sido ela; só nós as duas sabíamos, mais ninguém.

Pip: Então é verdade? A Andie teve um relacionamento com um homem mais velho na altura em que namorava com o Sal?

Emma: Bom, sim, foi isso que ela nos contou; nunca disse o nome do tipo nem nada do género.

Pip: Chegaste a ter alguma indicação de quando esse relacionamento terá começado?

Emma: Bem, não foi muito tempo antes de ter sido dada como desaparecida. Acho que começou a falar nisso em março. Mas não tenho a certeza.

Pip: E nunca chegaste a saber quem era?

Emma: Não, ela gostava de nos provocar com o facto de não sabermos.

Pip: E na altura não achaste importante contar à polícia?

Emma: Não, até porque, sinceramente, nunca soubemos mais nada além desses pormenores. E, de certa maneira, eu achava que a Andie tinha inventado esse homem só para arranjar mais dramas.

Pip: E, mesmo depois de toda aquela história do Sal, nunca te ocorreu dizer à polícia que isso poderia ter sido um motivo?

Emma: Não, porque, como já te disse, não acreditava que esse homem existisse mesmo. E a Andie não era estúpida; claro que não teria falado nele ao Sal.

Pip: Mas supõe tu que o Sal tinha arranjado maneira de descobrir?

Emma: Hum, não me parece. A Andie sabia guardar segredos.

Pip: OK, passando agora para a última pergunta, queria saber que alguma vez te chegou ao conhecimento que a Andie pudesse ter tido alguma zanga com a Naomi Ward. Ou que pudesse haver alguma tensão na relação delas.

Emma: Estás a falar da Naomi Ward, amiga do Sal?

Pip: Sim.

Emma: Não, que eu saiba, não.

Pip: A Andie nunca falou em conflitos com a Naomi, nunca disse mal dela?

Emma: Não. Aliás, agora que falas nisso, tenho a certeza de que odiava um dos Wards, embora não fosse a Naomi.

Pip: Como assim?

Emma: Sabes quem é o Sr. Ward, o professor de História? Não sei se ele continua na secundária de Kilton. Mas, sim, a Andie não gostava dele. Lembro-me de dizer que era um idiota, entre outras coisas piores.

Pip: Porquê? Isso foi em que altura?

Emma: Hum, não sei dizer ao certo, mas acho que foi por altura da Páscoa. Não muito tempo antes de tudo ter acontecido, portanto.

Pip: Mas a Andie estava a tirar História?

Emma: Não, mas deve ter sido por ele lhe ter dito que a saia dela era demasiado curta para usar na escola ou algo do género. Ela sempre detestou esse género de coisas.

Pip: OK, era tudo o que tinha para te perguntar. Obrigada mais uma vez pela tua ajuda, Emma.

Emma: Não há problema. Adeus.

NÃO. Não é possível.

Primeiro a Naomi, que já nem consigo olhar nos olhos. E agora o Elliot? Porque é que as perguntas acerca da Andie Bell me estão a dar respostas acerca das pessoas que me são próximas?

OK, o facto de a Andie insultar um professor na presença das amigas no período que antecede a sua morte parece uma perfeita coincidência. Sim. Pode ter sido algo absolutamente inocente.

Mas — e este é um grande mas — o Elliot disse-me que praticamente não conhecia a Andie e que nos seus últimos dois anos de vida mal se relacionara com ela. Sendo assim, se não havia qualquer tipo de relação entre eles, porque haveria ela de chamá-lo idiota? Estaria o Elliot a mentir, e, se sim, por que razão?

Seria hipocrisia da minha parte se não me entregasse agora a todo o tipo de especulações, como fiz antes, só porque eu e o Elliot somos próximos. Portanto, e por muito que isto me possa doer, pergunto: poderá esta pista inócua indicar realmente que o Elliot Ward era o amante secreto mais velho? Quero dizer, de início imaginava que o «amante secreto mais velho» seria alguém na casa dos 20 e muitos anos. Mas se calhar a minha intuição estava errada; talvez se trate de um

homem muito mais velho. Fiz um bolo para o último aniversário do Elliot, por isso sei que ele tem agora 47 anos, o que faz com que tivesse 42 no ano em que a Andie desapareceu.

A Andie disse às amigas que poderia «dar cabo da vida» deste homem. Calculei que isso quisesse dizer que o tipo — quem quer que fosse — era casado. O Elliot não era casado; a mulher dele tinha morrido uns anos antes. Mas era professor na escola dela, ocupava um cargo de grande responsabilidade. Se tivesse havido algum relacionamento impróprio, o Elliot poderia ter-se confrontado com uma pena de prisão. Não há dúvida de que isso poderia contar como «dar cabo da vida» a alguém.

Será ele o género de pessoa capaz de fazer uma coisa dessas? Não, não é. E será que era o género de homem que uma estudante loura e bonita de 17 anos pudesse desejar? Não me parece. Enfim, ele não é hediondo, e tem um certo ar professoral e maduro, mas... não. Não consigo imaginar tal coisa.

Nem acredito que estou de facto a pensar nisto. Quem será o próximo a entrar na lista de pessoas sob suspeita? A Cara? O Ravi? O pai? Eu?

Acho que devo manter-me firme na minha posição e perguntar ao Elliot, de forma a tirar alguns factos a limpo. Caso contrário acabarei por suspeitar de toda a gente que num qualquer momento da vida chegou a ter algum contacto com a Andie. E a paranoia não tem muito a ver comigo.

Mas como é que uma pessoa pergunta com naturalidade a um adulto que conhece desde os seus 6 anos porque mentiu a respeito de uma rapariga assassinada?

Pessoas sob suspeita

Jason Bell

Naomi Ward

Amante secreto mais velho

Elliot Ward

A mão com que escrevia devia ter vida própria, um sistema de circuitos independente daquele que controlava a sua mente.

O Sr. Ward estava a dizer:

— Mas Lenine não gostou do plano de ação adotado por Estaline a respeito da Geórgia após a invasão do Exército Vermelho em 1921 — e os dedos de Pip mexiam-se em consonância, anotando apressadamente toda aquela informação, inclusive com as datas sublinhadas. Mas não estava realmente a prestar atenção.

Travava-se uma guerra no seu íntimo, e as duas partes do seu cérebro brigavam e engalfinhavam-se uma com a outra. Será que devia abordar Elliot a propósito dos comentários da Andie ou poderia constituir um risco para a investigação? Seria indelicado fazer perguntas difíceis acerca de estudantes assassinados ou poderia ser considerado mais um caso de pippismo perfeitamente desculpável?

Tocou a campainha que anunciava a hora de almoço, e Elliot elevou a voz por cima do ruído das cadeiras que se arrastavam e dos fechos das mochilas, gritando:

— Leiam o terceiro capítulo antes da nossa próxima aula. E, se estiverem muito interessados, podem também «seguir a Trótski»¹ para o quarto capítulo. Soltou uma risadinha com a sua própria piada.

— Vens connosco, Pip? — perguntou Connor, pondo-se de pé e lançando a mochila para trás das costas.

— Hum, sim, apanho-vos daqui a minuto — disse ela. — Primeiro preciso de perguntar uma coisa ao Sr. Ward.

— Precisas de perguntar uma coisa ao Sr. Ward, heim? — Elliot tinha ouvido a conversa por alto. — Isso parece-me um mau agouro. Espero que não tenhas começado já a pensar no trabalho escrito.

— Não, quero dizer, sim, já comecei — disse Pip —, mas não era disso que lhe queria falar.

Esperou que ficassem apenas os dois na sala de aula.

— Do que se trata? — Elliot deu uma olhadela ao relógio. — Tens dez minutos antes de eu começar a entrar em pânico por causa da fila para as tostas.

— Sim, desculpe — disse Pip, procurando inutilmente valer-se da coragem que lhe restava. — Hum...

— Está tudo bem? — disse Elliot, voltando a sentar-se à secretária, de pernas e braços cruzados. — Andas preocupada com as candidaturas para a universidade? Podemos dar uma vista de olhos à tua carta de motivação um dia

destes, se...

— Não, não é isso — Pip respirou fundo, expelindo o ar entre dentes. — Eu... Quando o entrevistei há uns dias, disse que nos últimos dois anos de escola da Andie não tivera praticamente contacto com ela.

— Sim. Correto — Elliot Ward pestanejou. — Ela não tinha História.

— OK, mas... — De repente, encheu-se de coragem, e as palavras começaram a sair-lhe de escantilhão: — Uma das amigas da Andie contou-me (peço que me perdoe a linguagem) que a Andie costumava referir-se a si como um idiota, entre outras palavras desagradáveis, nas semanas que antecederam o seu desaparecimento.

Era evidente que por detrás das suas palavras se escondia a questão do porquê de semelhante tratamento; não precisava de lhe dar voz.

— Oh — disse Elliot, afastando o cabelo escuro do rosto. — Bom, tinha esperança de que isso não se viesse a saber. Acho que não serve de nada estarmos a aprofundar agora esse assunto. Mas estou a ver que tens levado o teu projeto muito a sério.

Pip assentiu com a cabeça, dando a entender, com o seu silêncio demorado, que aguardava uma resposta.

Elliot hesitou.

— Não me sinto à vontade para falar no assunto, não me agrada dizer coisas desagradáveis sobre uma aluna que perdeu a vida. — Ergueu o olhar na direção da porta da sala e apressou-se a fechá-la. — Hum... Eu não tinha propriamente uma relação com a Andie na escola, mas conhecia-a, claro, na qualidade de pai da Naomi. E... foi precisamente nessa qualidade, através da Naomi, que fiquei a saber de algumas coisas sobre a Andie Bell.

— Sim?

— Não há uma maneira mais fácil de dizer isto, mas a verdade é que... ela era uma arruaceira. Andava sempre a provocar outra rapariga do ano dela. Agora não me consigo lembrar do nome, mas soava português. Tinha havido um caso qualquer, um vídeo que a Andie tinha divulgado na Internet.

Pip ficou surpreendida e ao mesmo tempo imperturbável. Era mais um caminho que se descobria no labirinto que fora a vida de Andie Bell. Palimpsesto sobre palimpsesto, e o conceito original de Andie, que só agora começava a revelar-se entre múltiplas camadas de rabiscos.

— Eu estava suficientemente a par do que se passava para perceber que a Andie ia arranjar sarilhos com a escola e com a polícia por causa daquilo que tinha feito — continuou Elliot. — E... e pensei que seria uma grande pena, já que era a primeira semana de escola depois da Páscoa, e ela tinha os exames do secundário à porta. Todo o seu futuro ia depender desses exames. — Elliot suspirou. — O que eu devia ter feito era ter informado a diretora de turma assim que fiquei a saber do caso. Mas a escola tem uma política de tolerância zero para

com todo o tipo de *bullying* e *ciberbullying*, e eu sabia que a Andie seria imediatamente expulsa. Já não haveria exames nem universidade para ninguém, e... enfim, não fui capaz de o fazer. Embora ela fosse uma arruaceira, não conseguiria ficar de consciência tranquila ao saber que tinha contribuído para dar cabo do futuro de uma aluna.

— Então o que fez?

— Procurei o contacto do pai dela e telefonei-lhe logo no primeiro dia de aulas a seguir às férias da Páscoa.

— Está a referir-se à segunda-feira da semana em que a Andie desapareceu?

Elliot acenou com a cabeça.

— Sim, creio que sim. Telefonei ao Jason Bell e contei-lhe tudo o que sabia. Disse-lhe que ele precisava de ter uma conversa muito séria com a filha acerca do *bullying* e das consequências desses atos. Sugeriu-lhe também que limitasse o acesso dela à Internet. Disse-lhe que estava a contar com ele para tratar do assunto, caso contrário não teria alternativa senão informar a escola e fazer com que a Andie fosse expulsa.

— E o que disse ele?

— Bem, mostrou-se agradecido pelo facto de eu estar a dar uma segunda oportunidade à filha, uma oportunidade que se calhar ela não merecia. E prometeu-me que trataria do assunto e que teria uma conversa com ela. Está agora a parecer-me que, quando o Sr. Bell chegou de facto a falar com a Andie, deve ter dito que tinha sido eu a informá-lo do sucedido. Por isso, devo dizer que não me espanta muito o facto de ter sido alvo de algumas palavras mais aguçadas por parte da Andie nessa semana. Fico decepcionado, só isso.

Pip respirou fundo, desta feita com um alívio que não se deu ao trabalho de disfarçar.

— Então, o que é isso?

— Fico só contente por saber que não menti por uma razão pior.

— Acho que andaste a ler demasiados romances policiais, Pip. Porque não optas antes por biografias históricas? — disse ele com um sorriso amável.

— Esses livros podem ser tão perturbadores quanto a ficção. — Pip interrompeu-se. — Nunca contou a ninguém, pois não? Isto do *bullying* da Andie...?

— Claro que não. Seria inútil depois de tudo o que aconteceu. E também seria insensível da minha parte. — Coçou o queixo. — Tento não pensar nisso, até porque acabo por me perder em teorias do género efeito borboleta. E se eu tivesse simplesmente informado a escola e a Andie tivesse sido expulsa nessa semana? Será que isso teria alterado o desfecho das coisas? Será que teria revertido as circunstâncias que levaram o Sal a matá-la? Será que os dois ainda estariam vivos?

— Há que evitar esses becos sem saída — disse Pip. — E tem a certeza de

que não se lembra da rapariga que foi vítima de *bullying*?

— Não, desculpa — disse ele. — A Naomi é capaz de se lembrar; podes sempre perguntar-lhe. Mas não sei até que ponto isso tem que ver com a importância dos *media* em inquéritos criminais. — Ao dizer isto, lançou-lhe um olhar ligeiramente reprovador.

— Bom, ainda não me decidi quanto ao título definitivo — disse ela com um sorriso.

— Muito bem, tenta não te meter num beco sem saída. — E depois disso, de dedo em riste: — E agora vou pôr-me a milhas porque estou a precisar desesperadamente de uma tosta de atum. — Sorriu e saiu a toda a pressa para o corredor.

Pip sentiu-se mais leve assim que o peso da dúvida desapareceu, tal como Elliot desaparecera ao sair porta fora. E agora, ao invés de contar com conjecturas despropositadas que a afastariam do caminho certo, tinha uma verdadeira pista a seguir. E menos um nome na lista. Só tivera a ganhar.

Porém, a pista estava a empurrá-la novamente para Naomi. E Pip ver-se-ia forçada a encará-la e a fingir que não achava que se escondia algo de sinistro no olhar dela.

¹ Trocadilho com «seguir a trote». (NT)

Diário de Produção — 15.^a entrada

Transcrição da segunda entrevista com Naomi Ward

Pip: OK, está a gravar. Portanto, o teu pai contou-me que veio a descobrir que a Andie andava a provocar uma rapariga do vosso ano. Um caso de cyberbullying. Ele acha que o caso estava relacionado com um vídeo qualquer divulgado na Internet. Sabes alguma coisa acerca disto?

Naomi: Sim. A Andie era um poço de problemas, como já te tinha dito.

Pip: Podes contar-me mais acerca dessa história?

Naomi: Havia uma miúda do nosso ano, a Natalie da Silva, que também ela loura e bonita. Na verdade, eram as duas bastante parecidas. E acho que a Andie via nela uma ameaça, já que desde o início do nosso último ano tinha começado a espalhar boatos acerca dela e a tentar arranjar maneiras de a humilhar.

Pip: Como sabes todas essas coisas, se o Sal e a Andie só começaram a andar em dezembro desse ano?

Naomi: Eu era amiga da Nat. Tínhamos Biologia juntas.

Pip: Ah... E que género de boatos é que a Andie começou a espalhar?

Naomi: Era o género de coisas nojentas que só uma adolescente consegue inventar. Coisas como a família dela ser incestuosa ou que a Nat espiava as pessoas a despirem-se nos balneários enquanto se tocava. Esse género de coisas.

Pip: E tu achas que a Andie dizia essas coisas porque a Nat era bonita e via nisso uma ameaça?

Naomi: Eu acredito que era essa a linha de pensamento dela. A Andie queria ser a rapariga mais desejada pelos rapazes entre todas desse ano. A Nat significava concorrência, por isso a Andie tinha de a derrubar.

Pip: Soubeste do vídeo na altura, portanto?

Naomi: Sim, foi divulgado em tudo o que é rede social. Acho que só foi retirado alguns dias mais tarde, quando alguém denunciou a publicação por ter conteúdo inadequado.

Pip: Quando é isso se passou?

Naomi: Foi durante as férias da Páscoa. Não foi durante o período escolar, graças a Deus; isso ainda teria sido pior para a Nat.

Pip: OK, então o que era, afinal?

Naomi: Bom, tanto quanto sei, a Andie tinha estado com alguns amigos da escola, incluindo aquelas duas escravas dela.

Pip: A Chloe Burch e a Emma Hutton?

Naomi: Sim, entre outros miúdos. Não era o Sal nem ninguém do nosso grupo. E havia um tipo, o Chris Parks, de quem a Nat gostava, e toda a gente sabia disso. Não sei os pormenores da história, mas ou a Andie usou o telemóvel dele ou disse-lhe o que queria que ele fizesse, e entretanto começaram a enviar mensagens atrevidas à Nat. E ela ia respondendo porque gostava do Chris e achava que as mensagens eram escritas por ele. E então a Andie, que se estava a fazer passar pelo Chris, pediu à Nat para enviar um vídeo dela em topless, mas com a cara visível, de forma a ter a certeza de que era mesmo ela.

Pip: E a Nat fê-lo?

Naomi: Sim. Foi um bocado ingénuo da parte dela, mas a Nat achava que estava a falar só com o Chris. Quando demos conta, já o vídeo estava online, e a Andie mais um monte de pessoas andavam a divulgá-lo nas redes sociais. Os comentários não podiam ter sido mais horríveis. E praticamente toda a gente desse ano viu o vídeo antes de o terem apagado. A Nat ficou inconsolável. Sentiu-se de tal modo humilhada que chegou a faltar aos dois primeiros dias de aulas depois das férias da Páscoa.

Pip: O Sal sabia que a Andie andava a fazer essas coisas?

Naomi: Bom, eu falei-lhe no assunto. Ele não aplaudiu, como é óbvio. Limitou-se a dizer: «Mais um drama da Andie. Não me quero envolver nisso.» Às vezes o Sal tinha uma postura demasiado relaxada perante certas coisas.

Pip: Lembras-te de mais alguma coisa que possa ter acontecido entre a Nat e a Andie?

Naomi: Por acaso, sim. Uma coisa que para mim terá sido igualmente grave, embora quase ninguém saiba o que se passou. É possível que eu tenha sido a única pessoa a quem a Nat contou, isto porque a vi a chorar na aula de Biologia pouco depois de isso ter acontecido.

Pip: Isso o quê?

Naomi: Então, no primeiro período, a escola estava a organizar uma peça de teatro para os alunos do 11.º e 12.º anos. Acho que a peça era As Bruxas de Salem. Quando as audições terminaram, a Nat ficou com o papel principal.

Pip: Para fazer de Abigail?

Naomi: Talvez, não sei. E pelos vistos a Andie queria ficar com esse papel, por isso ficou mesmo lixada. Então, depois de terem afixado os papéis da peça, a Andie encostou a Nat à parede e disse-lhe...

Pip: Sim?

Naomi: Desculpa, esqueci-me de contextualizar a história. O irmão da Nat, o Daniel, que era uns cinco anos mais velho do que nós, tinha trabalhado na escola em part-time como auxiliar na altura em que andávamos pelos 15 ou 16 anos. Foi só durante um ano, enquanto andava à procura de emprego.

Pip: Certo. E então?

Naomi: OK, então a Andie encosta a Nat à parede e diz-lhe que o irmão tinha tido relações sexuais com ela nos tempos em que ainda trabalhava na escola, embora na altura ela tivesse apenas 15 anos. E a Andie disse à Nat que teria de desistir da peça, caso

contrário iria contar à polícia que o irmão tinha violado uma menor. E a Nat acabou por desistir porque ficou assustada com aquilo que a Andie poderia fazer.

Pip: Isso é verdade? A Andie envolveu-se com o irmão da Nat?

Naomi: Não sei. A Nat também não sabia ao certo, por isso desistiu da peça. Mas acho que nunca chegou a perguntar ao irmão.

Pip: Sabes o que é feito da Nat? Achas que podia falar com ela?

Naomi: Já não mantemos contacto, mas sei que voltou para casa dos pais. Ainda assim, ouvi umas coisas a respeito dela.

Pip: Que coisas?

Naomi: Hum... Acho que se meteu numa briga qualquer quando andava na universidade. Foi detida pela polícia e acusada de ofensas corporais graves, e acho que até chegou a passar algum tempo na prisão.

Pip: Oh, céus.

Naomi: Podes crer.

Pip: Podes dar-me o número dela?

— Arranjaste-te toda para vires ter comigo, sargento? — disse Ravi, encostado à soleira da porta e vestido com uma camisa de flanela verde axadrezada e umas calças de ganga.

— Não, vim diretamente da escola — disse Pip. — E preciso da tua ajuda. Calça-te — disse, batendo palmas por um segundo —, quero que venhas comigo.

— Temos alguma missão pela frente? — perguntou ele, recuando com passos vacilantes para enfiar uns ténis velhos que tinham sido largados à entrada. — É preciso ir buscar os meus óculos protetores de visão noturna e o meu cinto de ferramentas?

— Para já, não — disse ela com um sorriso, começando a descer o caminho ajardinado de acesso à casa assim que Ravi fechou a porta e seguiu no seu encalço.

— Onde vamos?

— A uma casa onde cresceram dois dos potenciais suspeitos do caso Andie Bell — disse Pip. — Uma delas saiu há pouco tempo da prisão depois de ter cometido uma «agressão da qual resultaram danos corporais severos», disse, fazendo aspas com os dedos. — E tu és o meu reforço, já que vamos falar com uma pessoa sob suspeita que poderá revelar-se violenta.

— Um reforço? — disse ele, procurando alcançá-la para caminharem lado a lado.

— Não é nada de mais — disse Pip —, é só para haver alguém por perto se eu começar a gritar e a pedir ajuda.

— Espera, Pip. — Ravi fechou os dedos em torno do braço dela e fez com que detivessem os dois a marcha. — Não quero que faças nada que possa ser realmente perigoso. O Sal também não ia querer isso.

— Oh, deixa-te disso. — Pip não fez caso da advertência. — Não deixo que nada interfira com os meus trabalhos de casa, nem um pouco de perigo. Além disso, ela só vai ter de responder a algumas perguntas, tudo com muita calma.

— Ah, é uma ela, portanto? — disse Ravi. — Bom, sendo assim, está bem.

Pip fez rodar a mochila de forma a acertar-lhe com ela no braço.

— Não penses que não ouvi — disse ela. — As mulheres podem ser tão perigosas como os homens.

— Au, a quem o dizes! — disse ele, friccionando o braço. — O que levas aí dentro, tijolos?

Assim que parou de fazer troça do carro de Pip, que era baixo e pequeno, mais parecido com inseto do que com outra coisa, Ravi colocou o cinto de segurança, e Pip introduziu a morada no telemóvel. Pôs então o carro a trabalhar e deixou Ravi a par de tudo o que ficara a saber desde a última vez que tinham conversado. Tudo à exceção do vulto que avistara na floresta e do bilhete que encontrara no saco-cama. Aquela investigação significava tudo para ele, e, contudo, sabia que lhe diria para parar se achasse que ela poderia correr algum perigo. E não podia deixá-lo nessa posição.

— Estou a ver que a Andie era uma fonte de problemas — disse ele assim que Pip terminou o seu relato. — Ainda assim, as pessoas foram muito rápidas a achar que o Sal é que era o monstro nesta história. Uau, isto foi profundo. — Voltou-se então para ela. — Se quiseres, podes citar-me no teu projeto.

— Claro que sim, com uma nota de rodapé e tudo — disse ela.

— Ravi Singh — disse ele, fingindo apontar as palavras —, pensamentos profundos sem filtros, automóvel-inseto de Pip, 2017.

— Hoje tivemos uma aula de PIA de uma hora dedicada às notas de rodapé — disse Pip, voltando a olhar para a estrada. — Como se eu não soubesse o que são notas de rodapé. Quando vim ao mundo, já sabia fazer referências bibliográficas.

— Um superpoder muito interessante, não haja dúvida; devias telefonar para a Marvel.

Foram interrompidos pela voz mecânica e ligeiramente enfatuada que saía do telemóvel de Pip, dizendo-lhes que faltava cerca de meio quilómetro para chegarem ao local de destino.

— Deve ser esta — disse Pip. — A Naomi disse-me que era a casa da porta azul-clara. — Apontou para a casa e parou junto ao passeio. — Ontem, telefonei à Natalie duas vezes. Da primeira, desligou a chamada mal pronunciei as palavras «projeto para a escola». Depois, limitou-se a não atender o telemóvel. Espero que ao menos nos abra a porta. Vens?

— Não sei — disse ele, de dedo apontado para o próprio rosto —, há sempre aquela questão de eu ser o *irmão do assassino*. És capaz de lhe arrancar mais respostas se eu não estiver presente.

— Oh...

— E se eu ficar ali junto à entrada? — Apontou na direção das lajes de cimento que atravessavam o jardim até à entrada de casa, no ponto preciso em que faziam uma esquina acentuada para a esquerda, que conduzia à porta principal. — Ela não vai dar por mim, mas vou estar aqui, pronto para entrar em ação.

Saíram do carro, e Ravi passou-lhe a mochila para as mãos, exagerando nos grunhidos de esforço ao levantá-la.

Fez-lhe sinal com a cabeça assim que o viu a postos e depois encaminhou-se

em passo ligeiro até à porta da frente. Tocou duas vezes à campainha, dois toques breves mas veementes, e pôs-se a mexer nervosamente na gola do blazer assim que um vulto sombrio assomou junto ao vidro fosco.

A porta abriu-se lentamente, e a fresta deixou entrever um rosto. Uma jovem de cabelo louro platinado cortado à escovinha e *eyeliner* em torno de uns olhos que a faziam parecer um guaxinim. O rosto que se ocultava por trás apresentava estranhas parecenças com os traços de Andie: uns grandes olhos azuis e uns lábios cheios e pálidos que se assemelhavam em tudo aos dela.

— Olá — disse Pip —, és a Nat da Silva?

— S-sim — disse ela num tom hesitante.

— Chamo-me Pip — disse, engolindo em seco. — Fui eu que te telefonei ontem. Sou amiga da Naomi Ward; tu conhecia-la da escola, certo?

— Sim, a Naomi era minha amiga. Porquê? Ela está bem? — Nat fez um ar preocupado.

— Oh, sim, está ótima — disse Pip com um sorriso. — Neste momento está outra vez a morar em casa dos pais.

— Não sabia. — Nat abriu um pouco mais a porta. — Sim, devia telefonar-lhe um dia destes. Então...

— Desculpa — disse Pip. Olhou então para Natalie de alto a baixo e reparou na pulseira eletrónica que lhe cingia o tornozelo. — Bom, tal como te disse no meu telefonema, estou a desenvolver um projeto para a escola e pensei que talvez pudesse fazer-te algumas perguntas. — Voltou rapidamente a olhar para o rosto de Nat.

— É sobre o quê?

— Hum, é sobre a Andie Bell.

— Não, obrigada. — Nat recuou e tentou fechar a porta, mas Pip deu um passo em frente para travar a porta com o pé.

— Por favor. Estou a par das coisas horríveis que ela te fez — disse. — Consigo perceber o que te leva a recusar, mas...

— Essa cabra deu-me cabo da minha vida — irrompeu Nat. — Não vou perder nem mais um minuto da vida com ela. Sai!

Foi então que ambas ouviram o ruído de uma sola de borracha a deslizar no cimento, acrescido de uma voz sussurrada:

— Oh, merda.

Nat espregueitou, e os seus olhos arregalaram-se.

— Tu — disse ela em voz baixa. — Tu és o irmão do Sal.

Foi então a vez de Pip se voltar, tendo o seu olhar caído sobre a figura de Ravi, que se encontrava já atrás dela, permanecendo especado e com um ar acanhado ao lado de uma laje de cimento desnivelada que certamente o teria feito tropeçar.

— Olá — disse ele, baixando a cabeça e pondo a mão no ar. — Sou o Ravi.

Avançou alguns passos até ficar ao lado de Pip, e, ao fazê-lo, Nat afrouxou a mão que segurava a porta, tendo-a aberto novamente.

— O Sal sempre foi simpático comigo — disse ela —, mesmo nas alturas em que não tinha obrigação de o ser. Da última vez que falámos, tinha-se oferecido para abdicar da hora de almoço e dar-me explicações de Ciência Política, porque eu estava a ter dificuldades com essa disciplina. Lamento muito que tenhas perdido o teu irmão.

— Obrigado — disse Ravi.

— Isto também deve ser difícil para ti — prosseguiu Nat, ainda com o olhar perdido algures noutra dimensão —, o facto de esta cidade idolatrar tanto a Andie Bell. A santa e a menina dos olhos de Kilton. E aquela dedicatória gravada num banco que lhe consagraram: *Partiu cedo de mais*. Demasiado tarde, era o que devia dizer.

— Santa ela não era — disse Pip num tom delicado, procurando persuadir Nat a deixar de se esconder atrás da porta. Mas Nat não olhava para ela, só para Ravi.

Ravi interveio.

— Ela costumava provocar-te?

— Podes crer que sim — disse Nat com um riso amargo —, e continua a dar cabo da minha vida, mesmo morta e enterrada. Já debes ter reparado no meu equipamento. — Apontou para a pulseira eletrónica que tinha no tornozelo. — Puseram-me isto porque dei um murro a uma das minhas companheiras de residência da universidade. Estávamos a decidir os quartos, e uma das raparigas começou a armar-se em engraçadinha comigo, tal como a Andie teria feito, e perdi a cabeça.

— Sabemos que ela chegou a divulgar um vídeo teu — disse Pip. — Devia ter sido incriminada por isso; na altura, ainda eras menor.

Nat encolheu os ombros.

— Pelo menos, recebeu o castigo que merecia nessa semana. Algum caso de divina providência. Graças ao Sal.

— Desejaste que a Andie morresse, depois daquilo que te fez? — perguntou Ravi.

— Claro que sim — disse Nat num tom sombrio. — Claro que queria que ela morresse. Fiquei de tal modo transtornada que tive de faltar dois dias à escola. E, quando voltei, na quarta-feira seguinte, toda a gente olhava para mim e gozava com a minha cara. Estava eu a chorar no corredor quando a Andie passou por mim e me chamou puta. Fiquei de tal modo furiosa que acabei por lhe deixar um bilhetezinho simpático no cacifo. O meu medo era tal que não conseguia dizer-lhe o que quer que fosse na cara.

Pip olhou de lado para Ravi, notando-lhe o maxilar cerrado e as sobrancelhas franzidas, e percebeu que também ele tinha apanhado aquela referência.

— Um bilhete? — disse ele. — Era... era um bilhete a ameaçá-la?

— Claro que era um bilhete a ameaçá-la — disse Nat com uma gargalhada.

— *Vou matar-te, sua cabra estúpida*, qualquer coisa do género. Mas parece que o Sal se antecipou.

— Ou talvez não — disse Pip.

Nat voltou-se para Pip e olhou-a nos olhos. Então, desatou num riso alto e forçado que projetou um perdigoto sobre a bochecha de Pip.

— Oh, isto é demasiado bom — disse ela com voz estridente. — Estás a perguntar-me se fui *eu* que matei a Andie Bell? Eu tinha os meus motivos, deve ser isso que estás a pensar. Queres saber qual é a merda do meu álibi? — disse, soltando uma gargalhada cruel.

Pip nada disse em resposta. A sua boca ia-se enchendo desagradavelmente de saliva, e contudo não engolia. Recusava-se a fazer o menor movimento. Sentiu o cotovelo de Ravi roçar o seu, a mão dele a tocar ao de leve na sua, perturbando a atmosfera em redor.

Nat inclinou o tronco para ambos.

— Não tinha amigos por causa da Andie Bell. Não tinha onde ir às sextas-feiras à noite. Passava o tempo a jogar *Scrabble* com os meus pais e a minha cunhada, enfiava-me na cama às onze. Lamento desiludir-vos.

Pip nem teve tempo para engolir.

— E onde andava o teu irmão, já que a mulher dele estava em casa contigo?

— Mais um suspeito, não é verdade? — A voz dela soou sinistra ao resmonear: — Presumo que a Naomi já deva ter falado convosco. Nessa noite, o meu irmão tinha estado num bar a beber com os amigos polícias.

— Ele é polícia? — perguntou Ravi.

— Terminou o estágio nesse ano. Por isso, lamento informar, mas não há assassinos nesta casa. Agora vão à merda e podem também dizer à Naomi que vá à merda.

Nat recuou e fechou a porta na cara de ambos com um pontapé.

Pip ficou a ver a porta a estremecer no caixilho, com um olhar de tal modo petrificado que por momentos deu a impressão de que as próprias partículas de ar continuavam a vibrar com o estrondo. Abanou a cabeça e voltou-se para Ravi.

— Vamos embora — disse com brandura.

Já no carro, Pip permitiu-se respirar fundo durante alguns segundos, suficientemente vagarosos para que conseguisse converter em palavras a confusão em que tinha as ideias.

Ravi foi o primeiro a fazê-lo:

— Será que me meti em sarilhos por... enfim, por ter literalmente entrado de escantilhão na conversa? Ouvi vozes exaltadas e...

— Não. — Pip olhou para ele e não pôde deixar de sorrir. — Ainda bem que interviste. Ela só falou porque tu estavas lá.

Ravi endireitou-se um pouco mais no seu lugar, ficando com o cabelo esmagado sob o teto do carro.

— Então quer dizer que a ameaça de morte de que a jornalista te falou... — disse.

— Veio da Nat — rematou Pip, dando a volta à chave na ignição.

Afastou o carro do passeio e conduziu ao longo de seis metros de estrada, já fora do alcance da casa da família Da Silva, antes de ter voltado a parar e a pegar no telemóvel.

— O que estás a fazer?

— A Nat disse que o irmão é polícia. — Acedeu ao motor de busca e começou a escrever. — Vamos procurá-lo.

Em primeiro lugar nos resultados da pesquisa surgiu: *Agente Daniel da Silva, Polícia de Thames Valley*. Era uma página do *website* oficial da polícia que a informava de que o agente Daniel da Silva integrava a força policial local que cobria todo o território de Little Kilton. Uma consulta rápida do seu perfil de LinkedIn confirmou que ocupava esse posto desde o final de 2011.

— Ei, eu conheço-o — disse Ravi, debruçando-se sobre o ombro dela, de dedo espetado para a fotografia de Daniel.

— Conheces?

— Sim. Foi o agente que me disse para desistir na altura em que comecei a fazer perguntas sobre o Sal. Foi ele que me disse que não havia a menor dúvida de que o meu irmão era o culpado. Ele *não* gosta de mim. — A mão de Ravi trepou pela nuca até à cabeça, e os dedos perderam-se numa mecha de cabelo escuro. — No verão passado, estava eu sentado numa das mesas da esplanada de um café, quando este tipo (fez um gesto na direção da fotografia de Daniel) me obrigou a afastar-me, alegando que eu estava a «estorvar». Tem graça, pelos vistos não achou o mesmo a respeito das outras pessoas que também estavam na esplanada, só o miúdo escurinho que tinha um irmão assassino é que estava a estorvar.

— Que idiota desprezível — disse ela. — E ele ignorou todas as tuas perguntas?

Ravi acenou com a cabeça.

— Ele tornou-se agente da polícia de Kilton pouquíssimo tempo antes da Andie ter desaparecido. — Pip ficou de cabeça inclinada, a olhar fixamente para o instantâneo com o rosto eternamente sorridente de Daniel. — Ravi, se houve *realmente* alguém que tramou o Sal e fez com que a morte dele tivesse parecido suicídio, não te parece que teria sido mais fácil para alguém que estivesse a par dos procedimentos internos da polícia?

— Lá isso é verdade, sargento — disse ele. — E há ainda o boato de que a Andie terá ido para a cama com ele quando tinha 15 anos, boato esse que lhe serviu para chantagear a Nat de forma que esta desistisse da peça.

— Sim. E se eles tivessem reatado o relacionamento mais tarde, quando o Daniel já era casado e a Andie frequentava o último ano da escola? É possível que fosse ele o amante secreto mais velho.

— E a Nat? — disse ele. — Sinto-me inclinado a acreditar nela quando nos diz que naquela noite estava em casa com os pais, já que tinha perdido todos os amigos. Mas... também já demonstrou que é capaz de ser violenta. — Ergueu as duas palmas abertas no ar numa espécie de sobe-e-desce conceptual. — E existe um motivo, sem dúvida. Talvez irmão e irmã sejam uma dupla assassina?

— Ou talvez a dupla assassina seja Nat-e-Naomi — disse Pip com um suspiro.

— De facto, ela pareceu bastante zangada quando percebeu que a Naomi tinha falado contigo — anuiu Ravi. — Qual é o limite de palavras para esse projeto, Pip?

— Nunca serão suficientes, Ravi. Nem de perto nem de longe.

— E que tal irmos comer um gelado e darmos um descanso aos cérebros? — Voltou-se para ela com aquele seu sorriso característico.

— Sim, se calhar não era má ideia.

— Isto, claro, se fores o género de miúda que gosta de massa de bolacha. Citação, Ravi Singh — disse num tom teatral para um microfone invisível —, uma tese sobre o melhor sabor de gelado de sempre, automóvel de Pip, setemb...

— Cala-te.

— OK.

Diário de Produção — 17.^a Entrada

Não consigo encontrar nada sobre o Daniel da Silva. Nada que possa dar-me mais pistas. A informação que se pode obter do perfil de Facebook é praticamente nula, com a exceção de que casou em setembro de 2011.

Mas, se era de facto o amante secreto mais velho, a Andie poderia ter dado cabo da vida dele de duas formas diferentes: poderia ter contado à nova mulher do Daniel que ele andava a enganá-la, o que acabaria por lhe destruir o casamento, OU poderia ter apresentado uma queixa à polícia por violação de uma menor devido ao que se tinha passado dois anos antes. Até agora, ambas as circunstâncias não passam de boatos, mas, no caso de ser verdade, não há dúvida de que se poderia vislumbrar nelas um motivo para que o Daniel a quisesse ver morta. A Andie poderia ter feito chantagem com ele; não seria totalmente inusitado da parte dela se tivesse decidido chantagear um membro da família Da Silva.

Também não encontro nada na Internet a respeito da sua vida profissional, exceção feita para um artigo escrito pelo Stanley Forbes há três anos acerca de um acidente rodoviário em Hogg Hill para o qual o Daniel foi chamado em serviço.

Mas, se o Daniel é de facto o assassino que procuramos, parece-me que poderá ter interferido de alguma maneira na investigação enquanto agente da polícia. Um homem por dentro dos procedimentos. Talvez tenha surripiado ou adulterado alguma prova que pudesse incriminá-lo na altura em que andaram a fazer buscas na residência da família Bell. Ele ou a irmã, quem sabe.

Também vale a pena sublinhar a reação dele quando o Ravi lhe quis fazer perguntas sobre o Sal. Será que se fechou em copas com o Ravi de forma a proteger-se?

Voltei a pesquisar todos os artigos de jornal que dão conta do desaparecimento da Andie. Olhei fixamente para as fotografias das buscas da polícia até sentir uma grande comichão nos olhos, como se das órbitas comesçassem a sair umas patinhas que depois se fossem estatelar no ecrã do portátil, à semelhança de traças grotescas. Até agora ainda não consegui identificar o Da Silva no meio dos polícias da investigação criminal.

Ainda assim, há uma fotografia que me deixa dúvidas. Foi tirada na manhã de domingo. Veem-se uns quantos polícias com coletes fluorescentes parados à entrada da casa da Andie. Um deles está a entrar pela porta da frente, de costas viradas para a câmara. O corte e a cor do cabelo correspondem aos do Da Silva, pelo que pude averiguar nas imagens dele publicadas nas redes sociais por essa altura.

É possível que seja ele.

É possível.

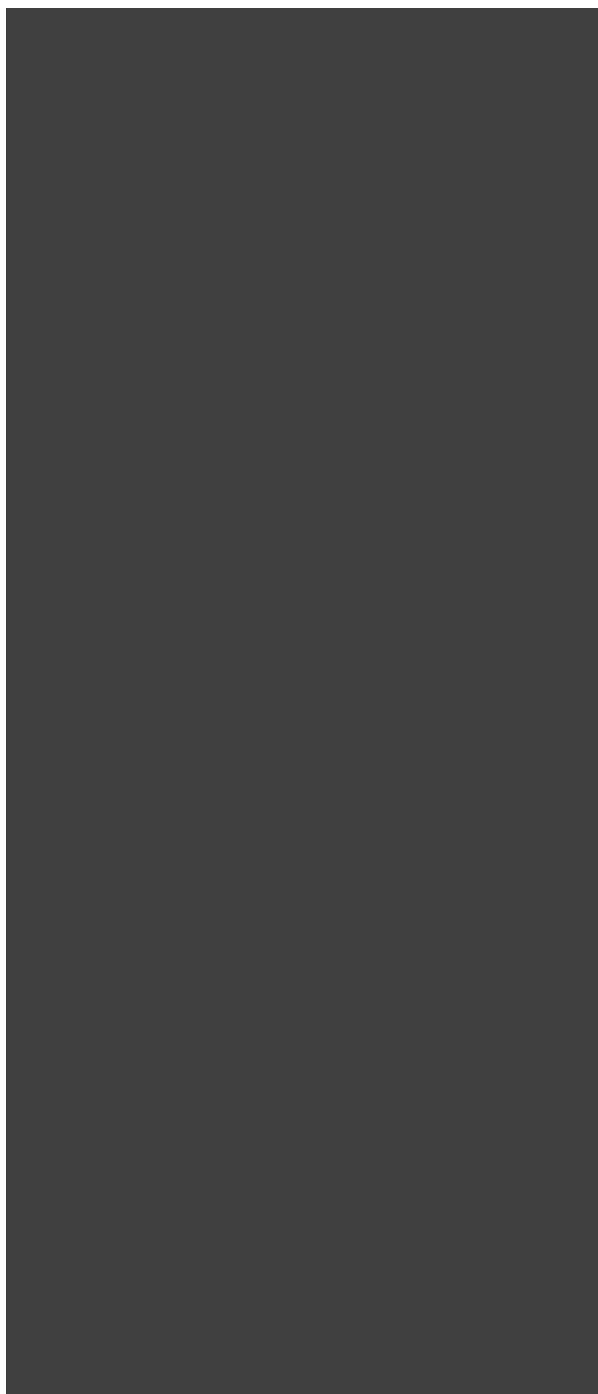
Mais um nome a acrescentar à lista.

Diário de Produção — 18.^a Entrada

Chegou!

Nem acredito que recebi isto.

A Polícia de Thames Valley respondeu ao meu requerimento ao abrigo da Lei pela Liberdade de Informação. O e-mail deles:



Cara Sra. Fitz-Amobi,

**REQUERIMENTO AO ABRIGO DA LEI PELA LIBERDADE DE INFORMAÇÃO N.º
3142/17**

Escrevo para a informar a respeito do seu requerimento com data de 19/08/2017, recebido pela Polícia de Thames Valley, a solicitar as seguintes informações:

Estou a desenvolver um projeto escolar acerca da investigação do caso Andrea Bell e gostaria de solicitar o seguinte:

1. Uma transcrição da entrevista feita a Salil Singh a 21/04/2012.
2. Transcrições de todas as entrevistas que possam ter sido feitas a Jason Bell.
3. Registos das descobertas resultantes das buscas realizadas na residência da família Bell nas datas de 21/04/2012 e 22/04/2012.

Ficaria muito grata se me pudessem ajudar a respeito de alguma destas solicitações.

Resultado

Os pontos 2 e 3 do requerimento foram recusados, citando para o efeito as isenções previstas nas Alíneas 30 (1) (a) (Investigações) e 40 (2) (Informação Pessoal) do Regulamento de Proteção de Dados. Este e-mail constitui prova parcial do Aviso de Recusa ao abrigo da Alínea 17 da Lei pela Liberdade de Informação (2000).

O pedido 1 foi deferido, embora o documento contenha revisões feitas ao abrigo das Alíneas 30 (1) (a) (b) e 40 (2). A transcrição segue em anexo.

Razões que fundamentam a decisão

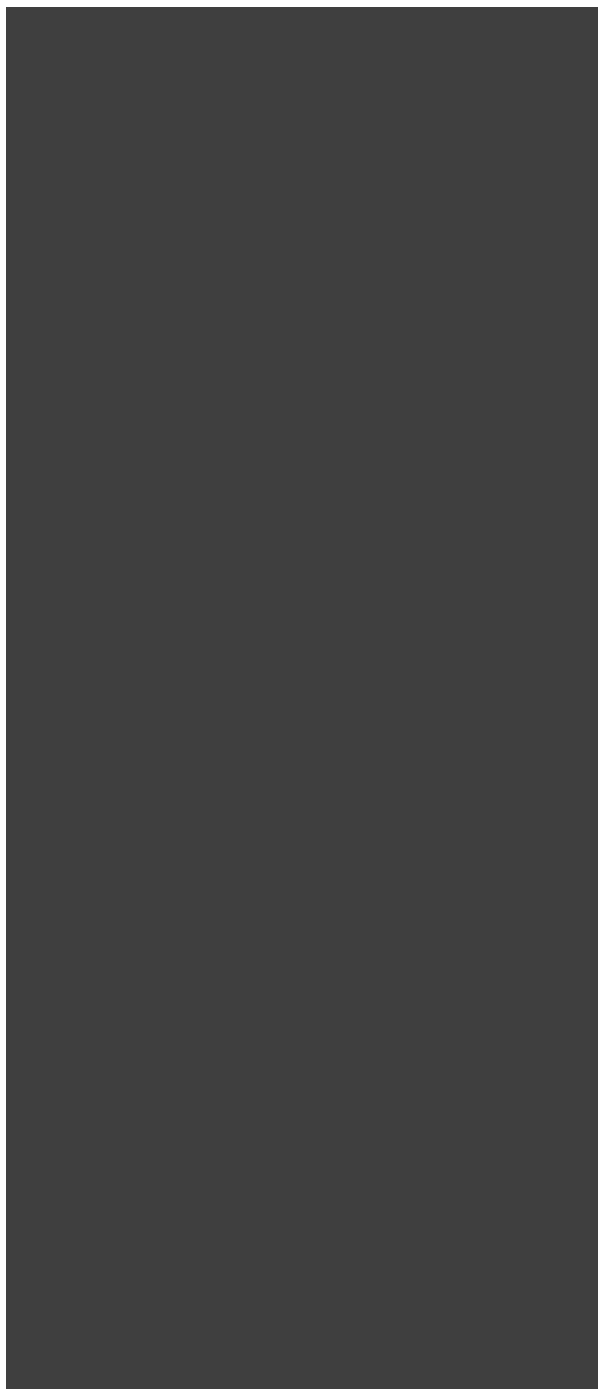
A Alínea 40 (2) estipula a isenção de revelar informação referente a dados pessoais de um indivíduo que não seja o requerente e nos casos em que a divulgação de dados pessoais signifique uma transgressão de qualquer um dos princípios estipulados pela Lei de Proteção de Dados Pessoais (1988).

A Alínea 30 (1) estipula a isenção do dever de revelar informação a que uma autoridade pública possa ter tido acesso durante um determinado período de tempo destinada a investigação ou a procedimentos internos.

Se não ficar satisfeita com a presente resposta, dispõe do direito de apresentar uma reclamação ao Comissariado de Informação. Chamo a sua atenção para o documento em anexo, que especifica os pormenores referentes ao seu direito de reclamação.

Atenciosamente,

Gregory Pannett



Consegui a entrevista do Salil! Tudo o resto foi recusado. Mas, ao recusarem as outras informações, acabaram por confirmar que o Jason Bell terá sido pelo menos entrevistado durante a investigação; quem sabe se a polícia não terá também suspeitado de algo?

A transcrição em anexo:

Entrevista gravada Salil Singh

Data: 21/04/2012

Duração: 11 minutos

Local: Residência do entrevistado

Entrevista realizada por agentes da Polícia de Thames Valley

Polícia: Esta entrevista está a ser gravada.

Estamos a dia 21 de abril de 2012, e verifico que são agora 15h55.

O meu nome é **eliminado Alínea 40 (2)** e exerço funções em **eliminado Alínea 40 (2)** enquanto agente da Polícia de Thames Valley.

Igualmente presente está o meu colega **eliminado Alínea 40 (2)**.
Importa-se de indicar o seu nome completo?

SS: Sim, claro. É Salil Singh.

Polícia: E pode confirmar a sua data de nascimento?

SS: 14 de fevereiro de 1994.

Polícia: Nascido no dia de São Valentim, heim?

SS: Pois é.

Polícia: Bom, Salil, o melhor é despacharmos já esta fase inicial do procedimento. Só para que saibas, esta entrevista é voluntária, e és livre de a interromper ou de nos pedir para sair a qualquer momento. Estamos a entrevistar-te na qualidade de testemunha relevante no inquérito instaurado a respeito de Andrea Bell no âmbito dos casos de pessoas desaparecidas.

SS: Desculpe interromper, mas eu já lhes disse que não a vi depois da escola, por isso não testemunhei nada.

Polícia: Sim, acredito que a terminologia seja um pouco confusa. Uma testemunha relevante é também alguém que tem uma relação especial com a vítima ou, neste caso, a possível vítima. E, tanto quanto podemos averiguar, tu és o namorado da Andrea, certo?

SS: Sim. Ninguém a trata por esse nome. É Andie.

Polícia: Muito bem, desculpa. Há quanto tempo tu e a Andie estão juntos?

SS: Desde pouco antes do Natal passado. Há quatro meses, portanto. Desculpe, disse que a Andie era uma possível vítima? Não estou a perceber.

Polícia: É um procedimento habitual, nada mais. Ela está desaparecida, mas, por se tratar

de uma menor e por ser algo de insólito no caso em questão, não podemos descartar por completo a hipótese de a Andie ter sido vítima de um crime. Esperamos que se comprove o contrário, naturalmente. Estás bem?

SS: Hum... Sim, estou só preocupado.

Polícia: É compreensível, Salil. Bom, em primeiro lugar, queria perguntar-te quando foi última vez que viste a Andie.

SS: Foi na escola, como já tinha dito. Ficámos a conversar no parque de estacionamento depois das aulas, e a seguir fui a pé para casa e lembro-me de ela ter feito o mesmo.

Polícia: Até à tarde dessa sexta-feira, houve algum momento em que a Andie te tenha dado a entender que tinha vontade de fugir de casa?

SS: Não, nunca.

Polícia: Ela chegou a falar contigo acerca de algum problema que pudesse estar a ter em casa, com a família dela?

SS: Quer dizer, nós falávamos sobre esse género de coisas, como é óbvio. Nada de importante, só coisas normais de adolescente. Sempre achei que a Andie e **eliminado Alínea 40 (2)**. Mas não tinha acontecido nada há pouco tempo que a tivesse deixado com vontade de fugir, se é isso que está a perguntar. Não.

Polícia: Fazes ideia de alguma coisa que possa ter levado a Andie a querer sair de casa com o objetivo de não ser encontrada?

SS: Hum... Não tenho a certeza, acho que não.

Polícia: Como descreverias o teu relacionamento com a Andie?

SS: Como assim?

Polícia: Era um relacionamento sexual?

SS: Hum... Mais ou menos.

Polícia: Mais ou menos?

SS: Eu nunca... enfim, nunca cheguei a ir até ao fim.

Polícia: Tu e a Andie nunca tiveram relações sexuais?

SS: Não.

Polícia: Dirias que a vossa relação é saudável?

SS: Não sei. Como assim?

Polícia: Vocês discutem muito?

SS: Não, discutir não. Não sou uma pessoa conflituosa, é por isso que estamos bem um com o outro.

Polícia: E discutiram nos dias anteriores ao desaparecimento da Andie?

SS: Hum, não. Não houve discussões.

Polícia: Bom, nos dois depoimentos por escrito de **eliminado Alínea 40 (2)** que obtivemos esta manhã, tanto um como o outro declaram em separado que tu e a Andie foram vistos a discutir na escola esta semana. Na quinta-feira e na sexta-feira. A **eliminado Sec 40 (2)** afirma que terá sido a vossa discussão mais grave desde o início do namoro. Sabes alguma coisa acerca disto, Salil? Há alguma verdade nestas declarações?

SS: Hum... Sim, um pouco, talvez. A Andie exalta-se muito, às vezes é difícil não ripostar.

Polícia: E podes dizer-me qual foi o motivo dessa discussão em concreto?

SS: Hum, não, não sei se... Não, é um assunto privado.

Polícia: Não, portanto. Não queres contar-me, é isso?

SS: Hum... Isso, não. Não quero contar.

Polícia: Podes achar que não é relevante para o caso, mas até o detalhe mais ínfimo poderia ajudar-nos a encontrá-la.

SS: Hum... Não, mesmo assim não posso dizer.

Polícia: Tens a certeza?

SS: Sim.

Polícia: Muito bem. Sendo assim, avancemos. Bom, planeavas encontrar-te com a Andie ontem à noite?

SS: Não. Tinha planeado encontrar-me com os meus amigos.

Polícia: Digo isto porque a **eliminado Alínea 40 (2)** supôs que a Andie tivesse ido ter com o namorado quando saiu de casa, por volta das 22h30.

SS: Não, a Andie sabia que eu estava em casa do meu amigo e que não ia encontrar-me com ela.

Polícia: Então onde estiveste ontem à noite?

SS: Estive em casa do meu amigo **eliminado Alínea 40 (2)**. Quer saber as horas exatas?

Polícia: Sim, já agora.

SS: Acho que cheguei lá a casa por volta das 20h30, foi o meu pai que me deixou lá. E depois saí por volta da meia-noite e um quarto para ir a pé para casa, isto porque tenho de estar em casa no máximo à uma da manhã nas vezes em que

não durmo em casa dos meus amigos. Acho que cheguei pouco antes da uma. Pode perguntar ao meu pai, que estava acordado a essa hora.

Polícia: Quem estava em casa do [eliminado Alínea 40 (2)] para além de ti?

SS: [eliminado Alínea 40 (2)]

[eliminado Alínea 40 (2)]

Polícia: E tu e a Andie chegaram a entrar em contacto nessa noite?

SS: Não. Quero dizer, ela tentou telefonar-me por volta das 21 h, mas eu estava ocupado e não atendi. Quer que lhe mostre o meu telemóvel?

Polícia: [eliminado Alínea 40 (2)] E voltaste a ter algum tipo de contacto com a Andie desde que ela desapareceu?

SS: Desde que soube esta, manhã, o que se passava, já lhe tentei telefonar centenas de vezes. A chamada vai sempre parar às mensagens. Acho que o telemóvel está desligado.

Polícia: Muito bem, e [eliminado Alínea 40 (2)], tu querias perguntar...

Polícia: ...Sim. Bom, Salil, bem sei que já disseste que não sabes, mas onde achas que a Andie poderá estar?

SS: Hum, para dizer a verdade, a Andie nunca faz nada sem um propósito em mente. Acho que pode ter decidido simplesmente fazer uma pausa algures. Desligou o telemóvel para poder ignorar o mundo por uns tempos. Pelo menos é o que espero que tenha acontecido.

Polícia: A Andie queria fazer uma pausa de quê, fazes ideia?

SS: Não sei.

Polícia: E onde achas que poderá estar a fazer essa pausa?

SS: Não sei. A Andie é muito de guardar as coisas para ela. Se calhar até tem amigos que nós nem sabemos que existem. Não sei.

Polícia: OK. Há algo mais alguma coisa que queiras acrescentar e que nos possa ajudar a encontrar a Andie?

SS: Hum, não. Hum... Se me deixarem, gostaria de ajudar nas buscas, se as realizarem.

Polícia: [eliminado Alínea 30 (1) (b)]

[eliminado Alínea 30 (1) (b)]

Muito bem. Eram estas as perguntas que queria fazer por agora. Esta entrevista está a chegar ao fim, são 16h06, e vou parar agora a gravação.

OK, é preciso respirar fundo. Já li seis vezes o documento, inclusive em voz alta. E agora fiquei com esta sensação horrível e angustiante no estômago, como se me sentisse ao mesmo tempo incrivelmente esfomeada e incrivelmente cheia.

Isto não abona muito a favor do Sal.

Bem sei que às vezes é difícil detetar todas as nuances numa transcrição de entrevista, mas o Sal foi muito evasivo com a polícia a respeito daquilo que poderia ter motivado a discussão deles. A meu ver, nada é assim tão privado que não se possa contar à polícia, quando essa informação poderá ajudá-la a encontrar a namorada, entretanto desaparecida.

Supondo que o motivo da discussão tenha sido o facto de a Andie andar com outro homem, por que motivo o Sal não se limitou a contá-lo à polícia? Isso poderia tê-los posto logo no encalço do verdadeiro assassino.

Mas suponhamos que o Sal estava a tentar ocultar algo mais grave. Algo que lhe teria dado um verdadeiro motivo para matar a Andie. Percebe-se que está a mentir noutras partes da entrevista, quando diz ao polícia a que horas saiu de casa do Max, por exemplo.

Ficaria arrasada se soubesse que tinha feito todo este caminho só para descobrir que afinal de contas o Sal é realmente o culpado. O Ravi ia ficar devastado. Se calhar teria sido melhor nunca ter começado este projeto, nunca ter falado com ele. Terei forçosamente de lhe mostrar a transcrição. Ainda ontem lhe disse que a resposta poderia chegar a qualquer momento. Mas não sei como ele irá reagir a isto. Ou então... E se eu lhe mentisse e dissesse que ainda não recebi nenhuma resposta?

Será possível que a culpa tenha realmente estado do lado do Sal desde o início? O caminho mais fácil terá sido sempre atribuir a culpa ao Sal, mas será que as pessoas acreditam nisso com tanta facilidade porque é também a verdade?

Mas não: O bilhete.

Houve alguém que me avisou para parar de investigar.

Sim, o bilhete pode ter sido ideia de alguém que me quisesse pregar uma partida. E, se de facto não passou de uma brincadeira, o Sal poderá ser o verdadeiro assassino. Ainda assim, há algo nesta história que não bate certo. Há uma pessoa nesta cidade que tem alguma coisa a esconder e que está assustada pelo facto de eu estar no caminho certo para a apanhar.

Só me resta continuar a seguir no encalço dessa pessoa, mesmo quando se levantam obstáculos pelo caminho.

Pessoas sob suspeita

Jason Bell

Naomi Ward

Amante secreto mais velho

Nat da Silva

Daniel da Silva

— Dá-me a mão — disse Pip, inclinando-se e tomando a mão de Joshua na concha dos dedos.

Atravessaram a estrada, a palma pegajosa da mão de Josh na mão direita dela, enquanto a trela de *Barney* lhe gretava a outra com os puxões do cão.

Pip soltou Josh quando alcançaram o passeio junto ao café e depois agachou-se para prender a trela de *Barney* à perna de uma das mesas.

— Senta. Lindo menino — disse ela ao afagar a cabeça do cão, vendo-o erguer os olhos para ela com um sorriso de língua à banda.

Abriu a porta do café e fez com que Josh entrasse.

— Eu também sou um lindo menino — disse ele.

— Lindo menino, Josh — disse ela, passando-lhe a mão pela cabeça com um ar ausente enquanto percorria com os olhos as prateleiras com sanduíches. Optou por quatro sabores, *brie* e *bacon* para o pai, queijo e fiambre («sem aquelas partes nojentas») para Josh. Pegou então no monte de sanduíches para as levar para a caixa.

— Olá, Jackie — disse ela, sorrindo ao pagar.

— Olá, querida. Almoçarada dos Amobi?

— Estamos a montar alguns móveis no jardim, e a coisa está a ficar perigosa

— disse Pip. — Preciso de algumas sanduíches para acalmar os ânimos dos esfaimados.

— Ah, estou a ver — disse Jackie. — Importas-te de dizer à tua mãe que para a semana passo lá por casa com a minha máquina de costura?

— Fique descansada, obrigada. — Pip aceitou o saco de papel que a senhora lhe estendia e voltou-se novamente para Josh. — Toca a mexer, pirralho.

Estavam prestes a alcançar a porta quando Pip a reconheceu, sentada sozinha a uma mesa, segurando um copo de café descartável com as mãos em concha. Tinham-se passado anos desde a última vez que Pip a vira na cidade; achara que ainda estaria na universidade, longe de casa. Devia ter agora 21 anos, talvez 22. E agora estava ali, a poucos metros de distância, a deslizar as pontas dos dedos sobre a superfície estriada das palavras *cuidado bebida quente*, parecendo-se mais do que nunca com Andie.

Tinha agora o rosto mais esguio e começara também a pintar o cabelo de uma cor mais clara, como o cabelo da irmã. Mas o dela apresentava um corte mais curto e escadeado, que lhe chegava aos ombros, ao passo que Andie usara o seu até à cintura. E, contudo, embora as parecenças fossem evidentes, o rosto de Becca Bell não deixava transparecer a complexa magia que definira os traços da

irmã, uma rapariga que em vida se parecera mais com uma pintura do que com uma pessoa de carne e osso.

Pip sabia que não devia fazê-lo; sabia que era errado e insensível da sua parte, mais todas aquelas palavras que a Sra. Morgan utilizara nas suas advertências subordinadas à frase «Preocupa-me o rumo que o teu projeto pode tomar, só isso». E, embora pudesse sentir o seu lado mais sensato e racional debater-se no seu íntimo, tinha a consciência de que uma ínfima parte do seu ser já tomara a decisão, com uma réstia da sua imprudência a contaminar todos os outros pensamentos.

— Josh — disse então, passando-lhe para as mãos o saco com as sanduíches —, importas-te de ir lá para fora um bocadinho com o *Barney*? São dois segundos.

Ele ergueu para ela um olhar suplicante.

— Podes jogar no meu telemóvel — disse ela, pescando o aparelho do bolso.

— Boa — disse ele com um sibilar triunfante. Pegou no telemóvel e acedeu logo na página onde estavam os jogos, esbarrando contra a porta ao sair.

O coração de Pip agitou-se num protesto violento. Parecia-lhe um relógio descompassado no fundo da garganta, com o seu tiquetaque acelerado numa confusão de ponteiros.

— Olá. És a Becca, não és? — disse por fim, aproximando-se dela e pousando as mãos nas costas de uma cadeira desocupada.

— Sim. Conheço-te? — perguntou Becca, franzindo o sobrolho ao escrutiná-la.

— Não, não me conheces. — Pip tentou esboçar o seu sorriso mais afável, mas fez apenas um esgar que lhe pareceu tenso. — Sou a Pippa. Moro cá na cidade. Estou agora no meu último ano da escola secundária de Kilton.

— Oh, espera — disse Becca, remexendo-se na cadeira —, não me digas. Tu és a rapariga que está a fazer um projeto para a escola sobre a minha irmã, não és?

— Como... como... — Pip gaguejou. — Como é que sabes?

— Eu... hum... — Becca interrompeu-se. — Ando com o Stanley Forbes, mais ou menos. Se calhar não. — Encolheu os ombros.

Pip tentou disfarçar o espanto com uma tosse fingida.

— Oh... É um tipo porreiro.

— Sim. — Becca afundou o olhar no copo de café. — Licenciiei-me há pouco tempo e estou agora a fazer um estágio no *Kilton Mail*.

— Ah, fixe — disse Pip. — Também quero ser jornalista, na verdade. Quero fazer jornalismo de investigação.

— É por isso que estás a fazer o teu projeto sobre a Andie? — Voltou a deslizar o dedo em torno da borda do copo.

— Sim — disse Pip com um aceno de cabeça. — Desculpa estar a incomodar, estás completamente à vontade para me mandares embora, se quiseres. Queria só perguntar-te se não te importavas de responder a algumas perguntas acerca da tua irmã.

Becca inclinou-se para a frente na cadeira, fazendo balouçar o cabelo em torno do pescoço.

— Hum... Que género de perguntas?

Mais do que ela poderia imaginar; e todas essas perguntas acorreram à mente de Pip ao mesmo tempo, fazendo-a precipitar-se.

— Oh — disse. — Por exemplo, tu e a Andie recebiam uma mesada dos vossos pais na adolescência?

O rosto de Becca arrepanhou-se num esgar franzido e perplexo.

— Hum, não era bem isso que estava à espera que perguntasses. Mas não, nem por isso. Basicamente compravam-nos as coisas sempre que precisávamos. Porquê?

— É só para... preencher algumas lacunas — disse Pip. — E recordas-te de haver alguma tensão no relacionamento entre a tua irmã e o teu pai?

Becca afundou os olhos no chão.

— Hum. — Notou-se uma quebra na voz. Becca agarrou o copo com as duas mãos e deixou-se ficar em silêncio, ouvindo-se um rangido da cadeira a arrastar nos ladrilhos do chão. — Na verdade, não me parece que isto seja uma boa ideia — disse ela, esfregando o nariz. — Desculpa. É só que...

— Não, desculpa — disse Pip recuando —, não me devia ter aproximado.

— Não, está tudo bem — disse Becca. — É que só agora é que as coisas assentaram. Eu e a minha mãe encontrámos finalmente alguma normalidade, e as coisas estão a correr melhor. Não acho que pensar muito no passado... na história da Andie, seja muito saudável para nós. Especialmente no que diz respeito à minha mãe. É isso. — Encolheu os ombros. Faz o teu projeto, se é o que queres fazer, mas preferia que não nos envolvessees nisso.

— Claro que sim — disse Pip. — Peço-te muita desculpa.

— Não há problema. — Becca baixou a cabeça num aceno hesitante ao passar por Pip em passo estugado, saindo depois porta fora.

Pip aguardou alguns instantes e depois seguiu-lhe os passos, sentindo de repente uma enorme satisfação pelo facto de não ter saído de casa com a *T-shirt* cinzenta que trazia antes vestida, caso contrário estaria agora com umas enormes manchas escuras em torno das axilas.

— Pronto — disse ela, soltando a trela de *Barney* da perna da mesa —, vamos para casa.

— Cá para mim, aquela senhora não gosta de ti — disse Josh, ainda de olhos postos nos bonecos que não paravam de saltitar no ecrã do telemóvel. — Estavas a ser antipática com ela, *pipópotamo*?

Diário de Produção — 19.^a Entrada

Eu sei, confiei demasiado na sorte ao tentar interrogar a Becca. Foi errado da minha parte. Foi mais forte do que eu; ela estava ali mesmo, a dois passos de mim. A última pessoa que viu a Andie ainda com vida, com a exceção do assassino, como é óbvio.

A irmã dela foi assassinada. Não posso estar à espera de que ela queira falar no assunto, mesmo que eu esteja a tentar descobrir toda a verdade. E, se a Sra. Morgan descobre o que se passou, o meu projeto é anulado. Não que ache que isso me fosse dissuadir de continuar, tendo chegado até aqui.

Mas de facto fazem-me falta certas informações acerca do quotidiano da Andie em casa, e, como é natural, é completamente impossível e inaceitável tentar chegar à fala com os pais dela.

Tenho andado a espiolar o histórico da Becca no Facebook de há cinco anos para cá, desde os tempos antes do crime. Além de ter ficado a saber que usava um tom de cabelo mais acastanhado na altura e que tinha o rosto mais cheio, parece também que em 2012 só tinha uma amiga realmente chegada. Uma rapariga chamada Jess Walker. Talvez a Jess se tenha já distanciado o suficiente para não ficar emocionada ao falar da Andie, mantendo ainda assim o assunto presente na memória de forma que eu consiga obter as respostas de que tanto preciso.

O perfil da Jess Walker é muito detalhado e esclarecedor. Encontra-se atualmente a estudar na Universidade de Newcastle. Recuei cinco anos no histórico do perfil dela (demorou uma eternidade) e pude constatar que nesses tempos quase todas as fotografias dela foram tiradas com a Becca Bell, até que de repente isso deixa de acontecer.

Merda merda raios me partam chiça merdinha que grande cocó

Acabei sem querer de pôr um «gosto» numa das fotografias dela publicada há cinco anos.

Raios... Agora é que parece mesmo que ando a persegui-la. Já tirei o «gosto», mas, seja como for, ela vai receber a notificação. Grrr! Os híbridos portáteis/tablet são um VERDADEIRO PERIGO para o curioso ocasional do Facebook.

Tarde de mais. Vai perceber que andei a meter o nariz na vida dela de há cinco anos. Vou enviar-lhe uma mensagem privada e perguntar-lhe se está disposta a conceder-me uma entrevista por telefone.

MALDITOS POLEGARES DESASTRADOS.

Diário de Produção — 20.^a Entrada

Transcrição da entrevista com Jess Walker (amiga da Becca Bell)

[Falamos um pouco sobre Little Kilton e do quanto a escola mudou desde o último ano dela, dos professores que continuam lá, etc. São poucos minutos até conseguir direcionar novamente a conversa para o meu projeto.]

Pip: Bom, na verdade queria fazer-te algumas perguntas acerca dos Bells e não só sobre a Andie. Que género de família era, como se davam uns com os outros, essas coisas.

Jess: Bom, quer dizer, logo essa pergunta já traz água no bico. (Ouve-se uma fungadela.)

Pip: Como assim?

Jess: Hum, não sei se disfuncional será a palavra certa. As pessoas usam-na como uma espécie de elogio disfarçado. Quanto a mim, a palavra aplica-se literalmente. Como se não fossem de facto pessoas normais. Quero dizer, eram normais até certo ponto; passavam por pessoas normais, a não ser que convivesse muito tempo com eles, como aconteceu no meu caso. E entretanto comecei a reparar numa série de coisas aparentemente triviais que outra pessoa não teria notado se não estivesse algum tempo com os Bells.

Pip: O que queres dizer com isso de não serem de facto pessoas normais?

Jess: Não sei se essa será uma boa maneira de descrever a situação. Havia apenas algumas coisas que não batiam certo. Falo sobretudo do Jason, o pai da Becca.

Pip: O que é que ele fazia?

Jess: Era a forma como falava com elas, as raparigas e a Dawn. Se só estivesse com eles uma vez ou outra, irias pensar que estava só a tentar ser engraçado. Mas vi isto acontecer muitas vezes, muitas, mesmo, e acho que terá afetado o ambiente de forma determinante naquela casa.

Pip: O quê?

Jess: Desculpa, estou a falar por enigmas, certo? É bastante difícil de explicar. Hum. Ele dizia-lhes uma série de coisas, estava sempre a mandar-lhes bocas acerca da aparência delas e coisas do género. Completamente o oposto da forma como um pai deve falar com as filhas adolescentes. Implicava sempre com coisas que sabia que as deixavam inseguras. Dizia coisas à Becca acerca do peso dela e depois despachava o assunto com uma gargalhada, como se não passasse de uma brincadeira. Dizia à Andie que tinha de se maquilhar antes de sair de casa porque a cara dela era a sua mina de ouro. Estava sempre com este género de piadas. Como se o aspeto delas fosse a coisa mais importante do mundo. Lembro-me de uma vez em que fui jantar lá a casa e a Andie estava chateada porque não tinha recebido nenhuma proposta das universidades a que se tinha candidatado, só de uma que não estava nas suas primeiras opções, local. E o Jason disse: «Oh, isso não tem importância. Afinal de contas, só vais para a

universidade para arranjar um marido com dinheiro.»

Pip: A sério?!

Jess: E fazia o mesmo à mulher; era capaz de lhe dizer coisas mesmo muito confrangedoras na minha presença. Dizia-lhe que estava com um ar acabado e depois começava na brincadeira a contar-lhe as rugas do rosto. Dizia-lhe que se tinha casado com ela por causa da sua aparência e que ela casara com ele por causa do dinheiro e que só uma das partes estava a cumprir com o prometido. Quero dizer, todas elas se riam quando ele dizia estas coisas, como se não passasse de uma brincadeira em família. Mas ver isto acontecer tantas vezes era... perturbador. Eu não gostava de estar lá em casa.

Pip: E achas que isso afetava as miúdas?

Jess: Oh, a Becca recusava-se sempre a falar do pai. Mas, sim, era óbvio que aquilo lhes prejudicava imenso a autoestima. A Andie começou a importar-se muito com o aspeto e com aquilo que os outros pensavam dela. Era uma gritaria quando os pais diziam que estava na hora de saírem e a Andie ainda não estava pronta, que ainda lhe faltava arranjar o cabelo ou pôr maquilhagem. Ou quando se recusavam a comprar-lhe um batom novo de que ela dizia estar a precisar. O facto de aquela rapariga ter pensado alguma vez que era feia é algo que me ultrapassa. A Becca ficou obcecada com as suas imperfeições; começou a saltar refeições. Mas aquilo afetava-as de maneiras diferentes. A Andie tornou-se mais espalhafatosa, ao contrário da Becca, que foi ficando cada vez mais apagada.

Pip: E como era a relação das irmãs?

Jess: A influência do Jason também as afetou nesse sentido. Fazia de tudo uma competição naquela casa. Se uma das raparigas se saía bem em alguma coisa, quando recebia uma boa nota, por exemplo, usava isso para rebaixar a outra.

Pip: Mas como eram a Becca e a Andie juntas?

Jess: Bem, eram irmãs adolescentes, passavam a vida a discutir e, passados minutos, já tudo estava esquecido. Mas a Becca sempre teve uma grande admiração pela Andie. Não havia praticamente diferença de idades entre elas, uma era quinze meses mais velha do que a outra. A Andie estava um ano à frente de nós na escola. E, quando fizemos 16, acho que a Becca começou a tentar imitar a Andie. Tenho a impressão de que isso aconteceu porque a Andie parecia sempre muito segura de si e porque toda a gente a respeitava. A Becca começou a tentar vestir-se como ela. Implorou ao pai que a comesse ensinar a guiar o quanto antes, para poder fazer o exame de condução o mais cedo possível e arranjar um carro, como a Andie tinha feito. Tal como a Andie, também começou a querer sair à noite e a ir a festas em casa dos amigos.

Pip: Referes-te àquelas festas a que chamavam calamidades?

Jess: Isso, isso. Embora essas festas fossem organizadas por pessoas do ano a seguir ao nosso e mal conhecêssemos quem quer que fosse, houve uma vez que ela me convenceu a ir. Acho que foi em março, não muito tempo antes de a Andie ter desaparecido, portanto. A Andie não a tinha convidado nem nada do género; deu-se simplesmente o caso de a Becca ter descoberto onde estavam a organizar a festa seguinte, e depois aparecemos as duas. Fomos a pé para lá.

Pip: E como foi?

Jess: Ugh, foi horrível. Ficámos a noite toda sentadas a um canto, sem falar com ninguém. A Andie ignorou completamente a Becca; acho que ficou chateada com o facto de a irmã ter aparecido. Bebemos um bocado, e depois a Becca desapareceu de vista de um momento para o outro. Não consegui encontrá-la em lado nenhum no meio de todos aqueles adolescentes bêbedos, e depois tive de voltar sozinha a pé para casa, já bastante tocada. Fiquei mesmo zangada com a Becca. E ainda mais zangada fiquei no dia a seguir, quando finalmente atendeu o telemóvel e descobri o que se tinha passado.

Pip: E o que se passou?

Jess: Não me quis dizer, mas a razão pareceu-me bastante óbvia quando me pediu para lhe ir comprar a pílula do dia seguinte. Fartei-me de lhe perguntar com quem tinha ido para a cama, mas recusou-se a responder. Acho que deve ter ficado envergonhada com a situação. Mas na altura isso deixou-me enervada. Especialmente sabendo que tinha considerado isso importante ao ponto de me ter abandonado numa festa a que eu nunca quisera ir. Tivemos uma grande discussão, e acho que foi nesse momento que a nossa amizade se começou a desmoronar. A Becca faltou a algumas aulas, e houve fins de semana em que nem a vi. E foi nessa altura que a Andie desapareceu.

Pip: Chegaste a estar com os Bells depois de a Andie ter desaparecido?

Jess: Cheguei a passar lá por casa algumas vezes, mas a Becca não parecia ter vontade de conversar. Posso dizer o mesmo dos outros. O Jason andava com os nervos ainda mais à flor da pele do que era costume, especialmente no dia em que foi entrevistado pela polícia. Ao que parece, na noite em que a Andie desapareceu, o alarme do escritório tinha disparado na altura em que estavam no jantar. Decidiu pegar no carro para ir ver o que se passava, mas a verdade é que já tinha bebido bastante, de forma que estava muito nervoso quando falou do assunto com a polícia. Bom, pelo menos foi o que a Becca me contou. Mas, sim, havia um silêncio sepulcral naquela casa. E, mesmo passados uns meses, quando já tinham todos partido do pressuposto de que a Andie estaria morta e não voltaria a casa, a mãe da Becca fez questão de deixar o quarto da Andie tal e qual como estava. Pelo sim, pelo não. Foi tudo muito triste.

Pip: Portanto, nessa noite de março em que foste à tal festa-calamidade, chegaste a ver o que a Andie andava a fazer ou com quem estava?

Jess: Sim. Repara, só quando a Andie desapareceu é que eu soube realmente que o Sal era o namorado dela; ela nunca o convidava para ir lá a casa. Ainda assim, eu sabia que ela tinha namorado, e, depois dessa festa-calamidade, supus que se tratasse de outro tipo. Vi os dois sozinhos nessa festa a conversarem em voz baixa, e pareceram-me muito chegados. Várias vezes. Não cheguei a vê-la com o Sal.

Pip: Quem? Quem era o tipo?

Jess: Hum... Era um tipo alto e louro, com o cabelo mais para o comprido, falava como se fosse muito chique.

Pip: Era o Max? Chamava-se Max Hastings?

Jess: Isso, isso, acho que era esse, sim.

Pip: Viste o Max e a Andie a sós na festa?

Jess: Sim, e pareceram-me muito chegados.

Pip: Muito obrigado por teres falado comigo, Jess. Foste uma grande ajuda.

Jess: Oh, não faz mal. Olha, Pippa, sabes como a Becca tem passado?

Pip: Ainda no outro o dia a vi, na verdade. Acho que ela está bem. Licenciou-se há pouco tempo e está agora a fazer um estágio no jornal de Kilton. Está com bom ar.

Jess: Ótimo. Fico contente por saber isso.

Estou a ter dificuldade em assimilar tudo aquilo que fiquei a saber numa só conversa. A ênfase desta investigação altera-se sempre que espreito por trás de mais um dos tabiques que encerram a vida da Andie.

O Jason Bell começa a parecer-me uma personagem cada vez mais obscura à medida que vou avançando na minha investigação. E agora já sei que se ausentou algum tempo do jantar naquela noite. Segundo a Jess, parece que abusava emocionalmente da família. Era um brutamontes. Um machista. Um adúltero. Num ambiente tóxico como aquele, não é de admirar que a Andie se tenha transformado na pessoa que se veio a revelar. Dá a ideia de que o Jason terá destruído de tal maneira a autoestima delas que uma acabou por se revelar uma brutamontes como ele, ao passo que a outra enveredou pela automutilação. Fiquei a saber pela Emma, amiga da Andie, que a Becca chegou a estar hospitalizada semanas antes do desaparecimento da Andie e que supostamente a Andie deveria ter ficado a cuidar da irmã nessa mesma noite. Ao que parece, a Jess não estava a par da automutilação; achava apenas que a Becca andava a faltar às aulas.

Apesar de tudo, a Andie não era a rapariga perfeita, tal como os Bells não eram a família perfeita. Aquelas fotografias de família podem valer mais do que mil palavras, mas a maior parte não passa de mentiras.

Por falar em mentiras: O Max. O maldito do Max Hastings. Aqui está uma citação retirada diretamente da entrevista dele, quando lhe perguntei até que ponto conhecia a Andie: «Falávamos às vezes, sim, mas nunca fomos amigos do peito nem nada disso. Não éramos próximos. Ela era mais uma conhecida.»

Uma conhecida com quem foste visto a ter grandes intimidades numa festa, portanto? A tal ponto que houve uma testemunha que pensou que o namorado dela eras tu.

E deve acrescentar-se o seguinte: embora na escola andassem no mesmo ano, a Andie fazia anos no verão, ao passo que o Max tinha perdido um ano letivo por causa da leucemia e faz anos em setembro. Se olharmos para as coisas desta perspetiva, existe um intervalo de quase dois anos de idade entre eles. Do ponto de vista da Andie, o Max era de facto um tipo mais velho. Mas seria um amante secreto mais velho? Cheio de intimidades com ela, e tudo por trás das costas do Sal.

Não é a primeira vez que tento descobrir alguma coisa sobre o Max no Facebook; não há praticamente nada no perfil dele, só fotografias de férias e do Natal em que aparece ao lado dos pais, juntamente com mensagens de parabéns de tios e tias. Lembro-me de ter pensado que havia alguma coisa aqui que não batia certo, mas na altura ignorei o assunto.

Bom, agora já não o vou ignorar mais, Hastings. E fiz uma descoberta. Em algumas das fotografias online da Naomi, o Max não surge identificado como Max Hastings, mas como Nancy Tangomamas. Na altura, pensei que poderia tratar-se de alguma piada privada, mas NÃO, Nancy Tangomamas é de facto o nome do perfil do Max no Facebook. O perfil com o nome Max Hastings deve ser um chamariz sem interesse que criou para o caso de algumas universidades ou potenciais empregadores decidirem investigar as suas atividades online. Faz sentido. À medida que a época de candidaturas à universidade se vai aproximando, até alguns dos meus amigos

começaram a alterar os nomes dos perfis de forma a não serem identificados em pesquisas.

O verdadeiro Max Hastings — com todas as fotografias em que aparece bêbedo e desenfreado, juntamente com as publicações dos amigos — tem andado a fazer-se passar por uma tal de Nancy. Pelo menos, é isso que deduzo. Não chego sequer ao ponto de conseguir ver alguma coisa: a Nancy tem as definições de privacidade do perfil a todo o gás. Só consigo ver as fotografias ou as publicações em que a Naomi também aparece identificada. Não há muito material à disposição: não há imagens secretas do Max e da Andie a beijarem-se em segundo plano ou fotografias da noite em que ela desapareceu.

No que diz respeito a este caso, acho que aprendi a lição. Quando apanhamos uma pessoa a mentir acerca de uma rapariga assassinada, o melhor é confrontar essa pessoa e perguntar-lhe a razão de ter mentido.

Pessoas sob suspeita

Jason Bell

Naomi Ward

Amante secreto mais velho

Nat da Silva

Daniel da Silva

Max Hastings (Nancy Tangomamas)

A porta era agora diferente. Era castanha da última vez que lá fora, seis semanas antes. Agora estava coberta com uma camada estriada de tinta branca, e por baixo ainda espreitava a antiga demão escura.

Pip bateu novamente à porta, desta vez com mais força, na esperança de que as pancadas se sobrepusessem ao ruído monocórdico do aspirador, que continuava a zunir no interior da casa.

O ruído monótono interrompeu-se de repente, dando lugar a um silêncio ligeiramente sibilante. Soaram então passos pesados num piso de madeira.

A porta abriu-se, e uma mulher bem-vestida com batom vermelho-cereja surgiu diante dela.

— Olá — disse Pip. — Sou amiga do Max. Ele está?

— Oh, olá — disse a mulher com um sorriso, deixando entrever um borrão vermelho num dos dentes de cima. Recuou para deixar Pip entrar. — Está, pois, entra...

— Pippa — disse ela, replicando o sorriso ao entrar.

— Pippa. Sim, ele está na sala. A gritar comigo porque estou a aspirar enquanto está a jogar um jogo qualquer de luta. Pelos vistos, não o pode interromper.

A mãe de Max conduziu Pip pelo corredor e depois pela passagem em abóbada que dava para a sala.

Max encontrava-se estirado no sofá, vestido com umas calças de pijama axadrezadas e uma *T-shirt* branca, e tinha as mãos presas a um comando enquanto carregava furiosamente no botão X.

A mãe tossicou.

Max olhou para cima.

— Ah, olá, Pippa-do-apelido-esquisito — disse ele com a sua voz grave e refinada, desviando novamente o olhar para o jogo. — O que fazes tu aqui?

Pip esteve prestes a fazer uma careta por mero reflexo, mas contrariou-a com um sorriso fingido.

— Oh, nada de mais. — Encolheu os ombros com um ar de indiferença. — Só vim perguntar-te até que ponto conhecias *realmente* a Andie Bell.

O jogo foi interrompido.

Max sentou-se, fixou o olhar em Pip, depois na figura da mãe e por fim novamente em Pip.

— Hum — disse a mãe —, alguém quer chá?

— Não, obrigado. — Max levantou-se. — Lá em cima, Pippa.

Passou por elas em passos largos e subiu as escadas do átrio, fazendo retumbar os degraus com os pés descalços. Pip seguiu no seu encaço, esboçando um breve aceno à mãe por educação. Já no cimo das escadas, Max abriu a porta do quarto e fez sinal a Pip para que entrasse.

Pip hesitou, tendo ficado com um pé a pairar sobre a tapete recém-aspirada. Será que podia realmente ficar com ele a sós?

Max meneou a cabeça com um ar impaciente.

A mãe dele estava logo ali, no andar de baixo; seria certamente seguro. Pip pousou o pé e entrou rapidamente no quarto dele.

— Obrigado por isso — disse ao fechar a porta. — A minha mãe não precisa de saber que andei outra vez a falar sobre a Andie e o Sal. A mulher é como um cão de caça, nunca deixa escapar nada.

— Como um *pit bull* — disse Pip. — Os *pit bulls* é que não deixam escapar nada.

Max recostou-se sobre a coberta *bordeaux* da cama.

— É a mesma coisa. O que queres?

— Já disse. Quero saber até que ponto conhecias realmente a Andie.

— E já te respondi — disse ele, apoiando-se nos cotovelos e lançando um olhar de esguelha sobre o ombro de Pip. — Não éramos muito chegados.

— Hum. — Pip encostou-se à porta do quarto dele. — Era só uma conhecida, certo? Foi isso que disseste?

— Sim, foi o que disse. — Coçou o nariz. — Sinceramente, começo a achar-te um nadinha irritante.

— Ótimo — disse ela, seguindo a direção do olhar de Max, que voltava a espreitar um quadro que tinha pendurado na parede do lado oposto, repleto de pósteres e de papéis soltos e fotografias presos com tachas. — E eu começo a achar as tuas mentiras um nadinha intrigantes.

— Quais mentiras? — disse ele. — Não éramos muito chegados.

— Interessante — disse Pip. — Falei com uma testemunha que foi à festacalamidade onde tu e a Andie também estiveram, em março de 2012. É interessante porque ela disse que vos viu sozinhos várias vezes nessa noite, e, ao que parece, estavam muito à vontade na companhia um do outro.

— Quem disse isso? — Max voltou a dar uma olhadela ao quadro.

— Não posso revelar as minhas fontes.

— Oh, meu Deus. — Ele soltou uma gargalhada gutural. — Estás completamente iludida. Tens a consciência de que não és polícia, certo?

— Estás a esquivar-te à pergunta — disse ela. — É ou não é verdade que tu e a Andie andavam em segredo, por trás das costas do Sal?

Max voltou a rir.

— Ele era o meu melhor amigo.

— Isso não é resposta. — Pip ficou de braços cruzados.

— Não. Não, eu não andava com a Andie Bell. Como te disse antes, não a conhecia lá muito bem.

— Então como explicas que esta minha fonte vos tenha visto aos dois juntos, de tal maneira que supôs que fosses realmente o namorado da Andie?

Assim que Max revirou os olhos ao ouvir a pergunta, Pip lançou um olhar furtivo ao quadro. Havia bilhetes rabiscados e pedacinhos papel espalhados pelo quadro, em várias camadas, todos com partes escondidas e cantos dobrados. No topo do quadro estavam também pesas algumas fotografias vistosas em que Max aparecia a esquiar e a surfar. Um póster do filme *Cães Danados* ocupava a maior parte do quadro.

— Não sei — disse ele. — Essa pessoa está enganada, quem quer que seja. Provavelmente estava bêbeda. Podemos dizer que se trata de uma fonte suspeita.

— Está bem. — Pip afastou-se da porta em ritmo vagaroso. Deu alguns passos para a direita, depois recuou mais uns quantos, de forma que Max não se apercebesse de que se ia aproximando aos poucos do quadro. — Deixa-me ver se percebo. — Voltou a dar mais alguns passos, ficando cada vez mais próxima. — Estás então a dizer que nunca falaste cara a cara com a Andie numa dessas festas-calamidade?

— Não sei se nunca é a palavra certa — disse Max —, mas não é nada do que estás a insinuar.

— Pronto, pronto. — Pip levantou o olhar do chão, agora a meros centímetros de distância do quadro. — E porque é que não paras de olhar para aqui? — Virou-se de repente e começou a folhear os papéis que estavam presos ao quadro.

— Ei, para com isso.

Ouviu a cama a ranger assim que Max se pôs de pé.

Os olhos e os dedos de Pip percorreram listas de afazeres, nomes de empresas e prospetos de cursos universitários, folhetos e fotografias antigas de um Max ainda muito jovem, deitado numa cama de hospital.

Atrás dela soaram uns pés descalços a avançar pesadamente.

— Isso são coisas pessoais!

Foi então que viu o cantinho branco de um pedaço de papel enfiado por detrás do póster de *Cães Danados*. Puxou-o e retirou o pedaço de papel precisamente na altura em que Max lhe agarrou o braço. Pip voltou-se, sentindo os dedos dele cravarem-se-lhe no pulso. E ambos baixaram os olhos para o pedaço de papel que tinha agora na mão.

Pip ficou boquiaberta.

— Ora, raios. — Max largou-lhe o braço e passou os dedos pelo cabelo revoltado.

— Era só uma conhecida, portanto? — disse ela com voz trémula.

— Quem julgas que és? — disse Max. — A vasculhares as minhas coisas

dessa maneira.

— Só uma conhecida? — repetiu Pip, aproximando a fotografia impressa do rosto de Max.

Era Andie.

Uma fotografia que tirara a si mesma em frente ao espelho. De pé, num chão de ladrilhos vermelhos e brancos, com a mão direita levantada, agarrando o telemóvel. Lábios salientes a fazer beicinho e uns olhos que espreitavam algures para lá da página; só trazia vestidas umas calças pretas.

— Queres explicar? — disse Pip.

— Não.

— Ah, queres então explicar primeiro à polícia, é isso? Já percebi. — Pip lançou-lhe um olhar fulminante e fingiu que estava prestes a sair.

— Não sejas tão dramática — disse Max, devolvendo-lhe a mirada com os seus olhos azuis vítreos. — Essa questão não tem nada a ver com aquilo que lhe aconteceu.

— O melhor é deixar a polícia decidir.

— Não, Pippa. — Bloqueou-lhe a saída. — Escuta, isto não é nada daquilo que parece. Não foi a Andie que me deu essa fotografia. Encontrei-a.

— Encontraste-a? Onde?

— Estava esquecida algures na escola. Encontrei-a e guardei-a. A Andie nunca soube de nada. — Havia um laivo de súplica na sua voz.

— Encontraste uma fotografia da Andie nua, esquecida algures na escola? — Pip nem sequer se deu ao trabalho de disfarçar a sua incredulidade.

— Sim. Estava esquecida ao fundo de uma sala de aula. Juro.

— E não contaste à Andie ou a outra pessoa que a tinhas encontrado? — perguntou ela.

— Não. Guardei-a, só isso.

— Porquê?

— Não sei — disse ele com uma voz mais esganiçada. — Porque ela era boa e porque me apeteceu guardá-la. E depois pareceu-me errado deitá-la fora quando... O que foi? Não estejas para aí a julgar-me. Foi ela que tirou a fotografia; é óbvio que queria que as pessoas a vissem.

— Estás à espera de que acredite que encontraste por mero acaso esta fotografia da Andie nua, quando houve uma pessoa que vos viu aos dois em grandes intimidades numa festa...

Max interrompeu-a de pronto.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. O facto de eu ter estado a conversar com a Andie não quer dizer que estivéssemos juntos, e o mesmo posso dizer a propósito dessa fotografia que tenho guardada. Não estávamos juntos nem nunca estivemos.

— Então afinal sempre *estiveste* a conversar a sós com a Andie na tal festa,

correto? — disse Pip em tom vitorioso.

Max tapou o rosto com as mãos durante alguns instantes, ficando as pontas dos dedos em torno dos olhos.

— Pronto — disse em voz baixa. — Se te contar, prometes que me deixas em paz? E não quero a polícia metida nisto.

— Isso depende.

— OK, pronto. Eu conhecia bem a Andie. Bastante bem. Mesmo antes de ela ter começado a namorar com o Sal. Mas eu não *andava* com ela. Comprava-lhe coisas, é diferente.

Pip olhou para ele com um ar confuso, repetindo em pensamento aquelas últimas palavras de Max.

— Compravas-lhe... drogas, é isso? — perguntou ela num tom brando.

Max acenou com a cabeça.

— Mas nada de drogas duras. Só erva e pastilhas.

— Oh, meu Deus... Espera. — Pip pôs o dedo no ar como se quisesse reter o mundo e a dar espaço ao cérebro para pensar. — A Andie Bell andava a traficar droga?

— Bom, sim, mas só nas calamidades e quando queríamos ir a uma discoteca ou algo do género. E só vendia a algumas pessoas. Uma meia dúzia, no máximo. Não era propriamente uma traficante. — Max interrompeu-se. — Operava em conjunto com um traficante a sério da cidade, arranjava-lhe acesso à malta da escola. Aquilo funcionava para os dois.

— Então é por isso que ela andava sempre com tanto dinheiro — disse Pip, e a peça do *puzzle* encaixou-se na sua mente com um clique quase audível. — Ela também consumia?

— Nem por isso. Acho que só andava nisso por causa do dinheiro. Do dinheiro e do poder que isso lhe dava. Percebia que ela gostava daquilo.

— E o Sal sabia que ela andava a vender droga?

Max soltou uma gargalhada.

— Oh, não — disse ele —, não, não, não. O Sal sempre odiou drogas. Não teria lidado bem com o assunto. A Andie não lhe contava; era boa a guardar segredos. Acho que as únicas pessoas que sabiam eram as que lhe compravam a droga. Mas eu sempre achei o Sal um bocado ingénuo. Até me admira que nunca tenha descoberto.

— Há quanto tempo é que ela andava a fazer isso? — perguntou Pip, acometida por um entusiasmo sinistro.

— Há algum tempo. — Max fitou o teto, e os seus olhos começaram a girar como se estivesse a dar voltas à própria memória. — Acho que a primeira vez que lhe comprei erva foi no início de 2011, quando ela ainda tinha 16 anos. É provável que tudo tenha começado nessa altura.

— E quem fornecia a Andie? Onde é que ela ia buscar as drogas?

Max encolheu os ombros.

— Não faço ideia, nunca conheci o tipo. Só comprava à Andie, e ela nunca me contou.

O desânimo tomou posse de Pip.

— Mas será que não sabes nada? Não voltaste a comprar drogas em Kilton depois de a Andie ter sido assassinada?

— Não. — Voltou a encolher os ombros. — Não sei mais nada.

— E os outros miúdos que iam às festas, também deixaram de consumir drogas? Onde foram arranjá-las?

— Não sei, Pippa — declarou Max num tom enfático. — Já te contei aquilo que querias ouvir. Agora quero que te vás embora.

Deu então um passo em frente e arrancou-lhe a fotografia das mãos. O polegar fechou-se sobre o rosto de Andie, e a imagem amarfanhou-se na mão hirta e trémula. Ao dobrar a folha, fez um vinco que dividiu o corpo de Andie ao meio.

Pip deixou de prestar atenção à conversa das outras para se focar no barulho de fundo da cantina. O baixo contínuo das cadeiras que se arrastavam e as gargalhadas estrepitosas de um grupo de rapazes adolescentes cujas vozes oscilavam naturalmente entre o tenor grave e o soprano estridente. A sinfonia roufenha dos tabuleiros de almoço que deslizavam na bancada, aceitando tigelas de salada ou taças de sopa, harmonizava com o constante rumor dos pacotes de batatas fritas e dos mexericos de fim de semana.

Pip avistou-o antes das colegas e acenou na direção da mesa deles. Ant aproximou-se com um andar gingado, apoiando duas sanduíches embaladas nos braços.

— Olá, malta — disse ele, deslizando no banco para se sentar ao lado de Cara, já a atacar a primeira sanduíche.

— Como foi o treino? — perguntou Pip.

Ant ergueu um olhar vigilante, com a boca ligeiramente aberta, revelando o produto triturado da sua mastigação.

— Foi fixe — disse ao engolir. — Porque estás a ser simpática comigo? O que queres?

— Nada — disse Pip a rir. — Estou só a perguntar como correu o futebol.

— Não — intrometeu-se Zach —, isso é demasiado amistoso da tua parte. Passa-se alguma coisa.

— Não se passa nada. — Ela encolheu os ombros. — Tirando a dívida pública e a subida do nível do mar.

— Deve ser as hormonas — disse Ant.

Pip deu à manivela invisível da mão, que a fez apontar o dedo do meio para ele aos solavancos.

Já todos a tinham topado. Esperou então cinco longos minutos para que o grupo pudesse conversar à vontade sobre o último episódio daquela série de *zombies* que todos viam, enquanto Connor tapava os ouvidos e cantarolava com voz alta e desafinada, dado que ainda não o tinha visto.

— Diz-me uma coisa, Ant — tentou Pip novamente —, sabes aquele teu amigo do futebol, o George?

— Sim, acho que sei quem é o meu amigo George do futebol — disse ele, claramente divertido com a própria tirada.

— Ele ainda anda com aquela malta que organiza as festas a que chamam calamidades, não anda?

Ant acenou com a cabeça.

— Sim. Na verdade, acho que a próxima festa vai ser em casa dele. Os pais foram para fora, por causa de um aniversário ou qualquer coisa do género.

— Este fim de semana?

— Sim.

— Achas que... — Pip inclinou-se para a frente no banco, assentando os cotovelos na mesa. — Achas que consegues arranjar maneira de nos convidarem?

Todos os amigos naquela mesa ficaram pasmados a olhar para ela.

— Quem és tu e o que fizeste à Pippa Fitz-Amobi? — disse Cara.

— O que foi? — Pip sentiu-se ficar na defensiva, com cerca de quatro factos a virem imediatamente ao de cima, prontos a disparar: — É o nosso último ano nesta escola. Pensei que seria divertido para todos. Esta é a altura mais oportuna, antes de os prazos dos trabalhos finais e os testes de preparação começarem a aproximar-se.

— Isto ainda me parece coisa da Pip — disse Connor com um sorriso.

— Tu queres ir a uma festa? — disse Ant num tom contundente.

— Sim — disse ela.

— Vai estar toda a gente podre de bêbeda, tudo a curtir ou a vomitar, pessoal caído pelos cantos, uma imundice por todo o lado — disse Ant. — Não é a tua cena, acredita, Pip.

— Parece-me... cultural — disse ela. — Ainda assim, quero ir.

— OK, tudo bem. — Ant juntou as mãos com um ruído seco. — Iremos.

Pip passou por casa de Ravi depois da escola. Este pousou uma chávena de chá simples diante dela, informando-a de que não haveria necessidade de esperar um *jiffy* para o deixar arrefecer, dado que se antecipara e juntara um pouco de água fria.

— OK — disse ele por fim, balançando ainda a cabeça num movimento que tanto poderia ser de rejeição como de assentimento ao tentar assimilar a imagem de Andie Bell, uma miúda gira, loura e com um rosto perfeitinho, como traficante de droga. — Estás portanto a pensar que o homem que lhe fornecia o material poderá ser um dos suspeitos?

— Sim — disse ela. — Se uma pessoa é depravada ao ponto de andar por aí a vender drogas a miúdos, parece-me perfeitamente plausível que também possa estar disposta a matar alguém.

— Sim, percebo a lógica — disse ele com um aceno de cabeça. — Mas como iremos descobrir esse tal traficante?

Pip pousou a caneca com um ruído surdo e lançou-lhe um olhar penetrante.

— Vou infiltrar-me — disse ela.

— É uma festa, não é uma pantomima — disse Pip, esforçando-se para libertar o rosto das mãos de Cara. Porém, Cara continuava a segurá-lo com firmeza: um sequestro facial.

— Sim, mas olha que tens sorte, a sombra fica-te bem. Para de te mexer. Já falta pouco.

Pip suspirou e relaxou o corpo, submetendo-se àquela operação de embelezamento forçada. Ainda continuava amuada pelo facto de as amigas a terem obrigado a trocar as jardineiras por um vestido de Lauren suficientemente curto para ser confundido com uma *T-shirt*. Todas tinham rido muito quando o dissera.

— Meninas — chamou a mãe de Pip do andar de baixo —, é melhor despacharem-se. O Victor já começou a mostrar à Lauren os passos de dança dele aqui em baixo.

— Oh, credo — disse Pip. — Já está? Temos de ir lá abaixo salvá-la.

Cara inclinou-se para ela e soprou-lhe em cheio no rosto.

— Já.

— Ótimo — disse Pip, pegando na mala a tiracolo e certificando-se mais uma vez de que o telemóvel estava carregado. — Vamos embora.

— Olá, picle! — disse o pai de Pip em voz alta ao vê-las a descer as escadas.

— Eu e a Lauren chegámos à conclusão de que eu também devia ir à tua festa-quilómetro.

— Calamidade, pai. E só por cima das células mortas do meu cérebro.

Victor aproximou-se dela com vagar, cingiu-lhe os ombros com o braço e apertou-os.

— A pequena Pipsy vai a uma festa.

— Pois é — disse a mãe de Pip com um sorriso largo e radiante. — Uma festa com álcool e rapazes.

— Sim. — Victor largou-a e depois olhou para Pip de alto a baixo com uma expressão séria no rosto e com o dedo no ar. — Pip, vê se te lembras de ser ao menos um bocadinho irresponsável.

— Certo — declarou Pip antes de pegar nas chaves do carro e de se dirigir para a porta principal. — Está na hora. Adeus, pais atípicos que dizem tudo ao contrário.

— Até à vista — disse Victor num tom teatral, apoiando-se no corrimão e estendendo o braço para as adolescentes que estavam de saída, como se a casa fosse um navio a descer a pique e ele o capitão heroico a ir ao fundo com ela.

Até o passeio à entrada parecia vibrar com a música. Foram as três a caminhar sem pressas até à porta, e Pip ergueu o punho para bater. Ao fazê-lo, a porta abriu-se para dentro, revelando um átrio que dava acesso a uma turbulenta cacofonia de sons metálicos e de graves ensurdecedores, a uma tagarelice indistinta e a um interior mal iluminado.

Pip avançou, hesitante, com a respiração já contaminada pelo odor metálico e opressivo da vodka, a que se misturava um ligeiro odor a transpiração e um ainda mais subtil cheiro a vômito. Avistou então o seu anfitrião, George, o amigo de Ant, que nesse momento procurava, de olhar fixo e arregalado, esfregar o rosto no de uma rapariga que andava um ano atrás dele na escola. George olhou então na direção delas e, sem sequer interromper o beijo, acenou-lhes com a mão por detrás das costas dela.

Pip não poderia permitir-se ser cúmplice em semelhante forma de tratamento, de modo que o ignorou e avançou pelo corredor. Cara e Lauren acompanharam-na, sendo que Lauren se viu obrigada a passar por cima do Paul-de-ciência-política, que então se encontrava prostrado junto à parede, a ressonar baixinho.

— Isto parece... aquilo a que algumas pessoas chamam diversão — disse Pip entre dentes, ao entrarem no espaço aberto da sala de estar, deparando com o bulício adolescente que aí se formava: corpos que se contorciam e sacudiam ao som da música, verdadeiras torres de garrafas de cerveja perclitantes, monólogos ébrios que discorriam sobre o significado da vida e eram berrados do outro lado da sala, manchas de humidade na alcatifa, comichões na virilha nada discretas e casais colados a paredes que escorriam condensação.

— Tu é que estavas desesperada para vir — disse Lauren, acenando na direção de umas quantas raparigas com quem tinha aulas de teatro depois da escola.

Pip engoliu em seco.

— Sim. E a Pip do presente fica sempre satisfeita com as decisões da Pip do passado.

Ant, Connor e Zach reconheceram-nas e foram-se aproximando, abrindo caminho a custo por entre a multidão cambaleante.

— Tudo bem? — disse Connor, dando a Pip e às outras um abraço desajeitado. — Estão atrasadas.

— Eu sei — disse Lauren. — Tivemos de vestir a Pip outra vez.

Pip não percebia como as suas jardineiras poderiam ser motivo de vergonha alheia, quando os passos de dança bruscos e robóticos das amigas do teatro de Lauren eram considerados perfeitamente aceitáveis.

— Há por aí copos? — disse Cara, segurando uma garrafa de vodka e outra de limonada.

— Sim, eu digo-te onde estão — disse Ant, afastando-se com Cara na direção da cozinha.

Quando Cara voltou com uma bebida para ela, Pip começou a dar uns golinhos imaginários enquanto acenava com a cabeça e ria com os outros enquanto conversavam. Assim que teve oportunidade, aproximou-se com passos furtivos do lavatório da cozinha, despejou o conteúdo do copo e encheu-o com água.

Passado algum tempo, quando Zach se ofereceu para lhe encher novamente o copo, viu-se obrigada a repetir a façanha e, ao fazê-lo, não teve remédio senão falar com Joe King, que se sentava atrás dela em Inglês. O único humor de que ele era capaz passava por proferir algo ridículo, esperar que a vítima fizesse um ar confuso e então dizer: «Estou só a brincar.»²

À terceira repetição da mesma piada, Pip inventou uma desculpa qualquer e foi-se esconder a um canto, agradecida por ficar finalmente a sós. Permaneceu envolta nas sombras, sossegada, e ficou a esquadrihar a sala com o olhar. Pôs-se a ver os adolescentes que dançavam e outros que se beijavam com exagerado ardor, procurando ao mesmo tempo algum sinal de trocas ilícitas entre mãos, comprimidos, rostos contorcidos ou mesmo de pupilas exageradamente dilatadas. Algo que pudesse constituir uma pista para chegar ao fornecedor de Andie.

Passaram-se dez minutos, e Pip não reparou em nada que lhe pudesse parecer dúbio, exceção feita para um rapaz chamado Stephen, que tinha dado cabo do comando da televisão e decidira esconder as provas atrás de um vaso de flores. Seguiu-o com o olhar, vendo-o a atravessar uma ampla arrecadação e a arrastar depois os passos na direção da porta das traseiras, altura em que tirou o maço de tabaco do bolso de trás das calças.

Claro.

Deveria ter inspecionado primeiro lá fora, onde estavam os fumadores. Pip abriu caminho por entre a turbamulta, servindo-se dos cotovelos para se proteger dos que mais vacilavam e cambaleavam.

Havia uma meia dúzia de pessoas lá fora. Ao fundo do jardim, viam-se dois vultos a rolar juntos sobre o trampolim. Uma Stella Chapman com um ar choroso a lamuriar-se ao telemóvel, junto ao caixote do lixo do jardim. Outras duas raparigas do ano dela num balouço de criança a terem uma conversa aparentemente muito séria, pontuada por expressões de estupefação. E ainda Stephen Thompson-ou-Timpson, com quem costumava ficar sentada ao fundo da sala, nas aulas de Matemática. Estava empoleirado num muro do jardim, com um cigarro à banda nos lábios, enquanto vasculhava os vários bolsos com ambas as mãos.

Pip aproximou-se em passo lento.

— Olá — disse, sentando-se pesadamente no muro ao lado dele.

— Olá, Pippa — disse Stephen, tirando o cigarro da boca para poder falar.

— Que tal?

— Oh, vai-se andando — disse Pip. — Só vim cá ver se encontrava a Mary Jane.

— Não sei quem é, desculpa — disse ele, achando por fim um isqueiro verde fluorescente.

— Não estou a referir-me a alguém em particular. — Pip voltou-se para ele e lançou-lhe um olhar eloquente.

— Desculpa?

Pip tinha passado uma hora dessa manhã a pesquisar termos no *Urban Dictionary* que fossem de uso corrente.

Tentou novamente, desta feita baixando o tom de voz até falar num sussurro.

— Sabes do que estou a falar. Ando à procura de um pouco de erva, um charrinho, um tico de alface *hippie*, um daqueles cigarrinhos que fazem rir, uma broca, tabaco dos malucos. Estás a perceber? Ganza.

Stephen desatou às gargalhadas.

— Oh, meu Deus — casquinou ele —, estás mesmo com os copos.

— Podes crer. — Pip tentou imitar uma gargalhadinha ébria, mas o riso saiu-lhe medonho. — Tens alguma coisa do género? Um pouco daquela erva marada?

Quando parou de rir baixinho para si mesmo, Stephen voltou-se para Pip e olhou para ela demoradamente de alto a baixo. O seu olhar deteve-se claramente no seu peito e pernas macilentas. Pip estremeceu no seu íntimo; um ciclone nauseante em que misturaram a repulsa e o embaraço. Atirou mentalmente uma reprimenda à cara de Stephen, embora a boca tivesse de continuar fechada. Estava infiltrada.

— Sim — disse Stephen, mordendo o lábio inferior. — Posso enrolar um charro para os dois. — Voltou a vasculhar nos bolsos e extraiu um saquinho com erva e uma embalagem de mortalhas.

— Sim, por favor — disse Pip, acenando com a cabeça e começando a sentir-se ansiosa, excitada e também um pouco nauseada. — Enrola aí uma; enrola como se fosses... hum... como se fosses um crupiê a lançar os dados.

Ele voltou a rir-se na cara dela e lambeu um dos cantos da mortalha, procurando não desviar o olhar do rosto dela, mesmo tendo a língua bojudia e rosada de fora. Foi Pip quem desviou o olhar. Passou-lhe então pela cabeça que desta vez talvez tivesse ido longe de mais no que dizia respeito a projetos escolares. Talvez. Mas aquilo já não era um mero projeto. Era por Sal, por Ravi. Pela verdade. Poderia fazê-lo por ambos.

Stephen acendeu o charro e deu duas longas passas antes de o estender a Pip. Ela pegou no charro de forma desajeitada, segurando-o entre o indicador e o médio, e levou-o aos lábios. Voltou a cabeça de rompante, de forma que o cabelo que caísse para cima do rosto, e fingiu dar algumas passas no charro.

— Humm, produto do bom — disse, devolvendo-o. — Grande pedra,

melhor dizendo.

— Estás gira, hoje — disse Stephen, puxando mais uma passa antes de lhe oferecer novamente o charro.

Pip tentou pegar no charro sem tocar nos dedos dele. Voltou a simular uma nova passa, mas o cheiro começava já a parecer-lhe enjoativo e não pôde deixar de tossir ao fazer a pergunta seguinte.

— Diz-me lá — começou ela, devolvendo o charro —, onde achas que consigo arranjar isto?

— Podes partilhar comigo.

— Não, estava a perguntar quem te vende. Para eu começar também a alinhar na cena, percebes?

— Costumo comprar a um tipo da cidade. — Stephen arrastou-se sobre o muro, aproximando-se de Pip. — Um tipo chamado Howie.

— E onde é que esse Howie mora? — perguntou Pip, devolvendo-lhe a erva, servindo-se desse movimento como pretexto para se afastar de Stephen.

— Não sei — disse Stephen. — Ele não faz negócio a partir de casa. Costumo encontrar-me como ele no parque de estacionamento da estação, mesmo lá ao fundo, onde não há câmaras.

— À noite? — perguntou Pip.

— Geralmente, sim. Sempre que me envia mensagens.

— Tens o contacto dele? — Pip baixou-se para alcançar a mala, onde tinha o telemóvel. — Posso ficar com o número?

Stephen abanou a cabeça.

— Poderia ficar zangado se soubesse que eu andava por aí a dar o número a toda a gente. Não é preciso encontrares-te com ele; se precisares de alguma coisa, basta dares-me o dinheiro, e eu arranjo-te o material. Até te faço um desconto — acrescentou, piscando o olho.

— Gostava mesmo de comprar diretamente ao tipo — disse Pip, já irritada, sentindo uma onda de calor trepar-lhe pelo pescoço.

— Não vai dar. — Voltou a abanar a cabeça, devorando-lhe a boca com os olhos.

Pip desviou rapidamente o olhar, fazendo tombar a longa cortina de cabelos escuros entre os dois. A frustração que sentia era demasiado evidente, sobrepondo-se a todos os outros pensamentos. Não iria mudar de opinião ou será que sim?

Então ocorreu-lhe algo num ápice.

— Bom, então como é que eu faço para te comprar o material? — perguntou, tirando-lhe o charro das mãos. — Nem sequer tens o meu número.

— Ah, isso é que não pode ser — disse Stephen, num fiozinho de voz que quase lhe escorria dos lábios. Alcançou o bolso de trás das calças e puxou o telemóvel. Inseriu a palavra-passe com um dedo espetado e passou-lhe para as

mãos o telemóvel já desbloqueado. — Escreve aí o teu número — disse ele.

— OK — disse Pip.

Ela abriu a aplicação dos contactos e mudou de posição, colocando-se de frente para Stephen de forma que este não pudesse ver o ecrã. Digitou *how* na barra de pesquisa e só apareceu um resultado. *Howie Bowers* e o respetivo número de telemóvel.

Pôs-se então a analisar a sequência dos números. Raios, jamais conseguiria decorar daquilo tudo. Ocorreu-lhe então outra ideia. Talvez conseguisse tirar uma fotografia ao ecrã. Tinha o seu próprio telemóvel pousado no muro, mesmo ao seu lado. Mas Stephen estava mesmo ali, a olhar para ela e a roer o dedo. Precisava de arranjar alguma coisa que o distraísse.

De repente, deu um solavanco para frente, projetando o charro para o meio do relvado.

— Desculpa — disse ela — pensei que tinha um bicho na pele.

— Deixa estar, eu apanho. — Stephen saltou do muro.

Pip dispunha apenas de uns quantos segundos. Agarrou no seu telemóvel, deslizou o polegar para a esquerda de forma a aceder à câmara e posicionou-a por cima do ecrã do telemóvel de Stephen.

Sentiu o coração bater descompassado e o peito a oprimi-lo.

A câmara ora focava ora desfocava, fazendo-a perder um tempo precioso.

Os dedos pairavam sobre o botão.

A imagem ficou nítida, e tirou a fotografia, deixando cair o telemóvel no colo assim que Stephen se voltou.

— Ainda está aceso — disse ele, voltando a saltar para cima do muro e sentando-se demasiado próximo dela.

Pip estendeu-lhe novamente o telemóvel.

— Hum... Desculpa, mas na verdade acho que não quero dar-te o meu número — disse. — Cheguei à conclusão de que isto das drogas não é para mim.

— Para de provocar, disse Stephen, fechando os dedos em torno do telemóvel e da mão de Pip. Inclinou-se então para ela.

— Não, obrigada — disse ela, afastando-se num ápice. — Acho que vou andando lá para dentro.

E então Stephen colocou a mão na parte de trás da cabeça dela, agarrou-a para a frente e procurou avidamente o seu rosto. Pip contorceu-se para se livrar dele e empurrou-o de seguida. Empurrou-o com tal força que ele se desequilibrou e caiu do muro, de uma altura de metro e meio, estatelando-se na relva húmida.

— Sua cabra estúpida — disse ele, levantando-se e limpando logo as calças.

— Seu macaco degenerado e pervertido sem princípios. Sem ofensa aos macacos — gritou Pip, voltando-se para trás. — Eu disse que não.

Foi então que se apercebeu. Não sabia como ou quando aquilo tinha acontecido, mas, ao erguer os olhos, verificou que se encontravam agora os dois

sozinhos no jardim.

O medo acometeu-a num ápice, deixando-a toda arrepiada.

Stephen voltou a trepar para o muro, e Pip voltou-se, precipitando-se na direção da porta.

— Ei, está tudo bem, podemos continuar a conversar — disse ele, agarrando-lhe o pulso para a puxar.

— Larga-me, Stephen. — Lançou-lhe as palavras à cara numa fúria.

— Mas...

Foi então a vez de Pip lhe agarrar no pulso com a mão que tinha livre e de o apertar depois, cravando as unhas na pele dele. Stephen soltou um gemido e largou-a. Pip não hesitou. Foi a correr para dentro de casa e bateu com a porta, trancando a fechadura ao fechá-la.

Já lá dentro, abriu caminho aos ziguezagues por entre a multidão, caminhando sobre o tapete persa da pista de dança improvisada, ao mesmo tempo que a acotovelavam nesta e naquela direção. Pôs-se à procura no meio de membros que se saracoteavam e de rostos transpirados e risonhos. Procurava o porto de abrigo do rosto de Cara.

O ar estava quente e bafiento no meio de toda aquela confusão de corpos. Porém, Pip tiritava, sendo sacudida por sucessivas vagas de um frio interior que lhe fazia estremecer os joelhos nus.

² Jogo de palavras sem correspondente em português. No original, a personagem Joe King diz «I'm only Joe-King», o que significa «Estou só a brincar [*joking*]». (NT)

³ «Mary Jane»: para além de ser nome de pessoa, é também uma forma coloquial de dizer marijuana. (NT)

Diário de Produção — 22.^a Entrada

Informação atualizada: ontem à noite fiquei quatro horas à espera dentro do meu carro. Fui verificar, não havia câmaras de vigilância no outro extremo do parque de estacionamento da estação. Por três vezes, vi passar ajuntamentos de pessoas vindas da estação de Marylebone, Londres, no habitual percurso casa-trabalho-casa, sendo o pai uma delas. Felizmente, não reparou no meu carro.

Não vi ninguém a vaguear pelo parque. Ninguém que parecesse andar por lá a comprar ou a vender drogas. Não que eu saiba qual é o aspeto dessas pessoas; nunca me teria passado pela cabeça que a Andie Bell fosse desse género.

Sim, sei que consegui surripiar o contacto do Howie Bowers ao Stephen-o-tarado. Podia simplesmente telefonar ao Howie a perguntar se estaria disposto a responder a algumas perguntas acerca da Andie. É isso que o Ravi acha que eu devo fazer. Mas, vejamos as coisas como elas são, não vou conseguir arrancar-lhe nada dessa forma. Trata-se de um traficante de droga. Não irá admiti-lo a uma estranha, ainda por cima ao telefone, como se estivesse a debater o estado do tempo ou da economia mundial com a maior das descontrações.

Não. A única forma de o fazer falar é se tivermos os trunfos necessários à mão.

Amanhã à noite volto à estação. O Ravi está a trabalhar, mais uma vez, mas consigo fazer isto sozinha. Basta dizer aos meus pais que vou para casa da Cara fazer os trabalhos de Inglês. Quanto mais minto, mais fácil é para mim mentir.

Preciso de encontrar o Howie.

Preciso deste trunfo.

Também preciso de dormir.

Pessoas sob suspeita

Jason Bell

Naomi Ward

Amante secreto mais velho

Nat da Silva

Max Hastings

Traficante — Howie Bowers?

Pip já ia no décimo terceiro capítulo, lendo à luz prateada e demasiado brilhante da lanterna do telemóvel, quando reparou num vulto que nesse momento caminhava a sós debaixo do poste de iluminação. Estava dentro do seu carro, estacionado mesmo ao fundo do parque de estacionamento da estação, e cada meia-hora que passava era assinalada pelo chiar e rosnar dos comboios que rumavam em direção a Londres ou Aylesbury.

Os postes de iluminação tinham-se acendido cerca de uma hora antes, quando o sol batera em retirada, tingindo Little Kilton de um azul cada vez mais escuro. As luzes eram daquela cor ruidosa que misturava cor de laranja e amarelo, iluminando toda a área com um brilho industrial e perturbador.

Pip espreitou com os olhos semicerrados e o rosto colado à janela. Enquanto o vulto passava debaixo do poste de iluminação, viu que se tratava de um homem de casaco verde-escuro, com um capuz com pelo e um forro laranja-claro. Tinha o capuz a tapar-lhe uma máscara feita de sombras, e só o perfil triangular do nariz, onde a luz incidia, denunciava a existência de um rosto.

Apressou-se a desligar a lanterna do telemóvel e a pousar o exemplar de *Grandes Esperanças* no lugar ao lado do condutor. Baixou então o seu próprio banco de forma que pudesse ficar agachada no chão do carro, aproveitando a porta para se esconder enquanto espreitava tudo com a testa e os olhos colados ao vidro.

O homem caminhou até ao extremo oposto do parque de estacionamento, já fora dos limites da área, e ficou aí encostado à vedação, num espaço sombrio delimitado apenas por duas manchas de luz alaranjada que jorravam dos candeeiros públicos. Pip ficou a observá-lo, procurando sustentar a respiração, que embaciava o vidro e lhe estorvava o campo de visão.

De cabeça baixa, o homem tirou o telemóvel de um dos bolsos. Assim que o desbloqueou e o ecrã se iluminou, Pip pôde ver o seu rosto pela primeira vez: um rosto ossudo, cheio de traços angulosos, com uma barba escura de três dias bem aparada. Pip não tinha muito jeito para adivinhar a idade das pessoas, mas um palpite dizia-lhe que o homem teria 20 e muitos ou estaria já na casa dos 30.

Verdade, não era a primeira vez nessa noite que pensava que tinha finalmente descoberto Howie Bowers. Dois outros homens tinham-na levado a agachar-se e a esconder-se para os poder observar. O primeiro entrara imediatamente num carro todo amolgado e piscara-se num ápice. O segundo tinha parado para fumar, o tempo suficiente para que o coração de Pip comesse a bater disparado. Mas depois também ele se pusera a andar, depois de ter apagado a beata do

cigarro e de ter destrancado o carro com o comando eletrónico.

Porém, algo parecera não bater certo no caso desses dois últimos avistamentos: os homens tinham aparecido vestidos com fatos de trabalho e casacos elegantes, claramente pessoas que tinham regressado da cidade num comboio cheio de gente. Mas este homem era diferente. Vestia umas calças de ganga e uma parca, e não havia dúvida de que estava à espera de alguma coisa. Ou de alguém.

Os seus polegares não paravam de mexer no ecrã do telemóvel. Possivelmente, estaria a enviar uma mensagem de texto a um cliente qualquer, dizendo-lhe que estava à espera dele. Este género de conclusões precipitadas era um caso típico de pippismo. Porém, havia uma forma infalível de se certificar de que aquele homem suspeito da parca era de facto Howie.

Pip voltou a pegar no telemóvel, procurando esconder a iluminação do ecrã ao apontá-lo para a coxa. Percorreu a lista de contactos até alcançar a entrada correspondente a Howie Bowers e depois carregou no botão de chamada.

Ficou então a aguardar, com os olhos novamente postos na janela e o polegar suspenso sobre o botão vermelho para desligar a chamada. Os nervos buliam no seu íntimo a cada meio segundo.

Foi então que ouviu algo.

Um som muito mais alto do que aquele que saía do seu telemóvel ao tocar.

O som era o grasnar mecânico de um pato e vinha das mãos dele. Pip viu-o a carregar num botão qualquer no telemóvel e a levá-lo ao ouvido.

— Está? — ouviu-se uma voz distante vinda do exterior, abafada pela janela do carro. Após uma fração de segundo, a mesma voz soou pelo altifalante do seu telemóvel. Era a voz de Howie, estava confirmado.

Pip carregou no botão para desligar a chamada e viu Howie baixar o telemóvel e ficar a olhar para ele, notando as suas sobranceiras espessas embora perfeitamente alinhadas afundarem-se e eclipsarem os olhos na escuridão. De seguida, voltou a ligar o telemóvel e a levá-lo novamente ao ouvido.

— Raios — disse Pip num sussurro, agarrando o telemóvel num ápice e clicando rapidamente para o pôr em silêncio. Em menos de um segundo, o ecrã iluminou-se com uma chamada recebida de Howie Bowers. Pip carregou no botão para desbloquear o telemóvel e deixou a chamada tocar em silêncio, sentindo o bater descompassado do coração a afligir-lhe o peito. Tinha sido por pouco, por muito pouco. Fora estúpido da sua parte não lhe ter telefonado em modo anónimo.

Howie voltou a guardar o telemóvel e permaneceu imóvel, baixando a cabeça e enfiando novamente as mãos nos bolsos. Claro, embora agora tivesse a certeza de que aquele homem era Howie Bowers, nada lhe garantia que fosse o mesmo que fornecera as drogas a Andie.

O único facto era que Howie Bowers andava agora a vender droga aos miúdos

na escola, a mesma gente com que Andie o tinha posto em contacto. Poderia tratar-se de uma coincidência. Howie Bowers poderia não ser, afinal de contas, o mesmo homem com quem Andie tinha feito negócio anos antes. Mas, numa cidade pequena como Kilton, não se devia acreditar demasiado em coincidências.

Nessa altura, precisamente, Howie ergueu o olhar e acenou com a cabeça de forma contundente. Então, Pip pôde ouvir passos nítidos e decididos atravessarem o pavimento, cada vez mais próximos e sonoros. Não se atreveu a espreitar para ver quem estaria a aproximar-se, mas o eco pronunciado fazia-a estremecer por dentro a cada passo. E então a pessoa que se aproximava entrou finalmente no seu campo de visão.

Era um homem alto que usava um casaco bege comprido e uns sapatos pretos bem engraxados, percebendo-se que eram novos pelo som nítido e polido da sola. O homem tinha o cabelo escuro e penteado rente à cabeça. Assim que se abeirou de Howie, deu meia-volta para se encostar à vedação ao lado dele. Pip teve de esforçar a vista por alguns segundos e só então conseguiu discernir alguma coisa, tendo ficado boquiaberta.

Conhecia aquele homem. Conhecia aquele rosto do *website* do Kilton Mail, mais precisamente da página com as fotografias de todo o pessoal. Era Stanley Forbes.

Stanley Forbes, pessoa alheia à investigação de Pip que agora fazia uma segunda e inesperada aparição. Becca Bell tinha dito que eles os dois eram mais ou menos namorados, e agora ali estava ele, a encontrar-se com o homem que provavelmente teria vendido droga à irmã de Becca.

Nenhum dos dois homens tinha ainda falado. Stanley coçou o nariz e depois retirou do bolso um envelope espesso. Enfiou de seguida o envelope dentro do casaco de Howie e só então reparou que ele tinha o rosto corado e as mãos a tremer.

Pip levantou o telemóvel e, depois de se ter certificado de que o *flash* estava desligado, aproveitou para tirar algumas fotografias daquele encontro.

— É a última vez, estás a ouvir? — disse Stanley com rispidez, não se dando sequer ao trabalho de falar baixo. Pip conseguia ouvir com algum esforço, através do vidro da janela do carro, apenas algumas partes das palavras que ele dizia. — Não podes continuar a pedir-me mais; já não tenho mais.

Howie falava demasiado baixo, e Pip conseguiu apenas escutar o princípio e o fim da sua frase pronunciada entre dentes:

— Mas... dizer.

Stanley ripostou num tom violento:

— Duvido muito que tivesses coragem.

Ficaram a olhar para a cara um do outro durante um momento tenso que parecia nunca mais acabar, e depois Stanley deu meia-volta e afastou-se em passos largos, fazendo o casaco esvoaçar atrás de si.

Quando já se tinha ido embora, Howie espreitou o interior do envelope que segurava nas mãos antes de o enfiar novamente no bolso do casaco. Pip tirou-lhe mais umas quantas fotografias com o envelope nas mãos. Mas Howie ainda não parecia disposto a ir-se embora. Continuou encostado à vedação e voltou a mexer no telemóvel. Como se estivesse à espera de mais alguém.

Após alguns minutos, Pip viu alguém aproximar-se. Afundando-se novamente no seu esconderijo, Pip ficou a observar a cena enquanto um rapaz se aproximava apressadamente em passo de Howie, acenando para ele com a mão no ar. Reconheceu também este rapaz: andava um ano atrás dela na escola, era um dos rapazes que jogavam futebol com Ant. Chamava-se Robin qualquer coisa.

O encontro entre os dois foi breve. Robin tirou algum dinheiro do bolso e passou-lho para as mãos. Howie contou o dinheiro e depois retirou um saco de papel dobrado do bolso do casaco. Pip tirou rapidamente cinco fotografias enquanto Howie passava o saco para as mãos de Robin e enfiava o dinheiro no bolso.

Pip conseguia ver os lábios deles mexerem-se, mas não era capaz de ouvir as palavras secretas que trocavam. Howie sorriu e deu uma pancadinha nas costas do rapaz. Depois de enfiar o saco de papel na mochila, Robin voltou a atravessar o parque de estacionamento em passo vagaroso, tendo-se despedido com um «Até logo» em voz baixa ao passar pelo carro de Pip, tão perto que fez com que ela se sobressaltasse.

Baixando-se até ficar quase ao nível do chão do carro, Pip percorreu com os olhos as fotografias que tinha tirado; o rosto de Howie aparecia nítido e visível em pelo menos três delas. E Pip sabia o nome do rapaz que tinha apanhado a fazer negócio com ele. Era um caso típico de trunfo na manga, se é que se podia falar em casos típicos quando se tratava de fazer chantagem com um traficante de droga.

Pip imobilizou-se, apavorada. Alguém estava a passar mesmo por trás do carro dela, arrastando os pés e assobiando ao caminhar. Aguardou vinte segundos e depois espreitou. Howie já se tinha ido embora. Pip viu-o a caminhar na direção da estação.

E agora chegava o momento da indecisão. Howie tinha ido a pé para a estação; Pip não poderia segui-lo de carro. Mas a verdade é que não lhe apetecia nada, mesmo nada, abdicar da segurança do seu carrinho, que mais parecia um inseto e seguir no encalço de um criminoso sem a proteção reforçada de um *Volkswagen*.

O medo desatou-lhe o nó do estômago e subiu-lhe ao cérebro, contaminando-o com um só pensamento: Andie Bell tinha saído à noite sozinha e nunca mais regressara. Pip procurou afastar essa ideia, respirou fundo para se livrar do medo e trepou para fora do carro, tendo fechado a porta com o maior cuidado.

Precisava de saber tudo o que havia para saber acerca daquele homem. Poderia tratar-se do mesmo homem que fornecera as drogas a Andie, o verdadeiro responsável pela sua morte.

Howie caminhava a cerca de trinta metros de distância dela. Tinha agora o capuz para baixo, e o forro cor de laranja era facilmente identificável no escuro. Pip procurou guardar alguma distância entre ambos, sentindo o coração bater disparado a cada passo.

Atrasou o ritmo e aumentou o intervalo de distância ao passarem por uma rotunda bem iluminada que ficava no exterior do edifício da estação. Não queria aproximar-se demasiado. Seguiu no encalço de Howie assim que ele virou para a direita, junto à colina, passando pelo pequeno supermercado da cidade. Ele atravessou a estrada e virou à esquerda, enveredando pela rua principal, no extremo oposto de onde ficava a escola e a casa de Ravi.

Seguiu-lhe os passos, subindo toda a extensão de Wyvil Road, passando pela ponte que atravessava as duas linhas de comboio. Já do outro lado da ponte, Howie saiu da estrada e meteu por um pequeno trilho que se estendia por um relvado à beira da estrada e confinava com uma sebe amarelecida.

Pip esperou que Howie se adiantasse um pouco mais no caminho antes de seguir no seu encalço ao longo do trilho, acabando por ir dar a uma pequena e escura zona residencial. Prosseguiu caminho, sempre de olhos postos no casaco com o forro cor de laranja que seguia, a cerca de quinze metros à sua frente. A escuridão revelava-se o mais oportuno dos disfarces; tornava desconhecido e estranho o que era familiar. Só quando passou por uma placa de sinalização Pip tomou consciência da estrada onde se encontravam.

Romer Close.

O seu coração reagiu, passando a bater ainda mais desenfreado a cada passo. Romer Close, precisamente a estrada onde tinham encontrado o carro de Andie Bell abandonado depois de ela ter desaparecido.

Pip viu Howie mudar de direção um pouco adiante e não perdeu tempo a esconder-se atrás de uma árvore, ficando a vê-lo a aproximar-se de um pequeno bangaló, a tirar as chaves do bolso e a entrar. Assim que ouviu a porta fechar-se, Pip emergiu do seu esconderijo e aproximou-se da casa de Howie. Romer Close, número vinte e nove.

Era uma casa geminada e bastante acanhada, toda em tijolo castanho-claro e com um telhado de ardósia coberto de musgo. Uns estores pesados cobriam ambas as janelas da frente, sendo que a da esquerda deixava agora entrever uns vestígios de luz amarela, depois de Howie ter acendido as luzes lá dentro. Mesmo junto à porta de entrada havia uma pequena parcela de terreno coberta de gravilha, onde estava estacionado um automóvel *bordeaux* já bastante desbotado.

Pip ficou a olhar para o automóvel. Desta vez, não demorou a tirar as suas

ilações. Ficou boquiaberta, e o nó que tinha no estômago passou para a garganta, enchendo-lhe a boca com o sabor regurgitado da sanduíche que comera no carro.

— Oh, meu Deus — disse num sussurro.

Afastou-se alguns passos da casa, tirando o telemóvel do bolso. Percorreu com o olhar a lista de chamadas recentes e marcou o número de Ravi.

— Por favor, diz-me que não estás a trabalhar — disse quando ele atendeu.

— Acabei de chegar a casa. Porquê?

— Preciso que venhas imediatamente ter comigo a Romer Close.

Pip sabia, pelo mapa do crime que tinha esboçado, que Ravi demoraria cerca de dezoito minutos a caminhar de sua casa até Romer Close. Acabou por chegar quatro minutos antes, e vinha a correr quando a avistou ao longe.

— O que se passa? — disse ele, ligeiramente afogueado e afastando o cabelo do rosto.

— *Passam-se* muitas coisas — disse Pip em voz baixa. — Não sei exatamente por onde começar, por isso vou começar de qualquer maneira.

— Estás a assustar-me. — Os olhos dele perscrutaram-lhe o rosto com um ar indagador.

— Também me estou a assustar a mim mesma, acredita. — Pip deteve-se para respirar fundo, na esperança de se conseguir livrar do nó que tinha na garganta. — *OK*, sabes que eu andava à procura do traficante de droga, desde que me deram aquela pista na festa-calamidade. Ele esteve lá esta noite, a traficar no parque de estacionamento, e decidi segui-lo até casa. Mora aqui, Ravi. Junto à estrada onde encontraram o carro da Andie.

Ravi desviou o olhar, procurando identificar os contornos da rua imersa em escuridão.

— Mas como sabes que se trata do mesmo tipo que dava as drogas à Andie para ela vender?

— Não tinha a certeza — disse ela. — Agora tenho. Mas, espera, primeiro preciso de te contar outra coisa, e não quero que te zangues.

— Porque haveria de me zangar? — Ravi baixou os olhos para ela, e os traços suaves do seu rosto crisparam-se em torno dos olhos.

— Hum... Porque te menti — disse ela, olhando para os próprios pés em vez de olhar para o rosto de Ravi. — Tinha-te dito que a entrevista que a polícia fez ao Sal ainda não tinha chegado. Mas chegou, há duas semanas.

— O quê? — disse ele em voz baixa. Uma expressão claramente magoada atravessou-lhe o rosto, franzindo-lhe o nariz e a testa.

— Desculpa — disse Pip. — Mas, quando a entrevista chegou e a li por alto, achei que seria melhor se não a lesse.

— Porquê?

Pip engoliu em seco.

— Porque não era nada abonatória para o Sal. Ele foi evasivo com a polícia e disse-lhes sem rodeios que não estava disposto a revelar o motivo da discussão que ele e a Andie tinham tido naquela quinta e sexta-feira. Parecia que estava a tentar ocultar o seu próprio motivo. E fiquei assustada ao pensar que se calhar

teria sido realmente ele a matá-la e não quis que ficasses perturbado com isto. — Atreveu-se a olhá-lo nos olhos. Havia tristeza e abatimento no olhar de Ravi.

— Depois disto tudo, ainda achas que o Sal é o culpado?

— Não, não acho. Fiquei na dúvida durante algum tempo, só isso, e tive medo ao imaginar a forma como irias reagir. Foi errado da minha parte, desculpa. Não tinha o direito de fazer isso. E foi igualmente errado da minha parte ter tido dúvidas a respeito do Sal.

Ravi deteve-se por instantes e ficou a olhar para ela, coçando ao mesmo tempo a parte de trás da cabeça.

— Tudo bem — disse por fim. — Está tudo bem, percebo a razão de o teres feito. O que se passa, afinal?

— Acabei de descobrir a razão que terá levado o Sal a comportar-se de forma tão esquisita na entrevista e a ser evasivo com a polícia, a mesma razão que motivou a discussão entre ele e a Andie. Vamos.

Fez-lhe sinal para que a seguisse e foi novamente a caminhar até ao bangaló de Howie. E então apontou.

— Esta é a casa do traficante de droga — disse. — Olha para este carro, Ravi.

Observou o rosto de Ravi enquanto os olhos dele miravam o carro de alto a baixo, deslizando do para-brisas para o capô, saltando de farolim para farolim. Até que se detiveram na placa de matrícula, lendo-a de trás para a frente e vice-versa.

— Oh — disse por fim.

Pip acenou com a cabeça.

— Oh, de facto.

— Na verdade, acho que este é daqueles teus momentos «oh, meu Deus».

E os olhares de ambos detiveram-se na placa da matrícula: R009 KKJ.

— O Sal apontou esta matrícula nas notas do telemóvel — disse Pip. — Numa quarta-feira, dia 18 de abril, por volta das sete e quarenta e cinco da tarde. Deve ter desconfiado de alguma coisa. Se calhar tinha ouvido algum boato na escola ou algo do género. Por isso decidiu seguir a Andie nessa noite e depois deve tê-la visto com o Howie dentro deste carro. E aquilo que ela estava a fazer.

— Daí que tenham discutido nos dias anteriores ao desaparecimento da Andie — acrescentou Ravi. — O Sal detestava drogas. Detestava.

— E, quando a polícia o interrogou a propósito da discussão deles — prosseguiu Pip —, ele não foi evasivo com o intuito de ocultar alguma coisa que lhe dissesse diretamente respeito. Fê-lo para proteger a Andie. Não lhe passava pela cabeça que ela pudesse estar morta. Achava que estava viva e que acabaria por voltar e, ao mesmo tempo, não queria metê-la em sarilhos ao contar à polícia que ela andava a traficar droga. E a última mensagem que ele lhe enviou na naquela sexta-feira?

— *Não volto a falar contigo enquanto não parares* — citou Ravi.

— Sabes uma coisa? — perguntou Pip com um sorriso. — A inocência do teu irmão nunca foi tão clara como agora.

— Obrigado. — Ravi também sorriu. — Sabes, nunca disse isto a uma rapariga, mas... ainda bem que decidiste, do nada, ir bater à minha porta.

— Lembro-me claramente de me teres mandado embora — disse ela.

— Bom, ao que parece, não é lá muito fácil uma pessoa livrar-se de ti.

— Lá isso é verdade. — Pip inclinou a cabeça. — Estás pronto para ires comigo bater à porta?

— Espera. Não. O quê? — Ficou a olhar para ela com ar atónito.

— Oh, anda lá — disse ela, avançando em passos largos na direção da porta da casa de Howie. — Está na hora de entrares em ação.

— Meu Deus, é difícil ignorar todas as insinuações contidas nessa frase. Espera, Pip — disse Ravi, apressando-se a segui-la. — O que estás a fazer? Ele não vai falar connosco.

— Vai, pois — disse Pip, brandindo o telemóvel por cima da cabeça. — Tenho um trunfo.

— Que trunfo? — Ravi apanhou-a mesmo antes de chegarem à porta da frente.

Pip voltou-se e fez-lhe uma careta sorridente com uns olhos semicerrados. E então pegou na mão dele. Antes que Ravi tivesse oportunidade de se libertar, segurou-lhe na mão e bateu três vezes à porta com ela.

Ravi arregalou os olhos e espetou o indicador, repreendendo-a em silêncio.

Ouviram o ruído de passos arrastados e um tossicar dentro de casa. Segundos depois, a porta abriu-se bruscamente.

Howie ficou espicado à porta, a olhar para eles. Tinha tirado o casaco, trazendo agora uma *T-shirt* azul manchada, e estava descalço. Ao abrir a porta, deixou que saísse um odor rançoso a fumo misturado com o cheiro a roupa húmida e bafienta.

— Olá, Howie Bowers — disse Pip. — Achas que podemos comprar-te umas drogas?

— Quem diabo és tu?

— Sou o diabo da pessoa que tirou estas maravilhosas fotografias no início desta noite — disse Pip, acedendo às imagens de Howie e segurando o telemóvel ao alto para lhas mostrar. Fez deslizar o polegar de forma que ele pudesse espreitar a galeria de imagens por inteiro. — Curiosamente, conheço o rapaz a quem vendeste as drogas. Chama-se Robin. Pergunto-me o que aconteceria se telefonasse agora mesmo para os pais dele e lhes dissesse para revistarem a mochila do filho. Pergunto-me se não iriam encontrar um pequeno saco de papel cheio de regalos. E já agora pergunto-me também quanto tempo demoraria a polícia a vir cá bater à porta, especialmente se lhes telefonasse para dar indicações.

Esperou que Howie digerisse tudo aquilo, vendo o seu olhar desvairado saltar do telemóvel para Ravi e depois para os olhos de Pip.

Howie soltou um grunhido.

— O que queres?

— Quero que nos convides para entrar e que respondas às nossas perguntas — disse Pip. — Se fizeres isso, não iremos à polícia.

— Sobre o quê? — disse ele, tirando algo dos dentes com as unhas.

— Sobre a Andie Bell.

O rosto de Howie moldou-se num esgar confuso e pouco convincente.

— Tu sabes quem é. Falo daquela rapariga a quem fornecias as drogas para ela depois vender aos miúdos da escola. A mesma rapariga que foi assassinada há cinco anos. Lembras-te dela? — perguntou Pip. — Bom, se não te lembras, tenho a certeza de que a polícia se irá lembrar.

— Está bem — disse Howie ao recuar, pisando um monte de sacos de plástico enquanto segurava a porta. — Podem entrar.

— Excelente — disse Pip, lançando um olhar rápido a Ravi por cima do ombro. Os seus lábios articularam silenciosamente a palavra «Trunfo», e ele revirou os olhos. Mas, quando ela se preparava para entrar em casa de Howie, Ravi puxou-a para trás de si e foi o primeiro a transpor a porta. Olhou Howie de alto a baixo até que o homem se resolveu a afastar-se da porta e a atravessar o minúsculo corredor.

Pip entrou depois de Ravi, fechando a porta atrás dela.

— Por aqui — disse Howie num tom brusco, desaparecendo ao entrar na sala de estar.

Howie recostou-se numa poltrona esfarrapada, onde já o esperava uma lata de cerveja aberta pousada num dos braços. Ravi avançou na direção do sofá e, afastando um monte de roupa, ocupou um dos lugares, ficando de frente para Howie, de costas direitas e o mais próximo possível da borda do sofá. Pip sentou-se ao lado dele, cruzando os braços.

Howie apontou para Ravi com a cerveja.

— Tu és o irmão do tipo que a matou.

— Alegadamente — disseram Pip e Ravi em uníssono.

A tensão que se fazia sentir naquela sala oscilava entre os três, como se movida por uma série de gavinhas invisíveis e pegajosas que se agarrassem primeiro a um, depois a outro e a outro ainda, através das trocas de olhares.

— Tens consciência de que iremos à polícia com estas fotografias se não responderes às nossas perguntas sobre a Andie, certo? — disse Pip, dando uma olhadela à cerveja, que possivelmente não seria a primeira de Howie desde que chegara a casa.

— Sim, querida — disse Howie, soltando um risinho entre dentes. — Já deixaste isso bastante claro.

— Ainda bem — disse ela. — Farei com que as minhas perguntas sejam claras e perceptíveis. Quando é que a Andie começou a trabalhar contigo e como é que isso aconteceu?

— Não me lembro. — Deu um longo gole de cerveja. — Em princípios de 2011, talvez. E foi ela que me procurou. A única coisa que sei é que de repente tinha uma adolescente, pelos vistos com uns grandes tomates, a aproximar-se na minha direção, no parque de estacionamento, e a dizer-me que eu conseguiria fazer mais negócio se lhe desse uma parte dos lucros. Disse-me que queria ganhar dinheiro, e eu respondi-lhe que os meus interesses eram parecidos. Não sei como foi descobrir onde eu andava a vender.

— Portanto, aceitaste logo quando ela se ofereceu para te ajudar a vender o material, correto?

— Sim, como é óbvio. Basicamente, ela a prometer-me uma oportunidade junto da malta mais nova, miúdos aos quais eu não conseguia chegar. Não tinha nada a perder.

— E o que é que aconteceu depois? — perguntou Ravi.

O olhar gélido de Howie recaiu sobre Ravi, e Pip, que tinha o braço praticamente colado ao do amigo, quase pôde sentir a tensão que nele se acumulava.

— Encontrámo-nos, e ensinei-lhe algumas regras básicas: como esconder o material e o dinheiro, por exemplo, ou como usar códigos em vez de referir nomes. Perguntei-lhe que tipo de cena poderia interessar os miúdos da escola dela. Dei-lhe um telemóvel que deveria usar para as transações, e basicamente foi isso. Abri-lhe as portas para esse vasto mundo que espreita lá fora.

— A Andie tinha um segundo telemóvel? — perguntou Pip.

— Sim, como é óbvio. Não iria usar o telemóvel pago pelos pais para fazer negócio, certo? Comprei-lhe um telemóvel desbloqueado com cartão pré-pago, em dinheiro. Dois, aliás. Arranji-lhe o segundo quando ela ficou sem dinheiro no primeiro. Dei-lho poucos meses antes de ela ter sido assassinada.

— Onde é que a Andie costumava guardar as drogas antes de as revender? — perguntou Ravi.

— Fazia parte das tais regras básicas. — Howie recostou-se, falando para a lata de cerveja. — Disse-lhe que aquele empreendimento não iria a lado nenhum se não arranjasse um sítio onde esconder o material e o segundo telemóvel sem que os pais o descobrissem. Garantiu-me que tinha arranjado o esconderijo perfeito e que ninguém sabia onde era.

— E onde era, afinal? — insistiu Ravi.

Ele coçou o queixo e disse:

— Hum, acho que era debaixo de uma tábua solta no chão do *closet*. Disse-me que os pais dela não faziam ideia da existência dessa tábua solta e que andava sempre a esconder as cenas aí.

— Sendo assim, é bastante provável que o telemóvel ainda esteja escondido algures no quarto da Andie, certo? — disse Pip.

— Não sei. A não ser que tivesse o telemóvel com ela quando foi... — Howie imitou um som gorgolejante ao fazer um gesto brusco com o indicador rente à garganta.

Pip lançou um olhar rápido a Ravi antes de fazer a pergunta seguinte, notando-lhe a tensão do maxilar enquanto ele cerrava os dentes, fazendo um imenso esforço para não desviar o olhar de Howie. Como se achasse que esse olhar fixo bastaria para o amansar.

— OK — disse ela —, afinal de contas, que drogas andava a Andie a traficar nas festas que os miúdos organizavam nas casas uns dos outros?

Howie esmagou na mão a lata de cerveja vazia e atirou-a para o chão.

— Começou por ser só erva — disse. — Lá para o fim, já andava a vender um monte de coisas diferentes.

— Ela perguntou *que* drogas é que a Andie vendia — disse Ravi. — Especifica.

— Sim, está bem. — Howie fez um ar aborrecido, endireitou-se na poltrona e começou a mexer numa nódoa castanha já incrustada que tinha na *T-shirt*. — Vendia erva, às vezes MDMA, mefedrona, ketamina. Havia também um ou outro miúdo que costumava comprar-lhe *Robypnol*.

— *Robypnol*? — repetiu Pip, não conseguindo ocultar o espanto. — *Roofies*⁴, queres tu dizer? A Andie andava a vender *roofies* nas festas da escola?

— Sim. Também serve para um tipo descontraír, estás a ver, não é para aquilo que a maior parte das pessoas acha que é.

— E tu sabias quem andava a comprar o *Robypnol* à Andie? — perguntou ela.

— Hum... Acho que me lembro de ela me ter falado num betinho qualquer. Não sei. — Howie abanou a cabeça.

— Um betinho? — Pip esboçou logo a imagem dele em pensamento: o seu rosto anguloso e o sorriso trocista, o cabelo amarelo e ondulado. — E esse beto era louro, por acaso?

Howie olhou para ela com um ar inexpressivo e encolheu os ombros.

— Responde ou vamos à polícia — disse Ravi.

— É possível que fosse esse tipo louro, sim.

Pip tossicou e aproveitou para pensar no assunto.

— OK — acabou finalmente por dizer. — Com que frequência tu e a Andie costumavam encontrar-se?

— Encontrávamo-nos sempre que era preciso, sempre que ela tinha instruções para receber o material ou dinheiro para mim. Uma vez por semana, diria eu, às vezes mais, outras vezes menos.

— Onde se encontravam? — perguntou Ravi.

— Às vezes era na estação, outras vinha cá a casa.

— E vocês... — Pip interrompeu-se. — Havia algum envolvimento romântico entre os dois?

Howie riu com um ronco. Sentou-se então de repente, esmagando algo com uma pancada junto ao ouvido.

— Não, fuge, claro que não — disse ele, e agora o seu riso já não dissimulava por inteiro a irritação que começava a trepar-lhe pelo pescoço em manchas vermelhas.

— Tens a certeza do que estás a dizer?

— Sim, tenho. — Já não havia nele vestígios do simulado divertimento.

— Então porque ficaste na defensiva? — perguntou Pip.

— Claro que fiquei na defensiva: tenho dois miúdos em casa a atazanarem-me a cabeça por causa de uma coisa que aconteceu há anos enquanto ameaçam meter a polícia ao barulho. — Deu um pontapé na lata de cerveja esmagada que estava no chão, fazendo-a voar pela sala até embater com estrépito nos estores, mesmo por trás da cabeça de Pip.

Ravi pulou do sofá e pôs-se de pé à frente dela.

— Qual é a tua ideia? — disse Howie, lançando-lhe um olhar de esguelha e levantando-se no seu passo cambaleante. — És ridículo, meu.

— Pronto, vamos lá ter calma — disse Pip, pondo-se também de pé. — Estamos praticamente no fim; só tens de ser sincero nas tuas respostas. Chegaste a ter relações sexuais com...

— Não, já tinha dito que não, certo? — O rubor trepou-lhe para as faces, tornando-se visível acima do contorno da barba.

— E querias ter tido relações sexuais com ela?

— Não. — Howie começava a gritar. — Entre mim e ela era só negócio, está bem? Não havia mais complicações.

— Onde estavas na noite em que ela foi assassinada? — Ravi quis saber.

— Estava bêbedo e a dormir *nesse* sofá.

— Sabes quem a matou? — perguntou Pip.

— Sei, foi o irmão dele. — Howie apontou para Ravi com um gesto agressivo. — É disso que se trata, afinal de contas? Estás a tentar provar a inocência do crápula do teu irmão homicida?

Pip viu Ravi crispar-se, baixando o olhar para as reentrâncias dos nós dos dedos. Mas depois apercebeu-se do olhar dela e aliviou a tensão do rosto, enfiando as mãos nos bolsos.

— OK, o nosso trabalho aqui está feito — disse Pip, pousando a mão no braço de Ravi. — Vamos embora.

— Não me parece. — Howie precipitou-se em direção da porta com duas passadas gigantes, bloqueando-lhes a saída.

— Com licença, Howard — disse Pip, e o nervosismo deu lugar ao medo.

— Não, não, não — disse ele a rir, abanando a cabeça. — Não posso deixar-

vos sair.

Ravi aproximou-se dele.

— Sai da frente.

— Fiz aquilo que me pediram — disse Howie, voltando-se para Pip. — Agora vais ter de apagar essas fotografias que me tiraste.

Pip ficou ligeiramente mais aliviada.

— Está bem — disse. — Sim, parece-me justo. — Segurou no telemóvel ao alto, mostrou o ecrã a Howie e foi apagando uma a uma as fotografias que tinha tirado no parque de estacionamento, até ao momento em que surgiu uma fotografia de *Barney* e de Josh a dormirem juntos na cama do cão. — Está feito.

Howie afastou-se para o lado e deixou-os passar.

Pip abriu a porta, e, assim que ela e Ravi saíram para a rua e para o ar fresco da noite, Howie falou-lhes pela última vez.

— Se continuas a andar por aí a perguntar coisas perigosas às pessoas, ainda acabas por receber algumas respostas perigosas, miúda.

Ravi fechou bruscamente a porta ao saírem. Esperou até se terem afastado uns quinze metros da casa antes de dizer:

— Bom, isto foi divertido, obrigado por me teres convidado para a minha primeira sessão de chantagem.

— De nada — disse ela. — Também foi a minha primeira. Mas foi eficaz; acabámos por descobrir que a Andie tinha um segundo telemóvel, que o Howie alimentava sentimentos contraditórios a respeito dela e que o Max Hastings tinha um fraquinho por *Rohypnol*. — Ao dizer isto, pegou no telemóvel e clicou na aplicação das fotografias. — Estou só a recuperar aquelas fotografias, para o caso de virmos a precisar de um novo trunfo para falar com o Howie.

— Oh, fantástico — disse ele. — Mal posso esperar. Se assim for, talvez possa acrescentar a chantagem à parte das competências específicas no meu CV.

— Já te apercebeste de que utilizas o humor como mecanismo de defesa quando estás preocupado? — Pip sorriu para ele, deixando-o passar primeiro pelo buraco na sebe.

— Sim, e tu tornas-te mandona e convencida.

Ravi olhou demoradamente para Pip, que seguia atrás dele, e foi ela que desatou a rir primeiro. Puseram-se então os dois às gargalhadas sem conseguirem parar. O escoar da adrenalina converteu-se em histerismo. Pip caiu para cima dele, limpando as lágrimas e procurando ganhar fôlego com um respirar compassado entre gargalhadas. Ravi tropeçou, já com o rosto todo crispado, rindo tanto que teve de se dobrar todo com as mãos na barriga.

Riram até as bochechas de Pip lhe começarem a doer e ela sentir um aperto no estômago já dorido.

Porém, os suspiros que se seguiram ao ataque de riso fizeram com que retomassem o caminho.

⁴ Uma das designações correntes do tranquilizante *Rohypnol*. (NT)

Diário de Produção — 23.^a Entrada

Devia estar CONCENTRADA nas minhas candidaturas às universidades; resta-me cerca de uma semana para concluir a minha carta de motivação antes da data limite da candidatura à Universidade de Cambridge. Farei agora mesmo uma pequena pausa, já chega de cantar de galo e de me pavonear toda para os responsáveis pelas admissões nas universidades.

Portanto, o Howie Bowers não tem álibi para a noite em que a Andie desapareceu. Ele próprio admitiu que tinha ficado «bêbedo e a dormir» na casa dele. Sem algo que possa corroborá-lo, há sempre a possibilidade de isto não passar de pura invenção. O Howie é um tipo mais velho, e a Andie poderia ter dado cabo da vida dele ao denunciá-lo à polícia por tráfico de droga. A relação dele com a Andie resultava de atividades criminosas, e, a julgar pela postura defensiva que adotou, é possível que TAMBÉM tenha tido alguns matizes de cariz sexual. Além de que o carro dela — o mesmo carro que, segundo a polícia, terá sido conduzido com o cadáver dela no porta-bagagens — foi encontrado na rua onde ele mora.

Sei que o Max tem um álibi para a noite em que a Andie desapareceu, o mesmo álibi que o Sal pediu aos amigos que engendrassem para ele. Mas agora vou pensar alto por um segundo. A janela temporal relativa ao rapto da Andie foi entre as 22h40 e as 00h45. É possível que o Max tenha tirado o melhor proveito possível desse período de tempo. Os pais estavam fora, o Jake e o Sal já tinham saído de casa dele, e a Millie e a Naomi tinham ido dormir para o quarto de hóspedes «um pouco antes da meia-noite e meia». O Max podia ter saído de casa por volta dessa hora sem ninguém saber. O mesmo se pode dizer da Naomi. Quem sabe se teriam saído juntos?

O Max tem na sua posse uma fotografia da vítima nua, com a qual nega ter tido qualquer envolvimento amoroso. Tecnicamente, é de facto um tipo mais velho. Esteve envolvido nas transações da Andie e costumava comprar-lhe roofies. Dá a ideia de que, afinal, o betinho do Max Hastings não é uma pessoa assim tão íntegra. O melhor é seguir de perto esta pista do Rohypnol e tentar perceber se há mais provas para aquilo de que começo agora a suspeitar. (E como poderia não suspeitar de tal coisa? Ele andava a comprar roofies, por amor de Deus.)

Embora tanto um como o outro pareçam simultaneamente suspeitos, não há uma dupla Max/Howie em ação, neste caso. O Max limitava-se a comprar as drogas em Kilton por intermédio da Andie, e o Howie só muito por alto sabia da existência do Max e das transações que ele costumava fazer com a Andie.

Ainda assim, parece-me que a pista mais importante que conseguimos arrancar ao Howie é o segundo telemóvel pré-pago da Andie. Essa é a prioridade número um. O mais provável é que esse segundo telemóvel contenha todos os pormenores relativos às pessoas a quem ela costumava vender drogas. Talvez até possa esclarecer a natureza da relação que ela tinha com o Howie. E, se o Howie não era o tal amante secreto mais velho, talvez a Andie estivesse a usar esse telemóvel pré-pago para contactar o homem em questão, de forma a manter tudo em segredo. A polícia ficou na posse do verdadeiro telemóvel da Andie depois de ter encontrado o corpo do Sal; se houvesse alguma prova de um relacionamento secreto nesse telemóvel, a polícia teria atuado em conformidade.

Se encontrarmos o segundo telemóvel, talvez possamos descobrir quem era o amante secreto mais velho da Andie e quem sabe se não acabamos também por descobrir o verdadeiro assassino,

e esta história termina de uma vez por todas. No ponto em que as coisas estão, existem três candidatos possíveis ao lugar de amante secreto mais velho: o Max, o Howie e o Daniel da Silva (em itálico na lista de PSS). Se o telemóvel pré-pago vier a confirmar algum destes casos, julgo que teremos elementos suficientes para entrar em contacto com a polícia.

Ou então poderá tratar-se de alguém que ainda não descobrimos, alguém que neste momento aguarda a sua entrada nos bastidores, preparando-se para o seu papel de ator principal neste projeto. Alguém como o Stanley Forbes, talvez? Bem sei que não existe nenhuma ligação direta entre ele e a Andie, é por isso que ele não integra a lista de PSS. Mas não parece um pouco estranho o facto de ele ser o jornalista que escreveu artigos cruéis a respeito do «namorado assassino» da Andie e andar agora a namorar a irmã mais nova dela, para não falar do facto de eu o ter visto a dar dinheiro ao mesmo traficante de droga que fornecia o material à Andie? Ou será que tudo isto não passa de uma série de coincidências? Não acredito em coincidências.

Pessoas sob suspeita

Jason Bell

Naomi Ward

Amante secreto mais velho

Nat da Silva

— *Barney-Barney-Barney*, tombalalão — contava Pip segurando as duas patas da frente do cão enquanto dançavam à volta da mesa de jantar. Então, o velho CD da mãe encravou por causa de um risco na superfície, dizendo-lhes para se «fazerem à estrada, *Ja-Ja-Ja-Ja-Ja...*»⁵

— Que som medonho. — Leanne, a mãe de Pip, entrou na sala com uma travessa de batatas assadas, pousando-a depois numa base sobre a mesa. — Põe a que vem a seguir, Pips — disse ela, voltando a sair da sala.

Pip largou as patas de *Barney* e carregou freneticamente no botão do leitor de CD; a derradeira relíquia do século xx que a mãe ainda não estava disposta a trocar por ecrãs táteis e colunas em sistema *bluetooth*. Era justo; já era suficientemente doloroso vê-la a tentar usar o comando da televisão.

— Já o trinchaste, Vic? — gritou Leanne, regressando à sala, desta feita com uma tigela com brócolos e ervilhas a fumegar, com uma noz de manteiga a derreter por cima.

— A ave está aprontada, gentil senhora — ouviu-se a resposta dele.

— Josh! O jantar está na mesa — chamou Leanne.

Pip foi ajudar o pai a levar os pratos e o frango assado para a mesa, e Josh pôs-se a segui-los de um lado para o outro.

— Acabaste os trabalhos de casa, querido? — perguntou a mãe a Josh assim que ocuparam os respetivos lugares à mesa. O lugar de *Barney* era no chão, ao lado de Pip, que agia como conspiradora na sua missão de deixar cair pedacinhos de carne quando os pais não estavam a olhar.

Pip lançou-se à comida apoderando-se da travessa de batatas antes que o pai se adiantasse. Tal como Pip, Victor era um grande apreciador daquele prato.

— Joshua, fazes o obséquio de passar o molho ao teu pai?

Assim que todos os pratos foram servidos e toda a gente começou a comer, Leanne virou-se para Pip, de garfo espetado para a filha:

— Afinal, qual é a data-limite para enviarestes as tuas candidaturas para as universidades?

— Dia 15 — respondeu Pip. — Vou tentar enviá-las dentro de um ou dois dias. Para me antecipar um bocadinho.

— Dedicaste o tempo necessário à tua carta de apresentação? Parece que ultimamente não tens feito outra coisa senão aquele teu PIA.

— Desde quando não estou sempre em cima do acontecimento? — disse Pip, espetando o garfo no talo de um brócolo particularmente grande, a sequoia-gigante do universo dos brócolos. — Se algum dia falhar um prazo, será porque

o apocalipse começou.

— Pronto, está bem. Se quiseres, eu e o pai damos uma vista de olhos à tua carta depois do jantar.

— Sim, faço uma cópia na impressora.

O apito do comboio do telemóvel de Pip soou ruidosamente. *Barney* deu um salto, e a mãe fez cara feia.

— Não quero telemóveis à mesa — disse ela.

— Desculpa — disse Pip. — Estou a pô-lo em silêncio.

Poderia perfeitamente tratar-se do início de mais um dos longos monólogos de Cara, enviados linha a linha para o telemóvel de Pip, que acabava assim por se tornar uma estação infernal, com todos os comboios a atropelarem-se uns aos outros numa barulheira frenética. Ou talvez fosse Ravi. Pip puxou o telemóvel e baixou os olhos para o ecrã pousado no colo para carregar no botão das chamadas.

Sentiu então o sangue escoar-se-lhe das faces.

Todo o calor do corpo escoou-lhe pelas costas abaixo e deixou-lhe um nó no estômago, empurrando o jantar para o goto. Sentiu um aperto na garganta ao ser subitamente acometida por um pavor gélido.

— Pip?

— Uh... Eu... fiquei com uma vontade urgente de ir à casa de banho — disse ela, saltando da cadeira com o telemóvel na mão, quase tropeçando no cão.

Seguiu disparada da sala para o corredor. As grossas meias de lã que tinha calçadas fizeram com que escorregasse no soalho encerado e caísse, tendo amparado o peso do corpo sobre um dos cotovelos.

— Pippa? — ouviu-se a voz de Victor.

— Está tudo bem — disse ela, levantando-se do chão. — Escorreguei, só isso.

Fechou a porta ao entrar na casa de banho e trancou-a à chave. Baixou com estrondo o tampo da sanita e sentou-se toda a tremer. Segurando o telemóvel com as duas mãos, ligou-o e clicou para aceder à mensagem.

Sua cabra estúpida. Afasta-te disto enquanto podes.

Mensagem enviada por Desconhecido.

5 Referência à canção «Hit the Road Jack», famosamente interpretada por Ray Charles. (NT)

Diário de Produção — 24.^a Entrada

Não consigo dormir.

A escola começa daqui a cinco horas, e eu não consigo dormir.

Já não há nada que me convença de que isto possa ser apenas uma partida. O bilhete no meu saco-cama, agora esta mensagem. É tudo real. Já preenchi todas as lacunas na minha investigação desde o dia em que fomos acampar; as únicas pessoas que estão a par das minhas descobertas são o Ravi e aquelas que entrevistei.

Ainda assim, alguém já percebeu que estou a aproximar-me da verdade, e essa pessoa está a começar a entrar em pânico. Alguém que me seguiu até ao bosque. Alguém que tem o meu número.

Tentei responder à mensagem com um inútil quem é? Deu erro. A mensagem não pôde ser enviada. Andei a pesquisar: parece que em certos websites e aplicações é possível deixar as mensagens escritas anónimas de forma que ninguém possa responder às mesmas ou descobrir quem as enviou.

A designação não podia ser mais apropriada. Desconhecido.

Será que «Desconhecido» é de facto a pessoa que assassinou a Andie Bell? Será que me quer convencer de que também me pode apanhar?

Não posso ir à polícia. Ainda não tenho provas suficientes. Tudo o que tenho são declarações não ajuramentadas de pessoas que conheciam diferentes fragmentos das vidas secretas da Andie. Tenho sete pessoas sob suspeita, mas não tenho ainda um principal suspeito. O que não falta em Little Kilton são pessoas com um ou outro motivo para matar a Andie.

Preciso de provas palpáveis.

Preciso daquele telemóvel pré-pago.

E só então é que me afastarei disto, Desconhecido. Só quando a verdade estiver à vista de todos e tu deixares de estar.

— Porque estamos aqui? — perguntou Ravi assim que olhou para ela de relance.

— Xiiiu — sibilou Pip, agarrando-lhe na manga do casaco de forma a puxá-lo para trás da árvore, onde ela estava posicionada. De seguida, esticou o pescoço para lá do tronco e observou a casa do outro lado da rua.

— Não devias estar na escola? — perguntou ele.

— Disse-lhes que estava doente, OK? — disse Pip. — Não me faças sentir ainda pior do que já me sinto por causa disso.

— Nunca tinhas arranjado essa desculpa?

— Em toda a minha vida, só faltei quatro dias à escola. E foi porque tive varicela — disse em voz baixa, de olhos postos na ampla moradia. A construção em tijolo, em tons que iam do amarelo-pálido ao castanho-avermelhado, estava coberta de heras que trepavam até à linha oblíqua do telhado, onde assentavam três chaminés altas. Ao fundo do caminho desimpedido de acesso à casa, o portão branco e amplo da garagem devolvia-lhes o reflexo cintilante do sol matinal de outono. Era a última casa naquela rua antes de a estrada começar a subir na direção da igreja.

— O que estamos aqui a fazer? — insistiu Ravi, espetando a cabeça do outro lado da árvore para avistar o rosto de Pip.

— Estou aqui desde as oito e pouco — disse ela, mal parando para respirar. — A Becca saiu há cerca de vinte minutos; está a estagiar na redação do *Kilton Mail*. A Dawn saiu precisamente quando eu estava a chegar. A minha mãe diz que ela trabalha em *part-time* no escritório de uma instituição de caridade sediada em Wycombe. São agora nove e um quarto da manhã, por isso não deve voltar tão cedo. E a porta da frente não tem alarme.

A última palavra de Pip transformou-se num bocejo. Mal tinha dormido na noite anterior, tendo permanecido acordada a olhar fixamente para a mensagem escrita do Desconhecido até ficar com as palavras gravadas a fogo no avesso das suas pálpebras, palavras essas que começavam a assombrá-la sempre que fechava os olhos.

— Pip — disse Ravi, chamando novamente a atenção dela. — Volto a perguntar: porque estamos aqui? — Tinha os olhos arregalados, sinal inequívoco de que estava prestes a dar-lhe um raspanete. — Diz-me que não é aquilo que estou a pensar que é.

— Para entrarmos à socapa — disse Pip. — Temos de encontrar aquele telemóvel pré-pago.

Ele soltou um murmúrio de desagrado.

— Como é que eu já sabia que ias dizer isso?

— É uma prova concreta, Ravi. Uma prova concreta e palpável. Uma prova de que ela andava a traficar droga com o Howie. Até pode ser uma prova da identidade do amante secreto mais velho da Andie. Se descobrirmos o telemóvel, poderemos fazer uma denúncia anónima à polícia, e então talvez eles voltem a abrir a investigação e acabem por encontrar o verdadeiro assassino.

— Está bem, mas deixa-me só fazer um breve reparo — disse Ravi, já de dedo no ar. — Estás a pedir-me, a mim, irmão da pessoa que toda a gente acredita que terá assassinado a Andie Bell, para entrar pela calada em casa dos Bells? Já para não falar no monte de sarilhos em que iria meter-me enquanto miúdo indiano que entra à socapa na casa de uma família branca.

— Oh, merda, Ravi — disse Pip, recuando para trás da árvore, sentindo um aperto na garganta. — Desculpa, a sério. Não estava a raciocinar.

E de facto não raciocinara; até então, tinha estado tão convicta de que a verdade os aguardava naquela casa que nem sequer pensara na situação em que Ravi poderia ficar. Não a poderia acompanhar nessa entrada forçada, naturalmente; aquela cidade já o tratava como um autêntico criminoso — quão pior seria para ele se viessem a ser apanhados?

Desde criança que Pip se habituara a ouvir as explicações do pai a respeito das diferentes experiências que calhavam a um e a outro no mundo, esclarecendo-a sempre que algo acontecia: sempre que alguém começava a seguir-lhe os passos numa loja, sempre que alguém o interrogava por estar sozinho com uma criança branca, sempre que alguém partia do pressuposto de que ele trabalhava como segurança no escritório, e não como um dos sócios da empresa. Pip cresceu determinada a ter isso sempre em mente e a nunca ignorar uma defesa da integridade pela qual nunca fora obrigada a lutar.

Porém, nessa manhã ignorara todas estas coisas. Estava zangada consigo mesma e sentia agora o estômago às voltas e a contorcer-se de forma agonizante.

— Desculpa, a sério — voltou ela a dizer. — Foi muito estúpido da minha parte. Sei que não podes correr os mesmos riscos que eu. Vou entrar sozinha. Talvez possas ficar aqui de vigia?

— Não — disse ele com um ar pensativo, correndo os dedos pelos cabelos. — Se é isto que é necessário para limpar o nome do Sal, terei de estar presente. Só por isso vale a pena arriscar. É demasiado importante. Ainda me parece uma ação imprudente e para além disso estou a morrer de medo, mas... — Ravi interrompeu-se, mostrando-lhe uma nesga de sorriso — afinal de contas, somos cúmplices. E isso significa que estamos juntos para o que der e vier.

— Tens a certeza? — Pip mudou de posição, e a alça da mochila deslizou-lhe para o cotovelo.

— Tenho — disse ele, alcançando a alça e colocando-a novamente no lugar.

— OK. — Pip voltou-se e percorreu a casa desocupada com o olhar. — E, se te serve de consolo, não está nos meus planos sermos apanhados.

— Qual é o plano, afinal? — disse ele. — Entrar pela janela?

Ela olhou para ele boquiaberta.

— Nada disso. O meu plano era usar uma chave. Moramos em Kilton; toda a gente tem uma chave sobresselente escondida algures no exterior da casa.

— Ah... sim, é verdade. Vamos então fazer o reconhecimento do terreno, sargento. Ravi lançou-lhe um olhar compenetrado, fingindo esboçar uma complexa sequência de gestos militares com as mãos. Ela deu-lhe uma pancada ao de leve para o fazer parar.

Pip foi a primeira a aproximar-se da casa, estugando o passo ao atravessar a estrada antes de chegar ao relvado da frontaria. Era uma sorte os Bells morarem mesmo ao fundo de uma rua sossegada; não havia ninguém por perto. Aproximou-se da porta de entrada, voltou-se e ficou a ver Ravi atravessar a estrada em passo de corrida, mantendo a cabeça baixa até se juntar a ela.

Verificaram primeiro debaixo do capacho da entrada, o lugar onde a família de Pip tinha por hábito esconder a chave sobresselente. Mas não tiveram sorte. Ravi esticou-se e palpou às cegas o pequeno parapeito que havia por cima da porta de entrada. Recolheu depois o braço sem nada na mão e com as pontas dos dedos cobertas de pó e de fuligem.

— OK, vai espreitar por junto àquele arbusto, eu fico com este.

Também não encontraram chave alguma debaixo dos arbustos, nem encontraram uma escondida entre os candeeiros exteriores ou algum prego escondido por trás das heras rastejantes.

— Hum, aqui não deve estar, de certeza — disse Ravi, apontando para o espanta-espíritos cromado que tinha sido instalado ao lado da porta de entrada. Fez um gesto ziguezagueante com a mão por entre os tubos de metal, cerrando os dentes ao ouvir dois desses tubos baterem um no outro com um tilintar melódico.

— Ravi — sussurrou ela já em pânico —, o que estás a...

Ele extraiu um objeto da pequena plataforma de madeira que pendia no meio dos tubos e exibiu-o à frente dos olhos dela. Uma chave com um bocado de massa adesiva agarrada à superfície.

— Ah-ah! — disse ele. — O discípulo torna-se mestre. Tu bem podes ser o sargento, sargento, mas eu sou o inspetor-chefe.

— Fecha a matraca, Singh.

Com um balançar de ombros, Pip desembaraçou-se da mochila e pousou-a no chão. Vasculhou o seu conteúdo e de imediato encontrou aquilo que procurava, mal os dedos entraram em contacto com a textura macia de vinil. Tirou-as então da mochila.

— O que... Bom, nem vale a pena perguntar — disse Ravi com uma risada,

abanando a cabeça ao ver Pip calçar rapidamente as luvas de borracha amarelas fluorescentes.

— Estou prestes a cometer um crime — disse ela. — Não quero deixar impressões digitais. Tens aí um par para ti.

Ela estendeu a palma da mão amarela fluorescente, onde Ravi largou a chave. Dobrou-se para revistar o interior da mochila dela e ergueu-se novamente, desta feita com um par de luvas roxas com padrão florido nas mãos.

— Que luvas são estas? — perguntou ele.

— São as luvas de jardinagem da minha mãe. Não tive muito tempo para planejar este assalto, como deves calcular.

— Estou a ver — disse Ravi entre dentes.

— É o par maior. Calça-as.

— Um homem *a sério* usa luvas floridas quando invade propriedade privada — disse Ravi ao enfiar as luvas, batendo depois palmas já com as mãos equipadas.

Fez então sinal com a cabeça, dizendo-lhe que estava pronto.

Pip pôs novamente a mochila ao ombro e avançou para a porta. Inspirou e reteve o ar nos pulmões. Cerrando o punho da outra mão para a sossegar, levou a chave à porta e deu uma volta à fechadura.

A luz do sol seguiu-os assim que entraram, e os seus raios incidiram no chão de azulejos do corredor, estendendo-se numa longa faixa de luz brilhante. Ao passarem a entrada, as sombras de ambos romperam o feixe de luz, e os dois, juntos, compunham uma única silhueta distendida, com duas cabeças e um emaranhado de braços e pernas em movimento.

Ravi fechou a porta, e foram então a caminhar lentamente ao longo do corredor. Pip não pôde deixar de andar em bicos de pés, embora soubesse que não estava ninguém em casa. Já tinha visto essa casa muitas vezes, a mesma que fora fotografada de ângulos diferentes, com uma multidão de polícias vestidos de negro e com coletes fluorescentes a rondarem no exterior. Mas as fotografias captavam só o exterior. Pip só pudera ver retalhos do interior captados através da porta aberta, quando o repórter fotográfico registara o momento para a eternidade.

Lá dentro, a divisão entre exterior e interior ganhava uma importância redobrada.

Notou que Ravi sentia o mesmo pela forma como sustinha a respiração. No interior, a atmosfera parecia mais opressiva. Segredos guardados no silêncio da casa, a flutuar em redor como partículas de pó invisíveis. Pip não queria sequer pensar alto, não fosse dar-se o caso de perturbar a atmosfera. Esse lugar mergulhado em silêncio era o mesmo onde Andie Bell fora vista com vida pela última vez, quando era apenas uns meses mais velha do que Pip. A própria casa fazia parte do mistério, parte da história de Kilton.

Avançaram na direção das escadas, olhando de relance para a direita, onde ficava a sumptuosa sala de estar, e depois para a esquerda, onde se encontrava a enorme cozinha, decorada ao estilo *vintage*, equipada com armários, pintados num tom azul-turquesa esbatido, que rodeavam uma grande ilha central com balcões de madeira.

Foi então que ouviram o ruído. Uma pancadinha surda vinda do andar de cima.

Pip ficou-se imóvel, e Ravi agarrou-lhe a mão enluvada.

Mais uma pancada surda, desta vez mais próxima, mesmo por cima das suas cabeças.

Pip olhou para trás na direção da porta; conseguiriam sair a tempo?

O ruído das pancadas transformou-se num tinido frenético, e passados segundos um gato preto assomou ao cimo das escadas.

— Caramba — disse Ravi, baixando os ombros e deixando cair a mão dela. O

seu alívio foi tão notório como uma corrente de ar que atravessasse a atmosfera inerte.

Pip soltou um riso abafado e nervoso, já com as mãos a transpirar dentro da borracha. O gato desceu as escadas aos pulinhos, detendo-se a meio caminho para miar na direção deles. Pip, grande apreciadora de cães, não soube bem como reagir.

— Olá, gato — disse ela com uma voz sussurrada ao vê-lo descer suavemente os restantes degraus e aproximar-se dela com um andar furtivo. Esfregou depois o focinho nas suas canelas e enrolou-se todo ao passar entre as suas pernas.

— Não gosto de gatos, Pip — disse Ravi com algum nervosismo, observando o animal com aversão enquanto este começava a pressionar o crâniozinho coberto de pelo contra os seus tornozelos. Pip baixou-se e afagou o gato ao de leve com a mão enluvada. O gato aproximou-se dela novamente e começou a ronronar.

— Vamos — disse ela para Ravi.

Pip seguiu na direção das escadas depois de se ter libertado do gato. Ao subir os primeiros degraus, Ravi seguiu no seu encalço, e o gato miou e apressou-se também a segui-los, precipitando-se para as pernas de ambos.

— Pip... — ouviu-se a voz trémula e nervosa de Ravi, que tentava não pisar o bicho. Pip enxotou o gato, e este saltou os degraus escada abaixo até chegar à cozinha. — Não estava com medo — acrescentou ele num tom pouco convincente.

Apoiando-se no corrimão com a mão enluvada, Pip subiu os restantes degraus, e foi por pouco que não derrubou um miniportátil e um dispositivo USB que estavam pousados no balaústre, mesmo ao cimo das escadas. Um sítio estranho para os deixar.

Quando se encontravam já os dois no andar de cima, Pip pôs-se a inspecionar as várias portas que abriam para o patamar. O quarto ao fundo, do lado direito, não podia ser o de Andie; a colcha florida estava desarrumada, dando a entender que alguém tinha dormido nessa cama, e havia pares de meias em cima da cadeira ao canto. Também não podia ser o quarto da frente, onde havia um vestido largado no chão e um copo de água na mesa de cabeceira.

Ravi foi o primeiro a reparar. Bateu ao de leve no braço dela e apontou. No andar de cima, só um dos quartos tinha a porta fechada. Avançaram nessa direção. Pip agarrou com firmeza o puxador dourado e abriu a porta.

Tornou-se imediatamente óbvio para ambos que este era o quarto *dela*.

Parecia tudo encenado e estagnado. O quarto não parecia real, embora tivesse todos os adereços que se costumam encontrar no quarto de uma adolescente: um quadro com fotografias de Andie no meio de Emma e Chloe, enquanto as três pousavam com os dedos em forma de V, uma fotografia dela e de Sal com algodão-doce entre os dois, um velho ursinho de peluche castanho enfiado na cama, ao lado de uma botija de água quente com uma capa de pelo, um estojo de

maquilhagem atafalhado por cima da secretária. Um lugar amortalhado em cinco anos de pesar.

Pip foi a primeira a pisar o tapete creme de pelo.

O seu olhar saltou das paredes lilases para a mobília branca de madeira; tudo limpo e polido, o tapete ainda com marcas recentes do aspirador. Dawn Bell devia ainda ter o cuidado de limpar o quarto da filha morta, conservando-o tal e qual como Andie o tinha deixado da última vez. Já não tinha a filha, mas ainda conservava o lugar onde ela dormira e despertara, o lugar onde ela gritara, berrara e batera com a porta, o mesmo lugar onde a sua mãe lhe sussurrara as boas-noites antes de desligar a luz. Ou assim imaginava Pip, reanimando o quarto vazio com uma vida que aí poderia ter tido lugar. Um quarto que aguardava agora para sempre o regresso de alguém que jamais voltaria, pelo menos enquanto o mundo continuasse a girar do lado de fora da sua porta fechada.

Olhou novamente para Ravi e, pela expressão do seu rosto, pôde depreender que na casa dos Singhs havia um quarto igualzinho a este.

E, embora com o tempo Pip tivesse começado a achar que conhecia Andie, a pessoa sepultada debaixo de todos aqueles segredos, o quarto onde agora estava tornava Andie uma verdadeira pessoa aos seus olhos, pela primeira vez. Assim que ela e Ravi se aproximaram do guarda-roupa, Pip prometeu em silêncio ao quarto que trataria de descobrir a verdade. Faria isso não só por Sal mas também por Andie.

A verdade, que bem poderia estar escondida algures debaixo do seu nariz.

— Estás pronta? — perguntou Ravi num sussurro.

Pip fez que sim com a cabeça.

Ele abriu o *closet*, revelando um interior atafalhado com vestidos e camisolas de lã pendurados em cabides de madeira. A um canto, estava a antiga farda do liceu de Kilton que pertencera a Andie, esmagada contra a parede por uma série de saias e de combinações, sem espaço sequer para afastar as roupas uns centímetros que fosse.

Debatendo-se com as luvas de borracha, Pip puxou o telemóvel do bolso de trás das calças de ganga e carregou no ecrã para ligar a lanterna. Pôs-se então de joelhos, com Ravi ao seu lado, e depois rastejaram os dois por baixo das roupas, com a lanterna a iluminar as velhas tábuas de madeira do interior. Começaram a forçar as tábuas e a percorrer os contornos de cada uma com os dedos, procurando levantá-las pelos cantos.

Ravi encontrou-a. Era a que fazia esquina com a parede do lado esquerdo.

Pressionou um dos cantos, e a outra parte da tábua soltou-se. Pip arrastou-se para a frente para puxar a tábua, fazendo-a deslizar. De telemóvel em punho, Pip e Ravi aproximaram-se para espreitar o espaço escuro que se abria por baixo.

— Não.

Pip colocou a lanterna dentro da pequena abertura de forma a certificar-se que iluminava todos os cantos. Viram apenas camadas de pó, que agora se levantavam em torvelinhos por causa do retomar das suas respirações.

Estava vazio. Não havia sinal de telemóvel, de dinheiro ou de droga. Nada.

— Não está aqui — disse Ravi.

A desilusão deu lugar a uma sensação física que deu voltas ao estômago de Pip, abrindo espaço para o medo se instalar.

— Achava mesmo que íamos encontrá-lo aqui — disse ele.

Pip achara o mesmo. Imaginara que o ecrã do telemóvel se acenderia debaixo do seu nariz com o nome do assassino e que a polícia se encarregaria de fazer o resto. Pensara que estaria a salvo do Desconhecido. Esperava que o assunto ficasse por ali, pensou, sentindo um aperto na garganta, como lhe acontecia quando ficava à beira das lágrimas.

Fez deslizar novamente a tábua, deixando-a no devido lugar, e recuou palmo a palmo para fora do *closet*, atrás de Ravi, tendo ficado por instantes com o cabelo preso no fecho de um vestido comprido. Pôs-se então de pé, fechou as portas e voltou-se para ele.

— Onde poderia afinal estar o telemóvel pré-pago? — perguntou ele.

— Talvez a Andie o tivesse com ela quando morreu — disse Pip — e agora esteja enterrado com ela algures ou então foi o assassino que o destruiu.

— Ou então... — disse Ravi, examinando os objetos que estavam em cima da secretária de Andie. — Ou então alguém sabia onde o telemóvel estava escondido e ficou com ele depois de ela ter desaparecido, sabendo também que, uma vez descoberto, o telemóvel serviria de pista à polícia para chegar ao assassino.

— Ou isso, sim — concordou Pip. — Mas isso agora não tem utilidade.

Pôs-se então ao lado de Ravi junto à secretária. Por cima do estojo de maquilhagem estava uma escova na qual ainda se viam longos fios de cabelo louro emaranhados nas cerdas. Pip viu ao lado da escova uma agenda da secundária de Kilton para o ano letivo 2011/2012, praticamente igual àquela que Pip arranjava para o ano letivo corrente. Andie havia decorado a folha de rosto da agenda plastificada com umas estrelas e uns corações rabiscados, juntamente com impressões em escala reduzida de supermodelos.

Pip pôs-se a folhear algumas das páginas. Os dias estavam preenchidos com anotações referentes a trabalhos de casa e outros trabalhos mais extensos. Em novembro e dezembro, apareciam listados vários dias abertos das universidades. Na semana anterior ao Natal, lia-se um lembrete dirigido a si mesma para *comprar um presente de Natal para o Sal talvez*. Na agenda constavam também as datas e os locais das festas-calamidade, prazos para a escola e aniversários. Estranhamente, havia também algumas letras aleatórias com horas e minutos apontados ao lado.

— Ei. — Ela segurou na agenda e mostrou-a a Ravi. — Olha para estas iniciais esquisitas. O que achas que significam?

Ravi olhou atentamente para a página por alguns instantes, apoiando o queixo na mão enluvada. Os seus olhos escureceram sob as sobrelanceiras franzidas.

Então, disse:

— Lembras-te daquilo que o Howie Bowers nos contou? Que tinha dito à Andie para usar códigos em vez de nomes.

— Se calhar, estes são os códigos que ela utilizava — disse Pip, concluindo o raciocínio dele e fazendo deslizar o dedo de borracha pelas letras aleatórias. — Devíamos documentar isto.

Pip pousou a agenda e voltou a tirar o telemóvel do bolso. Ravi ajudou-a a desembaraçar-se de uma das luvas, e ela clicou para aceder à câmara. Ravi saltou várias páginas até chegar a fevereiro de 2012, e Pip tirou fotografias a cada duas páginas, à medida que estas se iam sucedendo, até chegar àquela semana de abril que antecederia as férias da Páscoa, particularmente à página referente a sexta-feira, na qual Andie tinha escrito: *Começar em breve a fazer os apontamentos de Francês*. Ao todo, foram onze fotografias.

— OK — disse Pip, enfiando o telemóvel no bolso e voltando a calçar a luva.

— Acho que já...

A porta da frente bateu com estrondo no andar de baixo.

Ravi virou bruscamente a cabeça, e as pupilas dos seus olhos encheram-se de pavor.

Pip colocou imediatamente a agenda no devido lugar. Fez sinal com a cabeça na direção do *closet*.

— Vamos voltar lá para dentro — disse num sussurro.

Abriu as portas, esgueirou-se lá para dentro e procurou Ravi com o olhar. Estava agora de joelhos, mesmo à entrada do guarda-roupa. Pip chegou-se para o lado de forma a dar-lhe espaço para entrar. Mas Ravi não se mexia. Porque não se mexia?

Pip debruçou-se e agarrou-o, puxando-o para si, já encostada à parede de trás. Foi então que Ravi voltou a si. Alcançou as portas do *closet* e puxou-as sem fazer barulho, fechando-os lá dentro.

Ouviram passos no corredor que pareciam ser de sapatos de salto alto. Será que Dawn Bell já regressara do trabalho?

— Olá, *Monty*. — Uma voz ecoou pela casa. Era Becca.

Pip sentiu Ravi tremer ao seu lado, fazendo com que estremecesse também por dentro. Deu-lhe na mão, e, ao segurá-la, as luvas de borracha chiaram com a fricção.

Ouviram então Becca subir as escadas, e cada passo que dava era mais sonoro, acompanhado do tinido da coleira do gato, que seguia atrás dela.

— Ah, foi aqui que os deixei — disse ela, e o som dos passos foi interrompido no patamar das escadas.

Pip apertou a mão de Ravi, na esperança de que ele conseguisse perceber quão arrependida estava. Na esperança de que soubesse que estaria disposta a arcar com as culpas todas, se lhe fosse dada essa possibilidade.

— Estiveste aqui, *Monty*? — A voz de Becca soou mais próxima.

Ravi fechou os olhos.

— Sabes perfeitamente que não deves entrar neste quarto.

Pip afundou o rosto no ombro dele.

Becca estava agora com eles no quarto. Conseguiram escutar-lhe a respiração, o estalar da língua ao passar pelos lábios. Mais passos, desta feita abafados pelo tapete grosso. E então ouviram a porta do quarto de Andie fechar-se com um clique.

As palavras de Becca soaram abafadas do outro lado da porta:

— Tchau, *Monty*.

A porta da rua voltou a fechar-se com estrondo.

Diário de Produção — 25.^a Entrada

Bom, pensava que ia precisar de seis cafés para me aguentar até ao fim do dia. Afinal, parece que a iminência daquele encontro com a Becca, a que escapámos por um triz, foi o suficiente para me manter acordada. O Ravi ainda não tinha caído bem em si quando teve de sair para o trabalho. Ainda não acredito quão pouco faltou para sermos apanhados. E o telemóvel pré-pago não estava lá... Ainda assim, se calhar até nem foi tudo em vão.

Enviei para o meu e-mail as fotografias que tirei da agenda da Andie para que as possa ver ampliadas no ecrã do portátil. Analisei várias vezes cada uma delas e parece-me que há algumas coisas a aprofundar aqui.

Esta é a semana pós-férias da Páscoa, a semana em que a Andie desapareceu. Só nesta página há um monte de coisas a ter em consideração.

É impossível ignorar o comentário ao estilo placar: Gorda da Silva 0–3 Andie. Isto foi muito pouco tempo depois de a Andie ter divulgado o vídeo da Nat nua na Internet. E foi a própria Nat que me contou que só voltou à escola na quarta-feira, dia 18 de abril, e que a Andie lhe tinha chamado cabra no corredor, o que motivou o bilhete com a ameaça de morte deixado no cacifo dela.

Ainda assim, e avaliando friamente este comentário da Andie, parece que ela estava a comprazer-se com as três vitórias roubadas à Nat nos seus jogos macabros de liceu. E se o vídeo da Nat em topless for uma dessas vitórias e a chantagem com ela para abandonar a peça As Bruxas de Salem for outra? Qual será a terceira coisa que a Andie fez à Nat da Silva e que a leva a vangloriar-se nesta página? Terá sido aquilo que fez com que a Nat perdesse a cabeça, transformando-a numa assassina?

Outra entrada relevante nessa página é a do dia 18 de abril, quarta-feira. A Andie escreveu: PE às 19:30.

Se o Ravi tiver razão ao dizer que a Andie apontava algumas coisas em código, parece-me que consegui decifrar este. Não podia ser mais simples.

Semana com início a: 16 de abril de 2012

Segunda-feira, dia 16

Francis - traduzir acento para sexta-
-feira ☐

Teatro - fazer didascálias para o 1.º Atto,
Cena 4 ~~and scene~~

Conversas com Chlo Chlo depois da escola

Terça-feira, dia 17

★ ★ Fazer tradução hoje!!!

★ ★ Du pedir ao Sal, o lex
★ ★ Ensaio com Jamie ~~and~~ ao almoço

Quarta-feira, dia 18

- Geo - ler capítulo do rio e tirar
apontamentos

→ PE às 19h30

Quinta-feira, dia 19

- pedir tradução ao Chris Parks

Teatro - pedir ao Lex que arranje caracteres
falsos - n tou para a virada

17h + 18h livres - voltar a casa da Em

Sexta-feira, dia 20

Conversar em breves a fazer os
apontamentos de Francis

Sábado/Domingo, dias 21/22

PE: Parque de estacionamento. Pode estar a referir-se ao parque da estação. Acho que a Andie pôs um lembrete na agenda para não se esquecer de que nessa noite tinha um encontro marcado com o Howie no parque de estacionamento. Tanto quanto sei, chegou de facto a encontrar-se com o Howie nessa noite, porque o Sal apontou no telemóvel o número da matrícula do Howie às 19h42 dessa mesma quarta-feira.

Nas fotografias que tirámos, surgem outras ocorrências «PE» com diferentes horas apontadas à margem. Acho que não me engano ao dizer que estas ocorrências se referem às transações da Andie com o Howie e que ela terá seguido as instruções dele ao usar códigos, de forma a ocultar as suas atividades secretas. Mas, como qualquer adolescente, acabava por se esquecer de algumas coisas (especialmente dos seus horários), por isso apontava as horas dos encontros na entrada da agenda que sabia que iria consultar pelo menos uma vez em cada aula. O auxiliar de memória perfeito.

Agora que julgo ter decifrado a linguagem codificada da Andie, seguem-se outras entradas com iniciais e horas apontadas na agenda.

Semana com início a 12 de março de 2012

Segunda-feira, dia 12

~~6h~~ - ler cap. 9 do *Encore Tricolore* □

Teatro - ler *Revenge's Tragedy*
→ PE às 18h

Terça-feira, dia 13

~~Ardie Bell~~ ~~Ardie Bell~~ ~~Ardie Bell~~
~~Ardie Bell~~ ~~Ardie Bell~~
- ler *Revenge's Tragedy* □

Quarta-feira, dia 14

Ler o resto da peça *Revenge's*

- recordar vir presentes para IH+CB

Quinta-feira, dia 15

• ler episódio *Revenge's Tragedy*
na Wiki

• perguntas de Francis

→ IV às 20h

Sexta-feira, dia 16

!!! Teste de preparação
de Geografia

Sábado/Domingo, dias 17/18

Sab: CH às 18h

antes CALAM

Durante esta semana de meados de março, a Andie apontou o seguinte na quinta-feira, dia 15: IV às 8.

Esta é que me deixa às cegas. Se o padrão para este código for o mesmo, então IV = I... V...

Se IV é uma referência a um lugar em concreto, à semelhança de PE, não faço a menor ideia de qual possa ser. Não há lugar algum em Kilton que consiga associar a essas iniciais. E se, ao invés, IV for uma referência ao nome de uma pessoa em particular? Estas iniciais só aparecem três vezes nas páginas que fotografámos.

Existe uma entrada semelhante que aparece com muito mais frequência: CH às 18h. Mas, nesta entrada do dia 17 de março, a Andie acrescentou «antes CALAM» por baixo. Calam deve querer dizer Festa-Calamidade. Por isso, é possível que CH signifique apenas Casa do Howie e que a Andie estivesse a planear ir buscar as drogas para as levar para a festa.

Semana com início a: 5 de março de 2012

Segunda-feira, dia 8

- Escolher entre *Revenge's Tragedy* ou *Marcy Bee* para o exame de teatro

ir a casa do Sal mais logo

Tercera-Edição, dia 6

- Ver Macbeth no YouTube
- cap. 6 do manual de Francis

Quarta-feira, dia 7

 **Geografia** – Fazer esboço de ensaio para sexta.

→ VL ab 19h30

Quinta-feira, dia 8

- começar a ler *The Revenger's Tragedy* para Teatro

Copyright © 2004 John Wiley & Sons, Ltd.

fora das 15h - almoçar fora com
as mães

perguntas de Francis ☐

Sábado/Domingo, día 10/11

Dia de levar o carro à inspeção

Há também uma entrada anterior em março que me chamou a atenção. Os números escritos à pressa e depois rasurados no dia 8 de março correspondem a um número de telemóvel. Um número de 11 dígitos que começa com 07; só pode ser isso. Pensando alto: porque é que a Andie estaria a apontar um número de telemóvel na agenda dela? A agenda estaria quase sempre com ela, naturalmente, tanto na escola como depois das aulas, tal como a minha anda sempre na mala. Mas, se estava a apontar um número novo, por que razão não o inseriu diretamente no telemóvel? A não ser que não quisesse ficar com esse número no seu telemóvel oficial. Talvez tenha apontado o número na agenda porque na altura não tinha o telemóvel pré-pago consigo, no qual o número deveria ter sido gravado. Será possível que fosse o contacto do amante secreto mais velho? Ou talvez o novo contacto do Howie? Ou um novo cliente que lhe quisesse comprar drogas? E, depois de ter registado o número no seu segundo telemóvel, deve tê-lo rasurado para não deixar pistas.

Há uma boa meia-hora que estou espcada a olhar para os rabiscos. Parece-me que os primeiros oito dígitos são: 07700900. Há ainda a possibilidade de estes dois últimos números serem dois 8 em vez de zeros, mas julgo que isso se deve ao facto de o número ter sido rasurado. Quando aos últimos três dígitos, a questão torna-se mais complicada. O último destes três dígitos parece um 7 ou um 9, pelo facto de ter uma perna e uma linha curva na parte de cima. Quanto ao dígito seguinte, tenho quase a certeza de que é um 7 ou um 1, a julgar pela linha reta na vertical. Finalmente, o último dígito é um algarismo com uma curva, por isso pode ser um 6, um 0 ou um 8.

Assim, ficamos com doze combinações possíveis:

07700900776 07700900976 07700900716 07700900916

07700900770 07700900970 07700900710 07700900910

07700900778 07700900978 07700900718 07700900918

Tentei telefonar para os números da primeira coluna. Recebi a mesma resposta automática em todas as tentativas: desculpe, mas o número para o qual liguei não foi identificado. Por favor desligue e tente novamente.

Quanto à segunda coluna, acabei por ligar para uma idosa que mora em Manchester e que nunca esteve nem nunca ouviu falar em Little Kilton. Apanhei também mais um número não identificado e outro não atribuído. Na terceira coluna, apanhei um número não identificado e uma mensagem de correio de voz genérica de uma operadora de rede móvel. Quanto aos três últimos números, cheguei à caixa de correio de um técnico de caldeiras chamado Garrett Smith com um sotaque do Norte cerrado e liguei para um número não atribuído e para outro que foi parar à caixa de correio com uma mensagem de voz genérica.

Parece-me inútil tentar decifrar este número de telemóvel. Mal consigo ler os últimos três dígitos, para além de que o número já tem mais de cinco anos e provavelmente já terá sido desativado. Vou continuar a tentar os números que foram para a caixa de correio de voz com a mensagem da operadora, só para ver no que dá. Mas agora estou a precisar mesmo de a) uma boa noite de sono e b) concluir a minha candidatura para Cambridge.

Pessoas sob suspeita

Jason Bell

Naomi Ward

Amante secreto mais velho

Nat da Silva

Daniel da Silva

Max Hastings

Howie Bowers

Diário de Produção — 26.^a Entrada

Enviei esta manhã a minha candidatura para Cambridge. E, entretanto, a universidade registou-me para fazer o exame ELAT₆ no dia 2 de novembro, destinado aos candidatos do curso de Inglês.

Hoje, aproveitei as horas livres para dar uma vista de olhos a alguns dos meus ensaios sobre literatura para anexar depois às minhas candidaturas. Gosto do texto sobre a Toni Morrison; vou escolher esse para enviar. Os outros não são suficientemente bons. Preciso de escrever um novo ensaio, desta vez sobre a Margaret Atwood, parece-me.

Devia estar agora a começá-lo, mas entretanto dei por mim a ser mais uma vez arrastada para o mundo da Andie Bell, ao clicar no documento do PIA quando deveria ter aberto uma página em branco. Já foram tantas as vezes que li e reli a agenda da Andie que daqui a nada começo a debitar de cor todas as entradas de fevereiro a abril.

Uma coisa é certa: a Andie Bell era uma grande procrastinadora a respeito dos trabalhos de casa.

Há duas outras coisas que me parecem bastante claras, embora não deixem de ser suposições: PE indica os encontros que a Andie combinava com o Howie para traficar droga no parque de estacionamento da estação, ao passo que CH diz respeito aos encontros que tinham lugar na casa dele.

Ainda estou longe de decifrar o significado de IV. No total, estas iniciais surgem três vezes: no dia 15 de março, uma quinta-feira, às 20h, no dia 23 de março, uma sexta-feira, às 21h, e no dia 29 de março, uma quinta-feira, às 21h.

Ao contrário das iniciais PE e CH, associadas a horas mais ou menos aleatórias, as iniciais IV surgem uma vez às oito da noite e duas vezes às nove da noite.

O Ravi também tem estado a trabalhar nisto. Acabou de me enviar um e-mail com uma lista de nomes/lugares que acha poderem ser associados às iniciais IV. Alargou também o raio das pesquisas, que passaram a abarcar não só Kilton mas também as cidades e as vilas das proximidades. Também eu o devia ter feito.

A lista dele:

Discoteca Imperial Vault, em Amersham

Hotel Ivy House, em Little Chalfont

Ida Vaughan, 90 anos, mora em Chesham

Café Quatro, em Wendover (IV = quatro em numeração romana)

OK, toca a ir ao Google.

Segundo o website da Imperial Vault, a discoteca abriu em 2010. De acordo com a sua localização no mapa, parece que fica no meio do nada, uma discoteca que é um bloco de cimento maciço com um parque de estacionamento no meio da profusão de píxeis que correspondem a

uma zona verde. Organizam festas de estudantes todas as quartas e sextas-feiras, e acolhem também eventos do género «Ladies' Night». O dono da discoteca é um homem chamado Rob Hewitt. É possível que a Andie frequentasse o espaço para vender droga. Sempre podemos ir lá dar uma vista de olhos, talvez pedir para falar com o dono.

O Hotel Ivy House não tem website próprio, mas tem uma página no TripAdvisor, tendo sido avaliado com duas estrelas e meia. É um pequeno alojamento familiar com pequeno-almoço incluído e quatro quartos disponíveis, localizado mesmo em frente à estação de Chalfont. Pelas poucas fotografias que aparecem na página, parece um alojamento pitoresco e acolhedor, mas «fica junto a uma estrada com muito trânsito, e o barulho não deixa ninguém dormir», segundo Carmel672. E Trevor59 não ficou nada satisfeito com o serviço prestado; parece que lhe cobraram a estadia a dobrar, e ele não teve outro remédio senão procurar outro sítio para ficar. 79Jones disse que «a família era muito simpática», mas que a casa de banho era «muito velha» e estava imunda — «com bocados de sujidade à volta da banheira». Esta utilizadora chegou mesmo a publicar algumas fotografias na avaliação para reforçar a sua perspetiva.

MERDA.

Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus. Tenho estado a dizer oh, meu Deus em voz alta ao longo dos últimos trinta segundos, mas não é suficiente; é preciso registá-lo por escrito. Oh, meu Deus.

E o Ravi não está a atender o raio do telemóvel!

Os meus dedos já nem conseguem acompanhar o pensamento. T9Jones publicou duas fotografias da banheira em grande plano e de ângulos diferentes. E juntou também uma fotografia da casa de banho em plano geral. Há um enorme espelho de corpo inteiro na parede ao lado da banheira; consegue ver-se o reflexo de T9Jones e do flash do telemóvel nesse espelho. E é também possível ver o resto da casa de banho, desde o teto, em tons creme, com focos circulares, até aos azulejos do chão. Azulejos vermelhos e brancos.

Macacos me mordam se estiver enganada, mas tenho quase a certeza de que este é o mesmo chão em azulejo que aparece numa fotografia granulosa que o Max Hastings tinha pendurada no quarto dele, por trás do póster de Cães Danados. A Andie praticamente nua, só com umas calças justas pretas, a fazer beicinho ao espelho, este espelho... no Hotel Ivy House, em Little Chalfont.

Se não estiver enganada, a Andie terá ficado nesse hotel pelo menos três vezes em três semanas. Com quem se encontraria? Com o Max? Com o amante secreto mais velho?

Está a parecer-me que amanhã vou a Little Chalfont depois da escola.

Vinte e Quatro

Por momentos, ouviu-se um guinchar abafado enquanto o comboio arrancava e voltava a ganhar velocidade. Sacudiu e fez estremecer a caneta de Pip, que acabou por fazer uma garatuja de cima a baixo da página em que estava a escrever a introdução do seu ensaio. Pip suspirou, arrancou a folha de papel do caderno e amarfanhou-a até fazer uma bola. Fosse como fosse, a introdução não era boa. Pousou a bola de papel por cima da mochila e preparou-se novamente para escrever.

Estava no comboio com destino a Little Chalfont. O Ravi devia encontrar-se com ela à chegada, vindo diretamente do trabalho, por isso Pip pensou que poderia aproveitar de alguma maneira os onze minutos na carruagem e fazer um primeiro rascunho do seu ensaio sobre Margaret Atwood. Mas, ao ler as palavras que tinha escrito, nada lhe parecia fazer sentido. Sabia o que queria dizer e tinha cada uma das ideias perfeitamente gizadas e moldadas no seu pensamento, mas as palavras baralhavam-se e acabavam por se perder a meio caminho entre o cérebro e a ponta dos dedos. No fundo, o pensamento estava focado em Andie Bell.

A voz gravada soou nos altifalantes a anunciar a próxima paragem, Chalfont, e foi de bom grado que Pip desviou o olhar do caderno A4 com cada vez menos folhas e o enfiou novamente na mochila. O comboio abrandou o andamento e parou finalmente na estação com uma espécie de suspiro agudo e mecânico. Desceu para a plataforma da gare com um salto e serviu-se do bilhete para abrir as portas automáticas.

Ravi esperava-a já no exterior.

— Sargento — disse ele, afastando o cabelo preto dos olhos. — Estava mesmo agora a inventar a canção do genérico da nossa luta contra o crime. Até agora, lembrei-me de uma toada ligeira com instrumentos de cordas e uma flauta de pã para mim, até tu entrares em cena com uma secção poderosa de trompetes, ao estilo Darth Vader.

— Porque me haviam de calhar a mim os trompetes? — perguntou ela.

— Porque tu bates com os pés ao andar; desculpa ser eu a dizer-te isto.

Pip puxou do telemóvel e inseriu a morada do Hotel Ivy House na aplicação dos mapas. A linha apareceu no ecrã, e então foram os dois a caminhar ao longo de três minutos, respeitando as direções, à medida que o avatar de Pip, em forma de círculo azul, deslizava pelo trajeto traçado nas mãos dela.

Pip ergueu o olhar assim que o círculo azul colidiu com o pionés vermelho do destino marcado. Antes de se virar para o hotel, via-se uma pequena tabuleta de

madeira com letras entalhadas e já muito gastas que dizia Hotel Ivy House. O caminho de acesso era acidentado e estava coberto de cascalho, conduzindo a um edifício de tijolo vermelho que estava praticamente coberto de heras rastejantes. A folhagem em redor era de tal modo densa que o próprio edifício parecia estremecer ao sabor da brisa.

Os passos de ambos foram-se arrastando pelo cascalho até chegarem à porta principal. Pip reparou no automóvel que estava estacionado à entrada, deduzindo que não estavam sozinhos. Esperava que fosse dos donos e não de algum hóspede.

Espetou o dedo na campainha fria de metal e deixou soar o seu tinido arrastado.

Ouviram então uma voz sumida do lado de dentro, alguns passos morosos e arrastados, e depois a porta abriu-se para o interior, fazendo fremir as heras que emolduravam a entrada. Deparam-se então com uma idosa sorridente, com um cabelo volumoso e grisalho, uns óculos de aros grossos e uma muito prematura camisola de lã com um padrão natalício.

— Olá, meninos — disse. — Não me lembrei de que tínhamos hóspedes. Em que nome fizeram a reserva? — perguntou, convidando Pip e Ravi a entrar e fechando a porta atrás deles.

Passaram então para um pequeno átrio quadrangular com pouca luz, onde havia um sofá e uma mesa de centro à esquerda e uma escadaria branca que se erguia junto à parede do canto oposto.

— Oh, desculpe — disse Pip, virando-se de frente para a mulher —, mas não fizemos reserva.

— Estou a ver... Bom, têm sorte de não estarmos cheios, por isso...

— Desculpe — interrompeu Pip, olhando para Ravi com uma expressão constrangida. — Quero dizer, não viemos para ficar. Viemos cá porque... gostaríamos de fazer algumas perguntas aos proprietários do hotel. A senhora é...?

— Sim, sou eu a proprietária — disse a mulher com um sorriso, olhando de forma desconcertante para algo que estava ligeiramente à esquerda do rosto de Pip. — Eu e o meu David gerimos este hotel durante vinte anos; era ele que se encarregava da maior parte das coisas, ainda assim. Desde que o meu David faleceu, há dois anos, que as coisas não têm sido fáceis. Os meus netos estão sempre por aqui. Ajudam-me no que é necessário e levam-me a todo o lado de carro. O meu neto Henry está agora mesmo a limpar os quartos lá em cima.

— Então quer dizer que há cinco anos era a senhora e o seu marido que geriam juntos este hotel? — perguntou Ravi.

A mulher fez que sim com a cabeça, e o seu olhar deslizou para ele.

— Bem bonito — disse ela em voz baixa, voltando-se então para Pip: — És uma rapariga sortuda.

— Não, nós não somos... — disse Pip, olhando para Ravi. Arrependeu-se de

o ter dito. Já fora do campo de visão da velhota, Ravi abanou os ombros com entusiasmo e apontou para o próprio rosto, articulando em silêncio «bem bonito», diante de Pip.

— Querem sentar-se? — perguntou a mulher, indicando-lhes um sofá de veludo verde por baixo de uma janela. — Eu cá quero. — Arrastou então os passos na direção de uma poltrona de couro virada para o sofá.

Pip foi a caminhar para o sofá, pisando o pé e Ravi de propósito ao passar por ele. Sentou-se, de joelhos voltados para a mulher, e Ravi encaixou-se ao seu lado, ainda com o mesmo sorriso estúpido na cara.

— Onde deixei a minha... — disse a mulher, palmando a camisola e os bolsos das calças com um olhar subitamente inexpressivo.

— Hum... então... — disse Pip, captando novamente a atenção da mulher. — A senhora guarda os registos das pessoas que ficam cá hospedadas?

— Agora é tudo feito através do... err... daquela coisa... do computador, não é? — disse a mulher. — Às vezes é por telefone. Era o David que tratava das reservas; agora é o Henry que o faz por mim.

— Então como se mantinha a par das reservas? — perguntou Pip, antecipando já a falta de resposta.

— O meu David é que tratava disso. Todas as semanas fazia uma folha de registo nova. — A mulher encolheu os ombros, espreitando pela janela.

— E será que ainda tem consigo as folhas de registo de há cinco anos? — perguntou Ravi.

— Não, não. Se assim fosse, estaríamos inundados de papel.

— Mas ainda tem esses documentos guardados num computador? — questionou Pip.

— Oh, não. Deitámos fora o computador do David depois de ele ter falecido. Era uma coisinha muito lenta, tal e qual como eu — disse ela. — Agora é o meu Henry que faz as reservas todas.

— Posso perguntar-lhe uma coisa? — disse Pip, abrindo o fecho da mochila e extraindo a folha de impressora dobrada ao meio. Endireitou a página e estendeu-a à mulher. — Reconhece esta rapariga? Alguma vez ficou aqui hospedada?

A mulher baixou os olhos para a fotografia de Andie, a mesma que fora utilizada na maior parte dos artigos da imprensa. Aproximou o papel do rosto, segurou-o depois à distância de um braço e por fim aproximou-o novamente.

— Sim — disse ela com um aceno de cabeça, alternando o olhar entre Pip e Ravi. — Sei quem é. Já esteve cá.

Pip arrepiou-se com um misto de entusiasmo e de nervosismo.

— Lembra-se dessa rapariga que esteve cá hospedada há cinco anos? — perguntou. — Lembra-se do homem que estava com ela? Que aspeto tinha?

A mulher continuava a fitá-la, agora com uma expressão confusa no rosto,

desviando por instantes o olhar ora para a esquerda, ora para a direita, pestanejando a cada mudança de direção.

— Não — disse com voz trémula. — Não, não foi há cinco anos. Eu vi esta rapariga. Esteve cá.

— Em 2012? — perguntou Pip.

— Não, não. — O olhar da mulher fixou um ponto algures para lá da orelha de Pip. — Foi há poucas semanas. Ela esteve cá, eu lembro-me.

O coração de Pip pareceu afundar-se-lhe no peito com uma sensação vertiginosa.

— Isso não é possível — disse ela. — Essa rapariga morreu há cinco anos.

— Mas eu... — A mulher abanou a cabeça, e as rugas que tinha em redor dos olhos ficaram ainda mais franzidas. — Mas eu lembro-me. Ela estava cá. Ela esteve cá.

— Há cinco anos? — sugeriu Ravi.

— Não — disse a mulher, já com alguma irritação no tom de voz. — Eu lembro-me, está bem? Eu não...

— Avó? — Do andar de cima, soou a voz de um homem.

Ouviu-se um par de botas pesadas descer apressadamente as escadas, e logo um homem louro surgiu diante deles.

— Faz favor? — disse, olhando para Pip e Ravi. Aproximou-se e estendeu a mão: — Sou o Henry Hill — disse.

Ravi levantou-se e apertou-lhe a mão.

— Sou o Ravi, e esta é a Pip.

— Podemos ajudá-los em alguma coisa? — perguntou o homem, espreitando a avó com um ar preocupado.

— Estávamos só a fazer algumas perguntas à sua avó a respeito de uma pessoa que esteve cá hospedada há cinco anos — disse Ravi.

Pip voltou a olhar para a velhota e reparou que ela estava a chorar. As lágrimas serpenteavam-lhe pela pele quebradiça, tombando-lhe do queixo para a imagem impressa de Andie.

O neto também deve ter reparado. Aproximou-se dela e apertou-lhe o ombro, tirando-lhe o pedaço de papel dos dedos titubeantes.

— Avó — disse ele —, porque não vai pôr a chaleira ao lume para nos fazer um chá? Eu ajudo estas pessoas, não se preocupe.

Ajudou-a a levantar-se da poltrona e conduziu-a a uma porta que ficava à esquerda do átrio, estendendo a Pip a fotografia de Andie ao passarem. Ravi e Pip trocaram olhares interrogativos até Henry regressar, segundos depois, fechando a porta da cozinha para abafar o som da chaleira ao lume.

— Desculpem — disse ele com um sorriso contristado. — Ela fica transtornada quando se confunde. O Alzheimer... começa a piorar a olhos vistos. Na verdade, estou a tratar das limpezas para pôr o estabelecimento à venda. Ela

está sempre a esquecer-se disso.

— Lamento muito — disse Pip. — Devíamos ter percebido logo. Não era nossa intenção deixá-la transtornada.

— Não, eu sei, claro que não — disse ele. — Posso ajudá-los em algum assunto?

— Estávamos a perguntar por esta rapariga. — Pip mostrou novamente o papel. — Queríamos saber se esteve cá há cinco anos.

— E o que respondeu a minha avó?

— Ela acha que a viu há pouco tempo, há umas semanas — disse Pip, engolindo em seco. — Mas esta rapariga morreu em 2012.

— Tem-lhe acontecido muitas vezes — disse ele, olhando para o espaço entre os dois. — Perde a noção do tempo e da altura em que as coisas aconteceram. Às vezes ainda acha que o meu avô está vivo. É provável que ainda tenha uma memória vaga dessa rapariga, que, pelo que dizem, ficou cá hospedada há cinco anos.

— Sim — disse Pip —, deve ser isso.

— Desculpem não poder ajudá-los mais neste assunto. Não posso dizer-lhes quem ficou cá hospedado há cinco anos; não guardámos as folhas de registo antigas. Mas, se ela conseguiu reconhecê-la, creio que têm aí a vossa resposta, certo?

Pip fez que sim com a cabeça.

— Certíssimo. E desculpe tê-la deixado transtornada com isto.

— Ela vai ficar bem? — perguntou Ravi.

— Vai, pois — disse Henry num tom amável. — Uma chávena de chá e fica ótima.

Caminhavam os dois com vagar já no exterior da estação de Kilton. Na cidade começava a escurecer, o relógio marcava as seis da tarde, e o sol afundava-se a oeste.

A mente de Pip era agora uma espécie de centrífugadora, rodopiando em torno dos fragmentos de Andie em constante movimento, separando-os e voltando a juntá-los em diferentes combinações.

— Ponderando bem as coisas — disse ela —, acho que agora podemos confirmar que a Andie ficou no Hotel Ivy House. — Pip concluiu que os azulejos da casa de banho e o facto de a mulher ter reconhecido Andie, embora trocando as datas, eram provas disso mesmo. Porém, essa confirmação acabava também por separar algumas peças do *puzzle* e por as montar de maneira diferente.

Viraram à direita para o parque de estacionamento, seguindo na direção do carro de Pip, que estava estacionado ao fundo do parque, e pelo caminho foram trocando em uníssonos numa série de *e ses* e de *portantos*.

— Se a Andie costumava ir àquele hotel — disse Ravi —, deve ser porque era lá que ela se encontrava com o amante secreto mais velho e porque estavam os dois a tentar arranjar uma forma de não serem descobertos.

Pip assentiu com a cabeça.

— Sendo assim — disse ela —, isso quer dizer que quem quer que fosse o tal amante mais velho não podia receber a Andie na sua própria casa. E a justificação mais plausível para isso é ter uma família ou esposa.

Isto mudava todo o cenário.

Pip prosseguiu:

— Em 2012, o Daniel da Silva já morava com a segunda esposa, ao passo que o Max Hastings morava com os pais, que o Sal conhecia bem. Tanto um como o outro ter-se-iam visto obrigados a encontrar-se em segredo com a Andie longe de casa. E não esqueçamos que o Max tem na sua posse uma fotografia da Andie nua, fotografia que foi tirada no Hotel Ivy House e que supostamente terá «encontrado» — disse ela, fazendo aspas com os dedos.

— Sim — disse Ravi —, mas na altura o Howie Bowers morava sozinho. Se era com ele que a Andie costumava encontrar-se, não teriam precisado de ficar num hotel.

— Era nisso que eu estava a pensar — disse Pip. — O que quer dizer que podemos agora excluir o Howie da lista de candidatos a amante secreto mais velho. Embora isso não signifique que devamos descartar a hipótese de ser ele o assassino.

— Verdade — concordou Ravi —, mas pelo menos isso já ajuda a tornar as coisas um pouco mais claras. A pessoa com quem a Andie manteve uma relação em março, às escondidas do Sal, não era o Howie, e, quando falou em dar cabo da vida de alguém, não estava a referir-se a ele.

Tinham chegado a estas conclusões enquanto caminhavam para o carro. Pip remexeu no bolso e abriu o carro com a chave eletrónica. Abriu depois a porta do condutor, atirou com a mochila para dentro do carro, e Ravi colocou-a ao seu colo, no lugar ao lado. Mas, ao entrar no carro, Pip olhou para cima e reparou num homem que estava encostado à vedação, no extremo oposto do parque, a uns dezoito metros de distância, envergando um anoraque verde com um forro cor de laranja fluorescente. Era Howie Bowers, com o capuz de pelo puxado para cima e o rosto parcialmente tapado, acenando com a cabeça para o homem que estava ao seu lado.

Um homem cujas mãos não paravam de gesticular freneticamente enquanto articulava uma série de palavras inaudíveis com irritação manifesta. Um homem de cabelo louro e ondulado que envergava um sobretudo elegante.

Max Hastings.

O rosto de Pip ficou sem pinga de sangue. Deixou-se cair no lugar do condutor.

— O que se passa, sargento?

Pip apontou pela janela do lado dele, na direção da vedação onde os dois homens se encontravam.

— Olha.

Max Hastings, que mais uma vez lhe mentira, dizendo que não voltara a comprar drogas em Kilton depois de a Andie ter desaparecido, que não fazia a menor ideia de quem pudesse ser o traficante dela. E agora ali estava, a gritar com esse mesmo traficante, palavras que se dissipavam e perdiam na distância que separava todos eles.

— Oh — disse Ravi.

Pip arrancou com o carro e saiu do parque de estacionamento, conduzindo para longe antes que Max ou Howie pudessem reconhecê-los, antes que as suas mãos começassem a tremer demasiado.

Max e Howie conheciam-se.

Mais uma vez, operava-se uma mudança tectónica no mundo de Andie Bell.

Diário de Produção — 27.^a Entrada

Max Hastings. Se há pessoa que devia ir parar à lista de pessoas sob suspeita, é ele. O Jason Bell deixa de ser o principal suspeito, e o Max entra para o lugar dele. Até agora, já mentiu duas vezes a respeito de questões relacionadas com a Andie. Uma pessoa só mente quando tem alguma coisa a esconder.

Recapitulemos: trata-se de um tipo mais velho, tem em sua posse uma fotografia da Andie nua que foi tirada num hotel que pode muito bem ter sido o local onde costumava encontrar-se com ela em março de 2012, tinha uma relação próxima com o Sal e com a Andie, costumava comprar Rohypnol à Andie e pelos vistos conhece muito bem o Howie Bowers.

Isto também abre a possibilidade de ter havido outro par conivente no homicídio da Andie: o Max e o Howie juntos.

Acho que está na altura de seguir a pista do Rohypnol e de perceber onde nos pode levar. Quero dizer, não é qualquer rapaz de 19 anos que decide comprar roofies para levar para as festas da escola, certo? É isso que faz a ligação entre os elementos deste triângulo intrincado: Max/Howie/Andie.

Vou contactar por mensagem alguns dos alunos do ano de 2012 da escola secundária de Kilton para tentar perceber o que se passava nas festas-calamidade dessa altura. E, no caso de ver as minhas suspeitas confirmadas, pergunto: Será que o Max e o Rohypnol foram elementos-chave naquilo que aconteceu à Andie nessa noite? Um pouco à semelhança das cartas em falta num tabuleiro de Cluedo.

Pessoas sob suspeita

Jason Bell

Naomi Ward

Amante secreto mais velho

Nat da Silva

Daniel da Silva

Max Hastings

Howie Bowers

Diário de Produção — 28.^a Entrada

A Emma Hutton respondeu à minha mensagem quando eu estava na escola. Foi isto que ela disse:

Talvez, sim. Lembro-me de algumas raparigas dizerem que achavam que alguém andava a misturar droga nas bebidas delas. Mas p ser honesta toda a gente costumava ficar muito bêbeda nessas festas, portanto se calhar elas diziam isso só porque não sabiam parar ou queriam chamar a atenção. Nunca misturaram droga nas minhas bebidas.

A Chloe Burch respondeu há quarenta minutos, quando eu estava a ver A Irmandade do Anel com o Josh:

Não, acho que não. Nunca ouvi boatos desse género. Mas às vezes as raparigas dizem essas coisas quando sabem que beberam de mais, certo?

Ontem à noite, contactei por mensagem uma série de pessoas que aparecem identificadas em fotografias ao lado da Naomi nas festas-calamidade de 2012 e que felizmente têm os endereços de e-mail nos respetivos perfis. Conteí uma pequena mentira: disse-lhes que era uma jornalista da BBC chamada Poppy. Fi-lo porque achei que isso acabaria por as encorajar a falar. Isto, claro, se essas pessoas tivessem alguma coisa a dizer sobre o assunto. Uma delas acabou de me responder.

De: pfa20@gmail.com
para: handslauraj116

12 out (há um dia)

Cara Laura Hand,



Sou jornalista e estou a preparar uma reportagem independente para a BBC sobre festas de escola que envolvem menores e consumo de drogas. De acordo com as minhas pesquisas, pude constatar que a Laura chegou a frequentar algumas destas festas, a que davam o nome «Calamidades» na zona do Kilon, em 2012. Nesse sentido, pergunto-lhe se terá ouvido algum boato ou presenciado casos de raparigas cujas bebidas possam ter sido adulteradas com drogas nessas festas.

Ficar-lhe-ia muitíssimo grata se me pudesse fornecer informações a respeito deste assunto. Tenha em consideração que qualquer comentário que possa fazer será publicado de forma anónima e tratado com a maior discrição.

Obrigada pela sua atenção.

Atenciosamente,

19:22 (há 2 minutos)

De handslauraj116@yahoo.com
Para: pfa20@gmail.com

Olá, Poppy,



Óra essa. Tenho todo o gosto em ajudar.

De facto, lembro-me de algumas pessoas falarem em bebidas adulteradas. Claro que toda a gente costumava beber em excesso nessas festas, por isso havia sempre alguma confusão a esse respeito.

Mas na altura eu tinha uma amiga, a Natalie da Silva, que achava que lhe tinham misturado alguma coisa na bebida numa dessas festas. Dizia que não conseguia lembrar-se de nada dessa noite e que só tinha bebido um copo. Se a memória não me falha, terá acontecido em princípios de 2012.

Ainda devo ter o número do telemóvel da Natalie, para o caso de querer entrar em contacto com ela.

Boa sorte para a sua reportagem. Será que me podia avisar quando for para o ar? Teria todo o interesse em vê-la.

Com os melhores cumprimentos,

Laura

Diário de Produção — 29.^a Entrada

Mais duas respostas esta manhã, enquanto estava no jogo de futebol do Josh. Na primeira, a rapariga dizia que não sabia nada acerca do assunto e que não queria fazer comentários. Na segunda resposta, lê-se o seguinte:

Pedido de informação para uma reportagem independente (BBC)

12 de out (há 2 dias)

pfa20@gmail.com

Cara Joanna Riddell, sou jornalista e estou a investigar de forma independente...

00:44 (há 57 minutos)

Joanna95Riddell@aol.com
para: pfa20@gmail.com

Cara Poppy Firth Adams,

Obrigada pelo seu e-mail. Concordo que se trata de um tema muito importante, ao qual os meios de comunicação social dominantes devem prestar mais atenção.

De facto, já tomei conhecimento de ocorrências em que foram misturadas substâncias em bebidas nessas festas de escola. No princípio, não passavam de boatos que, segundo me pareceu na altura, vinham de pessoas que bebiam de mais e que estavam a empurrar as culpas para os outros. Mas depois, numa festa organizada em meados de fevereiro de 2012, uma das minhas amigas (que não irei nomear) ficou completamente fora de si. Não conseguia falar e mal se conseguia mexer. Tive de pedir a uns tipos que me ajudassem a levá-la para o carro do pai. E no dia a seguir nem se lembrava de ter estado na festa.

Passados uns dias, pediu-me que a acompanhasse à esquadra da polícia de Kilton porque queria denunciar o caso. Entrei na esquadra e falei com um agente mais novo, já não me lembro do nome dele. Não sei se a conversa deu em alguma coisa. Mas a partir dessa altura passei a estar sempre de olho nas minhas bebidas.

Por isso, sim, acredito que alguém andasse a misturar substâncias nas bebidas das raparigas (embora não saiba o quê). Espero que estas informações possam ser úteis para a sua reportagem. Sinta-se à vontade para entrar em contacto comigo novamente se tiver mais perguntas.

Com os meus cumprimentos,
Jon Riddell



O mistério adensa-se.

Julgo que não é de todo descabido supor que alguém andava a adulterar as bebidas nas festas-calamidade em 2012, embora esse facto não fosse do conhecimento geral das pessoas que frequentavam essas festas. Sendo assim, o Max andava a comprar o Rohypnol à Andie, e as bebidas das raparigas eram adulteradas nas festas que ele próprio organizava. Não é preciso ser-se um génio para perceber a ligação entre estes dois factos.

Além disso, é bastante provável a Nat da Silva ter sido uma das suas vítimas. Poderá isto ter alguma relevância no contexto do homicídio da Andie? E será que aconteceu alguma coisa à Nat na noite em que ela acha que foi drogada? Não lho posso perguntar: a Nat corresponde àquilo que eu chamaria uma testemunha extremamente hostil.

Por fim, e para cúmulo disto tudo, a Joanna Riddell disse que a amiga julgava que lhe tinham misturado substâncias na bebida e que chegou a denunciar o caso à polícia de Kilton. A um agente «mais novo». Bom, lá fiz as minhas pesquisas e constatei que o único agente mais novo do sexo masculino em 2012 era o (DING DING DING, isso mesmo) Daniel da Silva. O agente mais novo a seguir a ele contava já 41 anos em 2012. A Joanna disse que a denúncia não deu em nada. Será que se deve unicamente ao facto de a rapariga anónima ter feito a denúncia numa altura em que já não havia a menor hipótese de detetarem a droga no seu organismo? Ou será que o Daniel estava de algum modo envolvido na história... e tentou encobrir alguma coisa? E porquê?

Parece-me que acabei de encontrar por mero acaso mais uma ligação entre dois nomes que integram a lista de pessoas sob suspeita, entre o Max Hastings e os dois Da Silva. Vou telefonar ao Ravi mais tarde para que possamos chegar os dois a uma conclusão sobre o significado deste triângulo hipotético. Mas agora preciso de estar totalmente focada no Max. O Max já mentiu várias vezes, e agora tenho um motivo real para acreditar que andava a adulterar as bebidas das raparigas nas festas e também a encontrar-se com a Andie no Hotel Ivy House, às escondidas do Sal.

Se fosse obrigada agora mesmo a pôr um ponto final no meu projeto e a acusar alguém, essa pessoa seria o Max. É ele o principal suspeito.

Mas não posso simplesmente ir ter com ele e falar-lhe no assunto; o Max é outra testemunha hostil, e agora possivelmente com histórico de agressão sexual. Não vai abrir a boca se eu não tiver um motivo de chantagem. Por isso, terei de arranjar esse motivo da única maneira que sei: invasão brutal de privacidade na Internet.

Preciso de arranjar uma forma de aceder ao perfil de Facebook do Max para o poder assediado em tudo o que for publicação e fotografia, a ver se descubro alguma coisa que o possa associar à Andie, ao Hotel Ivy House ou ao hábito de drogar raparigas. Alguma coisa que o possa obrigar a falar ou então algo que sirva de prova para poder ir logo à polícia, o que seria ainda melhor.

Tenho de arranjar maneira de aceder às definições de privacidade da Nancy Tangomamas (vulgo Max).

Vinte e Cinco

Com gestos cerimoniais, Pip pousou o garfo e a faca no prato, fazendo-o com uma precisão exagerada.

— E agora, já me posso levantar da mesa? — Olhou para a mãe, que estava a fazer cara feia.

— Não percebo qual é a pressa — disse a mãe.

— É só porque estou mesmo a meio do meu PIA e não quero deixar nada por fazer antes de ir para a cama.

— Sim, podes ir, picle — disse o pai com um sorriso, debruçando-se para chegar aos restos de Pip e os passar para o seu próprio prato.

— Vic! — A mãe voltou o semblante carregado para ele assim que Pip se levantou e arrumou a cadeira.

— Oh, querida, há pessoas que têm de se preocupar com filhos que saem da mesa a correr para irem injetar heroína nos olhos. Devias estar grata por ser só um trabalho de casa.

— O que é heroína? — disse Josh num fiozinho de voz assim que Pip saiu da sala de jantar.

Subiu então as escadas de dois em dois, tendo deixado *Barney*, a sua sombra, no patamar, com a cabeça inclinada e um ar confuso ao vê-la dirigir-se para aquele lugar interdito a cães.

Ao jantar, Pip refletira acerca de tudo o que dizia respeito a Nancy Tangomamas e entretanto tivera uma ideia.

Fechou a porta do quarto, tirou o telemóvel do bolso e marcou o número.

— Olá, *muchacha* — soou a voz melodiosa de Cara do outro lado da linha.

— Ei — disse Pip —, estás muito atarefada a ver o *Downton* como se não houvesse amanhã ou tens uns minutinhos para me ajudares a ser bisbilhoteira?

— Estou sempre disponível para bisbilhotices. Do que precisas?

— A Naomi está em casa?

— Não, está em Londres. Porquê? — A voz de Cara deixou transparecer alguma desconfiança.

— OK, juras que não dizes nada?

— Sempre. O que se passa?

Pip disse:

— Ouvi uns boatos a respeito das antigas festas-calamidade que me podem servir de pista para o meu PIA. Mas primeiro preciso de provas, e é aí que entra a parte da bisbilhotice.

Esperava que tivesse dito tudo bem, omitindo o nome de Max e minimizando

importância do caso para que Cara não ficasse preocupada com a irmã dela, deixando também algumas lacunas na história, as estritamente necessárias para lhe espicaçar a curiosidade.

— Oooh... que boatos são esses? — perguntou Cara.

Pip já a conhecia demasiado bem.

— Nada de substancial, por enquanto. Mas preciso de dar uma vista de olhos às fotografias que foram tiradas nessas festas. É aí que tu me podes ajudar.

— OK, podes dizer.

— O perfil de Facebook do Max Hastings serve só de chamariz para empregos e universidades, se é que me entendes. O perfil verdadeiro aparece com um nome falso, e as definições de privacidade são muito restritas. Só consigo ver as coisas em que a Naomi também aparece identificada.

— E tu queres entrar no Facebook com os dados da Naomi para poderes espreitar as fotografias antigas do Max, é isso?

— Bingo — disse Pip, sentando-se na cama e puxando o portátil para si.

— Tranquilo — soou o trinado da voz de Cara. — Tecnicamente, não estamos a espiar a Naomi, como daquela vez em que eu tinha *mesmo* de saber se aquele sócia ruivo do Benedict Cumberbatch era o namorado dela. Portanto, tecnicamente não estamos a infringir nenhuma regra, *pai*. Além disso, a Nai devia aprender a mudar a palavra-passe de vez em quando; usa sempre a mesma para tudo.

— Consegues entrar no portátil dela? — perguntou Pip.

— Estou mesmo agora a iniciar o sistema.

Seguiu-se uma pausa na conversa, entrecortada pelo bater das teclas e pelo clique do rato. Pip visualizou Cara naquele momento com um enorme rabo de cavalo apanhado no cocuruto, como era seu hábito usar quando estava de pijama. O que, no caso de Cara, acontecia sempre que lhe era fisicamente possível.

— OK, ainda estou ligada.

— Consegues aceder às definições de segurança? — perguntou Pip.

— Sim. — Desmarca a caixa de verificação para que ela não saiba que estou a aceder à conta através de outro computador.

— Feito.

— OK — disse Pip —, em termos de pirataria informática, era só isto que te queria pedir.

— Que pena — disse Cara —, foi muito mais emocionante do que o trabalho de pesquisa que tenho de fazer para o meu PIA.

— Bom, já sabes que não devias ter escolhido fazer um trabalho sobre bolor — disse Pip.

Cara leu em voz alta o endereço de *e-mail*, e Pip digitou-o na página de entrada do Facebook.

— A palavra-passe é Isobel0610 — disse Cara.

— Excelente — Pip inseriu os dados. — Obrigada, camarada. — Dou ordem de retirada.

— Compreendido. Mas olha que, se a Naomi vier a descobrir, digo logo que foste tu.

— Combinado — disse Pip.

— Pronto, Plops, o pai já está aos berros. Depois diz-me se encontraste alguma coisa de interessante.

— OK — disse Pip, sabendo de antemão que não o faria.

Largou o telemóvel, debruçou-se sobre o computador e clicou para aceder ao perfil do Facebook.

Ao dar uma vista de olhos ao *feed* de notícias de Naomi, reparou que, à semelhança do seu, estava repleto de gatos a fazerem tolices, vídeos com receitas rápidas e publicações com frases inspiradoras por cima de imagens com pores do sol.

Pip digitou *Nancy Tangomamas* na barra de pesquisa e clicou no perfil de Max. O círculo em rotação da página a carregar desapareceu, e o perfil surgiu no ecrã, uma cronologia de publicações repleta de cores berrantes e rostos sorridentes.

Pip não demorou muito tempo a perceber a razão que levava Max a ter dois perfis. Não queria que os pais vissem o que andava a fazer quando estava fora de casa, por nada deste mundo. O que não faltava eram fotografias suas em discotecas e bares, com o cabelo louro colado à testa transpirada, o maxilar cerrado e uns olhos perdidos e desfocados. Aparecia a posar com o braço à volta de raparigas, a deitar a língua às manchas para a câmara, com as camisas cheias de nódoas de bebidas entornadas. E essas eram apenas as fotografias mais recentes que apareciam na cronologia.

Pip clicou para aceder às fotografias de Max e foi consultando as várias sequências de imagens até chegar às de 2012. A cada série de oitenta e tal fotografias, era obrigada a esperar até que mais três barras carregassem para a levar ao passado de Nancy Tangomamas. O que surgia era praticamente mais do mesmo: discotecas, bares, olhos congestionados. Havia um curto intervalo no meio das atividades noturnas de Max, no qual surgia uma série de fotografias tiradas numa férias de esquí, com Max espedado no meio da neve a usar apenas um *mankini* ao estilo Borat.

Demorou tanto tempo a carregar as fotografias da cronologia que Pip decidiu pegar no telemóvel e retomar o episódio do *podcast* sobre crimes reais que tinha deixado a meio. Chegou finalmente às fotografias de 2012 e procurou logo as de janeiro, antes de começar a analisá-las uma por uma.

A maior parte dessas fotografias era de Max na companhia de outras pessoas, aparecendo, sorridente, em segundo plano, ou de grupos de amigos a rirem-se enquanto Max fazia parvoíces. Naomi, Jake, Millie e Sal eram os outros protagonistas. Pip demorou algum tempo a olhar para uma fotografia em que Sal

aparecia a rir para a câmara com um sorriso cintilante, enquanto Max lhe lambia a bochecha. O olhar alternou entre os dois rapazes bêbedos e satisfeitos, procurando algum sinal pixelizado de trágicos segredos que pudessem existir entre ambos.

Pip prestou mais atenção às fotografias em que apareciam vários grupos de amigos, não deixando de procurar o rosto de Andie em segundo plano ou mesmo algo que parecesse suspeito nas mãos de Max, esperando vê-lo olhar de forma igualmente suspeita na direção da bebida de alguma rapariga. Foram tantas as vezes que clicou para a frente e para trás nos álbuns das festas-calamidade que os seus olhos cansados, secos e comichosos por causa da luz clara do ecrã do portátil começaram a saltar as fotografias como se se tratasse de um filme. Até que acedeu por fim às fotografias *daquela* noite, e tudo se tornou novamente definido e estático.

Pip inclinou-se para a frente.

Max tirara e carregara dez fotografias da noite em que Andie desaparecera. Pip reconheceu de imediato as roupas de toda a gente, bem como os sofás da casa de Max. Estas fotografias, a que acresciam as três de Naomi e as seis de Millie, perfaziam um total de dezanove fotografias tiradas nessa noite, dezanove instantâneos que coexistiam com as últimas horas de vida de Andie Bell.

Pip estremeceu e tapou os pés com o edredão. As fotografias eram do mesmo género das que Millie e Naomi tinham tirado: Max e Jake agarrados aos respetivos comandos da consola e a olharem para um ponto distante da objetiva, Millie e Max a fazerem poses para a câmara com filtros engraçados nas respetivas caras, Naomi em segundo plano, a olhar para o telemóvel, sem saber que posavam para a objetiva por trás dela. Quatro melhores amigos privados da companhia de um quinto. O Sal fora de casa, alegadamente para matar alguém em vez de estar a fazer palhaçadas com eles.

Foi então que Pip reparou numa coisa. Notara o mesmo ao ver as fotografias de Millie e Naomi, mas descartara a questão como uma simples coincidência. Agora, porém, ao analisar as fotografias de Max, percebia que havia um padrão. Os três tinham publicado as fotografias *dessa* noite na segunda-feira, dia 23, todas entre as 21h30 e as 22h. Não era um pouco estranho o facto de, no meio de toda a confusão gerada pelo desaparecimento de Andie, todos eles terem decidido publicar essas fotografias praticamente ao mesmo tempo? E porquê publicá-las, afinal de contas? Naomi dissera que na noite dessa segunda-feira tinham decidido contar a verdade à polícia acerca do álibi de Sal; será que o primeiro passo nesse sentido fora publicar as fotografias? Para deixarem de ocultar a ausência de Sal?

Pip digitou algumas notas acerca desta coincidência de publicações, depois clicou para guardar o documento e fechou o portátil. Preparou-se para ir para a cama, andando para lá e para cá com a escova de dentes na boca e cantarolando

entre dentes enquanto escrevia à pressa a sua lista de afazeres para o dia seguinte. Sublinhou três vezes a entrada *acabar o ensaio sobre Margaret Atwood*.

Já na cama, leu ainda três parágrafos do livro que andava a ler antes de o cansaço ter começado a baralhar as palavras, tornando-as estranhas e pouco familiares na sua cabeça. Antes de ter adormecido, só conseguiu fazer o gesto de apagar a luz.

Foi com uma fungadela e uma sacudidela da perna que Pip se sentou de repente muito direita na cama. Encostou-se à cabeceira da cama e esfregou os olhos enquanto a sua mente ia despertando aos poucos. Pressionou o botão do ecrã principal do telemóvel, e a luz do ecrã cegou-a momentaneamente. Eram 4h47.

O que a despertara? Teria sido uma raposa a uivar lá fora? Um sonho?

Houve então algo que se agitou no seu íntimo, na ponta da sua língua e na extremidade do seu cérebro. Um pensamento vago: demasiado poroso, aguçado e mutável para que o conseguisse registar por palavras, algo que ultrapassava a sua compreensão ainda semidesperta. Ainda assim, sabia para onde esse pensamento a estava a levar.

Pip deslizou para fora da cama num ápice. O quarto gelado deixou-a arrepiada, tornando a sua respiração fantasmagórica. Agarrou no portátil que estava em cima da secretária e levou-o de volta para a cama, cobrindo-se com o edredão para se aquecer. Ao abrir o computador, o brilho prateado da luz do ecrã voltou a cegá-la por instantes. Foi com os olhos semicerrados que ligou o Facebook, ainda com os dados de Naomi, e depois voltou a pesquisar o perfil de Nancy Tangomamas e a procurar as fotografias *daquela* noite.

Percorreu com os olhos todas as fotografias e depois começou a estudá-las de forma mais demorada. Deteve-se na penúltima. Tinham ficado os quatro na fotografia. Naomi aparecia sentada de costas voltadas para a câmara, a olhar para baixo. Embora surgisse em segundo plano, era possível discernir o telemóvel nas mãos dela, bem como os seus olhos postos no ecrã com a luz verde do cadeado e uns números pequenos a branco. Max, Millie e Jake destacavam-se na fotografia, os três de pé, a sorrir junto ao sofá, enquanto Millie pousava os braços nos ombros dos rapazes. A outra mão de Max segurava ainda o comando da consola, ao passo que a esquerda de Jake já não aparecia na imagem.

Pip tremeu dos pés à cabeça, embora não fosse de frio.

A câmara devia ter ficado pelo menos a metro e meio de distância dos amigos sorridentes para captar tudo aquilo.

E então, no silêncio absoluto da noite, Pip sussurrou: «Quem está a tirar a fotografia?»

Era Sal.

Só podia ser ele.

Apesar do frio, o corpo de Pip era um só canal por onde jorrava uma torrente de sangue quente e célere que lhe latejava no coração.

Os seus movimentos eram mecânicos, e o cérebro vogava à deriva, ao sabor de pensamentos que berravam de forma ininteligível por cima uns dos outros. Mas as mãos sabiam o que fazer. Passados alguns minutos, já fizera o *download* de uma versão gratuita do *Photoshop* no computador. Gravou a fotografia de Max e abriu o ficheiro no programa. Seguindo os passos do tutorial *online* que um homem lhe ditava com um sotaque irlandês e uma voz doce, conseguiu ampliar a imagem e torná-la depois mais nítida.

Sentiu-se de repente afogueada. Voltou a sentar-se, agora pasmada.

Não restava a menor dúvida. No ecrã do telemóvel de Naomi era possível ler os números 00:09.

Todos tinham dito que Sal saía de casa às dez e meia da noite, e contudo ali estavam os quatro amigos, juntos à meia-noite e nove minutos, fechados no enquadramento daquela fotografia que não poderia ter sido tirada por nenhum deles.

Os pais de Max tinham estado fora nessa noite, e mais ninguém pusera os pés naquela casa, fora o que sempre haviam dito. Tinham sido apenas os cinco, pelo menos até ao momento em que Sal decidira sair, às dez e meia da noite, para matar a própria namorada.

E agora Pip tinha à frente do nariz a prova de que tudo não passara de uma mentira. Estivera uma quinta pessoa com eles depois da meia-noite. E quem poderia ser senão Sal?

Pip alcançou com o rato a parte superior da fotografia ampliada. Na parede oposta, por trás do sofá, havia uma janela. E na vidraça do meio via-se o reflexo do *flash* da câmara do telemóvel. Não era possível distinguir a figura que segurava o telemóvel da escuridão lá fora. Mas, por entre os raios brilhantes da luz branca, via-se um halo esbatido de azul refletido, quase indiscernível contra o pano de fundo negro em redor. Era o mesmo tom de azul da camisa de bombazina que Sal vestia nessa noite, a mesma que Ravi ainda usava de vez em quando. Pip sentiu um nó no estômago só de se lembrar do nome de Ravi, imaginando já o olhar dele quando visse essa fotografia.

Extraiu a imagem ampliada para um documento e recortou-a de forma que se visse apenas Naomi com o telemóvel numa página e o *flash* projetado na janela

noutra página. Enviou então estas páginas, juntamente com a fotografia original já gravada, para a impressora sem fios que estava em cima da sua secretária. Ainda na cama, ficou a ver a impressora cuspir cada página, ouvindo-a fazer aquele ruído em surdina que mais parecia um comboio a vapor. Pip fechou os olhos por alguns instantes, ficando a escutar aquele som soluçado e ao mesmo tempo suave.

— Posso entrar para aspirar o quarto, Pips?

Os olhos de Pip abriram-se num ápice. Endireitou-se logo, deixando a posição curvada em que estava, e sentiu todo o lado direito do corpo dorido, da anca ao pescoço.

— Ainda estás deitada? — perguntou a sua mãe, abrindo a porta. — Já é uma e um quarto, sua mandriona. Pensei que já estavas acordada.

— Não... eu... — disse Pip, sentindo a garganta seca e áspera — estava só cansada, não me sentia lá muito bem. Podes aspirar primeiro o quarto do Josh?

A mãe deteve-se e ficou a olhar para ela, notando-se a preocupação alastrar-se nos seus olhos meigos.

— Não estás a trabalhar de mais, pois não, Pip? — perguntou. — Já conversámos sobre isso.

— Não, juro.

A mãe fechou a porta, e Pip saltou para fora da cama, quase deixando cair o portátil. Arranjou-se, vestindo as jardineiras por cima de uma camisola de lã verde-escura, debatendo-se depois com a escova para pentear o cabelo. Pegou nas três fotografias impressas e guardou-as numa mica, enfiando-a depois na mochila. Por fim, acedeu à lista de chamadas recentes no telemóvel e marcou o número.

— Ravi!

— O que se passa, sargento?

— Vem ter comigo à porta de tua casa daqui a dez minutos. Estarei no carro.

— OK. Qual é o plano para hoje? Mais chantagem? Com invasão de propriedade privada à mistura, mais...

— O caso é sério. Vem ter comigo daqui a dez minutos.

Já no carro dela, sentado no lugar ao lado do condutor, com a cabeça praticamente colada ao teto, Ravi ficou a olhar, boquiaberto, para as fotografias impressas que segurava nas mãos.

Passou-se bastante tempo antes que conseguisse dizer alguma coisa. Ficaram os dois sentados em silêncio. Pip olhava para Ravi enquanto este passava o dedo pelo reflexo azul e impreciso na janela do lado oposto.

— O Sal nunca mentiu à polícia — acabou por dizer.

— Não, de facto — disse Pip. — Acho que ele saiu de casa do Max à meia-

noite e um quarto, tal como tinha dito da primeira vez. Os amigos é que mentiram. Não sei porquê, mas naquela terça-feira todos eles mentiram e deixaram-no sem álibi.

— Isto quer dizer que ele está inocente, Pip. — Os seus olhos grandes e redondos fixaram-se nos dela.

— É por isso que estamos aqui, para tirarmos isso a limpo. Vamos.

Abriu a porta do condutor e saiu do carro. Tinha ido buscar Ravi a casa antes de o ter conduzido até ali e depois estacionara na berma ajardinada à saída de Wyvil Road com os quatro piscas ligados. Ravi fechou a porta do carro e seguiu no encalço de Pip assim que ela começou a subir a estrada a pé.

— E como vamos tirar isso a limpo?

— Precisamos de ter a certeza antes de aceitarmos isto como verdadeiro, Ravi — disse ela, procurando acertar o passo com o dele. — E a única maneira de termos a certeza é fazermos uma reconstituição do homicídio da Andie Bell. Precisamos de verificar, agora que sabemos a hora a que o Sal saiu de casa do Max, se mesmo assim ele teria tido tempo de a matar.

Meteram pela esquerda, seguindo por Tudor Lane, e fizeram todo o caminho a pé até chegarem praticamente à entrada do casarão de Max Hastings, onde tudo começara, há cinco anos e meio.

Pip tirou o telemóvel do bolso.

— Temos de dar o benefício da dúvida à suposta acusação — disse ela. — Digamos que o Sal saiu de casa do Max logo depois de a fotografia ter sido tirada, à meia-noite e dez. A que horas o teu pai disse que o Sal tinha chegado a casa?

— Por volta da meia-noite e cinquenta — respondeu ele.

— OK. Admitamos um ou outro lapso de memória e digamos que foi mais por volta da meia-noite e cinquenta e cinco. O que significa que o Sal teria quarenta e cinco minutos para fazer o caminho de porta a porta. Temos de nos pôr a mexer, Ravi, temos de gastar o mínimo do tempo que lhe terá levado a matá-la e a livrar-se do corpo.

— Aos domingos, os adolescentes normais ficam em casa sentados a ver televisão.

— Certo, vou ligar agora o cronómetro... agora.

Pip deu meia-volta e estugou o passo ao avançar pela mesma estrada, agora no sentido inverso e com Ravi ao seu lado. Caminhava a uma velocidade algures entre a marcha e o passo de corrida. Passados oito minutos e quarenta e sete segundos, chegaram ao carro dela, e Pip sentia o coração bater disparado. Era ali o ponto de interceção.

— OK. — Rodou a chave na ignição e fez-se novamente à estrada. — Portanto, este é o carro da Andie e entretanto ela terá intercetado o Sal. Digamos que ia a conduzir depressa para chegar mais cedo. Agora, dirigimo-nos ao

primeiro sítio sossegado onde teoricamente o homicídio poderá ter tido lugar.

Não foi necessário conduzir muito tempo até Ravi apontar.

— Ali — disse ele —, parece-me um lugar tranquilo e isolado. Vira aqui.

Pip saiu da estrada e meteu por um caminho estreito de terra batida ladeado por sebes altas. Uma tabuleta informava-os que a estrada sinuosa de uma só faixa conduzia a uma quinta. Pip parou o carro onde havia um lugar de passagem no meio da sebe e disse:

— Agora saímos. Eles não encontraram sangue na parte da frente do carro, só na bagageira.

Pip olhou de relance para o cronómetro, que continuava a contar os segundos, enquanto Ravi contornava o capô para chegar ao lado dela do carro: 15:29, 15:30...

— OK — disse ela. — Digamos que estão os dois a discutir neste preciso momento. A discussão começa a ficar acesa. Pode ter sido sobre o facto de a Andie andar a vender drogas ou mesmo sobre o tal amante secreto mais velho. O Sal está transtornado, a Andie põe-se aos berros com ele. — Pip começou a murmurar entre dentes, rodando as mãos para matar o tempo que faltava naquele cenário imaginado. — E agora se calhar o Sal encontra uma pedra na estrada ou tira alguma coisa pesada do carro da Andie. Se calhar até nem usa uma arma. Vamos dar-lhe pelo menos uns quarenta segundos para a matar.

Esperaram.

— Portanto, a Andie agora está morta. — Pip apontou para a estrada de terra batida. — Ele abre a mala do carro — Pip abriu a mala do seu próprio carro — e levanta-a do chão. — Dobrou-se e esticou os braços, demorando o tempo necessário para erguer o corpo invisível do chão. — Larga-a dentro da mala do carro, onde encontraram o sangue dela. — Pip pousou os braços sobre o revestimento alcatifado da mala do carro e depois recuou para a fechar.

— Agora voltamos para o carro — disse Ravi.

Pip verificou o cronómetro: 20:02, 20:03... Fez marcha-atrás com o carro e virou novamente para a estrada principal.

— Agora é o Sal que vai a conduzir — disse. — As impressões digitais dele ficam gravadas no volante e à volta do tabliê. Começou entretanto a pensar numa forma de se livrar do corpo dela. A zona arborizada mais próxima é Lodge Wood. Portanto, é possível que tivesse saído de Wyvil Road aqui — disse ela, saindo da estrada. O bosque começou a aparecer do lado esquerdo.

— Mas primeiro teria de encontrar um local por onde pudesse seguir para ficar depois mais próximo do bosque — disse Ravi.

Circundaram o bosque durante alguns minutos em busca de um local desse género, até que a estrada se tornou mais escura debaixo de um túnel de árvores que a cercava de ambos os lados.

— Aqui. — Encontraram um local ao mesmo tempo. Pip apontou e encostou

o carro na berma da estrada coberta de ervas que circundava o bosque.

— Tenho a certeza de que a polícia terá feito buscas neste local centenas de vezes, até porque este é o bosque mais próximo da casa do Max — disse ela. — Mas suponhamos que o Sal arranjou maneira de esconder o corpo aqui.

Pip e Ravi voltaram a sair do carro.

26:18.

— Portanto, abre a mala do carro e arrasta-a para fora. — Pip encenou a ação, reparando no retesar e afrouxar dos músculos do maxilar de Ravi. Provavelmente, ainda teria pesadelos com aquela cena, imaginando o irmão mais velho, uma pessoa bondosa, a arrastar um cadáver ensanguentado por entre as árvores. Mas, depois do dia de hoje, talvez não tivesse de voltar a imaginar a cena novamente.

— O Sal não teria alternativa senão arrastá-la para dentro do bosque, de forma a ficar suficientemente longe da estrada — disse ela.

Pip simulou o arrastar do corpo, de costas dobradas, recuando devagar num passo cambaleante.

— Cá em cima já me parece bastante afastado da estrada — disse Ravi, depois de Pip a ter arrastado uns sessenta metros por entre as árvores.

— Sim — disse ela, largando Andie.

29:48.

— OK — prosseguiu —, portanto, a cova foi sempre uma questão problemática. Como teria tido tempo de abrir uma cova suficientemente funda? Mas, agora que aqui estamos — disse ela, lançando um olhar pelas árvores, que o sol mosqueava —, dá para ver que há bastantes árvores deitadas abaixo neste bosque. Talvez não tivesse tido de escavar muito. Talvez tivesse encontrado uma vala pouco funda à mão de semear. Como esta. — Apontou para um sulco amplo e musgoso no solo, atravessado por um emaranhado de raízes velhas e ressequidas, ainda agarradas a uma árvore tombada há muito.

— Teria tido de escavar mais fundo — disse Ravi. — Ela nunca foi encontrada. Suponhamos que escavou por uns três ou quatro minutos.

— De acordo.

Quando chegou o momento certo, Pip fingiu arrastar o corpo de Andie para a cova.

— Depois teria precisado de tapar o buraco outra vez, de a cobrir com terra, ramos e raízes.

— Vamos a isso — disse Ravi, agora com uma expressão determinada no rosto. Pontapeou o solo com a biqueira da bota e fez saltar um bocado de terra para o buraco.

Pip fez o mesmo, juntando lama, folhas e galhos para tapar a vala. Ravi estava agora de joelhos, a lançar braçadas de terra sobre o corpo de Andie.

— OK — disse Pip assim que deram a tarefa por terminada, olhando para o

buraco agora invisível no solo do bosque. — Portanto, uma vez enterrado o cadáver, o Sal teria decidido regressar.

37:59.

Voltaram para o carro de Pip em passo de corrida e ocuparam os respectivos lugares, enchendo o chão de lama. Pip fez inversão de marcha e praguejou assim que ouviram a buzina de um 4X4 que tentava ultrapassá-los com impaciência, ficando a buzina a zumbir-lhe nos ouvidos durante todo o caminho de regresso.

Assim que voltaram a Wyvil Road, Pip disse:

— Pronto, agora o Sal conduz até Romer Close, onde mora o Howie Bowers. E é aí que abandona o carro da Andie.

Chegaram a Romer Close passados poucos minutos, e Pip estacionou o carro a alguma distância do bangaló de Howie. Ao afastarem-se, trancou o automóvel com um *bip*.

— E agora caminhamos até minha casa — disse Ravi, tentando acompanhar Pip, que avançava quase em passo de corrida. Estavam demasiado concentrados para poderem falar, de olhos postos nos pés, que caminhavam pesadamente, procurando acompanhar o ritmo a que o próprio Sal *alegadamente* caminhara havia vários anos.

Chegaram já esbaforidos perto da casa dos Singhs. O lábio superior de Pip reluzia de suor. Enxugou-o com a manga e tirou o telemóvel do bolso.

Pressionou o botão para parar o cronómetro. Os números invadiram-na dos pés à cabeça, alojando-se todos no seu estômago, onde começaram a esvoaçar. Ergueu então os olhos para Ravi.

— O que é? — Ravi fitou-a com um olhar arregalado e inquieto.

Pip ergueu o telemóvel à altura dos olhos dele e mostrou-lhe o cronómetro.

— Cinquenta e oito minutos e dezanove segundos — leu Ravi em voz alta.

— Ravi. — Foi com o nome dele a ferver nos lábios que sorriu de orelha a orelha. — Não é possível que tenha sido o Sal a cometer o crime. Está inocente; a fotografia é prova disso mesmo.

— Merda. — Ravi deu um passo atrás e tapou a boca com a mão, abanando a cabeça. — Não foi ele. O Sal está inocente.

Ravi emitiu então um som, um ruído que começou lentamente a sair-lhe da garganta, cavernoso e estranho. Saiu-lhe de rompante, uma mistura de latido e de gargalhada com um sopro de incredulidade. O sorriso demorou tanto tempo a alastrar-se pelo rosto que era como se se moldasse músculo por músculo. Voltou então a soltar uma gargalhada, emitindo um som puro e caloroso que fez com que as faces de Pip enrubescessem de calor.

E depois, ainda com o riso estampado no rosto, Ravi ergueu os olhos para o céu, com o sol a banhar-lhe as faces, e o riso transformou-se num grito. Rugiu em direção ao céu, com o pescoço todo esticado e os olhos totalmente cerrados.

As pessoas que estavam do outro lado da rua ficaram a olhar para ele, e houve um puxar de cortinas em várias casas. Mas Pip percebeu que ele não queria saber. E ela também não, agora que o via naquele momento confuso de alegria e de dor pungentes.

Ravi baixou os olhos para ela, e mais uma vez o rugido transformou-se em gargalhada. Levantou-a do chão, e algo luminoso bateu asas dentro dela. Pip riu também, com lágrimas nos olhos, enquanto ele dava voltas e voltas com ela no ar.

— Conseguimos! — disse ele, pousando-a de forma tão desajeitada que quase a deixou cair. Afastou-se então alguns passos dela, mostrando-se de repente envergonhado, enxugando os olhos. — Talvez seja suficiente para os convencer a reabrir o caso ou talvez não. Mas primeiro precisamos de respostas. Precisamos de saber o que levou os amigos do Sal a mentirem e a tirarem-lhe o único álibi que ele tinha. Vamos.

Ravi deu um passo em frente e depois hesitou.

— Perguntar à Naomi, queres tu dizer?

Ela acenou com a cabeça, e ele recuou.

— Devias ir sozinha — disse. — A Naomi não vai abrir a boca se eu estiver presente. Recusa-se simplesmente a falar. Cruzei-me com ela no ano passado, e desatou a chorar mal olhou para mim.

— Tens a certeza? — perguntou Pip. — Se há pessoa que merece saber o motivo és tu.

— É assim que tem de ser, confia em mim. Toma cuidado, sargento.

— OK. Telefono-te logo a seguir.

Pip não sabia bem como se despedir dele. Deu-lhe um toque no braço e passou por ele ao afastar-se, levando consigo aquela expressão no rosto de Ravi.

Pip dirigiu-se novamente a Romer Close, onde deixara o carro, caminhando num passo mais ligeiro nessa viagem de regresso. Mais ligeiro porque agora tinha a certeza absoluta. E podia dizê-lo, nem que fosse em pensamento. Sal Singh não fora o responsável pela morte de Andie Bell. Um mantra repetido ao ritmo dos seus passos.

Marcou então o número de Cara.

— Olá, amorzinho — respondeu Cara.

— O que fazes neste preciso momento?

— Bom, estou a trabalhar em grupo com a Naomi e o Max. Eles estão a preparar candidaturas de emprego, e eu estou a tentar despachar o meu PIA. Sabes bem que não me consigo concentrar sozinha.

Pip sentiu um aperto no peito.

— O Max e a Naomi estão aí contigo?

— Sim.

— O teu pai está em casa?

— Não, foi passar a tarde a casa da minha tia Lila.

— OK, vou ter contigo — disse Pip. — Estou aí daqui a dez minutos.

— Fixe. Sempre posso roubar um bocado da tua concentração.

Pip despediu-se e desligou a chamada. Sentiu uma pontada de remorso por causa de Cara, por saber que, estando ela em casa, acabaria inevitavelmente por se ver envolvida no que quer que fosse que estivesse prestes a acontecer. Até porque Pip não ia propriamente brindar o grupo de trabalho com a sua concentração. Ia fazer-lhes uma emboscada.

Cara foi abrir-lhe a porta, vestida com o seu pijama de pinguim e as pantufas com garras de urso.

— *Chica* — disse ela, desgrenhando o cabelo já despenteado de Pip. — Bom domingo. *Mi grupo de trabajo es su grupo de trabajo.*

Pip fechou a porta e seguiu Cara na direção da cozinha.

— Fomos proibidos de falar — disse Cara, segurando a porta para ela passar. — E não se pode fazer muito barulho a teclar, como o Max faz.

Pip entrou na cozinha. Max e Naomi estavam sentados à mesa ao lado um do outro, com um monte de folhas e os respetivos portáteis à frente. Cada um segurava uma caneca fumegante de chá acabado de fazer. Cara estava instalada no lado oposto: uma bagunça de papéis, cadernos e canetas espalhados em cima do teclado.

— Ei, Pip — disse Naomi com um sorriso. — Como estás?

— Bem, obrigada — disse Pip, e, de um momento para o outro, a sua voz soou brusca e roufenha.

Quando Pip olhou para Max, este desviou imediatamente o olhar, afundando-o no líquido cinzento-acastanhado da sua caneca de chá.

— *Olá*, Max — disse ela num tom contundente, obrigando-o a voltar o rosto na sua direção.

Ele sorriu ligeiramente sem mostrar os dentes, o que, aos olhos de Cara e Naomi, poderia ter passado por uma saudação, embora soubesse que era mais uma careta do que outra coisa.

Pip aproximou-se da mesa e largou a mochila por cima dela, mesmo em frente a Max. A mochila tombou com um baque na superfície da mesa, fazendo com que as tampas dos três portáteis oscilassem nas respetivas dobradiças.

— A Pip tem uma grande paixão por trabalhos de casa — explicou Cara a Max. — Uma paixão violenta.

Cara voltou a deslizar para a sua cadeira e abanou o rato para ressuscitar o computador.

— Bom, senta-te — disse, usando o pé para tirar uma cadeira por debaixo da mesa. Os pés da cadeira chiaram ao serem arrastados pelo chão da cozinha.

— Então, Pip? — disse Naomi. — Queres um chá?

— Para onde é que estás a olhar? — disparou Max.

— Max! — Naomi bateu-lhe com força no braço com um caderno.

Espreitando pelo canto do olho, Pip reparou na expressão confusa no rosto de Cara. E contudo não conseguia tirar os olhos de Naomi e de Max. Sentia já a raiva pulsar no seu íntimo e as narinas a dilatarem-se com esse ímpeto. Porém, foi só quando reparou nas caras deles que se apercebeu desse seu estado de espírito. Achara que se sentiria aliviada. Aliviada por pôr um ponto final naquela história, pelo facto de ela e Ravi terem conseguido fazer aquilo que se tinham proposto. Porém, aquelas caras buliam-lhe com os nervos. Já não se tratava simplesmente de pequenos ludíbrios e de inocentes falhas de memória. Tratava-se, isso sim, de uma mentira premeditada que mudava absolutamente tudo. Uma traição da maior importância que fora extraída de uns quantos píxeis. E não desviaria o olhar nem se sentaria enquanto não soubesse o porquê dessa traição.

— Vim cá, em primeiro lugar, por uma questão de cortesia — disse ela com a voz trémula. — Isto porque foste praticamente uma irmã para mim ao longo de quase toda a minha vida, Naomi. Quanto a ti, Max, não te devo absolutamente nada.

— O que estás para aí a dizer, Pip? — perguntou Cara num tom aflito que já deixava transparecer alguma preocupação.

Pip abriu o fecho da mochila e retirou uma mica lá de dentro. Abriu a mica e, debruçando-se sobre a mesa, pousou as três folhas impressas no espaço livre

que havia entre Max e Naomi.

— Esta é a vossa oportunidade de se explicarem antes de eu ir à polícia. O que tens a dizer em tua defesa, Nancy Tangomamas? — Ao dizer isto, lançou um olhar fulminante a Max.

— Que conversa é essa? — disse ele em tom de troça.

— Esta fotografia é tua, Nancy. Foi tirada na noite em que a Andie Bell desapareceu, correto?

— Sim — disse Naomi em voz baixa. — Mas como...

— A mesma noite em que o Sal saiu de casa do Max às dez e meia para ir matar a Andie?

— Foi tirada nessa noite, sim — disse Max de rajada. — Mas onde estás a querer chegar?

— Se parares de te armar em fanfarrão por um segundo e olhares para a fotografia, vais perceber onde eu quero chegar — ripostou Pip. — É óbvio que não tens olho para pormenores, caso contrário não terias tido sequer a ideia de publicar esta fotografia. Sendo assim, deixa-me ser eu a explicar. Tanto tu como a Naomi, mais a Millie e o Jake, aparecem nesta fotografia. — Sim, e então? — disse ele.

— Então, Nancy, a minha pergunta é: quem tirou esta fotografia de vocês os quatro?

Pip reparou nos olhos subitamente arregalados de Naomi e viu também a sua boca abrir-se ligeiramente assim que baixou os olhos para a fotografia.

— Sim, está bem — disse Max —, se calhar até foi o Sal que tirou a fotografia. Nenhum de nós disse que ele não tinha estado lá. Deve ter tirado a fotografia ao início da noite.

— Boa tentativa — disse Pip —, mas...

— O meu telemóvel. — Naomi ficou de queixo caído. Esticou o braço para pegar na fotografia. — A hora aparece no meu telemóvel.

Max emudeceu e passou os olhos pelas impressões, notando-se-lhe a tensão no maxilar cerrado.

— Bom, mal se conseguem ver os números. Deves ter manipulado a imagem — disse por fim.

— Não, Max. Tirei-a do teu Facebook, tal e qual como a vês. Não te preocupes, entretanto já tive a oportunidade de investigar o assunto: a polícia pode ter acesso à imagem, mesmo que decidas apagá-la agora mesmo. Tenho a certeza de que teriam todo o interesse em vê-la.

Naomi voltou-se para Max, já com as faces enrubescidas:

— Porque não verificaste tudo como deve ser?

— Cala-te — disse ele em voz baixa, mas com firmeza.

— Vamos ter de lhe contar — disse Naomi, afastando a cadeira para trás com um chiar arrastado que perfurou os tímpanos de Pip.

— Cala-te, Naomi — repetiu Max.

— Oh, meu Deus. — Naomi levantou-se e começou a andar para trás e para a frente junto à mesa. — Temos de lhe contar...

— Cala a boca! — disse Max, pondo-se de pé num salto e agarrando Naomi pelos ombros. — Não digas mais nada.

— Ela vai à polícia, Max. Não é verdade? — disse Naomi, e as lágrimas acumulavam-se já nos sulcos em torno do seu nariz. — Vamos ter de lhe contar.

Max respirou fundo, estremecendo por dentro, e o seu olhar desvairado pousou entre Naomi e Pip.

— Raios partam — gritou ele num tom brusco, largando Naomi e dando um pontapé na perna da mesa.

— Mas o que se está a passar? — perguntou Cara, puxando repetidamente pela manga de Pip.

— Conta-me, Naomi — disse Pip.

Max deixou-se cair na cadeira novamente, agora com cachos de cabelo louro a tombarem-lhe sobre o rosto.

— Porque foste fazer isto? — Ergueu o olhar para Pip. — Porque não te limitaste a deixar tudo como estava?

Pip ignorou-o.

— Conta-me, Naomi — voltou a dizer. — O Sal não saiu de casa do Max às dez e meia nessa noite, pois não? Saiu à meia-noite e um quarto, como tinha dito à polícia. Nunca vos pediu que mentissem para que pudesse ter um álibi; já tinha um. Estava convosco. O Sal nem por uma vez mentiu à polícia; vocês é que mentiram naquela quinta-feira. Todos vocês mentiram para ele ficar sem álibi.

Naomi semicerrou os olhos já banhados de lágrimas. Olhou então para Cara e depois desviou lentamente o olhar na direção de Pip. E então fez que sim com a cabeça.

Pip pestanejou.

— Porquê?

Vinte e Oito

— Porquê? — voltou Pip a perguntar quando Naomi já tinha olhado tempo suficiente para os próprios pés sem dizer palavra.

— Obrigaram-nos — disse ela, fungando. — Obrigaram-nos a fazê-lo.

— Como assim?

— Todos nós — eu, o Max, o Jake e a Millie — recebemos uma mensagem escrita nessa segunda-feira à noite. De um número não identificado. Dizia que teríamos de apagar todas as fotografias que o Sal tinha tirado na noite em que a Andie desapareceu e publicar as restantes, como de costume. Dizia que na terça-feira, quando estivéssemos na escola, teríamos de pedir ao diretor de turma para chamar a polícia, de forma a podermos prestar declarações. E fomos obrigados a dizer-lhes que o Sal saíra realmente às 10h30 da noite de casa do Max e que já não era a primeira vez que nos pedia para mentir a esse respeito.

— Mas porque haveriam de o fazer? — perguntou Pip.

— Porque... — começou Naomi por dizer, e o seu rosto transfigurou-se ao tentar conter o choro — porque eles sabiam algo a nosso respeito. Sabiam de uma coisa má que tínhamos feito.

Já não foi capaz de conter o choro. Bateu com as palmas das mãos no rosto e sufocou os gritos de choro nos dedos cerrados. Cara saltou da cadeira e correu para ela, abraçando a irmã pela cintura. Olhou então para Pip de cima a baixo enquanto segurava uma Naomi agora a tremer, e o seu rosto empalidecia já de medo.

— Max? — disse Pip.

Max pigarreou, baixando os olhos para as mãos inquietas.

— Nós... hum... aconteceu uma coisa na noite de passagem de ano de 2011. Uma coisa má, uma coisa que nós fizemos.

— Nós? — disse Naomi de rompante. — Nós, Max? Tudo aconteceu por tua causa. Foste tu que nos meteste nessa história e também foste tu que nos obrigaste a deixá-lo lá sozinho.

— Estás a mentir. Na altura, todos concordámos — disse ele.

— Eu estava em estado de choque. Estava apavorada.

— Naomi? — disse Pip.

— Nós... hum... decidimos ir todos àquela discoteca merdosa que fica em Amersham — disse ela.

— A Imperial Vault?

— Sim. Todos nós já tínhamos bebido muito. E quando a discoteca fechou, foi impossível arranjar um táxi; tínhamos umas dezasseis pessoas à nossa frente

na fila, e estava um gelo lá fora. Por isso, o Max, que nos levava até lá de carro, disse que afinal de contas não tinha bebido assim tanto e que estava bem para conduzir. E convenceu-nos, a mim, à Millie e ao Jake, a entrar no carro com ele. Foi uma ideia tão estúpida... Oh, meu Deus, se pudesse voltar atrás no tempo e mudar alguma coisa na minha vida, teria sido esse momento... — A sua voz sumiu-se.

— O Sal não estava convosco? — perguntou Pip.

— Não — respondeu ela. — Quem me dera que tivesse estado, tenho a certeza de que nunca nos teria deixado fazer uma coisa tão estúpida. Nessa noite, estava com o irmão. Então o Max, que estava tão bêbedo como qualquer um de nós, pôs-se a conduzir a toda a velocidade ao longo da A413. Eram umas quatro da manhã, e não havia carros na estrada. E então... — vieram-lhe novamente as lágrimas aos olhos — e então...

— Aparece um tipo vindo do nada — disse Max.

— Não, isso não é verdade. O homem estava parado na berma, a uma distância bastante considerável da estrada, Max. Lembro-me de teres perdido o controlo do carro.

— Bom, então temos recordações bastante diferentes daquilo que aconteceu — ripostou Max na defensiva. — Batemos no carro dele e pusemos-nos a andar. Quando parámos, deixei o carro longe da estrada e fomos ver o que tinha acontecido.

— Oh, meu Deus, havia sangue por todo o lado — disse Naomi com voz chorosa. — E o homem tinha as pernas todas torcidas.

— O homem parecia morto, *OK*? — disse Max. — Fomos ver se ainda continuava a respirar e achámos que não. Chegámos à conclusão de que era demasiado tarde para o salvar e para chamar uma ambulância. E, como tínhamos estado a beber, sabíamos que nos íamos meter em grandes sarilhos. Acusação em tribunal, prisão. Portanto, chegámos a um acordo e fomos embora.

— Foi o Max que nos obrigou — disse Naomi. — Fizeste pressão psicológica sobre nós e assustaste-nos para nos obrigares a aceitar, porque sabias de antemão que quem ia ficar em maus lençóis eras tu.

— A decisão foi de todos, Naomi, dos quatro — gritou Max, já com um rubor intenso a aflorar-lhe as faces. — Fizemos o caminho de volta para minha casa porque os meus pais estavam no Dubai. Limpámos o carro de uma ponta à outra e depois voltámos a bater com ele, desta vez contra uma árvore, mesmo à entrada do caminho de acesso à minha casa. Os meus pais nunca suspeitaram de nada e compraram-me um carro novo semanas depois.

Agora era Cara que também chorava, enxugando os olhos antes que Naomi desse por isso.

— O homem morreu? — perguntou Pip.

Naomi abanou a cabeça.

— Esteve em coma durante três semanas, mas consegui safar-se. Mas... mas... — O rosto de Naomi crispou-se com a aflição. — Ficou paraplégico. Está numa cadeira de rodas. Tudo por nossa culpa. Não devíamos ter ido embora.

Ficaram todos em silêncio enquanto Naomi chorava, tentando sorver o ar por entre as lágrimas.

— Não sei como — acabou Max por dizer —, mas alguém descobriu aquilo que tínhamos feito. Disseram que, se não fizéssemos tudo aquilo que nos mandasse fazer, iriam contar à polícia o que tínhamos feito àquele homem. Por isso não tivemos alternativa. Apagámos as fotografias e mentimos à polícia.

— Mas como é possível que alguém tenha ficado a saber do vosso atropelamento e fuga? — perguntou Pip.

— Não sabemos — disse Naomi. — Fizemos todos a promessa de nunca contar nada a ninguém. E eu nunca disse nada.

— Eu também não — disse Max.

Naomi olhou para ele de esguelha, abafando um riso de troça por entre as lágrimas.

— O que foi? — disse ele, devolvendo-lhe o olhar.

— Eu, o Jake e a Millie sempre achámos que tinhas sido tu a dar com a língua nos dentes.

— Bom, quem costumava ficar podre de bêbeda praticamente todas as noites eras tu. Eu nunca contei a ninguém — disse ele, voltando-se agora para Pip. — Não faço a menor ideia de como alguém terá acabado por descobrir.

— Não seria a primeira vez que davas com a língua nos dentes — disse Pip. — Naomi, o Max contou-me sem querer que estiveste «desaparecida em combate» durante uma parte da noite em que a Andie desapareceu. Onde estiveste? Quero saber a verdade.

— Estive com o Sal — disse ela. — Ele queria falar comigo no andar de cima, a sós. Sobre a Andie. Estava zangado com alguma coisa que ela tinha feito; não quis dizer-me o que era. Disse-me que ela era uma pessoa diferente quando estavam só os dois, mas que não conseguia ficar indiferente à forma como tratava as outras pessoas. Nessa noite, tinha decidido que ia acabar tudo com ela. E parecia... quase aliviado depois de ter tomado essa decisão.

— Sejam os claros — disse Pip. — O Sal esteve convosco em casa do Max até à meia-noite e um quarto na noite em que a Andie desapareceu. Na segunda-feira seguinte, recebem uma ameaça e são obrigados a ir à polícia dizer que ele saiu às dez e meia e acabam também por ter de eliminar o rasto dele nessa noite. No dia seguinte, o Sal desaparece e é encontrado sem vida no bosque. Sabem o que isto significa, certo?

Max olhou para baixo, começando a arrancar as peles junto às unhas dos polegares. Naomi voltou a tapar o rosto.

— O Sal estava inocente.

— Não temos a certeza absoluta disso — disse Max.

— O Sal estava inocente. Alguém matou a Andie, e a seguir mataram também o Sal, depois de terem tomado as devidas precauções no sentido de o fazerem parecer culpado para além de qualquer dúvida. O vosso melhor amigo estava inocente, e há cinco anos que todos vocês sabem disso.

— Lamento — choramingou Naomi. — Lamento imenso. Não sabíamos o que mais fazer. Estávamos metidos numa grande alhada. Não nos passava pela cabeça que o Sal pudesse acabar morto. Achámos que, se fizéssemos o que eles queriam, a polícia acabaria por apanhar a pessoa que tinha feito mal à Andie, e nisto o Sal sairia ileso da história, e tudo acabaria bem para nós. Na altura, tentámos convencer-nos de que tudo não passava de uma mentira inofensiva. Mas agora temos a consciência daquilo que fizemos.

— O Sal morreu por causa da vossa mentira *inofensiva*. — Pip sentiu o estômago contorcer-se de raiva, uma raiva mitigada pela tristeza.

— Não sabemos isso — disse Max. — Há ainda a possibilidade de o Sal ter estado envolvido naquilo que aconteceu à Andie.

— Não teria tido tempo para isso — disse Pip.

— O que vais fazer com a fotografia? — perguntou ele em voz baixa.

Pip olhou de esguelha para Naomi, vendo o seu rosto inchado e vermelho, marcado pela dor. Cara segurava-lhe a mão e não desviava o olhar de Pip, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces.

— Max — disse Pip. — Tu mataste a Andie?

— O quê? — Levantou-se, afastando o cabelo desgrehado do rosto. — Não, nessa noite não saí de casa.

— Podias ter saído quando a Naomi e a Millie se foram deitar.

— Bom, mas não saí, está bem?

— Fazes alguma ideia do que terá acontecido à Andie?

— Não.

— Pip. — Era agora a vez de Cara falar. — Não vás à polícia com essa fotografia, peço-te. Por favor. Não posso ficar sem a minha irmã, depois de já ter perdido a minha mãe. — Com o lábio inferior trémulo, Cara levou a mão ao rosto, tentando controlar os soluços de choro. Naomi abraçou a amiga.

Pip sentiu um aperto na garganta provocado por uma sensação de impotência e de vazio ao vê-las naquela tremenda aflição. O que faria? O que poderia fazer? Fosse como fosse, não tinha a certeza de que a polícia fosse levar muito a sério aquela fotografia. Mas, se levasse, Cara ficaria completamente sozinha, e a culpa seria de Pip. Ela não era capaz de fazer tal coisa à amiga. Mas em que posição ficaria Ravi? O Sal estava inocente, e não seria agora que o iria abandonar. Só havia uma maneira de resolver o assunto, chegou ela à conclusão.

— Não irei à polícia — disse.

Max suspirou de alívio, e Pip olhou-o de alto a baixo, enojada, enquanto ele

tentava disfarçar uma nesga de sorriso nos lábios.

— Não é por ti que faço isto, Max — disse ela. — É pela Naomi. E por tudo o que ela já sofreu com os teus erros. Duvido que sintas algum peso na consciência, mas espero que um dia possas pagar de alguma maneira por aquilo que fizeste.

— Eu também errei — disse Naomi em voz baixa. — A culpa disto também é minha.

Cara aproximou-se de Pip e abraçou-a, encharcando-lhe a camisola de lágrimas.

Foi então a vez de Max sair sem dizer palavra. Arrumou o portátil e os apontamentos, lançou a mochila para cima do ombro e encaminhou-se para a porta da frente.

O silêncio instalou-se na cozinha assim que Cara foi passar o rosto por água no lavatório e encher um copo de água para dar à irmã. Naomi foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Lamento muito — disse.

— Eu sei — disse Pip. — Eu sei que sim. Já decidi que não vou mostrar a fotografia à polícia. Seria tudo muito mais fácil assim, mas não preciso do álibi do Sal para provar que ele está inocente. Acabarei por arranjar outra maneira.

— Como assim? — disse Naomi com uma fungadela.

— Estão a pedir-me para vos encobrir, a vocês e àquilo que fizeram. E é isso que irei fazer. Mas não irei encobrir a verdade no que diz respeito ao Sal. — Pip engoliu em seco e pigarrou até se livrar do nó que tinha na garganta. — Vou descobrir o verdadeiro responsável por tudo isto, a pessoa que matou a Andie e o Sal. É a única forma de limpar o nome do Sal e de vos proteger ao mesmo tempo.

Naomi abraçou-a, enterrando o rosto manchado de lágrimas no ombro de Pip.

— Faz isso, por favor — disse ela com voz sumida. — Ele está inocente, e isso tem-me atormentado desde o primeiro dia.

Pip afagou o cabelo de Naomi e olhou na direção de Cara, a sua melhor amiga, a sua irmã. Os ombros de Pip descaíram assim que um peso se abateu sobre eles. O mundo parecia-lhe mais pesado do que nunca.



PARTE III

Diário de Produção — 31.^a Entrada

Ele está inocente.

Estas palavras estiveram a tiquetaquear o dia inteiro na minha cabeça enquanto estava na escola. Este projeto já não passa pela esperançosa conjectura com que vii a luz do dia. Já não se trata de satisfazer um simples instinto da minha parte só porque o Sal foi simpático comigo quando eu era pequena e sofria. Já não se trata do facto de o Ravi alimentar ainda a ténue esperança de que chegara realmente a conhecer o irmão que amava. Agora é tudo real, sem margem para talvez/possivelmente/alegadamente. O Sal Singh não matou a Andie Bell. E também não acabou com a própria vida.

Perdeu-se uma vida inocente, e toda a gente nesta cidade conspurcou essa vida com palavras feias, transformando-o num vilão. Mas, se foi possível inventar um vilão, também será possível eliminá-lo desta história. Dois adolescentes foram assassinados em Little Kilton há cinco anos e meio. E nós temos as provas que poderão conduzir à descoberta do verdadeiro assassino: nós, isto é, eu, o Ravi e este documento word que não para de crescer.

Fui ter com o Ravi depois da escola — só agora cheguei a casa. Fomos ao parque e estivemos mais de três horas a conversar, até ter ficado escuro. Ele ficou zangado quando lhe contei que já não podíamos contar com o álibi do Sal. Foi uma zanga contida. Disse que não era justo que a Naomi e o Max Hastings pudessem lavar as mãos de tudo o que tinha acontecido sem serem castigados, isto quando o Sal, que nunca fizera mal a ninguém, tinha sido assassinado e acusado injustamente de homicídio. Claro que não é justo; nada disto é justo. Mas a Naomi nunca quis prejudicar o Sal, isso parece-me bastante claro só de olhar para a cara dela, só de pensar na vida apagada que tem levado desde então. Foi o medo que a levou a agir da maneira que agiu, e consigo perceber isso. O Ravi também, embora não saiba se conseguirá alguma vez perdoar-lhe.

O desânimo ficou-lhe estampado no rosto quando disse que não sabia se a fotografia seria o suficiente para a polícia reabrir o caso; tivera de fazer bluff para pôr o Max e a Naomi a falar. A polícia poderia pensar que eu tinha manipulado a imagem e recusar-se a pedir um mandado para verificar o perfil do Max. Por esta altura já terá apagado a fotografia, naturalmente. O Ravi acha que eu teria mais credibilidade junto da polícia do que ele, mas não tenho assim tanta certeza disso; uma adolescente a tagarelar sobre ângulos fotográficos e números no ecra de um telemóvel, especialmente quando as provas contra o Sal são tão sólidas. Já para não falar do Daniel da Silva a ignorar-me, sendo ele um dos agentes da polícia.

E outra coisa ainda: o Ravi levou muito tempo a perceber o porquê de eu querer proteger a Naomi. Expliquei-lhe que é como se ela fosse da minha família, que a Cara e a Naomi são como irmãs para mim e que, embora a Naomi tivesse contribuído para a forma como as coisas se desenrolaram, a Cara está inocente no meio disto tudo. Seria um enorme desgosto para mim fazer-lhe uma coisa dessas, isto é, fazer com que perdesse uma irmã depois de ter perdido a mãe. Prometi ao Ravi que isto não seria um retrocesso e que não precisamos de que o Sal tenha um álibi para provar a sua inocência; só temos de encontrar o verdadeiro assassino. Por isso, chegámos a um acordo: vamos dar a nós mesmos mais três semanas. Três semanas para descobrir o verdadeiro assassino ou alguma prova concreta contra um suspeito. E, se não encontrarmos nada até ao fim do prazo estipulado, eu e o Ravi iremos à polícia com a fotografia, na esperança

de que ao menos levem isso a sério.

E é isto. A partir de agora, restam-me apenas três semanas para descobrir o assassino, caso contrário a Naomi e a Cara vão ficar com as vidas desfeitas. Terá sido errado da minha parte pedir ao Ravi para fazer isto, ou seja, para esperar mais algum tempo, quando já esperou tanto? Estou dividida entre as Wards e os Singhs e aquilo que é a coisa certa a fazer. Já nem sei o que está certo ou errado — parece-me tudo tão confuso... Não tenho a certeza se serei realmente a boa rapariga que achava que era. Acho que a perdi pelo caminho.

Mas agora não posso perder tempo a pensar nisto. Portanto, das pessoas que integram a lista de suspeitos, contam-se agora cinco. Excluí dela a Naomi. As razões que me levaram a suspeitar dela têm agora uma explicação satisfatória, nomeadamente a questão de ter «desaparecido em combate» e o facto de se ter mostrado tão pouco à vontade ao responder às minhas perguntas sobre o Sal.

Segue-se um esquema tipo teia de aranha com todos os suspeitos envolvidos:

Howie
Bowers

Mentiu quando disse que
não o conhecia →
Será que ainda lhe compra?

- Fomeceu as drogas à Andie para ela as vender.
- Possível relacionamento sexual?
- Vivía sozinho - não tem sílbi para aquela noite.
- Encostavam o carro da Andie abandonado na estrada junto à casa dele (Romer Close) e também sangue dela no porta-ligeiros.
- Sabia o local exato onde a Andie escondia o telemóvel pré-pago e o material, e agora já não há sinal nem do um nem do outro.

Jason
Bell

- Tinha um caso na altura. A Andie sabia disso, e o Jason sabia que ela tinha descoberto.
- Abusava emocionalmente das pessoas da própria família?
- Foi formalmente interrogado pela polícia.
- Ausentou-se durante algum tempo de um jantar de grupo, na noite em que ele desapareceu.
- Andie fez à Andie no pretérito imperfeito, numa conferência de imprensa, pouco depois do suicídio.

Andie
Bell

- Candidato a amante secreto mais velho: a Andie poderia ter dado cabo da amizade dele com o Sal & co.
- Tem uma fotografia da Andie nua, tirada no Hotel Ivy House.
- Comprou drogas à Andie e costumava comprar Rohypnol.
- Alguém andava a misturar coisas nas bebidas das raparigas nas festas-calamidade.
- Estava a par do atropelamento e fuga.

É possível
que a
tenha
drogado
na festa.

Daniel
da Silva

(irmão
irmã)

Nat
da Silva

adulteração
de bebidas?

- Foi alvo de bullying por parte de Andie: uma chantagem penosa, um vídeo em topless e uma misteriosa visita a alguns anos atrás, que a Andie tinha vencido.
- Foi vítima de violência (permaneu uma rapariga na universidade e esteve presa por danos corporais graves).
- Deixou um bilhete com uma ameaça de morte no escritório da Andie.
- Alega ter um sílbi, dizendo que às onze já estava dentro, embora pudesse ter sido mais tarde, pela calçada.

- Candidato a amante secreto mais velho (Hotel Ivy House).
- A Andie disse que tiveram relações sexuais quando ela tinha 15 anos e depois serviu-se da alegação de violação de menores para chantagear a Nat.
- A Andie poderia ter dado cabo da vida dele se denunciou o caso de violação de uma menor ou denunciado o seu novo casamento.
- Denúncia de um caso de bebidas adulteradas, à qual não terá dado seguimento.
- Agente da polícia: é possível que tenha tido acesso à casa da Andie durante as buscas e que tenha eliminado provas que pudessem incriminá-lo (o telemóvel pré-pago).

Tenho agora uma nova pista que me pode levar diretamente ao assassino, juntamente com o bilhete e a mensagem que recebi: refiro-me ao facto de essa pessoa estar a par do atropelamento e fuga. Em primeiro lugar, o Max está a par do atropelamento e fuga porque foi ele que o provocou, como é óbvio. É possível que tenha simulado uma ameaça dirigida a si mesmo e aos amigos, de forma a poder atribuir ao Sal a culpa pelo homicídio da Andie.

Mas, como a Naomi disse, o Max sempre passou a vida em festas. A beber e a consumir drogas. É possível que tenha deixado escapar por acaso a história do atropelamento e fuga em conversa com alguém, enquanto estava nesse estado. Alguém que ele conhecesse, como a Nat da Silva ou o Howie Bowers. Ou mesmo a Andie Bell, que por sua vez poderá ter contado tudo a alguma das pessoas supracitadas. O Daniel da Silva era um agente da polícia no ativo que era mobilizado quando se davam acidentes de viação; talvez tenha percebido a ligação entre os dois factos. Ou será que algum deles se encontrava a atravessar aquela estrada nessa mesma noite e assistiu a tudo? É possível que algum dos cinco tenha ficado a saber do acidente e utilizado essa informação para seu próprio proveito. Seja como for, nesse aspeto, o Max continua a ser a opção mais válida.

Sei que, teoricamente, o Max tem um álibi para uma grande parte do período de tempo em que se terá dado o desaparecimento da Andie, mas não consigo confiar nele. Há sempre a possibilidade de ele ter saído quando a Naomi e a Millie já estavam deitadas. Há sempre a possibilidade de isto ter acontecido, desde que tenha intercetado a Andie antes das 00h45, altura em que supostamente ela deveria ter ido buscar os pais. Ou então quem sabe se ele saiu para terminar algo que o Howie tivesse começado? Disse que não saiu de casa nessa noite, mas não acredito nas respostas dele. Acho que quis que eu levasse o meu bluff até ao fim. Acho que sabia que era muito improvável eu entregar a Naomi à polícia, a tal ponto que não se achou obrigado a ser sincero comigo. Estou metida numa espécie de impasse: é-me impossível proteger a Naomi sem acabar inevitavelmente por proteger também o Max.

A outra pista que esta informação me dá é que o assassino terá arranjado maneira de conseguir os nossos números de telemóvel, isto é, o meu, o do Max, da Naomi, da Millie e do Jake. Ainda assim, isto não reduz muito as opções. Obviamente, o Max tinha os nossos números, e o Howie poderia tê-los arranjado através dele. É também provável que a Nat da Silva tivesse os números dele, especialmente tendo em conta que era amiga chegada da Naomi; o Daniel poderia ter arranjado os números através dela. O Jason Bell poderá parecer a ovelha negra nesta história toda, MAS, se de facto matou a Andie e ficou com o telemóvel dela, é provável que ela tivesse todos esses números gravados no aparelho.

Bah! Não consegui reduzir a lista de suspeitos e começo a ficar sem tempo. Preciso de ir atrás de todas as pistas em aberto, preciso de descobrir todas as pontas soltas que, quando puxadas, possam desenredar este imenso e confuso novelo. E preciso de acabar o maldito ensaio sobre a Margaret Atwood!!!

Vinte e Nove

Pip levou a chave à porta de casa e abriu-a de pronto. *Barney* atravessou o átrio aos pulos e acompanhou-a assim que ela entrou em casa, avançando na direção daquelas vozes familiares.

— Olá, picle — disse Victor assim que Pip esticou o pescoço para espreitar para dentro da sala de estar. — Também acabámos de chegar a casa. Daqui a nada começo a preparar algo para eu e a mãe jantar-mos; o Joshua comeu em casa do Sam. Comeste alguma coisa em casa da Cara?

— Sim, comi — disse ela. E de facto tinham comido algo, embora não tivessem falado muito. Cara tinha estado muito calada na escola durante aquela semana. Pip percebia a razão de ser do facto; este seu projeto tinha abalado a estrutura familiar dela, e a vida atual de Cara dependia do facto de Pip descobrir ou não a verdade. Naquele domingo, depois de Max ter saído, ela e Naomi tinham perguntado a Pip quem no seu entender tinha cometido o crime. Pip não lhes contara nada, apenas avisara Naomi para se manter afastada de Max. Não podia correr o risco de partilhar informações secretas a respeito de Andie com eles, não fosse dar-se o caso de esses segredos desencadearem as ameaças do assassino. Era um fardo que teria de carregar.

— Que tal essa reunião de pais? — perguntou Pip.

— Correu bem — disse Leanne, afagando a cabeça de Josh. — Estás a ficar melhor em Ciências e Matemática, não é verdade, Josh?

Josh fez que sim com a cabeça, juntando desajeitadamente as peças de *Lego* espalhadas sobre a mesinha da sala.

— Embora a menina Speller tenha dito que tens uma certa tendência para seres o engraçadinho da turma. — Victor fingiu um ar muito sério e olhou na direção de Josh.

— Pergunto-me onde terá ido buscar isso — disse Pip, olhando desta feita para o pai com o mesmo ar.

Victor soltou uma gargalhadinha desdenhosa e bateu com as palmas das mãos nos joelhos.

— Não sejas respondona, menina.

— Não tenho tempo para isso — disse ela. — Vou trabalhar umas horinhas antes de ir para a cama. — Pip recuou na direção do átrio e avançou para as escadas.

— Oh, minha querida — disse a mãe com um suspiro —, isso já é trabalho a mais.

— Não existe tal coisa — respondeu Pip, acenando para a mãe já nas escadas.

No patamar, deteve-se por instantes junto à porta do quarto e ficou a olhar. A porta estava ligeiramente aberta, e o que vislumbrou lá dentro mexeu com a sua memória dessa manhã antes de ter ido para a escola. Joshua tinha agarrado em dois frascos do *aftershave* de Victor e, com um chapéu de *cowboy* na cabeça e um frasco em cada mão, começara a esguichar a loção à medida que se pavoneava pelo corredor do andar de cima, dizendo: «Pum, pum, sou o pistoleiro do perfume, e esta casa não é suficientemente grande para nós os dois, Pippo.» Pip conseguira escapar, depois de ter fechado a porta ao sair, de forma que o seu próprio quarto não ficasse a cheirar a uma mistura enjoativa de *Brave* e *Pour Homme*. Ou talvez isso tivesse acontecido na manhã do dia anterior? Não andava a dormir bem nessa semana, e os dias pareciam decalcados uns dos outros.

— Esteve alguém no meu quarto? — perguntou ela em voz alta lá para baixo.

— Não, acabámos de chegar — respondeu a mãe.

Pip entrou no quarto e largou a mochila em cima da cama. Aproximou-se então da secretária e bastou um olhar de relance da sua parte para perceber que alguma coisa não estava bem. O portátil estava aberto, com o ecrã inclinado para trás. Pip fechava sempre a tampa do portátil quando este ficava desligado o dia inteiro. Clicou no botão para o ligar e, assim que o portátil reiniciou, reparou que o monte de folhas impressas que tinha deixado impecavelmente alinhadas estava agora desarrumado. Uma das impressões fora retirada e colocada por cima do monte.

Era a fotografia. A prova do álibi de Sal. E não estava onde ela a tinha deixado.

O portátil emitiu duas notas musicais de boas-vindas, e carregou o menu principal; o documento *word* referente à entrada mais recente do seu diário de produção surgiu na barra de ferramentas ao lado de um atalho para o Chrome. Pip clicou para aceder ao diário de produção. O programa abriu na página imediatamente a seguir ao esquema tipo teia de aranha.

Pip ficou boquiaberta.

Por baixo das últimas palavras, alguém tinha escrito: *TENS DE PARAR COM ISTO, PIPPA*.

A mesma coisa repetida vezes sem conta. Centenas de vezes. Tantas que preenchiam a totalidade de quatro folhas A4.

O coração de Pip transformou-se em mil martelos que lhe batiam descompassadamente debaixo da pele. Afastou as mãos do portátil e baixou os olhos para o teclado. O assassino tinha estado ali, no seu quarto. A tocar nas suas coisas. A examinar os materiais da sua investigação. A carregar nas teclas do seu portátil.

Dentro de sua casa.

Afastou-se de rompante da secretária e desceu as escadas em passos largos.

— Hum, mãe — disse, esforçando-se por falar normalmente e por não dar a entender o pavor na sua voz esbaforida —, veio alguém cá a casa durante o dia de hoje?

— Não sei, estive o dia todo no trabalho e depois fui diretamente para a reunião de pais do Josh. Porquê?

— Oh, por nada — disse Pip de improviso. — Encomendei um livro e pensei que podia chegar hoje. Hum... na verdade, é também por outra coisa. Hoje, andou a circular uma história pela escola. Houve uma série de casas que foram arrombadas; parece que alguém anda a usar as chaves sobresselentes das casas para entrar à socapa. Talvez devêssemos guardar as nossas até apanharem o responsável.

— Oh, a sério? — disse Leanne, olhando para a filha. — Sim, acho que é o melhor que temos a fazer.

— Vou buscá-las — disse Pip, tentando não derrapar ao apressar-se na direção da porta de casa.

Abriu a porta de rompante, e logo a corrente de ar frio que fazia nessa noite de outubro lhe fustigou o rosto afogueado. Ajoelhou-se e puxou um dos cantos do capacho da entrada. A chave reluziu diante dos seus olhos, sob a luz do átrio. Não estava debaixo do capacho, mas ao lado da marca que deixara na terra. Pip chegou-se à frente, agarrou na chave, e o contacto com o metal gelou-lhe os dedos.

*

Estava deitada debaixo do edredão, muito hirta e a tremer. Fechou os olhos e ficou à escuta. Ouviu então um arranhar vindo de algum lado. Estaria alguém a tentar entrar em casa? Ou seria apenas o salgueiro que às vezes raspava a superfície da janela do quarto dos pais?

Ouviu-se depois um ruído surdo vindo da porta da frente. Pip saltou da cama. Seria a porta do carro de um vizinho a fechar-se ou alguém a tentar forçar a entrada?

Saiu da cama pela décima sexta vez e aproximou-se da janela. Afastou um canto da cortina e espreitou pela vidraça. Estava escuro. Os carros estacionados no pátio da frente estavam manchados com os raios pálidos de luar, mas o rubor azul-arroxeadado da noite ocultava tudo o resto em redor. Estaria alguém ali, no meio da escuridão? A observá-la? Pôs-se também à espreita, aguardando o menor indício de movimento, esperando que uma nesga de escuro se transformasse na silhueta de uma pessoa.

Pip largou novamente a cortina e voltou para a cama. O edredão tinha-a traído ao perder todo o calor corporal que lhe havia emprestado. Voltou a tiritar debaixo dele e pôde ainda ver o relógio do telemóvel a marcar as três da manhã e

assim sucessivamente.

Quando o vento uivou e fez estremecer a janela do seu quarto, Pip ficou com o coração nas mãos e afastou de repente o edredão, voltando a sair da cama. Mas desta vez foi em bicos de pés até ao patamar das escadas e depois abriu a porta do quarto de Josh. Estava a dormir ferrado, e o brilho da luz de presença azul em forma de estrela banhava-lhe o rosto sereno.

Pip aproximou-se dos pés da cama sem fazer barulho. Subiu então para a cama e arrastou-se até ficar junto à cabeceira, onde estava a almofada, procurando não tocar no corpo adormecido e curvado do irmão. Ele não acordou, mas soltou um gemido ligeiro assim que ela puxou o edredão dele para se tapar. A cama estava muito quente. E Josh estaria a salvo se ela ficasse ali a olhar por ele.

Ficou deitada ao lado do irmão, ouvindo a sua respiração profunda e deixando que o calor do seu sono a aquecesse. Os seus olhos cruzavam-se e tropeçavam um no outro enquanto fixava o que tinha à sua frente, estarrecida com a luz azulada das estrelas que rodopiavam.

— A Naomi tem andado um bocado nervosa desde... tu sabes — disse Cara, conduzindo Pip ao longo do corredor até chegarem aos cacifos. Pairava ainda alguma estranheza entre as duas, uma coisa sólida que só agora começava a derreter nos cantos, embora tanto uma como a outra fingissem que não se passava nada.

Pip não soube o que dizer.

— Bom, ela sempre foi um bocado nervosa, mas agora está mais — prosseguiu Cara independentemente do silêncio da amiga. — Ontem, o pai chamou-a da divisão do lado, e ela deu um salto tão grande que atirou com o telemóvel para o chão da cozinha. Desfez-se em bocados. Teve de o mandar arranjar esta manhã.

— Oh — disse Pip, abrindo o cacifo e guardando uma pilha de livros no seu interior. — Hum... Será que ela precisa de um telemóvel enquanto não recebe o outro? A minha mãe acabou de comprar um novo e ainda tem o velho guardado.

— Nã, a situação está resolvida. Encontrou um telemóvel antigo que tinha guardado há anos. O cartão sim não cabia, mas acabámos por encontrar um cartão pré-pago que ainda tinha saldo. Por agora, serve perfeitamente. — Ela está bem? — perguntou Pip.

— Não sei — foi a resposta de Cara. — Acho que ela não está bem já há muito tempo. Desde que a mãe morreu, na verdade. E sempre achei que não era só isso que a andava a atormentar.

Pip fechou o cacifo e seguiu os passos da amiga. Esperava que Cara não tivesse reparado nos círculos escuros e carregados que tinha em torno dos olhos e que mais pareciam maquilhagem ou mesmo nas veias que os raiavam e injetavam de sangue. O sono deixara de ser uma opção. Pip enviara para Cambridge os ensaios para entrar na universidade e começara entretanto a estudar para o exame ELAT. Mas a data-limite para manter Naomi e Cara afastadas de tudo estava cada vez mais próxima. E, nas alturas em que conseguia dormir, surgia um vulto negro nos seus sonhos, um vulto que a observava continuamente a alguma distância.

— Vai correr tudo bem — disse Pip. — Prometo.

Cara apertou-lhe a mão, e depois afastaram-se, tendo ido cada uma para seu lado ao longo do corredor.

Algumas portas adiante da sala onde tinha aulas de Inglês, Pip estacou bruscamente, e as solas dos seus sapatos chiaram ao deslizarem no piso. Alguém se encaminhava em passo lento na sua direção, alguém de cabelo platinado

cortado à duende e com um longo risco negro no canto de cada olho.

— Nat? — disse Pip, esboçando um aceno com a mão.

Nat da Silva abrandou o passo e estacou muito perto dela. Não sorriu e também não acenou. Mal olhava para Pip.

— O que estás a fazer na escola? — perguntou Pip, reparando que a pulseira eletrónica que cingia o tornozelo de Nat da Silva era agora um chumaço coberto com uma meia por cima do ténis.

— Estou a ver que os pormenores da minha vida passaram subitamente a dizer-te respeito e não me apercebi disso, Penny.

— Pippa.

— Não interessa — disse ela de chofre, curvando o lábio superior num esgar de desprezo. — Se queres saber, até para efeitos desse teu projeto pervertido, bati oficialmente no fundo. Os meus pais deixaram de me dar dinheiro, e ninguém quer contratar-me. Acabei de implorar à lesma daquele diretor de turma que me aceitasse no antigo trabalho de auxiliar do meu irmão. Ao que parece, não podem contratar criminosos violentos. Ora aí está um efeito pós-Andie que podes analisar. Ela conseguiu mesmo levar a dela avante comigo.

— Lamento — disse Pip.

— Não. — Nat voltou-lhe costas e começou a afastar-se em passos largos, e esse movimento brusco desalinhou o cabelo de Pip com uma lufada de vento. — Não, não lamentas.

Após o almoço, Pip voltou ao seu cacifo para ir buscar o manual sobre a Rússia que fazia parte da disciplina de História. Abriu a porta do cacifo e viu logo o papel em cima da sua pilha de livros. Uma folha de papel de impressora dobrada ao meio que alguém enfiara na ranhura superior.

Um pavor gelado acometeu-a de súbito. Lançou um olhar de viés por cima do ombro para se certificar de que não estava a ser observada e depois pegou no bilhete.

É a última vez que te aviso, Pippa. Afasta-te.

Pip leu apenas uma vez as letras pretas impressas em tamanho grande, dobrou novamente a folha e enfiou-a por baixo da capa do manual de História. Tirou o livro — precisou das duas mãos para fazê-lo — e afastou-se dali.

Agora tornava-se tudo claro. Alguém queria que ela soubesse que poderiam apanhá-la tanto em casa como na escola. Queriam assustá-la. E assustada já ela estava; o terror não a deixava dormir e naquelas duas últimas noites tinha-a obrigado a ficar de vigília junto à janela imersa em escuridão. Mas a versão diurna de Pip era mais racional do que a versão noturna. Se esta pessoa estava realmente disposta a fazer-lhe mal, a ela ou à sua família, não o teria já feito por esta altura? Pip não podia simplesmente afastar-se de tudo aquilo, de Sal e de Ravi, de Cara e de Naomi. Estava demasiado envolvida no caso, e a única coisa a

fazer era aprofundá-lo ainda mais.

Andava um assassino escondido algures em Little Kilton. Fosse quem fosse, tinha visto a última entrada do seu diário de produção e agora contra-atacava. O que significava que Pip estava no caminho certo. Não deixava de ser um mero aviso, pelo menos era nisso que tinha de acreditar, e urgia convencer-se disso mesmo enquanto ficava deitada à noite, sem conseguir dormir. E embora o Desconhecido pudesse estar a aproximar-se cada vez mais dela, a verdade é que também ela começava a ficar cada vez mais próxima dele.

Pip empurrou a porta da sala de aula com a lombada do manual, escancarando-a com uma brusquidão que não era de todo propositada.

— Au! — disse Elliot assim que a porta embateu no seu cotovelo.

A porta foi então colidir novamente com Pip, fazendo-a tropeçar e deixar cair o manual, que aterrou com estrondo no chão.

— Desculpe, El... Sr. Ward — disse. — Não sabia que estava atrás da porta.

— Não faz mal — disse ele com um sorriso. — Vou tomar esse gesto como uma vontade insaciável de aprender, e não como uma tentativa de homicídio.

— Bom, estamos agora a dar a Rússia da década de 1930.

— Ah, estou a ver — disse ele, dobrando-se para apanhar o livro dela. — Foi um exemplo prático, portanto?

O bilhete deslizou da capa do manual e voou para o chão. Aterrou ainda dobrado e ficou semiaberto. Pip apressou-se a recuperar a folha, apertando-a entre os dedos.

— Pip?

Pip reparou que Elliot tentava olhá-la nos olhos. Contudo, continuou a olhar para a frente.

— Está tudo bem, Pip? — perguntou ele.

— Sim — disse ela com um aceno de cabeça, mostrando logo um sorriso tenso, ao mesmo tempo que reprimia a sensação que geralmente se tem quando nos perguntam se está tudo bem, quando na realidade está tudo mal. — Está tudo bem.

— Ouve — disse ele num tom amável —, se alguém te anda a provocar, a pior coisa que podes fazer é não contares a ninguém.

— Não — disse ela, voltando-se para ele. — Está tudo bem, a sério.

— Pip?

— Está tudo bem, Sr. Ward — repetiu ela assim que o primeiro grupo de estudantes entretidos a conversar entrou discretamente pela porta, atrás deles.

Tirou o manual das mãos de Elliot e avançou em passo lento para o seu lugar, consciente de que ele a observava.

— Pips — disse Connor ao largar a mochila no lugar ao lado dela. — Perdi-te o rasto depois do almoço. — E depois, num tom de voz sussurrado, acrescentou: — Qual foi a razão daquele ambiente de cortar à faca entre ti e a

Cara? Zangaram-se ou alguma coisa do género?

— Não — respondeu ela —, estamos bem. Está tudo bem.

Diário de Produção — 33.^a Entrada

Não vou ignorar o facto de ter visto a Nat da Silva na escola poucas horas antes de ter encontrado o bilhete no meu cacifo. Especialmente tendo em conta o historial dela no que diz respeito a deixar bilhetes com ameaças de morte em cacifos. E, embora o seu nome tenha chegado agora ao topo da lista suspeitos, isto não é ainda definitivo, de modo algum. Às vezes, numa cidade pequena como Kilton, as coisas que parecem estar de alguma maneira ligadas não passam de meras coincidências e vice-versa. O facto de me ter cruzado por acaso com uma pessoa na única escola secundária da cidade não faz dela imediatamente uma assassina.

Quase toda a gente que integra a minha lista de suspeitos está ligada de uma maneira ou de outra àquela escola. Tanto o Max Hastings como a Nat da Silva frequentaram essa escola, o Daniel da Silva costumava trabalhar lá como auxiliar, e as duas filhas do Jason Bell também ali estudaram. Quanto ao Howie Bowers, ainda não descobri se chegou a frequentar o liceu de Kilton; até agora, ainda não consegui encontrar informações online a respeito dele. Mas todos estes suspeitos saberiam à partida que sou aluna nessa escola; é possível que me tenham seguido até lá ou que me tivessem observado na manhã de sexta-feira em que estive a conversar com a Cara, junto ao meu cacifo. A escola não é propriamente segura; qualquer pessoa pode entrar sem ter de dar explicações.

Por isso, é possível que seja a Nat, sim, mas também qualquer um dos outros. E com isto acabo de voltar ao ponto de partida. Quem será o assassino? O tempo está a passar, e ainda estou longe de poder acusar seja quem for.

De todas as informações que eu e o Ravi já pudemos recolher, continuo a achar que o telemóvel pré-pago da Andie é a pista mais importante. O telemóvel está desaparecido, mas, se conseguirmos encontrá-lo, ao telemóvel ou à pessoa que o tem na sua posse, poderemos dar a nossa missão por concluída. O telemóvel é uma prova concreta e palpável. É precisamente aquilo de que precisamos se queremos arranjar maneira de a polícia voltar a pegar no caso. Há sempre a possibilidade de ignorarem uma fotografia impressa com pormenores pouco nítidos, mas ninguém poderá ignorar a existência de um segundo telemóvel secreto da vítima.

Sim, já por várias vezes levantei a hipótese de o telemóvel pré-pago ter estado na posse da Andie quando ela morreu e de o mesmo se ter perdido para sempre juntamente com o corpo dela. Mas imaginemos que não é o caso. Suponhamos que a Andie foi interceptada ao sair de casa, no seu carro. Suponhamos que foi assassinada e que alguém se livrou do corpo. E então o assassino pensa para si mesmo: oh, não, o telemóvel pré-pago poderá servir de pista para chegarem a mim; e se a polícia o encontrar enquanto estiver a fazer as buscas?

Por isso, a pessoa em questão terá de ir buscá-lo. Segundo pude verificar, na minha lista de pessoas sob suspeita há duas que sabiam da existência do telemóvel pré-pago: o Max e o Howie. Se o Daniel da Silva fosse o amante secreto mais velho, não há dúvida de que também saberia da existência desse telemóvel. No caso do Howie, até sabia onde ela escondera o telemóvel.

E se algum deles foi a casa dos Bells e ficou com o telemóvel pré-pago depois de ter matado a Andie, antes que outra pessoa pudesse encontrá-lo? Tenho mais perguntas a fazer à Becca Bell. Não sei se ela estará disposta a responder, mas pelo menos vou ter de tentar.

Ao aproximar-se do edifício, Pip sentiu guinadas no estômago provocadas pelos nervos, quais farpas aguçadas. Era um pequeno edifício de escritórios com a fachada toda espelhada e um letreiro metálico junto à porta principal que dizia *Kilton Mail*. E, embora fosse segunda-feira de manhã, quem olhasse para o edifício ficava com a sensação de que o mesmo estava abandonado. Não havia o menor sinal de vida ou de movimento em nenhuma das janelas do primeiro andar.

Pip carregou no botão que havia na parede ao lado da porta. Fez então soar um ruído esganiçado que lhe feriu os ouvidos. Largou o botão e, passados segundos, pôde ouvir uma voz abafada e robótica através do altifalante.

— Sim?

— Hum... bom dia — disse Pip. — Gostaria de falar com a Becca Bell.

— OK — ouviu-se a voz do outro lado. — Vou abrir. Tem de empurrar a porta com força porque está um bocado perra.

Ouviu-se então um zunir agressivo. Pip empurrou a porta, segurando-a com a anca, e depois a porta desemperrou com um ruído seco e deslizou para dentro. Fechou-a ao entrar e deteve depois os passos numa sala pequena e gelada. Pôde ver três sofás e duas mesinhas de centro, mas não havia sinal de gente.

— Bom dia...? — chamou ela.

Abriu-se então uma porta, e um homem entrou descontraidamente na sala, ajeitando a gola do seu sobretudo bege. Um homem pálido que usava o cabelo escuro liso com risca ao lado. Era Stanley Forbes.

— Oh... — Estacou assim que viu Pip. — Ia mesmo agora sair. Eu... quem és tu?

Olhou para ela com os olhos semicerrados e o queixo espetado, e um arrepio percorreu Pip de alto a baixo. Estava frio naquela sala.

— Vim cá falar com a Becca — disse.

— Ah, sim. — Sorriu sem mostrar os dentes. — Hoje está toda a gente a trabalhar na sala das traseiras. O aquecimento não está a funcionar na sala da frente. Por aqui — disse, apontando na direção da porta pela qual saíra.

— Obrigada — disse ela —, mas Stanley não pareceu ouvir. Estava já de saída, e, passados instantes, a porta fechou-se com estrondo, abafando a parte final do seu agradecimento.

Pip atravessou a sala na direção da porta do lado oposto e empurrou-a. Um pequeno corredor dava para uma sala mais ampla, com quatro secretárias atulhadas de papéis encostadas às quatro paredes em volta. Estavam três

mulheres na sala, sentadas às respetivas secretárias, cada uma a teclar ininterruptamente no computador, tocando em unísono uma espécie de canção tiquetaqueante que preenchia a atmosfera da sala. Com o barulho, nenhuma delas se apercebera da sua presença.

Pip avançou na direção de Becca Bell, vendo o seu cabelo louro e curto apanhado à pressa num carrapito, e depois tossicou.

— Olá, Becca — disse.

Becca girou na cadeira, e as outras duas mulheres levantaram os olhos do teclado.

— Oh — disse ela —, afinal eras tu que querias falar comigo. Não devias estar na escola?

— Sim, era eu. Estamos nas férias intercalares — disse Pip, mexendo-se com algum nervosismo enquanto Becca a fixava com o olhar, lembrando-se de que fora por um triz que Becca não os tinha apanhado, a ela e a Ravi, na residência dos Bells. Pip olhou então por cima do ombro de Becca, fixando o ecrã do computador cheio de palavras digitadas.

Becca olhou para onde Pip estava a olhar e depois voltou-se para minimizar o documento.

— Desculpa — disse —, é a primeira peça que estou a escrever para o jornal, e o meu primeiro rascunho está péssimo. Só eu é que posso ver — disse ela com um sorriso.

— Qual é o tema? — perguntou Pip.

— Hum... é só sobre uma casa de campo que está abandonada já há onze anos, mesmo à saída de Kilton, em Sycamore Road. Parece que não conseguem vendê-la. — Levantou os olhos para Pip. — Alguns dos vizinhos estão a pensar em fazer uma coleta para a comprar. Parece que querem arranjar uma licença e transformar o edifício num *pub*. No meu artigo, tento explicar por que razão é uma péssima ideia.

Uma das mulheres que se encontrava do outro lado da sala interveio:

— O meu irmão mora lá perto e não acha a ideia assim tão má. Cerveja à pressão mesmo ao virar da esquina... Está esfuziante. — Ao dizer isto, soltou uma gargalhada seca e estridente, olhando depois na direção da outra colega para ela fazer coro.

Becca encolheu os ombros, olhando depois para as duas mãos enquanto mexia na manga da camisola.

— Só acho que o espaço é digno de um dia voltar a ser um lar para uma família. Há uns anos, o meu pai esteve quase a comprar a casa com a intenção de a restaurar, antes de tudo ter acontecido. Acabou por mudar de ideias, mas sempre perguntei a mim mesma como as coisas teriam sido se não tivesse voltado atrás nessa decisão.

Os outros dois teclados ficaram em silêncio.

— Oh, Becca, minha querida — disse a mulher —, não fazia ideia de que era essa a razão. Bom, agora sinto-me péssima. — Bateu com a palma da mão na testa. — Hoje sou eu que sirvo o chá.

— Não, não te preocupes. — Becca mostrou-lhe um sorriso débil.

As outras duas voltaram para os respetivos computadores.

— Pippa, certo? — Becca falava agora em voz baixa. — Em que te posso ser útil? Se é sobre aquilo de que falámos, já sabes que não me quero envolver nisso.

— Confia em mim, Becca — disse Pip, passando a falar aos sussurros. — Isto é importante. Muito importante. Por favor.

Os olhos azuis e arregalados de Becca demoraram-se nos seus durante alguns instantes.

— Está bem. — Levantou-se da cadeira. — Vamos até à sala da frente.

A sala pareceu-lhe ainda mais fria nessa segunda visita. Becca sentou-se no sofá que estava mais próximo e cruzou as pernas. Pip ocupou um lugar no lado oposto e encarou-a.

— Hum... portanto... — A sua voz começou a vacilar, já que não sabia ao certo como se expressar nem até que ponto devia abrir o jogo com ela. Hesitou, ficando a olhar para o rosto de Becca, que apresentava claras semelhanças com o de Andie.

— O que é? — perguntou Becca.

Pip conseguiu finalmente falar.

— Bom, enquanto andava a investigar o caso, cheguei à conclusão de que a Andie pode ter andado a traficar droga e a vendê-la nas festas-calamidade.

As sobrancelhas finas de Becca franziram-se assim que lançou um olhar desconfiado a Pip.

— Não — acabou por dizer —, isso é impossível.

— Desculpa, mas já o confirmei junto de várias fontes — disse Pip.

— Não é possível que ela tenha feito isso.

— O homem que lhe fornecia as drogas deu-lhe um segundo telemóvel secreto, um telemóvel pré-pago para ela usar nos negócios — prosseguiu Pip, ignorando os protestos de Becca. — Disse que a Andie costumava esconder o telemóvel e o material no *closet*.

— Desculpa dizer-te isto, mas acho que alguém anda a pregar-te uma partida — disse Becca, abanando a cabeça. — É impossível que a minha irmã andasse a vender droga.

— Percebo que seja difícil ouvir isto — disse Pip —, mas entretanto fiquei a saber que a Andie tinha muitos segredos. Este era um deles. A polícia não encontrou o telemóvel pré-pago no quarto dela, e estou a tentar descobrir quem poderia ter tido acesso ao quarto da Andie depois de ela ter desaparecido.

— O quê... mas... — balbuciou Becca, ainda a abanar a cabeça. — Ninguém teve acesso; a casa foi selada.

— Antes de a polícia ter chegado, quero eu dizer. Depois de a Andie ter saído de casa e antes de os teus pais terem descoberto que ela estava desaparecida. Achas que haveria maneira de alguém entrar em tua casa sem saberes? Já tinhas ido dormir?

— Eu... eu... — A voz dela mudou. — Não, não sei. Não estava a dormir, estava no andar de baixo a ver televisão. Mas tu...

— Sabes quem é o Max Hastings? — apressou-se Pip a perguntar, antes que ela pudesse levantar novas objeções.

Becca ficou a olhar para ela, agora com uma expressão confusa a toldar-lhe o olhar.

— Hum... — disse —, sim, era amigo do Sal, não era? Aquele tipo louro.

— Alguma vez o viste rondar a vossa casa depois de a Andie ter desaparecido?

— Não — respondeu ela num ápice. — Não, mas porque é que...

— E o Daniel da Silva? Sabes quem é? — perguntou Pip, na esperança de que aquele interrogatório abrupto estivesse a resultar e de que Becca pudesse responder antes de se lembrar de não responder.

— O Daniel — disse ela. — Sim, sei quem é. Era próximo do meu pai.

Pip semicerrou os olhos.

— O Daniel da Silva era próximo do teu pai?

— Sim — disse Becca, fungando. — Chegou a trabalhar durante algum tempo para o meu pai, depois de ter largado aquele trabalho de auxiliar lá na escola. O meu pai é dono de uma empresa de limpeza. Mas entretanto engraçou com o Daniel e promoveu-o a um cargo de escritório. Foi ele que convenceu o Daniel a candidatar-se a agente da polícia e também foi ele que o sustentou durante a formação. Sim. Não sei se ainda se dão; não falo com o meu pai.

— Então costumavas ver o Daniel com bastante frequência, presumo? — perguntou Pip.

— Sim, bastante. Ele aparecia lá em casa muitas vezes, às vezes ficava para jantar. O que tem isso a ver com a minha irmã?

— O Daniel era agente da polícia quando se deu o desaparecimento da tua irmã. Chegou a estar envolvido de alguma maneira no caso?

— Bom, sim — respondeu Becca —, foi um dos primeiros agentes a responder à chamada quando o meu pai reportou o caso à polícia.

Pip sentiu-se a balançar para a frente, com as mãos apoiadas na almofada do sofá, totalmente absorta naquelas palavras de Becca.

— Ele fez buscas na casa?

— Sim — disse Becca. — Ele e uma agente recolheram os nossos depoimentos e depois fizeram uma busca preliminar.

— Terá sido o Daniel a revistar o quarto da Andie?

— É possível, sim. — Becca encolheu os ombros. — Sinceramente, não estou

a ver onde é que queres chegar com esta conversa. Acho que alguém te induziu em erro. A Andie não andava metida em drogas.

— O Daniel da Silva foi a primeira pessoa a ter acesso ao quarto da Andie — disse Pip, mais para si mesma do que para Becca.

— O que é que isso importa? — disse Becca, já com sinais de irritação na voz. — Todos nós sabemos o que se passou naquela noite. Sabemos que foi o Sal que a matou, independentemente daquilo que a Andie ou outra pessoa qualquer pudesse andar a tramar.

— Não tenho assim tanta certeza disso — disse Pip, arregalando os olhos na esperança de transmitir alguma eloquência. — Não estou assim tão segura de que tenha sido o Sal a cometer o crime. E acho que estou quase a conseguir prová-lo.

Diário de Produção — 34.^a Entrada

A Becca Bell não acolheu bem a minha sugestão de que o Sal pode estar inocente. Acho que o facto de me ter pedido para sair foi prova suficiente disso mesmo. Não me surpreende. Durante cinco anos e meio seguidos, viveu com a certeza inabalável de que tinha sido o Sal a matar a Andie, cinco anos e meio que lhe foram necessários para fazer o luto da própria irmã. E agora apareço eu em cena, a desenterrar novamente o assunto e a dizer-lhe que está enganada.

Mas em breve terá de acreditar, juntamente com toda a população de Kilton, quando eu e o Ravi descobrirmos quem realmente matou a Andie e o Sal.

Após a minha conversa com a Becca, está a parecer-me que o candidato número um na minha lista de pessoas sob suspeita voltou a mudar. Não só consegui deslindar uma forte ligação entre dois dos nomes nessa lista (mais uma possível dupla assassina: Daniel da Silva e Jason Bell?) como acabei também por confirmar as minhas suspeitas em relação ao Daniel. Não só teve acesso ao quarto da Andie depois de ela ter desaparecido como é também bastante provável que tenha sido a primeira pessoa a revistá-lo! Ter-se-ia deparado com a oportunidade perfeita de deitar mão ao telemóvel pré-pago antes de o esconder, eliminando qualquer indício que pudesse associá-lo à vida de Andie.

As pesquisas na Internet não revelam nada de útil a respeito do Daniel. Ainda assim, acabei de ver isto na página da Polícia de Thames Valley, na secção dedicada à zona de Kilton:

Reuniões «Dê-nos a sua opinião»

Encontre-se com os agentes da polícia da sua zona de residência e dê a sua opinião sobre as prioridades de policiamento locais.

Próximos eventos:

Tipo: Reunião «Dê-nos a sua opinião»

Data: Terça-feira, 24 de outubro de 2017

Hora: 12h00—13h00

Local: Biblioteca de Little Kilton

Em Kilton, contam-se apenas cinco agentes da polícia destacados para a esquadra local e dois agentes para prestarem apoio à comunidade local. Creio que é bastante provável que o Daniel esteja presente. Por outro lado, acho bastante improvável que me vá dizer alguma coisa.

Trinta e Dois

— E ainda há muitos jovens a mandriar no jardim público ao final da tarde — grasnou uma senhora de idade, de braço levantado ao lado da cabeça.

— Já falámos nesse assunto na última reunião, Sra. Faversham — ouviu-se a voz de uma agente da polícia de cabelo encaracolado. — Não estão a ter nenhum comportamento antissocial. Estão simplesmente a jogar futebol depois das aulas.

Pip estava sentada numa cadeira amarela fluorescente de plástico e era uma das doze pessoas que compunham aquela parca assistência. Estava escuro e abafado na biblioteca, e o ar enchia-lhe as narinas com aquele cheiro cósmico e maravilhoso dos livros antigos, a que se misturava o cheiro bafiento das pessoas idosas.

A reunião decorria lenta e penosamente, mas Pip mantinha-se alerta e vigilante. Daniel da Silva era um dos três agentes que faziam a vez de oradores. Era mais alto do que estava à espera, vendo-o ali de pé, envergando a sua farda preta. O seu cabelo era castanho-claro e ondulado, e usava-o puxado para trás. Tinha o rosto bem barbeado, um nariz estreito e arrebitado e uns lábios grossos e bem torneados. Pip fez um esforço para não ficar a olhar para ele durante longos intervalos de tempo, não fosse reparar nisso.

Havia também outro rosto familiar presente na sala, apenas a três lugares atrás de Pip. O homem levantou-se de repente, praticamente já de mão estendida para os agentes.

— Stanley Forbes, do *Kilton Mail* — disse. — Vários dos nossos leitores têm-se queixado de que as pessoas continuam a conduzir em excesso de velocidade na rua principal. Como pensam resolver este problema?

Foi então a vez de Daniel se chegar à frente, fazendo sinal com a cabeça para que Stanley voltasse a ocupar o seu lugar. — Obrigado, Stan — disse. Já foram implementadas medidas nessa rua para moderar o tráfego. Também já ponderámos a hipótese de implementarmos sistemas de deteção de velocidade, e, se esta é uma questão premente, terei todo o gosto em retomar essa discussão com os meus superiores.

Houve ainda tempo para a Sra. Faversham apresentar mais duas queixas no seu tom de voz lento e arrastado, e depois a reunião chegou finalmente ao fim.

— Se tiverem outras questões relacionadas com o policiamento da zona — disse a terceira agente, claramente evitando trocar olhares com a velha Sra. Faversham —, façam o favor de preencher os questionários que encontram atrás de vós — disse, apontando. — E, se preferirem falar com algum de nós em privado, ainda estaremos por aqui mais uns dez minutos.

Pip controlou-se durante algum tempo, não querendo parecer demasiado impaciente. Esperou até que Daniel acabasse de conversar com um dos voluntários da biblioteca e depois levantou-se da cadeira e abordou-o.

— Olá — disse.

— Olá — disse ele com um sorriso. — Pareces-me demasiado nova para uma reunião deste género, umas quantas décadas, talvez.

Ela encolheu os ombros.

— A lei e crime são questões que me interessam.

— Não há nada de muito interessante em Kilton — disse ele —, só miúdos a vadiar por aí e uns quantos carros que excedem ligeiramente o limite de velocidade.

Oh, se fosse só isso...

— Então nunca prendeu ninguém devido a transações suspeitas de salmão? — disse ela, soltando um riso nervoso.

Daniel fitou-a com um olhar inexpressivo.

— Oh, é... isto é mesmo uma lei britânica. — Pip pôde sentir as faces ficarem vermelhas. Porque não se limitara a mexer no cabelo ou a brincar com os dedos, como fazem as pessoas normais quando estão nervosas? — A Lei do Salmão de 1986 decretou que é ilegal... hum... esqueça. — Abanou a cabeça. — Gostava de lhe fazer algumas perguntas.

— Podes dizer — disse ele —, desde que não seja sobre salmão.

— Não é. — Pip tossicou para o punho e ergueu o olhar. — Lembra-se de ter sido feita alguma reportagem há cinco ou seis anos sobre consumo de drogas e adulteração de bebidas em festas organizadas pelos alunos da escola secundária de Kilton?

Cerrou o maxilar e afundou os cantos dos lábios num esgar pensativo.

— Não — disse por fim —, não me lembro disso. Queres denunciar algum crime?

Ela abanou a cabeça.

— Não. Sabe quem é o Max Hastings? — perguntou.

Daniel encolheu os ombros.

— Conheço por alto a família Hastings. Foi a minha primeira chamada ao serviço sozinho já depois de ter acabado a formação.

— O que aconteceu?

— Oh, nada de especial. O filho deles tinha batido com o carro numa árvore, mesmo à frente de casa. Precisavam de fazer o registo da ocorrência por causa do seguro. Porquê?

— Por nenhuma razão em especial — disse ela, fingindo um ar de indiferença. Pôde então reparar que os pés de Daniel começavam já a afastar-se dela. — Só mais uma coisa que gostaria de saber.

— Sim?

— O Daniel foi um dos primeiros agentes a responder à chamada quando a Andie Bell foi dada como desaparecida. Conduziu as buscas preliminares na residência Bell.

Daniel fez que sim com a cabeça, franzindo ligeiramente o sobrolho.

— Não terá havido aí algum conflito de interesses, tendo em conta que era bastante próximo do pai dela?

— Não — disse ele —, não houve. Quando tenho esta farda vestida, sou um profissional. E devo dizer-te que não estou a gostar nada do rumo que esta conversa está a tomar. Com licença. — Afastou-se ligeiramente, arrastando os passos.

Precisamente nessa altura, surgiu uma mulher por trás de Daniel, que se foi colocar entre ele e Pip. Tinha cabelo louro e comprido, um nariz cheio de sardas, e por baixo do seu vestido sobressaía uma barriga gigante. Devia estar grávida de pelo menos uns sete meses.

— Ora viva — disse ela a Pip num tom de amabilidade forçada. — Sou a mulher do Dan. É muito raro apanhá-lo a falar com uma rapariga tão nova. Deixa-me dizer-te que não fazes muito o género dele.

— Kim — disse Daniel, pondo o braço atrás das costas dela —, vamos.

— Quem é esta?

— É uma miúda qualquer que veio à reunião. Não sei. — Conduziu então a mulher para o outro lado da sala.

À saída da biblioteca, Pip lançou um último olhar em redor. Daniel estava ao lado da mulher e conversava com a Sra. Faversham, esquivando-se deliberadamente ao seu olhar do outro lado da sala. Pip empurrou a porta e saiu, aconchegando-se ainda mais no seu casaco caqui assim que o ar gelado a envolveu. Ravi encontrava-se à sua espera logo ao cimo da estrada, do lado oposto da cafetaria.

— Tomaste a decisão acertada ao não teres ido comigo — disse ela ao aproximar-se dele. — Ele teve uma atitude muito hostil, e era só eu. O Stanley Forbes também estava lá.

— Um tipo impecável — disse Ravi num tom sarcástico, afundando as mãos nos bolsos para as proteger do vento cortante. — Não conseguiste sacar nenhuma informação, portanto?

— Oh, eu não disse isso — respondeu Pip, aproximando-se um pouco mais dele para se abrigar do vento. — Houve uma coisa que ele deixou escapar; nem sei se se apercebeu disso.

— Para de fazer essas pausas dramáticas.

— Desculpa — disse ela. — Ele disse que conhecia os Hastings, que tinha sido ele a registar a ocorrência quando o Max bateu com o carro na árvore que eles têm perto da entrada.

— Oh... — disse Ravi, e os seus lábios descolaram-se ao moldar a vogal. —

Então ele... talvez tenha ficado a saber do atropelamento e fuga?

— É possível, sim.

As mãos de Pip estavam agora de tal modo geladas que começavam a curvar-se em forma de garras. Estava prestes a sugerir que voltassem para sua casa quando Ravi ficou de repente muito hirto, fixando com o olhar um ponto algures atrás dela.

Pip voltou-se.

Daniel da Silva e Stanley Forbes tinham acabado de sair da biblioteca, e a porta fechara-se com estrondo. Estavam os dois absortos numa conversa em voz baixa, e Daniel parecia explicar algo ao mesmo tempo que gesticulava com as mãos. A cabeça de Stanley rodou num semicírculo, à maneira das corujas, sondando as imediações, e foi então que avistou Pip e Ravi.

Os olhos de Stanley tornaram-se gélidos, e esse olhar transformou-se numa rajada de vento que soprou, agitada, entre os dois homens. Daniel percorreu a distância com o olhar e reconheceu-os, mas os seus olhos focaram-se unicamente em Pip, um olhar aguçado e corrosivo.

Ravi pegou-lhe na mão.

— Vamos embora — disse.

Trinta e Três

— Pronto, puppuccino — disse Pip a *Barney*, dobrando-se para soltar a trela da coleira de tecido axadrezado. — Podes ir.

O cão ergueu o focinho para Pip, olhando para ela de esguelha com os seus olhos risonhos. E, quando ela se levantou, *Barney* afastou-se logo, seguindo aos pulos pelo trilho lamacento e ziguezagueando por entre as árvores com aquela sua maneira de correr que lembrava sempre um cachorrinho.

A mãe dela tinha razão; era demasiado tarde para sair de casa e ir dar uma volta. No bosque, começava já a escurecer, e a massa cinzenta do céu espreitava pelos intervalos das árvores pintalgadas de outono. Era já um quarto para as seis, e a aplicação que a informava do estado do tempo dizia-lhe agora que o pôr do sol começaria dentro de dois minutos. Não podia demorar-se muito; precisava apenas de andar um pouco e de sair da sua área de trabalho. Precisava de apanhar ar. Precisava de espaço.

Tinha passado o dia a saltitar entre o estudo para o exame que ia ter na semana seguinte e uma análise atenta da sua lista de suspeitos. Passara tanto tempo a olhar para essa lista que às tantas começara a ficar estrábica, divisando linhas imaginárias e intrincadas que brotavam das pontas das letras de um nome para se imiscuírem logo em torno de outros, isto até a lista se transformar numa amálgama caótica de nomes e de ligações complexas.

Pip não sabia o que fazer. Talvez devesse tentar falar com a esposa de Daniel da Silva; não há dúvida de que havia uma fricção bastante palpável entre os dois. E qual seria o motivo dessa fricção, que segredos poderiam estar por detrás disso? Ou será que devia voltar a focar-se no telemóvel pré-pago e ponderar inclusive entrar à socapa nas casas dos suspeitos que sabiam da existência desse telemóvel, na esperança de o encontrar?

Não.

Decidira dar uma volta para tirar Andie Bell do pensamento e limpar a cabeça. Enfiou a mão no bolso e retirou os auscultadores, começando a desenrolar o fio. Enfiou-os de seguida nos ouvidos e carregou no *play* do ecrã do telemóvel, retomando o episódio do *podcast* sobre crimes reais que andava a ouvir. Teve de aumentar o som, procurando ouvir alguma coisa por cima do crepitar que as galochas faziam ao pisarem as folhas caídas pelo caminho.

Enquanto escutava a voz que lhe falava aos ouvidos sobre a história de outra rapariga assassinada, Pip tentava esquecer-se do caso que tinha em mãos.

Optou por dar uma volta curta pelo bosque, mantendo sempre os olhos colados às sombras descarnadas dos ramos mais acima, sombras que se tornavam

mais ténues à medida que a escuridão se adensava em seu redor. Quando o crepúsculo ameaçou transformar-se em escuridão, Pip abandonou o trilho, mergulhando na zona arborizada de forma a alcançar mais rapidamente a estrada. Chamou por *Barney* assim que conseguiu avistar o portão que dava para a estrada, cerca de nove metros à sua frente.

Assim que alcançou o portão, interrompeu o episódio do *podcast* e enrolou novamente os auscultadores à volta do telemóvel.

— Vamos, *Barney* — chamou, enfiando o telemóvel no bolso.

Na estrada, um carro passou a toda a velocidade, e os faróis ofuscaram Pip assim que ela olhou na sua direção.

— Canito! — chamou ela, desta vez com uma voz mais alta e esganiçada. — Vamos, *Barney*!

As árvores permaneciam escuras e inertes.

Pip molhou os lábios e assobiou.

— *Barney*! Aqui, *Barney*!

À distância, não ouviu o som de patas pisarem as folhas caídas. Nem um súbito brilho dourado por entre a folhagem. Nada.

Começou a sentir o medo a atravessá-la de alto a baixo.

— *Bar-ney*! — gritou com uma quebra de voz.

Desatou a correr pelo mesmo caminho que tinha feito até ali chegar, mergulhando na escuridão do arvoredor.

— *Barney* — gritou, furando pelo trilho, ainda com a trela do cão a balouçar na mão, desenhando largos círculos no vazio.

Trinta e Quatro

— Mãe, Pai! — Pip abriu a porta da frente com um empurrão, acabando por escorrer no tapete da entrada e por cair de joelhos. As lágrimas ardiam-lhe nos olhos e formavam já uma pequena poça entre os lábios. — Pai!

Victor assomou à porta da cozinha.

— Pickle? — disse. E foi então que a viu. — O que se passa, Pippa? O que aconteceu?

Aproximou-se num ápice, e ela pôs-se novamente de pé.

— O *Barney* desapareceu — disse por fim. — Não veio ter comigo quando o chamei. Dei a volta ao bosque inteiro enquanto chamava por ele. Desapareceu. Não sei o que fazer. Perdi-o, pai.

Agora, era também a mãe e Josh que estavam à entrada a olhar para ela em silêncio.

Victor apertou-lhe o braço.

— Não há problema, pickle — disse ele no seu tom animado e caloroso. — Vamos encontrá-lo; não te preocupes.

O pai agarrou no quispo acolchoado e volumoso que estava pendurado no armário do andar de baixo e pegou em duas lanternas. Obrigou Pip a calçar um par de luvas antes de lhe passar uma das lanternas para as mãos.

Quando chegaram ao bosque, era já noite cerrada. Pip encaminhou o pai pelo trilho que tinha tomado antes. Os focos brancos das duas lanternas rompiam a escuridão.

— *Barney!* — chamou o pai com a sua voz de trovão, projetando-se em forma de eco por entre as árvores em redor.

Foi só passado duas horas, quando já fazia muito mais frio, que Victor disse que estava na hora de irem para casa.

— Não podemos voltar para casa sem o encontrarmos primeiro! — disse ela, fungando.

— Escuta. — Victor virou-se para ela, com a lanterna a iluminá-los de baixo para cima. — Agora está demasiado escuro. Amanhã de manhã acabaremos por o encontrar. Deve ter-se perdido algures, mas aguenta bem por uma noite.

Pip foi diretamente para a cama depois de um jantar tardio e silencioso. Os pais subiram os dois até ao seu quarto e sentaram-se na colcha. A mãe afagou-lhe o cabelo enquanto ela tentava não chorar.

— Desculpem — disse Pip. — Desculpem, a sério.

— Não é culpa tua, querida — disse Leanne. — Não te preocupes. Ele acabará por encontrar o caminho para casa. Agora vê se tentas dormir.

Mas Pip não conseguiu cair no sono. Não num sono profundo, pelo menos. Apossara-se dela aos poucos um pensamento que não parecia largá-la: e se aquilo fosse realmente culpa sua? E se tivesse acontecido porque ignorara o último aviso? E se alguém tivesse levado *Barney*, ao invés de ele se ter perdido no meio do bosque? Porque não estivera mais atenta?

Estavam todos sentados na cozinha a comer sem apetite um pequeno-almoço matutino. Victor, que também parecia ter dormido pouco, já tinha telefonado para o trabalho a avisar que ia tirar um dia de folga. Elaborou então o plano de ação que deveriam seguir entre colheradas de cereais: ele e Pip regressariam juntos ao bosque. Depois, tratariam de alargar as buscas, com o objetivo de ir de porta em porta perguntar por *Barney*. A mãe e Josh ficariam em casa a fazer alguns cartazes a dar conta do desaparecimento do cão. Depois, tratariam de os colar na rua principal e de os distribuir pelas pessoas. Assim que dessem estas tarefas por terminadas, encontrar-se-iam todos para continuar as buscas noutras zonas arborizadas pela cidade.

Ouviram um latido no bosque, e o coração de Pip começou a bater disparado, mas era apenas uma família que passeava com dois *bigles* e um *labradoodle*. Disseram que não tinham visto um *golden retriever* passear sozinho por ali, mas que começariam a procurá-lo.

Pip estava rouca quando acabaram de dar uma volta ao bosque pela segunda vez. Começaram então a bater à porta das casas dos vizinhos que moravam em Martinsend Way; ninguém tinha visto um cão perdido.

Ao início da tarde, o apito do comboio a anunciar uma mensagem recebida no telemóvel de Pip retumbou na floresta mergulhada em silêncio.

— É a mãe? — perguntou o pai dela.

— Não — disse Pip, lendo a mensagem. Era Ravi. *Ei, dizia a mensagem, acabei de ver cartazes na cidade a dizer que o Barney estava desaparecido. Estás bem? Precisas de ajuda?*

Pip tinha os dedos demasiado tolhidos pelo frio para conseguir responder.

Pararam por instantes para comer umas sanduíches e depois continuaram as buscas, agora com a mãe e Josh a acompanhá-los, abrindo caminho por entre as árvores e atravessando uma propriedade privada, enquanto o vento levava um coro de vozes que chamavam por *Barney* aos berros.

Mas o mundo parecia voltar-lhes as costas, e entretanto não tardou novamente a escurecer.

Já de volta a casa, exausta e em silêncio, Pip foi debicando um pouco do jantar de comida tailandesa que Victor tinha ido buscar à cidade. A mãe tinha posto um filme da Disney na televisão, na tentativa de animar um pouco o ambiente, mas Pip continuava de olhos postos nos *noodles*, enrolados à volta do

garfo como se fossem minhocas apertadas umas contra as outras.

Deixou cair o garfo assim que o apito do comboio voltou a soar, vibrando no seu bolso.

Pousou então o prato em cima da mesinha da sala e tirou o telemóvel do bolso. O ecrã ofuscou-a de súbito.

Pip esforçou-se ao máximo para eliminar a expressão de pavor que tinha no olhar, procurando ao mesmo tempo cerrar o maxilar. A custo, assumiu um ar inexpressivo e pousou o telemóvel com o ecrã para baixo no sofá.

— Quem era? — quis saber a mãe.

— Era a Cara.

Não era. Era o Desconhecido: *Queres voltar a ver o teu cão?*

Trinta e Cinco

A mensagem seguinte só veio às onze horas da manhã seguinte.

Victor tinha ficado a trabalhar a partir de casa. Foi ao quarto de Pip por volta das oito e disse-lhe que iam sair para fazer mais uma busca e que estariam de regresso à hora de almoço.

— É melhor ficares por aqui e continuares a rever a matéria — disse ele. — Este exame é muito importante. Deixa o *Barney* connosco.

Pip assentiu com a cabeça. De certo modo, ficou até aliviada. Achava que não seria capaz de se pôr a caminho juntamente com a família e de chamar aos berros o nome de *Barney*, sabendo de antemão que não o encontrariam. Isto porque *Barney* não estava perdido, simplesmente alguém o levará. A mesma pessoa que tinha matado Andie Bell.

Porém, não podia agora perder tempo a odiar-se a si mesma, perguntando-se porque não dera ouvidos às ameaças ou porque fora estúpida ao ponto de se achar invencível. Só queria recuperar *Barney*. Era só isso que importava.

Já se tinham passado duas horas desde que a família se ausentara quando o seu telemóvel soou com um guincho estridente, fazendo-a estremecer e entornar café por cima do edredão. Agarrou no telemóvel e leu várias vezes a mensagem recebida.

Pega no teu computador e num dispositivo USB ou disco rígido qualquer em que tenhas guardado o teu projeto. Leva esse material contigo até ao parque de estacionamento do clube de ténis e avança 70 metros na direção das árvores do lado direito. Não digas nada a ninguém e vem sozinha. Se seguires estas instruções, terás o teu cão de volta.

Pip levantou-se num salto, voltando a entornar café sobre a cama.

Entrou rapidamente em ação, antes que o medo pudesse gelá-la e paralisá-la. Despiu o pijama num ápice e enfiou uma camisola e umas calças de ganga. Agarrou na mochila, abriu os fechos e virou-a ao contrário, deixando cair os livros e a agenda da escola para o chão. Desligou o portátil da tomada e enfiou-o na mala, juntamente com o carregador. Dentro da gaveta do meio da sua secretária estavam os dois cartões de memória onde tinha guardado o seu projeto. Pegou nos cartões e enfiou-os também na mala, por cima do computador.

Desceu então as escadas a correr, quase tropeçando ao pôr a pesada mochila às costas. Calçou num ápice as botas de caminhada, vestiu o casaco e agarrou nas chaves do carro que tinha deixado em cima do móvel da entrada. Não havia tempo para pensar a fundo na questão. Se parasse para pensar, hesitaria e acabaria por o perder para sempre.

Já na rua, pôde sentir o vento gelado a colar-se-lhe ao pescoço e aos dedos.

Correu para o carro e entrou. As suas mãos transpiravam e tremiam ao volante ao arrancar com o carro.

Levou cinco minutos a chegar ao destino. Teria chegado antes se não tivesse apanhado um condutor bastante lento no caminho, tendo seguido colada ao seu carro ao mesmo tempo que fazia sinais de luzes para que se desviasse da faixa.

Virou para o parque de estacionamento que ficava um pouco para lá dos campos de ténis e deixou o carro no primeiro lugar vazio que encontrou. Agarrou na mochila, que tinha pousado no lugar ao lado do seu, saiu do carro e seguiu logo na direção das árvores que ladeavam o parque de estacionamento. Antes de abandonar o chão de cimento e pisar na lama, Pip deteve-se por instantes a olhar por cima do ombro. Havia uma equipa de miúdos dispersa pelos campos de ténis, miúdos que berravam e atiravam bolas à vedação. Duas mãos tagarelavam junto a um carro, acompanhadas dos respetivos filhotes, que também soltavam guinchinhos. Não havia ninguém por perto com os olhos postos nela. Não reconheceu nenhum carro em redor. Nenhuma pessoa. Se estava a ser observada, não se apercebia disso.

Voltou-se novamente na direção das árvores e começou a andar. Contou mentalmente cada passo, entrando em pânico só de pensar que podia estar a dar passos demasiado largos ou demasiado curtos e que acabaria por não ir dar ao lugar pretendido.

Ao dar trinta passos, o seu coração já batia com uma força que lhe dificultava a respiração.

Aos sessenta e sete, foi a vez de começar a sentir um formigueiro na pele junto ao peito e às axilas enquanto o suor vinha à superfície.

Aos noventa e quatro, começou a murmurar muito baixinho: «Por favor, por favor, por favor.»

E então, depois de ter avançado cem passos na direção das árvores, parou e ficou à espera.

Não havia nada à sua volta, nada exceto a sombra das árvores seminuas e mosqueadas de sol, e o manto de folhas caídas na lama, cujas matizes iam do rubro ao amarelo-pálido.

Souu então um assobio longo e agudo vindo do céu, que rapidamente se decompôs em quatro breves trinados. Olhou para cima e viu um milhafre vermelho voar por cima da sua cabeça, que, a contraluz, no céu cinzento, era apenas uma silhueta de largas asas e contornos acentuados. O pássaro voou até ela o perder de vista, e então voltou a ficar sozinha.

Já se passara quase um minuto depois da hora marcada quando o telemóvel estridulou no seu bolso. Pegou nele com gestos desajeitados e baixou os olhos para a mensagem escrita.

Destrói tudo e deixa aí as coisas. Não contes a ninguém aquilo que sabes. Nem mais uma pergunta acerca da Andie. O assunto fica por aqui.

Os olhos de Pip percorreram rapidamente as palavras, de trás para a frente e de frente para trás. Forçou-se a respirar fundo, livrando-se do nó na garganta, e guardou o telemóvel. A pele crestava-se-lhe sob o olhar fixo do assassino, que a observava algures sem ser visto.

Pondo-se de joelhos, Pip largou a mochila na terra, tirou o portátil, o respetivo carregador e os dois cartões de memória. Pousou então todo o material sobre as folhas de outono e abriu a tampa do portátil.

Levantou-se e, com os olhos toldados pelas lágrimas e com o mundo desfocado à sua volta, esmagou o primeiro cartão de memória com o calcanhar da bota. Um dos lados do revestimento de plástico quebrou-se e foi projetado no ar. A parte do conector metálico ficou amolgada. Voltou a esmagar o dispositivo e depois apontou a bota esquerda para o outro cartão de memória, começando a saltar por cima de ambos ao mesmo tempo que via as respetivas partes partirem-se e desfazerem-se em pedaços.

Depois, foi a vez de se voltar para o portátil, vendo o ecrã a olhar para ela com uma ténue faixa de sol a refulgir à superfície. Pôde ver a sua silhueta escura refletida no vidro assim que recolheu a perna e lhe deu um pontapé. O ecrã, agora rachado de uma ponta à outra, ficou espalmado no chão, forçando as dobradiças, e o teclado, caído sobre as folhas mortas.

Ao pontapear o portátil pela segunda vez, desta feita a parte do teclado, uma primeira lágrima tombou-lhe sobre o queixo. Ao afastar a bota, viu cair várias teclas, que se espalharam na lama. Voltou a pisar o portátil, e as botas racharam por inteiro o vidro do ecrã, esmagando-o contra a placa de metal.

Saltou uma e outra vez sobre o computador, com as lágrimas a caírem-lhe umas atrás das outras e a serpentearem-lhe nas faces.

A placa de metal que envolvia o teclado estava agora desfeita, deixando entrever a placa-mãe e a ventoinha de arrefecimento por baixo. A placa de circuito verde desfez-se em pedaços sob a pressão do seu calcanhar, e a pequena ventoinha partiu-se e voou. Pip voltou então a saltar e tropeçou na máquina mutilada, caindo de costas sobre um manto fofo de folhas crepitantes.

Deixou-se ficar no chão a chorar durante alguns instantes. Depois, sentou-se muito direita, pegou no portátil, cujo ecrã estilhaçado pendia já desengonçado de uma das dobradiças, e arremessou-o com toda a força contra o tronco da árvore mais próxima. Com um novo estrondo, a máquina foi parar ao chão, desfazendo-se em pedaços e ficando inerte no meio das raízes da árvore.

Pip ficou sentada a tossir, à espera de conseguir recobrar fôlego. Tinha o rosto a arder por causa da transpiração.

E aguardou.

Não tinha a certeza do que devia fazer agora. Tinha feito tudo aquilo que lhe haviam pedido; será que libertariam *Barney* ali mesmo? Teria de esperar para ver. Esperar por uma nova mensagem. Chamou pelo cão e ficou à espera.

Passou mais de meia-hora. E nada. Nenhuma mensagem. Nenhum sinal de *Barney*. Nenhum som em redor, exceto os gritinhos à distância dos miúdos no campo de ténis.

Pip levantou-se a custo, sentindo as plantas dos pés doridas e ásperas contra as palmilhas das botas. Pegou na mochila vazia e afastou-se em passo vagaroso, lançando um último olhar demorado à máquina destruída.

— Onde estiveste? — disse o pai assim que entrou novamente em casa.

Pip deixara-se ainda ficar algum tempo sentada dentro do carro no parque de estacionamento do campo de ténis.

Para que os seus olhos vermelhos de tanto os esfregar pudessem voltar ao normal antes de entrar em casa.

— Não estava a conseguir concentrar-me cá em casa — disse ela em voz baixa —, por isso fui para o café fazer a revisão da matéria.

— Estou a ver — disse ele com um sorriso afável. — Às vezes, uma mudança de cenário é bom para a concentração.

— Mas, pai... — Odiava a mentira que estava prestes a sair dos seus lábios. — Aconteceu uma coisa. Não sei como. Fui à casa de banho por um minuto, e quando voltei o meu portátil já tinha desaparecido. Ninguém das pessoas que estavam lá viu o que quer que fosse. Acho que mo roubaram. — Baixou então os olhos para as botas esafiadas. — Desculpa, devia tê-lo levado comigo.

Victor silenciou-a e envolveu-a num abraço. Um abraço de que ela estava mesmo, mesmo precisada precisar.

— Não sejas tola — disse ele —, as coisas não são importantes. São substituíveis. Só me importa saber se estás bem.

— Estou bem, sim — disse ela. — Algum sinal, esta manhã?

— Ainda não, mas o Josh e a mãe vão voltar ao terreno esta tarde, e eu vou telefonar para os vários canis da zona. Vamos recuperá-lo, picle.

Ela fez que sim com a cabeça e recuou alguns passos. Arranjariam maneira de trazer *Barney* de volta; Pip fizera tudo o que lhe tinham mandado fazer. Tinha sido esse o acordo. Gostava de poder dizer alguma coisa à família de forma a aliviar um pouco a consternação que marcava os seus rostos. Mas não era possível. Tratava-se de mais um daqueles segredos relacionados com Andie Bell em que Pip se achara mais uma vez metida sem saída à vista.

Quanto a desistir agora do caso de Andie, será que podia realmente fazer tal coisa? Será que podia simplesmente afastar-se do caso, sabendo que Sal Singh não era culpado? Sabendo que andava um assassino à solta a passear pelas mesmas ruas de Kilton que ela frequentava? Teria de proceder desse modo, não é verdade? Pelo cão que adorara ao longo de dez anos, o cão que lhe dedicara uma adoração ainda maior. Pela segurança da sua própria família. E também por Ravi. Como o convenceria a desistir do caso? Ravi teria de o fazer, caso contrário

poderia ser o próximo a ser enterrado no bosque. Não havia maneira de continuar aquilo; já não era seguro. Não havia alternativa. Tomar essa decisão era como se um caco do vidro do ecrã do portátil se lhe tivesse cravado no peito. Trespassava-a e estilhaçava-se sempre que respirava.

*

Pip estava sentada à secretária do seu quarto, no andar de cima, a dar uma vista de olhos a versões de anos anteriores do exame ELAT. Começara a ficar escuro, e Pip acabara de acender o candeeiro em forma de cogumelo que tinha na secretária. Estava a trabalhar ao som da banda sonora do filme *Gladiator*, que tocava através das colunas do seu telemóvel, ao mesmo tempo que sacudia ao de leve a caneta ao ritmo da secção de cordas. Interrompeu a música assim que ouviu alguém a bater à porta.

— Sim — disse em voz alta, rodando na sua cadeira giratória.

Victor entrou e fechou a porta atrás dele.

— Estás a trabalhar muito, picle?

Ela fez que sim com a cabeça.

Aproximou-se e procurou o encosto da secretária dela, esticando e cruzando as pernas à sua frente.

— Ouve, Pip — disse num tom meigo. — Parece que alguém encontrou o *Barney*.

A respiração dela interrompeu-se a meio caminho, deixando-lhe um nó na garganta.

— Porque é que... porque é que não estás com um ar feliz?

— Ele deve ter caído algures. Encontraram-no no rio. — O pai dela aproximou-se ainda mais e pegou-lhe na mão. — Lamento muito, minha querida. Ele afogou-se.

Pip fez deslizar a cadeira giratória, afastando-se e abanando a cabeça.

— Não — disse ela. — Não é possível. Não foi isso que... Não, ele não pode ter...

— Lamento muito, picle — disse o pai com o lábio inferior trémulo. — O *Barney* morreu. Vamos enterrá-lo amanhã, no jardim.

— Não, não é possível! Pip levantou-se então de um salto, empurrando Victor assim que este se aproximou para abraçá-la. — Não, ele não morreu. Não é justo — gritou ela, e as lágrimas cálidas e repentinas rolavam agora até à covinha do seu queixo. — Ele não pode estar morto. Não é justo. Não é... não é...

Caiu de joelhos e ficou sentada no chão, abraçando as pernas contra o peito. Abriu-se um abismo de dor no seu interior, revelando um negrume cintilante.

— É tudo culpa minha. — Tinha agora a boca colada ao joelho, abafando-lhe

as palavras. — Desculpem. Desculpem, a sério.

O pai sentou-se ao seu lado e cingiu-a entre os braços.

— Pip, não quero que penses que isto é culpa tua, nem por um segundo. Não tens culpa nenhuma de ele se ter afastado de ti.

— Não é justo, pai — gritou ela contra o peito dele. — Porque é que isto está a acontecer? Só quero que ele volte. Só quero que o *Barney* volte.

— Também eu — disse ele num sussurro.

Ficaram assim sentados no chão do quarto durante um longo período de tempo, a chorar juntos. Pip nem sequer deu conta quando a sua mãe e Josh entraram no quarto. Só se apercebeu da presença da mãe e do irmão quando a ela se sentou no meio deles e Josh ao colo de Pip, encostando a cabeça ao seu ombro.

— Não é justo.

Enterraram-no nessa tarde. Pip e Josh faziam tenção de plantar girassóis por cima do túmulo de *Barney* na primavera, pois os girassóis eram luminosos e alegres, como ele.

Cara e Lauren tinham passado lá por casa, e Cara chegara com um carregamento de biscoitos que havia confeccionado para todos. Pip não estava em condições de falar; cada palavra parecia prestes a rebentar num soluço de choro ou num grito de raiva. Cada palavra instigava nela uma sensação insuportável que a dilacerava por dentro, a sensação de estar demasiado triste para se sentir zangada e ao mesmo tempo de se sentir demasiado zangada para estar triste. Não ficaram por muito tempo.

Era já de noite, e um zumbido agudo massacrava-lhe os ouvidos. Pip tornara-se insensível à dor com o passar do dia e agora sentia-se entorpecida e extenuada. *Barney* não voltaria, e ela não podia contar a ninguém a razão de ser disso. Esse segredo, bem como o sentimento de culpa que despertava, era o fardo mais pesado de todos.

Alguém bateu levemente à porta do seu quarto. Pip deixou cair a caneta na página em branco.

— Sim — disse ela, com a voz rouca e sumida.

A porta abriu-se, e Ravi entrou no quarto.

— Olá — disse ele, afastando o cabelo escuro dos olhos. — Como estás?

— Nada bem — disse ela. — O que fazes aqui?

— Não estavas a responder às minhas mensagens, e fiquei preocupado. Reparei que já tinham tirado os cartazes esta manhã. O teu pai contou-me agora mesmo o que aconteceu.

Fechou a porta e encostou-se a ela.

— Lamento muito, Pip. Sei que não ajuda quando as pessoas dizem isto; é só uma coisa que se costuma dizer. Ainda assim, lamento muito.

— Só há uma pessoa no meio disto tudo que tem razões para se lamentar — disse ela, de olhos postos na página em branco.

Ele suspirou.

— É aquilo que costumamos fazer quando morre alguém que amamos; culparmo-nos. Eu fiz a mesma coisa, Pip. E levei muito tempo até perceber que não tinha culpa; às vezes acontecem coisas más, só isso. Foi tudo mais fácil depois de ter chegado a essa conclusão. Espero que o percebas mais depressa do que eu.

Ela encolheu os ombros.

— Queria também dizer-te — Ravi pigarreou — para não te preocupares com aquilo do Sal durante algum tempo. O prazo que estipulámos para levar a fotografia à polícia não interessa agora. Sei quão importante é para ti protegeres a Naomi e a Cara. É da maneira que ganhas algum tempo. Já te andas a sobrecarregar, e acho que estás a precisar de fazer uma pausa, depois daquilo que aconteceu, percebes? E o teu exame de admissão à Universidade de Cambridge está aí à porta. — Coçou a parte de trás da cabeça, e a longa madeixa de cabelo que tinha à frente voltou a cair-lhe para cima dos olhos. — Agora sei que o meu irmão estava inocente, mesmo que mais ninguém saiba disso, por enquanto. Esperei mais de cinco anos; posso esperar mais algum tempo. E entretanto continuarei a investigar as pistas que deixámos em aberto.

Pip sentiu um aperto no coração, um vazio que tudo engolia. Teria de o magoar. Era a única maneira. Era a única maneira que tinha de o levar a desistir, de forma a protegê-lo. Quem quer que tivesse assassinado Andie e Sal havia já dado provas de que era capaz de matar alguém outra vez. E não permitiria que fosse Ravi.

Não conseguia olhar para ele. Não conseguia olhar para o seu rosto bondoso, de uma bondade que não era forçada, ou para o sorriso imaculado que ele partilhava com o irmão ou mesmo para aqueles seus olhos castanhos de tal modo profundos que uma pessoa se podia afundar neles. Por isso, absteve-se de olhar para ele.

— Não vou continuar o projeto — disse por fim. — Para mim, chega.

Ele endireitou-se.

— Como assim?

— Estou a dizer-te que não vou continuar o projeto. Enviei um *e-mail* à minha supervisora a dizer que vou mudar de tema ou simplesmente desistir. Acabou.

— Mas... não percebo — disse ele, e na sua voz percebia-se que se sentia magoado. — Isto não é só um projeto, Pip. Tem que ver com o meu irmão, com aquilo que realmente aconteceu. Não podes desistir assim de um momento para o outro. Então e o Sal?

Era precisamente em Sal que ela pensava agora, no facto de saber que não queria que o irmão mais novo acabasse assassinado no bosque, como lhe tinha acontecido a ele.

— Desculpa, mas para mim o assunto está encerrado.

— Eu não... como... olha para mim — disse ele.

Pip recusava-se a encará-lo.

Ravi aproximou-se da secretária e agachou-se à sua frente, erguendo o olhar para ela, que continuava sentada na sua cadeira.

— O que se passa? — perguntou. — Há algo de errado nesta história. Sei que não farias isto se...

— Não quero continuar, Ravi — disse ela. Baixou os olhos para ele e percebeu de imediato que não o deveria ter feito. Agora, seria tudo muito mais difícil. — Não consigo continuar com isto. Não sei quem os matou. Não consigo chegar a nenhuma conclusão. Não quero continuar.

— Mas vamos continuar — disse ele, com o desespero a moldar-lhe o rosto. — *Vamos* chegar a uma conclusão.

— Não consigo. Sou só uma miúda qualquer, não te esqueças disso.

— Foi um idiota que te disse isso — disse ele. — Tu não és *só* coisíssima nenhuma. És a Pippa Fitz-Amobi, caramba. — Sorriu ao dizê-lo, e esse sorriso foi a coisa mais triste que ela alguma vez viu. — E acho que não há ninguém neste mundo que seja sequer parecido contigo. Repara, tu ris das minhas piadas, por isso deve haver alguma coisa de errado contigo. Já estamos tão perto, Pip... Sabemos que o Sal está inocente; sabemos que alguém o tramou para encobrir a morte da Andie e que depois o matou. Não podes parar. Tu prometeste-me. Sei que queres tanto isto quanto eu.

— Mudei de ideias — disse ela num tom monocórdico —, e não serás tu a fazer-me mudar de ideias novamente. Para mim, o assunto da Andie Bell está arrumado. E o mesmo posso dizer a respeito do Sal.

— Mas ele está inocente.

— Não é minha obrigação prová-lo.

— Fizeste disso uma obrigação. — Ravi ergueu-se e ficou à frente dela, subindo o tom de voz. — Entraste na minha vida vinda do nada e proporcionaste-me esta oportunidade, que eu nunca teria tido. Não podes tirar-me isso agora; sabes bem que eu preciso de ti. Não podes desistir. Nem pareces tu.

— Desculpa.

Caiu entre ambos um silêncio que se arrastou por doze pulsações, e Pip não tirou os olhos do chão.

— Está bem — disse ele com frieza. — Não sei porque estás a fazer isto, mas está bem. Irei eu mesmo à polícia com a fotografia para provar o álibi do Sal. Envia-me o ficheiro.

— Não posso — disse Pip. — Roubaram-me o portátil.

Ravi varreu com o olhar a superfície da secretária dela. Aproximou-se então de rompante da secretária, espalhando montes de folhas e apontamentos por todo o lado, ao mesmo tempo que perscrutava tudo com um olhar desesperado.

— Onde está a impressão da fotografia? — perguntou, voltando-se para ela, apertando as folhas na mão.

E agora chegava a vez da mentira que o iria deixar destroçado.

— Rasguei-a. Já não existe — disse ela.

O olhar fulminante de Ravi dilacerou-a e fê-la retrair-se.

— Porque haverias de fazer uma coisa dessas? Porque estás a fazer isto? — As

folhas soltaram-se das mãos dele, esvoaçando à semelhança de asas decepadas, até tombarem no chão. Espalharam-se em torno dos pés de Pip.

— Porque já não quero ter mais nada a ver com isto. Nunca deveria ter começado este projeto.

— Mas isso não é justo!

Os tendões do pescoço dele ficaram salientes como ramos de videiras.

— O meu irmão estava inocente, e tu decidiste eliminar a única prova que tínhamos disso. Se recuares agora, não haverá nada que te diferencie das pessoas más de Kilton, Pip. Todas essas pessoas que pintaram a palavra *escumalha* no muro da nossa casa, as mesmas que partiram as nossas janelas. Toda a gente que me andou a atormentar na escola. Toda a gente que olha para mim daquela maneira que já sabemos. Não, serás pior; ao menos essa gente acha que ele é culpado.

— Lamento — disse ela em voz baixa.

— Não, eu é que lamento — disse ele já com a voz alterada. Passou então a manga pelo rosto para enxugar as lágrimas de raiva antes de alcançar a porta. — Lamento ter achado que eras uma pessoa que claramente não és. Não passas de uma miúda. Uma miúda cruel, ainda por cima, como a Andie Bell.

Saiu do quarto dela, levando as mãos ao rosto assim que se voltou para descer as escadas.

Pip viu-o ir-se embora pela última vez.

Assim que ouviu a porta da frente abrir e fechar-se de seguida, cerrou o punho e deu um murro no tampo da secretária. O porta-canetas trepidou e tombou, espalhando canetas por toda a superfície da secretária.

Gritou até não poder mais para dentro das mãos em concha, sustendo esse grito e aprisionando-o entre os dedos.

Ravi odiava-a, mas agora estaria a salvo.

Trinta e Sete

No dia seguinte, Pip encontrava-se na sala de estar com Josh a ensiná-lo a jogar xadrez. Estavam prestes a acabar o primeiro jogo de treino, e, apesar de se ter esforçado o melhor que pôde para o deixar ganhar, Josh tinha perdido quase todas as peças, com a exceção do rei e de dois peões. Ou barões, como preferia chamar-lhes.

Alguém bateu à porta de casa, e a ausência de *Barney* foi imediatamente sentida como um murro no estômago. Não se ouviu o ruído das patas a deslizarem no soalho de madeira polido, numa correria para se lançarem ao visitante e cumprimentá-lo.

A mãe atravessou o átrio e abriu a porta.

A voz de Leanne veio a flutuar até à sala.

— Oh... Olá, Ravi.

Pip ficou com o coração nas mãos.

Confusa, pousou novamente o cavalo no tabuleiro e saiu meio desorientada da sala, com a inquietação a dar lugar ao pânico. Por que razão voltaria lá a casa depois do que tinha acontecido na véspera? Como poderia sequer voltar a olhar para ela? A não ser que estivesse desesperado ao ponto de ir lá para armar uma cilada aos pais dela e contar-lhes tudo o que sabia, tentando assim forçá-la a ir à polícia. Mas Pip não faria tal coisa; quem mais morreria assassinado se o fizesse?

Assim que conseguiu olhar para a porta de entrada, viu Ravi a abrir o fecho de uma volumosa mochila de desporto e enfiar as mãos no seu interior.

— A minha mãe manda os seus pêsames — disse ele, tirando dois *tupperwares* da mochila. — Fez este caril de frango para vocês, no caso de não lhe apetecer cozinhar.

— Oh — disse Leanne, aceitando as caixas que Ravi lhe estendia. — É muito atencioso da vossa parte. Obrigada. Entra, entra. Tens de me dar o número dela para lhe agradecer.

— Ravi? — disse Pip.

— Olá, pestinha — disse ele com ternura. — Posso falar contigo?

Já no quarto dela, Ravi fechou a porta e largou a mochila sobre o tapete.

— Hum... Eu... — gaguejou Pip, tentando decifrar alguma coisa da expressão facial dele. — Não percebo o que te fez voltar cá.

Ravi deu um pequeno passo na direção dela.

— Passei a noite inteira a pensar no assunto. A noite inteira, literalmente; já era de dia quando finalmente consegui adormecer. E só consigo pensar numa razão para tudo isto, só uma coisa que realmente faz sentido. Isto porque te

conheço; não estava enganado a teu respeito.

— Eu não...

— Alguém levou o *Barney*, não foi? — perguntou ele. — Houve alguém que te ameaçou, e depois roubaram-te o cão e mataram-no para que não voltasses a abrir a boca a respeito do Sal e da Andie.

Fez-se um silêncio tenso e pesado no quarto.

Ela assentiu com a cabeça, e o seu rosto desfez-se em lágrimas.

— Não chores — disse Ravi, encurtando a distância que os separava com um passo célere. Puxou-a então contra o peito, enlaçando-a com os braços. — Estou aqui — disse. — Estou aqui.

Pip deixou-se ficar encostada ao peito dele, e tudo — toda a dor, todos os segredos que até então tinha aprisionado — se libertou de súbito, irradiando do seu íntimo como uma onda de calor. Cravou as unhas nas palmas das mãos, num esforço para reter as lágrimas.

— Conta-me o que aconteceu — disse ele quando finalmente decidiu largá-la.

Porém, as palavras entaramelaram-se e dissiparam-se nos lábios de Pip. Ao invés de falar, pegou no telemóvel e clicou nas mensagens enviadas pelo Desconhecido, passando depois o telemóvel para as mãos dele. Reparou então nos olhos fugidios de Ravi à medida que lia as mensagens.

— Oh, Pip — disse ele, fitando-a com um ar estupefacto. — Isto é doentio.

— Eles mentiram — disse ela, fungando. — Disseram que mo devolveriam e depois mataram-no.

— E não foi a primeira vez que entraram em contacto contigo — disse ele, lendo as mensagens anteriores. — A primeira mensagem que aparece aqui foi enviada no dia 8 de outubro.

— Essa não foi a primeira — disse ela, abrindo a última gaveta da secretária. Estendeu então a Ravi duas folhas de papel de impressora e apontou para a da esquerda. — Deixaram esta folha no meu saco-cama quando fui acampar com os meus amigos no bosque no dia 1 de setembro. Reparei que estávamos a ser observados. Essa — e Pip apontou para a outra folha —, encontrei-a no meu cacifo na sexta-feira passada. Ignorei o bilhete e continuei como se nada fosse. É por isso que o *Barney* está morto. Por causa da minha arrogância. Por me ter achado invencível, quando não sou. Temos de parar. Ontem... Desculpa, foi a única forma que arranjei para te fazer parar, fazer com que me odiasses e com que acabasses por te afastar e ficar longe do perigo.

— Não é assim tão fácil veres-te livre de mim — disse ele, erguendo o olhar dos bilhetes. — E isto ainda não acabou.

— Acabou, sim. — Ela tirou-lhe as folhas das mãos e largou-as em cima da secretária. — O *Barney* está morto, Ravi. E quem vai ser a seguir? Tu? Eu? O assassino esteve cá, em minha casa, neste quarto. Alguém esteve a ler o meu

projeto e deixou um aviso no meu diário de produção. Aqui, Ravi, na mesma casa onde mora o meu irmão, que tem 9 anos. Se continuarmos com isto, estaremos a pôr demasiadas pessoas em risco. Os teus pais poderiam perder o único filho que lhes resta. — Fez uma pausa, acometida pela imagem de Ravi jazendo nas folhas de outono, com Josh ao seu lado. — O assassino está a par de tudo aquilo que sabemos. Já nos venceram, e, para além disso, temos demasiado a perder. Lamento que isso signifique que eu tenha de abandonar o Sal. Lamento muito.

— Porque não me contaste das ameaças? — perguntou ele.

— De início, achei que pudesse ser apenas alguém a pregar uma partida — disse ela, encolhendo os ombros. — Mas não queria que soubesses, não fosses obrigar-me a parar. E depois fiquei sem saber o que fazer e acabei por guardar segredo. Pensei que eram só ameaças. Achava que podia vencê-los. Fui muito estúpida e acabei por ter de pagar pelos meus erros.

— Não és nada estúpida; tiveste razão desde o princípio a respeito do Sal — disse ele. — Ele estava inocente. Agora temos a certeza disso, mas ainda não é o suficiente. O Sal merece que toda a gente saiba que foi uma boa pessoa, uma pessoa de bom coração, até ao fim. Os meus pais merecem isso. E agora já nem sequer temos a fotografia que o provava.

— Eu ainda tenho a fotografia — disse Pip em voz baixa, tirando a impressão da última gaveta antes de lhe passar para as mãos. — Claro que jamais a iria destruir. Mas agora não nos serve de nada.

— Porquê?

— O assassino anda a vigiar-me, Ravi. Anda a vigiar-nos aos dois. Se levarmos essa fotografia à polícia e não acreditarem em nós, achando talvez que alterámos a imagem no Photoshop ou alguma coisa do género, será demasiado tarde. Teríamos jogado a nossa última cartada, que não é suficientemente forte. E o que acontece depois? O Josh é raptado? Tu? Há vidas em risco. — Sentou-se na cama e começou a puxar distraidamente pelos borbotos das meias. — Não temos uma prova conclusiva. A fotografia não chega; depende de uma gigantesca dose de interpretação, e para além disso já não está *online*. Porque haveriam de acreditar em nós? O irmão do Sal é uma miúda de 17 anos. Se eu própria tenho dificuldade em acreditar em nós... Tudo o que temos são histórias mirabolantes acerca de uma rapariga que foi assassinada, e tu bem sabes qual é a opinião que a polícia da cidade tem a respeito do Sal, opinião essa que é partilhada por toda a gente em Kilton. Não podemos pôr as nossas vidas em risco só por causa dessa fotografia.

— Não — disse Ravi, pousando a fotografia na secretária e assentindo com a cabeça. Tens razão. E um dos nossos principais suspeitos é polícia. Não é a tática certa. Mesmo que por alguma razão a polícia acreditasse em nós e reabrisse o caso, iriam levar muito tempo até descobrir o verdadeiro assassino só com essa

pista. Um tempo de que não dispomos. — Fez deslizar a cadeira da secretária até ficar de frente para Pip, que continuava sentada na cama, arrastando-se nela de joelhos. — Por isso, acho que a única alternativa que nos resta é encontrar o assassino pelos nossos próprios meios.

— Não podemos... — começou Pip por dizer.

— Achas mesmo que afastarmo-nos é o melhor que temos a fazer? Como voltarias a sentir-te segura em Kilton, sabendo que a pessoa que matou a Andie, o Sal e o teu cão anda por aí à solta? Sabendo que essa pessoa anda a vigiar-te? Conseguirias viver assim?

— Não tenho alternativa.

— Para uma pessoa inteligente como tu, estás a ser muito parva neste momento. — Ravi pousou os cotovelos nas costas da cadeira, fazendo assentar o queixo no punho cerrado.

— Eles mataram o meu cão — disse ela.

— E mataram o meu irmão. O que pensas fazer a esse respeito? — disse ele, endireitando-se, desta feita com um brilho ousado nos olhos. — Vamos atirar tudo para trás das costas, enfiarmo-nos no nosso cantinho e escondermo-nos? Vamos continuar as nossas vidas, sabendo que anda por aí um assassino a vigiar-nos? Ou vamos à luta? Não será melhor encontrá-los e castigá-los por tudo aquilo que nos fizeram? Pô-los atrás das grades, de forma que nunca mais possam fazer mal a quem quer que seja?

— Vão perceber que não parámos — disse ela.

— Não, não vão, se tivermos cuidado. Acabaram-se as conversas com as pessoas que estão na tua lista, acabaram-se as conversas seja com quem for. A resposta terá de estar algures no meio de todas as informações que reunimos. Vais dizer que desististe do teu projeto. Só tu e eu saberemos o que se passa.

Pip manteve-se em silêncio.

— Se for preciso mais argumentos para te convencer — disse Ravi, avançando para a sua mochila —, trouxe-te o meu portátil. É teu até esta história ficar arrumada. Tirou o portátil da mochila e brandiu-o no ar.

— Mas...

— É teu — repetiu ele. — Podes usá-lo para estudares para o teu exame e para apontares aquilo de que ainda te recordas do teu diário, das tuas entrevistas. Tem também algumas notas minhas. Sei que perdeste todo o teu trabalho de investigação, mas...

— Não perdi o meu trabalho de investigação — disse ela.

— Hã?

— Envio sempre *e-mails* para mim mesma com toda a informação, pelo sim pelo não — disse ela, vendo o rosto de Ravi moldar-se num sorriso. — Quem pensas que sou, alguma cabeça no ar?

— Oh, não, sargento. Bem sei que tem sempre tudo sob controlo. Estás então

a dizer-me que queres continuar ou será que devia ter trazido uns *muffins* para te subornar?

Pip esticou-se para alcançar o portátil.

— Anda daí, vá — disse. — Temos um duplo homicídio para resolver.

Imprimiram tudo: cada uma das entradas que ela tinha registado no seu diário de produção, cada página da agenda escolar de Andie, uma fotografia de cada suspeito, as fotografias tiradas a Howie e a Stanley Forbes no parque de estacionamento que lhes tinham servido de trunfo, juntamente com as fotografias de Jason Bell com a segunda esposa, do Hotel Ivy House, da casa de Max Hastings, a fotografia de Andie que os jornais sempre preferiam, uma fotografia da família Bell em traje de cerimónia, outra de Sal a piscar o olho e a acenar para a câmara, as mensagens escritas que Pip enviara a Emma Hutton, fazendo-se passar pela amiga dela, os *e-mails* que tinha enviado fazendo-se passar por jornalista da BBC acerca de adulteração de bebidas, uma lista dos efeitos do *Rohypnol*, a escola secundária de Kilton, a fotografia de Daniel da Silva com outro polícia a fazerem buscas à residência Bell, um artigo *online* acerca de telemóveis usados para fins ilícitos, artigos de Stanley Forbes sobre Sal, a fotografia de Nat da Silva, juntamente com informações acerca de *Agressões que resultam em danos corporais severos*, uma fotografia de um *Peugeot 206* preto ao lado de um mapa de Romer Close e da casa de Howie, artigos de jornal que noticiavam um atropelamento e fuga ocorrido na passagem de ano de 2011 na estrada A413, captações de imagem das mensagens enviadas pelo Desconhecido e digitalizações de bilhetes com ameaças, juntamente com as respetivas datas e locais.

Baixaram então os olhos em simultâneo para a resmas e resmas de papel espalhadas pelo tapete.

— Bem sei que isto não é propriamente amigo do ambiente — disse Ravi —, mas sempre quis fazer um quadro de homicídio.

— Também eu — disse Pip. — E estou preparada para isso; material de escritório não me falta, pelo menos.

Tirou à pressa das gavetas da secretária um recipiente com um monte de pioneses e um novelo de fio vermelho por estrear.

— E tu desencantas assim do nada um novelo de fio vermelho pronto a usar...? — disse Ravi.

— Tenho novelos de todas as cores.

— Não duvido disso.

Pip tirou da parede o quadro de cortiça que tinha por cima da secretária. A sua versão mais atual era uma amálgama de fotografias suas com amigos, de Josh e Barney, juntamente com o calendário da escola e citações de Maya Angelou. Tirou tudo do quadro, e começaram o processo de seleção.

Sentados no chão, penduraram as páginas impressas no quadro com pioneses metálicos, dispondo as páginas que diziam respeito a cada uma das pessoas em

gigantescas órbitas que colidiam umas com as outras. Os rostos de Andie e de Sal figuravam no meio de toda essa confusão. Tinham começado a fazer as ligações com o fio do novelo e os pioneses multicolores quando o telemóvel de Pip começou a tocar. Um número que não estava guardado no telemóvel dela.

Pip pressionou o botão verde.

— Está?

— Olá, Pip, é a Naomi.

— Olá. Que esquisito. Não tenho o teu número guardado no meu telemóvel.

— Oh, isso é porque dei cabo do meu — disse Naomi. — Estou a usar um telemóvel de substituição até o outro ficar arranjado.

— Ah, estou a ver — disse Pip. — Estás bem?

— Sim, estive em casa de uma amiga este fim de semana, e só agora soube o que aconteceu ao *Barns*. Foi a Cara que me contou. Lamento muito, Pip. Espero que estejas bem.

— Ainda não — respondeu Pip. — Mas vou ficar.

— E sei que agora deves ter mais em que pensar — disse ela —, mas descobri que o primo da minha amiga tirou o curso de Inglês em Cambridge. Lembrei-me de que talvez pudesse falar com ele para te enviar um *e-mail* acerca do exame, da entrevista e dessas coisas, se estiveres interessada.

— Por acaso até quero, sim, obrigada — disse Pip. — Seria uma ajuda. Estou um bocado atrasada no estudo. — Lançou um olhar penetrante a Ravi, que estava debruçado sobre o quadro do homicídio.

— OK, fixe, vou pedir à minha amiga para entrar em contacto com ele. O teu exame é na próxima quinta-feira, certo?

— Exato.

— Então, se não nos virmos entretanto, boa sorte. Vais arrasar.

— Bom, portanto — disse Ravi assim que Pip desligou o telemóvel —, as pistas que temos neste momento em aberto são o Hotel Ivy House, o número de telemóvel apontado na agenda da Andie — e ao dizer isto apontou para a página da agenda — e o telemóvel pré-pago. Sem esquecer as informações relativas ao atropelamento e fuga e o acesso aos números de telemóvel dos amigos do Sal, inclusive o teu. Se calhar, estamos a complicar as coisas, Pip. — Levantou então os olhos para ela. — A meu ver, todas estas pistas apontam para uma só pessoa.

— O Max?

— Concentremo-nos apenas em certezas absolutas — disse ele. — Não vale a pena estarmos com «ses» e «mas». Ele é a única pessoa que tem conhecimento em primeira mão do atropelamento e fuga.

— Verdade.

— É também a única pessoa em toda esta história que tinha acesso aos números de telemóvel da Naomi, da Millie e do Jake. Para não falar do seu próprio número.

— É possível que a Nat e o Howie também tivessem esses números.

— Sim, é «possível». Mas agora estamos a focar-nos em certezas absolutas.

— Ravi arrastou-se até à parte do quadro onde figurava Max. — Ele diz que a encontrou por acaso, mas a verdade é que tem uma fotografia da Andie nua tirada no Ivy House. Provavelmente, era ele que costumava encontrar-se com ela nesse hotel. Era também ele que comprava *Robyphenol* à Andie, e alguém andava a misturar substâncias nas bebidas das raparigas nas festas-calamidade. É claramente uma pessoa perturbada, Pip.

Os pensamentos em que Ravi estava agora embrenhado eram os mesmos com que Pip se havia debatido, e ela sabia que Ravi estava prestes a chegar a um beco sem saída.

— Para além disso — prosseguiu ele —, o Max é a única pessoa nesta história toda de quem podemos dizer com certeza absoluta que tem o teu número de telemóvel.

— Na verdade, não é bem assim — disse ela. — A Nat também tem o meu número, ficou com ele daquela vez em que tentei entrevistá-la por telefone. E o Howie também o tem: telefonei-lhe uma vez quando estava a tentar identificá-lo, e na altura esqueci-me de fazer a chamada em modo anónimo. Foi pouco tempo depois disso que recebi a primeira mensagem do Desconhecido.

— Oh...

— E nós sabemos que o Max estava na escola a dar o seu depoimento à polícia na altura em que o Sal desapareceu.

Ravi deixou-se cair na cadeira.

— Parece-me que há qualquer coisa que nos está a falhar.

— Voltemos às ligações. — Pip agitou o recipiente com pioneses à frente dele. Ravi pegou em alguns pioneses e cortou uma porção de fio vermelho.

— OK — disse ele. — Obviamente há uma ligação entre os dois Da Silva. E há também uma ligação entre o Daniel da Silva e o pai da Andie, tal como o Daniel também está de algum modo ligado ao Max, já que foi ele que registou a ocorrência quando o Max bateu com o carro, podendo também ter ficado a saber do atropelamento e fuga.

— Sim — disse ela. — E é também possível que tenha encoberto o caso da adulteração de bebidas.

— OK — disse Ravi, enrolando um pedaço de fio à volta de um pionés antes de o apertar. Assobiou entre dentes ao picar-se no polegar, e da sua pele irrompeu uma minúscula bolha de sangue.

— Fazes o favor de parar de sangrar para cima do quadro do homicídio?

Ravi fingiu atirar-lhe o pionés.

— Portanto, o Max também conhece o Howie, e já sabemos que estavam os dois envolvidos no tráfico de droga da Andie — disse ele, fazendo um círculo com o dedo em torno daqueles três rostos.

— Exato. E o Max conhecia a Nat da escola — disse Pip, apontando —, e há rumores de que alguém também terá misturado alguma coisa na bebida dela.

As linhas de fio vermelho já bastante gasto cobriram agora todo o quadro, sobrepondo-se e entrecruzando-se.

— Portanto, basicamente — Ravi levantou os olhos para ela —, todos eles estão indiretamente ligados uns aos outros, a começar pelo Howie, numa ponta, e a terminar no Jason Bell, na outra. Se calhar, juntaram-se os cinco para cometer o crime.

— Daqui a nada estás a dizer que um deles tem algum sócia malévolo.

Durante todo o dia de escola, os amigos trataram-na como se se fosse quebrar a qualquer momento, não mencionando *Barney* nem por uma vez, falando do assunto apenas por alto e com grandes rodeios. Lauren deixou que Pip ficasse com o último dos seus bolinhos sortidos. Connor cedeu o lugar do meio que ocupava à mesa da cafetaria para que Pip não se sentisse excluída ao sentar-se na ponta. Cara ficou ao seu lado, sabendo muito bem quando falar e quando permanecer em silêncio. Nenhum deles soltou gargalhadas sonoras, e, quando se riam mais alto, não deixavam de olhar na direção dela.

Pip passou a maior parte do dia a trabalhar em silêncio, revendo versões antigas do exame ELAT, ao mesmo tempo que se esforçava por afastar tudo o resto do pensamento. Fazia exercícios, esboçando mentalmente ensaios enquanto fingia ouvir o Sr. Ward dar a sua aula de História e a menina Welsh dar a sua aula de Política. A Sra. Morgan acabou por a encurralar no corredor e por lhe explicar, com uma expressão severa no rosto rechonchudo, porque não poderia alterar o título do PIA numa fase já tão tardia. Pip limitou-se a balbuciar um «OK» e a afastar-se com um ar perdido, não sem antes ter ouvido a Sra. Morgan murmurar «Adolescentes...» num tom impaciente.

Assim que chegou a casa, correu para o seu espaço de trabalho e abriu o portátil de Ravi. Continuará as revisões mais tarde, depois do jantar e durante a noite, embora tivesse já dois anéis planetários muito carregados em torno dos olhos. A mãe achava que *Barney* era a razão pela qual ela não conseguia dormir ultimamente. Mas o facto é que não andava a dormir nada porque não havia tempo para isso.

Pip abriu o motor de busca e acedeu à página do TripAdvisor do Hotel Ivy House. Esta era a pista que lhe calhara; Ravi estava a investigar o número de telemóvel apontado à pressa na agenda de Andie. Entretanto, Pip contactara por mensagem alguns dos utilizadores que haviam deixado as suas avaliações do Ivy House entre março e abril de 2012, perguntando-lhes se se lembravam de ter visto uma rapariga loura no hotel. Mas até agora não obtivera qualquer resposta.

O passo seguinte foi aceder ao *website* no qual haviam sido feitas as reservas para o hotel. Na página que dizia «Contacte-nos», encontrou o respetivo número de telefone e uma máxima bastante simpática: «Pode telefonar-nos a qualquer altura!» Talvez pudesse tentar fazer-se passar por um familiar da velhota que era proprietária do hotel e ver se conseguia ter acesso à informação relativa a reservas passadas. Ou talvez não, mas teria de tentar na mesma.

Desbloqueou o telemóvel e clicou na aplicação dos contactos. Abriu na lista

das chamadas recentes. Acedeu ao teclado e começou a digitar o número de telefone da empresa. Então, os seus polegares afrouxaram e pararam. Baixou os olhos para os dedos, e por instantes sentiu a cabeça andar à roda assim que um pensamento lhe despontou na mente, tornando-se consciente.

— Espera aí — disse ela em voz alta, voltando a aceder à lista de chamadas recentes.

Fixou o olhar no registo que aparecia no cimo do ecrã, correspondente à chamada que recebera de Naomi no dia anterior. De um número temporário. Os olhos de Pip percorreram os dígitos, e então sentiu no peito uma sensação que tanto tinha de terrível como de estranha e paralisante.

Saltou da cadeira com uma rapidez tal que rodopiou e esbarrou na secretária. Sem largar o telemóvel, pôs-se de joelhos e tirou o quadro de homicídio do seu esconderijo debaixo da cama. Os seus olhos apontaram como uma seta para a secção de Andie e para a trajetória de páginas impressas que rodeavam o seu rosto sorridente.

Encontrou-a. A página da agenda escolar de Andie. O número de telemóvel apontado, com a entrada do diário dela ao lado. Pegou no telemóvel e alternou o olhar entre o número temporário de Naomi e o número apontado na agenda.

07700900476

Não correspondia a nenhuma das doze combinações que tinha apontado. Mas estava perto. Pip chegara à conclusão de que o terceiro dígito a contar do fim teria de ser um 7 ou um 9. Mas, e se fosse apenas um gatafunho cheio de curvas e contracurvas? E se fosse na verdade um 4?

Deixou-se cair novamente no chão. Não havia forma de ter a certeza absoluta, não havia modo de desfazer o gatafunho e tentar perceber de que número se tratava. Mas não deixaria de ser uma coincidência inacreditável, verdadeiramente do arco da velha, o facto de o antigo número do cartão sim de Naomi ser tão parecido com aquele que Andie tinha apontado na sua agenda. Tinha de ser o mesmo número, só podia.

E qual seria o significado por detrás disso, se é que havia algum? Será que não se tratava de uma pista irrelevante, indicando tão-só que Andie apontara o número de telemóvel do melhor amigo do seu namorado? O número não tinha qualquer ligação com o resto da história e podia ser descartado como pista hipotética.

Se assim fosse, por que razão sentia agora Pip um aperto no estômago?

Porque, se Max era um forte candidato a suspeito número um, Naomi passara a sê-lo ainda mais. Naomi sabia do atropelamento e fuga. Naomi tinha acesso aos números de telemóvel de Max, Millie e Jake. Naomi tinha o número de Pip. Naomi poderia ter saído de casa de Max enquanto Millie dormia e interceptado Andie antes das 00h45. Naomi fora a pessoa mais chegada a Sal. Naomi sabia o local exato onde Pip e Cara tinham decidido acampar no bosque. Naomi sabia

qual era o bosque onde Pip costumava ir passear *Barney*, o mesmo onde Sal tinha morrido.

Naomi neste momento já tinha bastante a perder, tendo em conta os factos que Pip conseguira entretanto desvendar. Mas, e se houvesse ainda mais para descobrir? E se estivesse de algum modo envolvida nas mortes de Andie e de Sal?

Pip estava a precipitar-se, e o seu cérebro exausto começava a disparar para todos os lados e a fazê-la contradizer-se. Era apenas um número de telemóvel que Andie tinha apontado; não associava Naomi ao que quer que fosse. Ainda assim, havia algo que podia ligá-la ao crime, pensou Pip assim que conseguiu pôr as ideias em ordem.

Desde que retirara Naomi da lista de pessoas sob suspeita, Pip recebera um novo bilhete do assassino: o bilhete que alguém tinha deixado no seu cacifo. No início do período letivo, Pip tratara de programar o portátil de Cara para registar todos os documentos que saíam da impressora dos Wards.

Se Naomi estava envolvida no caso, Pip tinha agora uma maneira infalível de o descobrir.

Trinta e Nove

Naomi tinha uma faca na mão e Pip recuou.

— Cuidado — disse ela.

— Oh, não! — Naomi abanou a cabeça. — Os olhos não ficaram iguais.

Virou então a abóbora para que Pip e Cara pudessem espreitar a sua cara.

— Está um bocado parecida com o Trump — disse Cara, soltando uma risada.

— Devia parecer um gato diabólico. — Naomi pousou a faca ao lado de uma tigela cheia de restos de abóbora.

— Não largues o teu emprego a tempo inteiro — disse Cara, livrando-se das viscosidades da abóbora que lhe cobriam as mãos e aproximando-se em passo lento do armário.

— Não tenho nenhum emprego a tempo inteiro.

— Oh, raios partam — resmungou Cara em bicos de pés, revistando o armário. — Onde foram parar aqueles dois pacotes de bolachas? Estava literalmente ao lado do pai quando os comprámos há dois dias.

— Não sei. Não fui eu que as comi. — Naomi aproximou-se para admirar a abóbora de Pip. — Que raio é isto, Pip?

— É o olho de Sauron — disse ela em voz baixa.

— Ou uma vagina em chamas — disse Cara, agarrando antes uma banana.

— Bem, isso é assustador — disse Naomi a rir.

Naão, isto é que era.

Naomi tinha deixado as abóboras e as facas à disposição para quando Cara e Pip voltassem da escola. Pip ainda não tivera oportunidade para escapar dali.

— Naomi — disse Pip —, obrigada pelo teu telefonema no outro dia. Recebi um *e-mail* do primo da tua amiga sobre o exame de Cambridge. Foi muito útil.

— Oh, que bom — disse Naomi com um sorriso. — Não há problema.

— Afinal, quando é que o teu telemóvel está pronto?

— Amanhã, parece. Foi o que me disseram da loja. Foi uma demora dos diabos.

Pip assentiu com a cabeça, contraindo o queixo na esperança de mostrar um ar amistoso.

— Bom, ao menos ainda tinhas aquele teu telemóvel antigo com um cartão sim ainda ativo. Ainda bem que os guardaste.

— A sorte foi o meu pai ter mais um cartão micro-sim pré-pago, ainda por cima pronto a usar. Com um bónus: oito libras de crédito. No meu telemóvel só

tinha um cartão de assinatura já expirado.

A faca quase saltou da mão de Pip. Ecoou-lhe nos ouvidos um zumbido crescente.

— O cartão sim do teu pai?

— Sim — disse Naomi, fazendo uma incisão com a faca ao longo do rosto da abóbora, concentrada e com a língua de fora. — A Cara descobriu o cartão na secretária dele. No fundo da gaveta onde ele guarda uma série de tralha. Aquela gaveta que todas as famílias têm, estás a ver, cheia de carregadores velhos que já não funcionam, moedas estrangeiras e outras bugigangas.

O zumbido transformou-se num ruído ensurdecedor, cada vez mais esganiçado, que lhe perfurava o cérebro. Sentiu-se nauseada, com um sabor metálico a revestir-lhe a parte de trás da garganta.

O cartão sim de Elliot.

O antigo número de telemóvel de Elliot apontado à pressa na agenda de Andie.

Andie a chamar idiota ao Sr. Ward à frente dos amigos na semana em que desapareceu.

Elliot.

— Estás bem, Pip? — perguntou Cara ao colocar a vela acesa no interior da sua abóbora, que ganhou vida ao iluminar-se.

— Sim. — Pip assentiu com a cabeça de forma demasiado brusca. — Estou só... hum... estou com fome, é só isso.

— Bom, eu até te oferecia uma bolacha, mas, ao que parece, desapareceram todas desta casa, como sempre. Queres uma tosta?

— Eh... não, obrigada.

— Gosto de ti, é por isso que quero que comas — disse Cara.

Pip sentiu um mau gosto na boca. Não, talvez aquilo não fosse o que pensava que era. Talvez Elliot se tivesse oferecido para dar explicações a Andie, o que a levava a apontar o número dele. Talvez. Não podia ser ele. Precisava de se acalmar e de respirar fundo. Aquilo não provava nada.

Ainda assim, tinha uma maneira de arranjar essa prova.

— Acho que devíamos ouvir música assustadora de Halloween enquanto fazemos isto — disse Pip. — Posso ir buscar o teu portátil, Cara?

— Sim, está em cima da minha cama.

Pip fechou a porta da cozinha ao sair.

Correu ao andar de cima e entrou no quarto de Cara. Voltou depois a descer as escadas em bicos de pés, já com o portátil debaixo do braço, sentindo o coração bater disparado, o qual parecia esforçar-se para soar mais alto do que o zumbido que lhe ecoava nos ouvidos.

Esgueirou-se para dentro do escritório de Elliot e fechou a porta com cuidado, ficando por instantes a olhar para a impressora que estava em cima da

secretária. As pessoas multicolores que figuravam nos quadros de Isobel Ward ficaram a observá-la enquanto Pip pousava o portátil de Cara na poltrona de cabedal grená e abria a tampa, ajoelhando-se depois no chão diante do ecrã.

Quando o computador reiniciou, Pip clicou no painel de controlo e depois na opção *Dispositivos e Impressoras*. Passando o rato por cima de *Freddie Prints Jr*, clicou no botão do lado direito e, sustentando a respiração, premiu sobre o item do menu que dizia *Impressões em curso*.

Surgiu então no ecrã uma pequena caixa com margens azuis. No seu interior havia uma tabela com seis colunas: Título do Documento, Estado, Utilizador, Páginas, Tamanho e Data de Envio.

O quadro estava preenchido com várias entradas. Uma era do dia anterior, de Cara, intitulada *Carta de Apresentação segundo rascunho*. Outra fora introduzida uns dias antes por *Elliot Comp: receita de bolachas sem glúten*. Apareciam também várias entradas consecutivas de Naomi: *CV 2017*, candidatura a emprego em instituição de caridade, *Carta de Apresentação*, *Carta de Apresentação 2*.

Pip tinha encontrado o bilhete no seu cacifo no dia 20 de outubro, uma sexta-feira. Com os olhos postos na coluna que dizia Data de Envio, começou a percorrer a lista dos documentos anteriores.

Os seus dedos imobilizaram-se. No dia 19 de outubro, às onze e quarenta da noite, Elliot Comp imprimira *Microsoft Word — Documento 1*.

Um documento sem título que não fora gravado.

Os seus dedos deixaram nódoas de transpiração no tapete do rato assim que clicou no botão direito sobre o documento. Apareceu um novo menu com várias opções. Com o coração nas mãos, mordeu a língua e clicou na opção *Reiniciar*.

A impressora soou com estrépito atrás dela, fazendo-a estremecer.

Voltou-se para a impressora, girando sobre os calcanhares, e, com um ruído sibilante, ouviu-a sugar a primeira folha de papel da resma.

Pôs-se então muito direita assim que a impressora começou a engolir aos poucos a página.

Foi-se aproximando, avançando um passo a cada sorvo da máquina.

A folha de papel começou a sair, com a frente voltada para baixo, deixando entrever uma nesga de tinta preta ainda fresca.

A impressora acabou de imprimir a folha e cuspiu-a.

Pip alcançou-a.

Voltou-a para cima.

É a última vez que te aviso, Pippa. Afasta-te.

Pip ficou sem palavras.

Baixou os olhos para a folha e abanou a cabeça.

O sentimento que se apossou dela era algo de primitivo e ao mesmo tempo de inexprimível. Uma raiva dormente que o terror enegrecia. E uma sensação de traição que trespassava todas as partes do seu ser.

Cambaleou para trás e desviou o olhar na direção da janela sombria.

Elliot Ward era o Desconhecido.

Elliot Ward era o assassino. O responsável pela morte de Andie. E de *Barney*.

Ficou a observar as árvores semiadormecidas que pareciam acenar-lhe ao sabor do vento. E no reflexo da vidraça pôde então reconstituir a cena. A vez em que tinha esbarrado contra o Sr. Ward na aula de História, o bilhete que caíra para o chão. O mesmo bilhete que ele lhe deixara no cacifo. A falsa simpatia no seu rosto ao perguntar-lhe se alguém andava a provocá-la. Cara a oferecer-lhe os bolinhos que tinha confeccionado com Elliot para animar a família Amobi no rescaldo da morte do cão.

Mentiras. Tudo mentiras. Elliot, o homem que ao longo dos anos aprendera a respeitar como uma segunda figura paternal. O homem que inventara elaboradas caças ao tesouro no jardim para diversão delas. O homem que comprara pantufas com garras de urso a condizer com as de Cara para usar em casa deles. O homem que contava piadas do género truz-truz, acompanhando-as com a sua gargalhada fácil e estridente. Esse homem era um assassino. Um lobo com pele de cordeiro, que era o mesmo que dizer com camisas em tons pastel e óculos de aros grossos.

Ouviu então Cara chamar por ela.

Dobrou a folha de papel e enfiou-a no bolso do blazer.

— Demoraste séculos — disse Cara assim que Pip abriu a porta da cozinha.

— Casa de banho — respondeu ela, pousando o portátil à frente de Cara. — Olha, não me estou a sentir lá muito bem. E, na verdade, devia era estar a estudar para o meu exame; é daqui a dois dias. Acho que é melhor ir-me embora.

— Oh... — disse Cara, franzindo o sobrolho. — Mas a Lauren deve estar mesmo a chegar, e eu queria que víssemos o *Blair Witch* todas juntas. O pai concordou e tudo, e para além disso podemos gozar com ele, já que fica todo amedrontado com filmes de terror.

— Onde anda o teu pai? — perguntou Pip. — A dar explicações?

— Quantas vezes já vieste cá a casa? Já sabes que ele só dá explicações às segundas, quartas e quintas. Acho que teve de ficar até mais tarde na escola.

— Ah, pois é, desculpa, já começo a confundir os dias. — Deteve-se então a

pensar por instantes. — Nunca percebi por que motivo o teu pai dá explicações; não há de ser porque precisa do dinheiro.

— Então porquê? — disse Cara. — Só porque a família do lado da minha mãe é podre de rica?

— Exatamente.

— Acho que é só porque gosta — disse Naomi, introduzindo uma pequena vela acesa na boca da sua abóbora. — Provavelmente, paga aos alunos só para o ouvirem dissertar sobre História.

— Já nem me lembro de quando começou a dar explicações — disse Pip.

— Hum... — Naomi ergueu um olhar com um ar pensativo. — Acho que começou pouco antes de eu ter ido para a universidade.

— Há pouco mais de cinco anos, portanto?

— Acho que sim — disse Naomi. — Porque não lhe perguntas? Acabou de estacionar o carro.

Pip pôs-se de repente muito direita, sentindo-se toda arrepiada.

— Tenho mesmo de ir embora. Desculpa. — Agarrou na mochila, espreitando pela janela e vendo as luzes dos faróis desligarem-se.

— Não seas tola — disse Cara, já com sinais de apreensão em torno dos olhos —, eu percebo. Talvez possamos voltar a fazer uma festa de Halloween quando estiveres com menos trabalho?

— Sim.

Ouviu-se o raspar de uma chave. A porta das traseiras abriu-se. Seguiu-se o som de passos que atravessavam já a divisão das máquinas.

Elliot apareceu à porta da cozinha. As lentes dos seus óculos ficaram embaciadas assim que entrou na divisão sobreaquecida, e então sorriu às três raparigas. Pousou a mala e um saco de plástico em cima da bancada.

— Olá a todas — disse. — Caramba, os professores gostam mesmo de ouvir o som das próprias vozes. Foi a reunião mais longa da minha vida.

Pip forçou um risinho.

— Uau, olhem-me só para estas abóboras — disse ele, alternando o olhar entre ambas com um sorriso rasgado no rosto. — Ficas para jantar, Pip? Acabei de comprar umas batatas de Halloween com formas assustadoras.

Brandiu o pacote congelado e agitou-o no ar, soltando um uivo fantasmagórico.

Quarenta e Um

Chegou a casa precisamente no momento em que os pais estavam a sair, para levar um Josh mascarado de Harry Potter a fazer uma ronda de doces ou travessuras.

— Vem connosco, picle — disse Victor, enquanto Leanne tratava de lhe subir o fecho do fato de *Homem Marshmallow* do filme *Os Caça-Fantasmas*.

— É melhor ficar por aqui a estudar — disse ela. — E lidar com todos os casos de doces ou travessuras.

— Não podes descansar esta noite? — perguntou Leanne.

— Não posso. Desculpem.

— OK, meu doce. Os doces estão à entrada. — A mãe riu-se com a própria piada.

— Já percebi. Até logo.

Josh saiu para a rua a acenar com a mão e a gritar: «*Accio*, meu doce.»

Victor pegou na sua cabeça de *marshmallow* e saiu com eles. Leanne deteve-se por instantes para beijar o cimo da cabeça de Pip e fechou a porta ao sair.

Pip ficou a observá-los através da vidraça da porta da frente. Mal chegaram ao fim do pátio, tirou o telemóvel do bolso e enviou uma mensagem a Ravi: *VEM IMEDIATAMENTE A MINHA CASA!*

Ravi olhava para a caneca que apertava entre os dedos.

— O Sr. Ward. — Abanou a cabeça. — Não é possível.

— É pois — disse Pip, batendo repetidamente com o joelho contra a parte de baixo da mesa. — Não tem álibi para a noite em que a Andie desapareceu. Tenho a certeza disso. Uma das filhas passou a noite inteira em casa do Max, e a outra dormiu cá em casa.

Ravi respirou fundo, e o sopro da sua respiração afluía a superfície do seu chá com leite. Por essa altura, já devia estar frio, tal como o dela.

— E também não tem álibi para a terça-feira em que o Sal morreu — disse ela. — Nesse dia, telefonou para o trabalho a dizer que estava doente; foi ele próprio que mo contou.

— Mas o Sal adorava o Sr. Ward — disse Ravi com uma voz sumida como nunca tinha ouvido da boca dele.

— Eu sei.

A mesa que os separava pareceu tornar-se subitamente mais ampla.

— Achas então que é ele o amante secreto mais velho com quem a Andie tinha uma relação? — perguntou Ravi passado algum tempo. — O mesmo que

costumava encontrar-se com ela no Ivy House?

— Talvez — respondeu Pip. — A Andie falava em dar cabo da vida dessa pessoa; o Elliot era um professor, uma pessoa que ocupava um lugar de responsabilidade. Teria ficado em muito maus lençóis se ela contasse a alguém o que se passava entre os dois. Um processo, pena de prisão. — Baixou os olhos para o chá ainda por provar, vendo o seu reflexo tremeluzente à superfície do líquido. — A Andie chamou idiota ao Elliot em conversa com os amigos poucos dias antes de ter desaparecido. O Elliot disse que a razão de ser do insulto se prendia com o facto de ter descoberto que a Andie fazia *bullying* e de ter entrado em contacto com o pai dela por causa do vídeo da Nat em *topless*. Mas se calhar não foi essa a verdadeira razão.

— Como é que ele veio a saber do atropelamento e fuga? Foi a Naomi que lhe contou?

— Não me parece. Ela disse que não tinha contado a ninguém. Não sei como descobriu.

— Há ainda algumas lacunas nesta história — disse Ravi.

— Eu sei. Mas foi ele que me ameaçou e matou o *Barney*. Foi ele, Ravi.

— OK. — Ravi fixou os seus olhos muito abertos e cansados nos dela. — E como vamos provar isso?

Pip afastou a caneca e debruçou-se sobre a mesa.

— O Elliot dá explicações três vezes por semana — disse. — Nunca pensei que houvesse alguma coisa de estranho nisso, até hoje. Os Wards não precisam de se preocupar com dinheiro; o seguro de vida da mulher era muito chorudo, e os pais da Isobel ainda estão vivos e são podres de ricos. Para além disso, o Elliot faz parte conselho diretivo da escola; deve receber um bom ordenado. Ao que parece, só começou a dar explicações há pouco mais de cinco anos, em 2012.

— Sim, e...?

— E se nesses três dias da semana ele não estiver realmente a dar explicações? — perguntou ela. — E se... não sei, imagina que nesses dias ele vai ao local onde enterrou a Andie? Para visitar o túmulo dela, como uma espécie de penitência?

Ravi fez um esgar, com rugas de interrogação a vincarem-lhe a testa e o nariz.

— Não há de ir lá três vezes por semana.

— Sim, está bem — reconheceu ela. — Bom, supõe tu que sai para ir ter com... *ela*? — Só pensou realmente no que estava a dizer quando a palavra se formou na sua garganta. — Supõe tu que a Andie está viva e que ele a tem escondida em algum lado? E que vai lá três vezes por semana.

Ravi voltou a fazer o mesmo esgar.

Um punhado de memórias praticamente eliminadas começou a despontar na sua consciência.

— As bolachas desaparecidas — disse murmurou entre dentes.

— Desculpa?

Pip apontou o olhar para a esquerda e para a direita, procurando dar forma àquela ideia.

— As bolachas desaparecidas — voltou a dizer, desta feita mais alto. — A Cara está sempre a dizer que a comida desaparece lá em casa. A mesma comida que ela vê o pai comprar. Oh, meu Deus. Ela está com o Elliot, e é ele que anda a alimentá-la.

— Se calhar estás a tirar conclusões precipitadas, sargento.

— Temos de descobrir onde ele vai — disse Pip, sentando-se muito hirta, como se tivesse recebido uma estocada na coluna. — Amanhã é quarta-feira, dia de explicação.

— E se ele estiver realmente a dar explicações?

— E se não for esse o caso?

— Achas que devíamos segui-lo? — perguntou Ravi.

— Não — respondeu ela assim que um pensamento se sobre pôs aos outros.

— Tenho uma ideia melhor. Dá-me o teu telemóvel.

Sem dizer palavra, Ravi revolveu o interior do bolso e tirou o telemóvel. Fê-lo então deslizar por cima da mesa até chegar a ela.

— Palavra-passe? — perguntou Pip.

— Um um dois dois. O que estás tu a fazer?

— Vou ativar a aplicação *Encontrar Amigos* entre os nossos telemóveis. — Clicou na aplicação e enviou um convite para o seu próprio telemóvel. Desbloqueou-o com o polegar e aceitou o convite. — Agora, conseguimos partilhar a localização exata de ambos por tempo indeterminado. E assim, do pé para a mão — disse ela, brandindo o telemóvel no ar —, passamos a dispor de um dispositivo de localização.

— Às vezes assustas-me um bocado — disse ele.

— Amanhã, depois da escola, terei de arranjar maneira de deixar o meu telemóvel no carro dele.

— Como?

— Logo vejo.

— Não vás a lado nenhum sozinha com ele, Pip. — Ao dizê-lo, chegou-se à frente com o olhar fixo. — Estou a falar a sério.

Precisamente nessa altura, alguém bateu à porta de casa.

Pip levantou-se num salto, e Ravi seguiu-a pelo átrio. Ela pegou numa taça com doces e abriu a porta.

— Doçura ou travessura?! — guinchou um coro de vozes miúdas.

— Oh, uau — disse Pip, reconhecendo os filhos dos Yardley, que moravam três casas baixo e estavam mascarados de vampiros. — Que medo que vocês metem.

Ao baixar a taça, os seis miúdos precipitaram-se ao mesmo tempo para ela, e os primeiros afundaram as mãos ávidas no recipiente.

Pip sorriu para o grupo de adultos que permanecia na retaguarda enquanto os respetivos filhos discutiam e seleccionavam os melhores doces. E então reparou que esses adultos espreitavam por cima do ombro dela, na direção de Ravi, fitando-o com um olhar sombrio e fulminante.

Duas das mulheres juntaram-se, não deixando de olhar para ele enquanto segredavam palavras inaudíveis por detrás das palmas das mãos.

Quarenta e Dois

— O que te aconteceu? — perguntou Cara.

— Não sei. Tropecei quando estava a descer as escadas, depois de ter saído da aula de Política. Acho que torci o tornozelo.

Pip fingiu coxear até ela.

— Tive de vir a pé para a escola hoje de manhã; não trouxe o carro — disse.

— Oh, bolas, e a minha mãe tem de ir mostrar uma casa hoje à tarde.

— Podes sempre voltar de boleia comigo e com o meu pai — disse Cara, amparando o braço de Pip ao acompanhá-la até ao cacifo. Pegou no manual que Pip segurava e pousou-o em cima do monte de livros que ocupava o cacifo. — Não percebo como podes preferir ir para a escola a pé quando tens o teu próprio carro. Agora que a Naomi está lá em casa, já nem posso usar o meu.

— Apetecia-me andar um bocado, só isso — disse Pip. — E agora já não tenho a desculpa do *Barney*.

Cara fitou-a com um olhar compadecido e fechou a porta do cacifo.

— Anda daí, vá — disse —, vamos a coxear as duas até ao parque de estacionamento. Tens sorte de eu ser o Muscles McGee; ainda ontem fiz nove flexões de seguida.

— Nove de seguida? — disse Pip a sorrir.

— Eu sei. Se te portares bem, ainda me irás ver no ringue de combate. — Fletiu o braço e soltou um grunhido.

Pip ficou logo de coração partido por causa dela. Pedia por tudo, repetindo *por favor por favor por favor*, para que Cara não deixasse de ser a pessoa alegre e apatetada que era com aquilo que estava para vir, fosse o que fosse.

Apoiando-se em Cara, foram a cambalear juntas ao longo do corredor, tendo então saído pela porta lateral.

O vento gelado mordeu-lhe o nariz, obrigando-a semicerrar os olhos. Caminharam vagarosamente, dando a volta às traseiras na direção do parque de estacionamento dos professores, ao mesmo tempo que Cara ia ocupando o tempo de viagem com pormenores acerca da noite de Halloween em que se tinham juntado para ver um filme. Pip ficava tensa sempre que Cara mencionava o pai.

Elliot já tinha chegado e aguardava junto ao carro.

— Ah, estás aí — disse ele, avistando Cara. — O que aconteceu?

— A Pip torceu o tornozelo — disse Cara, abrindo a porta de trás. — E a Leanne vai trabalhar até tarde. Podemos dar-lhe boleia?

— Sim, claro. — Elliot apressou-se a tomar o braço do Pip e a ajudá-la a entrar no carro.

A pele dele entrou em contacto com a sua.

Teve de recorrer a todas as suas forças para não se retrair ao toque dele.

Já com a mochila pousada ao seu lado, Pip viu Elliot fechar a porta do seu lado e entrar para o lugar do condutor. Assim que Cara e Pip puseram os respetivos cintos de segurança, rodou a chave na ignição.

— Então o que te aconteceu, Pip? — perguntou, enquanto aguardava que um grupo de miúdos atravessasse a estrada, antes de sair do parque de estacionamento e fazer-se à estrada.

— Não tenho bem a certeza — disse ela. — Acho que dei um mau jeito ao pousar o pé.

— Não queres que te leve às urgências?

— Não — respondeu Pip —, acho que daqui a uns dias já vou estar bem. — Tirou o telemóvel do bolso e certificou-se de que estava em modo de silêncio. Tinha passado o dia quase todo com o telemóvel desligado, e a bateria estava praticamente carregada.

Elliot afastou a mão de Cara com uma pancadinha assim que ela começou a alternar entre as estações rádio.

— É o meu carro, é a minha música pirosa — disse ele. — Pip?

Ela deu um salto e quase deixou cair o telemóvel.

— Tens o tornozelo inchado? — perguntou.

— Hum... — Pip baixou-se para apalpar o tornozelo, ainda com o telemóvel na mão. Enquanto fingia massajar o tornozelo, dobrou o pulso e lançou o telemóvel para baixo do banco de trás. — Um bocadinho — disse, endireitando-se no banco, já com o rosto muito vermelho. — Não muito.

— OK, ainda bem — disse ele, fingindo o trânsito ao subir a rua principal. — Esta noite, devias soerguê-lo enquanto estiveres sentada.

— Sim, vou fazer isso — disse ela, cruzando olhares com ele no espelho retrovisor. E então: — Lembrei-me agora que hoje é dia de explicação. Não vai atrasar-se por minha causa, pois não? Para que lado vai?

— Oh, não te preocupes — disse ele, ativando o pisca para a esquerda, ao fundo da rua de Pip. — Tenho de só de ir a Old Amersham. Não me custa nada.

— Ufa, OK.

Cara estava a perguntar o que era para o jantar quando Elliot abrandou e enveredou pelo caminho de acesso à casa de Pip.

— Oh, afinal a tua mãe *está* em casa — disse ele, apontando com a cabeça para o carro de Leanne ao estacionar.

— Está? — Pip sentiu o coração bater disparado, receando que a tensão no ar em volta se tornasse visível. — A visita à casa deve ter sido cancelada à última hora. Devia-lhe ter perguntado, desculpe.

— Não sejas tola. — Elliot voltou-se para ela. — Precisas de ajuda para abrir a porta?

— Não — apressou-se ela a responder, agarrando na mochila. — Não, muito obrigada, eu consigo.

Abriu a porta do carro e começou a afastar-se, arrastando os passos.

— Espera — disse Cara de repente.

Pip ficou imóvel. *Por favor, digam-me que ela não viu o telemóvel, por favor.*

— Ainda te vejo antes do teu exame de amanhã?

— Oh — disse Pip, voltando a respirar. — Não, tenho de me registar na secretaria e depois vou logo para a sala.

— OK. Então, boooooooooo soooooooooorte — disse ela, recitando as palavras num tom cantado. — Vais arrasar, tenho a certeza. Vou ter contigo mais tarde.

— Sim, que tudo corra pelo melhor, Pip — disse Elliot com um sorriso. — Até diria «parte uma perna», mas parece-me que não é altura indicada para isso.

Pip soltou uma risada roufenha que quase fez eco.

— Obrigada — disse — e obrigada também pela boleia. — Inclinou-se e fechou a porta do carro.

Coxeou então até à porta de casa, ficando à escuta e ouvindo o ruído surdo do automóvel de Elliot afastar-se. Abriu a porta e parou de coxear.

— Olá — disse Leanne em voz alta da cozinha. — Queres que ligue a chaleira?

— Hum, não, obrigada — disse Pip, demorando-se ainda à entrada. — O Ravi vai passar por cá para me ajudar a estudar para o exame.

A mãe dela lançou-lhe um olhar.

— O que foi?

— Não penses que não conheço a minha própria filha — disse enquanto passava cogumelos por água no coador. — Filha essa que só consegue trabalhar sozinha e é conhecida por fazer as outras crianças chorar em trabalhos de grupo. Estudar, pois. — Lançou-lhe um novo olhar. — Quero a porta do quarto aberta.

— Credo, está bem.

Quando já começava a subir as escadas, uma mancha em forma de Ravi bateu à porta.

Pip abriu-lhe a porta, e Ravi dirigiu a Leanne um cumprimento em voz alta enquanto subia as escadas atrás dela.

— A porta tem de estar aberta — disse Pip ao ver que Ravi se preparava para a fechar.

Sentou-se em cima da cama de pernas cruzadas, e Ravi puxou a cadeira da secretária para se sentar à frente dela.

— Correu bem? — perguntou ele.

— Sim, ficou debaixo do banco de trás.

— OK.

Ravi desbloqueou o telemóvel e abriu a aplicação *Encontrar Amigos*. Pip aproximou-se e, com as cabeças quase coladas uma à outra, baixaram os olhos

para o mapa que aparecia no ecrã.

O minúsculo avatar cor de laranja que indicava a localização de Pip estava nesse momento parado em Hogg Will, à porta de casa dos Wards. Ravi clicou para atualizar a página, mas o avatar continuava no mesmo local.

— Ainda não saiu de casa — disse Pip.

Ouviram-se passos arrastados ao longo do corredor, e Pip levantou os olhos do ecrã, vendo Josh espedado à porta do quarto.

— Pippo — disse ele, mexendo no cabelo hirsuto —, o Ravi pode descer para jogar *FIFA* comigo?

Ravi e Pip olharam um para o outro.

— Hum, agora não, Josh — disse ela. — Estamos muito ocupados.

— Eu já desço para jogar contigo, está bem, companheiro? — disse Ravi.

— OK. — Josh deixou cair o braço em sinal de derrota e foi-se embora a arrastar os passos.

— Já está a caminho — disse Ravi ao atualizar o mapa.

— Onde?

— Por enquanto, ainda está a sair de Hogg Hill, quase a chegar à rotunda.

O avatar não se deslocava em tempo real; tinham de estar constantemente a clicar para atualizar a página e esperar que o círculo cor de laranja acompanhasse a rota traçada. Parou justamente à entrada da rotunda.

— Atualiza a página — disse Pip com impaciência. — Se não virar agora à esquerda, quer dizer que não vai para Amersham.

O botão para atualizar a página rodopiava numa espiral esbatida. A carregar. A carregar. Atualizou a página, e o avatar cor de laranja desapareceu.

— Onde está? — perguntou Pip.

Ravi perscrutou o mapa, deslocando-o com o rato, para tentar perceber onde Elliot fora parar.

— Para. — Pip localizou-o. — Ali. Está a seguir para norte, pela A413.

Ficaram a olhar um para o outro.

— Não está a ir para Amersham — disse Ravi.

— Não, de facto.

Os olhos de ambos acompanharam a trajetória ao longo dos onze minutos que se seguiram, enquanto Elliot continuava a conduzir estrada fora, e o sobressalto dos dois era cada vez maior sempre que Ravi carregava com o polegar na seta para atualizar a aplicação.

— Está perto de Wendover — disse Ravi, e então, reparando no rosto de Pip, disse: — O que foi?

— Os Wards moravam em Wendover antes de se terem mudado para uma casa maior, em Kilton. Quando ainda não os conhecíamos.

— Acabou de virar — disse Ravi, e Pip voltou a inclinar-se para o ecrã. — Meteu por uma estrada qualquer chamada Mill End Road.

Pip ficou a olhar para o ponto cor de laranja imóvel na estrada branca pixelizada.

— Atualiza a página — disse.

— Estou a atualizar — disse Ravi. — Não avança. — Clicou novamente para atualizar; a espiral girou por um segundo, e a página parou de carregar, deixando o ponto cor de laranja no mesmo lugar. Voltou a clicar, e nada aconteceu.

— Parou — disse Pip, agarrando-se ao pulso de Ravi e puxando-o para ver melhor o mapa. Levantou-se, agarrou no portátil dele e pousou-o ao colo. — Vamos ver por onde anda.

Abriu o motor de pesquisa e acedeu ao Google Maps. Procurou por Mill End Road, Wendover, e clicou no modo de satélite.

— Em que ponto achas que ele pode estar nesta estrada? Aqui? — Pip apontou para o ecrã.

— Um pouco mais para a esquerda, diria eu.

— OK. — Pip largou o homenzinho cor de laranja na estrada, e o ecrã exibiu o modo *street view*.

A estreita estrada de campo apareceu ladeada de árvores e de grandes arbustos que refulgiam à luz do sol assim que Pip clicou e arrastou o cursor do rato pelo ecrã até obter um panorama geral. Só se viam casas de um lado da estrada, a alguma distância da berma.

— Achas que pode estar nesta casa? — Pip apontou para uma casinha de tijolo com um grande portão de garagem branco, dificilmente discernível no meio das árvores e do poste de eletricidade que a cobriam.

— Hum... — Ravi desviou o olhar do telemóvel para o ecrã do portátil. — Ou é essa ou a outra mais à esquerda.

Pip procurou os números das casas.

— Sendo assim, pode estar no número quarenta e dois ou quarenta e quatro.

— Era aí que eles moravam? — perguntou Ravi. Pip não sabia dizer. Encolheu os ombros, e então ele disse: — Achas que consegues descobrir através da Cara?

— Sim — disse ela. — Nos últimos tempos, tornei-me muito experiente a fingir e a mentir. — Sentiu o estômago às voltas e um aperto na garganta. — Ela é a minha melhor amiga, e isto vai destruí-la. Vai destruir toda a gente, tudo.

Ravi deu-lhe a mão.

— Está quase no fim, Pip — disse.

— Já chegou ao fim — disse ela. — Precisamos de ir até lá esta noite e ver o que o Elliot anda a esconder. É possível que a Andie esteja lá dentro com vida.

— Isso é só uma conjectura.

— Tudo isto tem sido um monte de conjecturas. — Afastou a mão para segurar a cabeça, que já lhe começava a doer. — Preciso de que isto acabe de uma vez por todas.

— *OK* — disse Ravi num tom suave. — E nós vamos acabar com isto de uma vez por todas. Só que não será esta noite. Amanhã. Trata de descobrir através da Cara a morada da casa para onde ele vai, se é que se trata da casa antiga da família. E amanhã, quando acabares as aulas, podemos ir lá ao final da tarde, quando o Elliot não estiver, para tentarmos perceber o que anda a tramar. Ou então telefonamos para a polícia, fazemos uma denúncia anónima e mandamo-los para a tal morada, está bem? Mas agora não, Pip. Não podes pôr toda a tua vida de pernas para o ar esta noite, não vou deixar que isso aconteça. Não vou permitir que desperdices a oportunidade de Cambridge. Agora, vais estudar para o teu exame e depois vais tentar dormir um pouco, raios. Está bem?

— Mas...

— Não há mas nem meio mas, sargento. — Ele fitou-a com um olhar subitamente severo. — O Sr. Ward já deu cabo de demasiadas vidas. Não vai dar cabo da tua também. Certo?

— Certo — disse ela em voz baixa.

— Ótimo. — Ravi voltou a pegar na mão dela, ajudou-a a levantar-se da cama e sentou-a depois na cadeira. Empurrou-a até à secretária e pôs-lhe uma caneta na mão. — Agora vais esquecer-te da Andie Bell e do Sal durante as próximas dezoito horas. E quero-te na cama a dormir às dez e meia.

Pip levantou os olhos para Ravi, fitando os olhos bondosos e o rosto sério do amigo, e não soube o que dizer ou sequer o que sentir. Encontrava-se à beira de um penhasco, algures entre o riso, o choro e a vontade de gritar.

Quarenta e Três

Os poemas e excertos seguintes, retirados de textos mais longos, oferecem representações do sentimento de culpa. Encontram-se ordenados cronologicamente por data de publicação. Leia com atenção o material selecionado e complete a tarefa que se segue.

O tiquetaque do relógio ecoava como um tambor na cabeça de Pip. Abriu a folha de teste e olhou para cima uma última vez. O vigilante do exame estava sentado com os pés em cima da mesa, com o rosto mergulhado num livro de bolso de lombada partida. Pip estava sentada a uma pequena secretária que abanava, no meio de uma sala de aula vazia que dava para trinta alunos. E entretanto já se tinham passado três minutos.

Olhou para baixo, começando a conversar consigo mesma em pensamento para silenciar o relógio, e pressionou o bico da caneta na página.

Quando o vigilante deu ordem para parar, já Pip tinha terminado o exame há quarenta e nove segundos, altura em que começara a seguir com os olhos o segundo ponteiro do relógio, vendo-o avançar muito hirto até quase completar um círculo. Fechou a folha de teste e entregou-a ao homem à saída da sala.

Tinha escrito acerca da forma como certos textos manipulam a imputação da culpa ao servirem-se da voz passiva durante o ato criminoso. Dormira quase sete horas e achava que até se tinha saído bem.

Estava quase na hora de almoço quando, ao sair de um corredor para o outro, ouviu a voz de Cara chamar por ela.

— Pip!

Só à última da hora se lembrou de começar a andar com um ligeiro coxear.

— Como correu? — Cara conseguiu apanhá-la.

— Acho que correu bem.

— Ótimo, agora estás livre — disse ela, levantando o braço de Pip no ar em jeito de celebração. — Como está o teu tornozelo?

— Não muito mal. Acho que amanhã já vai estar melhor.

— Ah, é verdade — disse Cara, revolvendo algo no bolso —, tinhas razão. — Tirou do bolso o telemóvel de Pip. — Afinal *deixaste* o telemóvel no carro do pai. Estava metido debaixo do banco de trás.

Pip pegou no aparelho.

— Oh, nem sei como isso foi acontecer.

— Devíamos comemorar a tua liberdade — disse Cara. — Posso convidar toda a gente a ir a minha casa amanhã e organizar uma noite de jogos de tabuleiro ou algo do género, se quiseres.

— Sim, talvez.

Pip aguardou alguns instantes e, quando houve finalmente uma pausa na conversa, disse:

— Ei, a minha mãe vai mostrar uma casa hoje em Mill End Road, Wendover. Não era aí que vocês moravam antes?

— Sim — disse Cara. — Curioso.

— Número quarenta e quatro.

— Ah, o nosso era o quarenta e dois.

— O teu pai ainda costuma lá ir? — perguntou Pip num tom de voz neutro de desinteressado.

— Não, já vendeu a casa há que séculos — respondeu Cara. — Na altura, ficaram com a casa porque a mãe tinha acabado de receber uma herança muito choruda da avó dela. Alugaram depois a casa durante alguns tempos para terem um rendimento extra enquanto a mãe pintava. Mas acho que o pai acabou por a vender há uns anos, depois da morte da minha mãe.

Pip assentiu com a cabeça. Não havia a menor dúvida de que Elliot andava a mentir há muito tempo. Há mais de cinco anos, aliás.

Esteve meio sonâmbula durante todo o almoço. Quando terminaram e Cara se preparava já para seguir na direção oposta, Pip foi a coxear até ela e abraçou-a.

— Pronto, sua lamechas — disse Cara, procurando libertar-se. — O que se passa contigo?

— Nada — respondeu Pip. A tristeza que sentia por causa de Cara era negra, tortuosa e ávida. Como era possível encontrar alguma justiça naquilo? Pip não queria largá-la, achava que não seria capaz. Mas tinha de ser.

Connor alcançou-a e ajudou-a a subir as escadas para irem para a aula de História, embora lhe tivesse dito que não era preciso. O Sr. Ward estava já na sala, sentado em cima da secretária e envergando uma camisa verde-clara. Pip não olhou para ele ao passar pela sua carteira do costume, na parte dianteira da sala, tendo continuado a coxear até ocupar um lugar mesmo ao fundo da sala.

Não havia maneira de aquela aula acabar. O relógio parecia troçar da sua pessoa enquanto o observava, olhando para todos os lados menos para Elliot. Recusava-se a olhar para ele. Não era capaz. Sentia o hálito pastoso, como se tentasse sufocá-la.

— Curiosamente — estava Elliot a dizer —, há cerca de seis anos, foram publicados os diários de um dos médicos pessoais de Estaline, um homem chamado Alexander Myasnikov. Myasnikov refere que Estaline sofria de uma doença do cérebro que possivelmente terá debilitado a sua capacidade de tomar decisões e contribuído para aumentar a sua paranoia. Portanto...

Foi interrompido pelo toque da campainha.

Pip deu um salto. Não por causa da campainha, mas por algo que lhe ocorrera assim que Elliot dissera «diários», palavra que começara a repetir

mentalmente até a ter conseguido encaixar aos poucos no seu pensamento.

Os colegas arrumaram os respetivos cadernos e manuais e começaram a fazer fila para sair da sala. A coxear, Pip colocou-se atrás da fila e foi a última a chegar à porta.

— Espera, Pippa. — A voz de Elliot arrastou-a de volta à sala.

Voltou-se, muito hirta e com um ar relutante.

— Como correu o exame? — perguntou ele.

— Correu bem.

— Ah, ótimo — disse ele com um sorriso. — Então agora já podes relaxar.

Devolveu-lhe um sorriso forçado e saiu a coxear para o corredor. Assim que saiu do campo de visão de Elliot, parou imediatamente de coxear e desatou a correr. O facto de o período letivo da disciplina de Política estar a chegar ao fim não lhe interessava agora. Continuou a correr, acossada pela voz de Elliot, que lhe repetia sempre a mesma palavra. *Diários*. Só parou ao esbarrar contra a porta do seu próprio carro, procurando nervosamente o puxador.

Quarenta e Quatro

— O que fazes aqui, Pip? — Naomi ficou espedada à entrada. — Não devias estar na escola?

— Tive um furo — disse ela, tentando recobrar fôlego. — Queria só perguntar-te mais uma coisa.

— Estás bem, Pip?

— Tens ido ao psicólogo desde que a tua mãe morreu, certo? Por causa da ansiedade e da depressão — disse Pip. Não havia tempo para delicadezas.

Naomi olhou para ela de uma forma estranha, com os olhos a brilhar.

— Sim — respondeu.

— Alguma vez o teu psicólogo te recomendou que escrevesse um diário?

Naomi fez com que sim com a cabeça.

— É uma forma de controlar o stresse. Ajuda — disse. — Escrevo diários desde os meus 16 anos.

— E alguma vez escreveste no teu diário acerca do atropelamento e fuga?

Naomi fixou-a com o olhar, notando-se-lhe os traços de críspação em torno dos olhos.

— Sim — respondeu —, claro que sim. Tinha de escrever sobre isso. Na altura, fiquei destroçada e não conseguia falar com ninguém. Não mostro os meus diários a ninguém.

Pip ficou pasmada, cobrindo a boca com as mãos para que não notasse.

— Achas que terá sido assim que aquela pessoa descobriu? — Naomi abanou a cabeça. — Não, é impossível. Fecho sempre os meus diários à chave e, para além disso, estão escondidos no meu quarto.

— Tenho de ir — disse Pip. — Desculpa.

Deu meia-volta e voltou a estugar o passo em direção ao seu carro, ignorando a voz de Naomi, que gritava:

— Pip! Pippa!

O carro da mãe estava já parado à frente de casa quando Pip estacionou. Porém, a casa estava em silêncio, e Leanne não a chamou assim que a porta da frente se abriu. Ao atravessar o átrio, Pip ouviu outro som que se sobrepunha à sua própria pulsação acelerada: era a mãe a chorar.

À entrada da sala de estar, Pip deteve-se e viu a nuca da sua mãe encostada à borda do sofá. Segurava o telemóvel no ar com ambas as mãos, e da coluna soavam algumas vozes sumidas.

— Mãe?

— Oh, querida, assustaste-me — disse ela, colocando a gravação na pausa e

apressando-se a enxugar os olhos. — Voltaste mais cedo. Então, como correu o exame? — Deu umas palmadinhas insistentes na almofada que tinha ao lado, tentando disfarçar o rosto banhado de lágrimas. — Qual era o tema do teu ensaio? Chega aqui, vá.

— Mãe — disse Pip —, porque estás com um ar tão perturbado?

— Oh, não é nada, a sério. — Olhou para Pip com um sorriso lacrimoso. — Estava só a dar uma vista de olhos pelas fotografias antigas do *Barney*. E acabei por encontrar este vídeo que fizemos há dois anos, pelo Natal, quando o *Barney* começou a dar voltas à mesa para oferecer um sapato a toda a gente. Não consigo parar de ver este vídeo.

Pip foi ter com ela e abraçou-a por trás.

— Lamento muito que estejas triste — sussurrou ela para o cabelo da mãe.

— Não estou — disse Leanne, fungando. — É uma tristeza alegre. Era um cãozinho tão bom.

Pip sentou-se ao lado dela, passando em revista fotografias e vídeos antigos de *Barney*, rindo-se quando o via dar saltos e tentar comer neve, ladrar para o aspirador, estatelar-se no soalho com as patas viradas para cima, ficando nessa posição enquanto o pequeno Josh lhe friccionava a barriga e Pip lhe afagava as orelhas. Deixaram-se ficar assim até ao momento em que a mãe teve de sair para ir buscar Josh.

— OK — disse Pip. — Acho que vou lá para cima dormir uma sesta.

Era mais uma mentira. Foi para o quarto e ficou a ver as horas, caminhando em passo rápido da cama para a porta e vice-versa. Ficou à espera. O medo escalava e convertia-se em raiva, e, se não andasse de um lado para o outro, acabaria por desatar aos berros. Era quinta-feira, dia de explicação, e queria que ele estivesse lá.

Quando já passava das cinco e começava a escurecer em Little Kilton, Pip puxou o carregador que estava ligado ao telemóvel e vestiu rapidamente o seu casaco caqui.

— Vou a casa da Lauren, devo ficar lá algumas horas — anunciou em voz alta à mãe, que estava na cozinha a ajudar Josh a fazer os trabalhos de casa de Matemática. — Até logo.

Já na rua, abriu o carro com o comando, entrou e apanhou o cabelo escuro no cimo da cabeça. Baixou então os olhos para o telemóvel, vendo as mensagens consecutivas que Ravi lhe tinha enviado. Respondeu: *Correu bem, obrigada. Passo por tua casa depois do jantar e depois telefonamos para a polícia.* Mais uma mentira, mas Pip começava agora ganhar-lhe o jeito. Ele não faria mais do que tentar impedi-la.

Abriu a aplicação dos mapas no telemóvel, digitou o endereço na barra de pesquisa e clicou em Ir para ter acesso às direções.

A voz áspera e robótica entoou aos seus ouvidos: *A dar início ao percurso com*

destino a Mill End Road, 42, Wendover.

Quarenta e Cinco

Mill End Road era estreita e cheia de matagal à volta, um túnel de árvores sombrias que cercavam a estrada de todos os lados. Pip parou o carro numa clareira à beira da estrada, a curta distância do número quarenta, e desligou as luzes dos faróis.

O seu coração parecia conter uma debandada, e cada pelo, cada camada de pele do seu corpo, estava elétrico e fervilhava de excitação.

Alcançou o telemóvel, que estava encaixado no respetivo suporte, e marcou 112.

Chamou duas vezes, e depois:

— Boa tarde, ligou para as emergências. Qual é o serviço que deseja contactar?

— A polícia — disse Pip.

— Vou passar a chamada.

— Sim, boa tarde? — Ouviu-se uma voz diferente do outro lado da linha. — Fala do serviço de emergências da polícia. Em que posso ajudar?

— O meu nome é Pippa Fitz-Amobi — disse ela com voz trémula —, e moro em Little Kilton. Peço que me ouça com atenção. Precisa de enviar dois agentes para Mill End Road, Wendover, número quarenta e dois. Dentro dessa casa está um homem chamado Elliot Ward. Há cinco anos, esse Elliot raptou uma rapariga chamada Andie Bell, residente em Kilton, e desde então tem-na mantido refém nessa casa. Esse homem assassinou um rapaz chamado Sal Singh. Precisa de entrar em contacto com o inspetor Richard Hawkins, que conduziu o caso Andie Bell, e informá-lo desta situação. Acho que a Andie está viva e que foi feita refém dentro dessa casa. Vou agora entrar e confrontar o Elliot Ward com o caso. É possível que a minha vida esteja em risco. Envie agentes para o local o mais rapidamente possível.

— Espere um pouco, Pippa — disse a voz. — De onde está a telefonar?

— Estou perto da casa e prestes a entrar.

— OK, espere no exterior. Vou enviar dois agentes para o local agora mesmo. Pippa, pode...

— Vou entrar agora — disse Pip. — Despachem-se, por favor.

— Pippa, não entre nessa casa.

— Desculpe, mas tenho de entrar — disse ela.

Pip baixou o telemóvel, com a voz do operador ainda a chamar por ela, e desligou.

Saiu do carro. Ao atravessar a clareira na direção da estrada, descendo até ao

número quarenta e dois, viu o carro de Elliot estacionado à entrada de uma pequena casa de tijolo. As duas janelas do piso térreo estavam iluminadas, espantando a escuridão que se adensava em redor.

Ao caminhar em direção à casa, os seus passos foram detetados pelo foco de um projetor equipado com sensor de presença, inundando toda a extensão do pátio de entrada com uma luz branca e ofuscante. Tapou os olhos e continuou a andar, e, ao encaminhar-se para a porta de entrada, a enorme sombra de uma árvore alastrou-se no seu rastro.

Bateu à porta. Três pancadas secas e ruidosas.

Ouviu-se um estrépito do outro lado da porta. E depois nada.

Voltou a bater à porta. Bateu várias vezes com a parte mole do punho.

Acendeu-se uma luz atrás da porta, e pelo vidro fosco da janela agora alumada pôde ver uma figura indistinta avançar na sua direção.

Ouviu-se o raspar de uma corrente na porta e uma fechadura de correr que se abriu com um estalido abafado.

Elliot ficou parado a olhar para ela. Tinha vestida a mesma camisa verde-clara com que o tinha visto na escola e trazia umas luvas de forno escuras por cima do ombro.

— Pip? — disse num sopro de voz que transparecia medo. — O que é que... o que estás aqui a fazer?

Ela fitou diretamente os seus olhos ampliados pelas lentes.

— Estou só... — disse ele. — Estou só...

Pip abanou a cabeça.

— Dentro de dez minutos, mais coisa menos coisa, a polícia está aqui — disse ela. — É o tempo de que dispõe para me explicar tudo. — Deu um passo em direção à porta. — Quero que me explique tudo, de forma que eu possa ajudar as suas filhas a lidar com aquilo que se passou. E para que os Singhs possam finalmente saber a verdade, depois deste tempo todo.

O rosto de Elliot ficou sem pinga de sangue. Cambaleou alguns passos para trás, esbarrando contra a parede. Então, levou as mãos aos olhos e deixou escapar um longo suspiro.

— Acabou — disse em voz baixa. — Está tudo acabado, finalmente.

— O tempo está a passar, Elliot. — Havia muito mais bravura na sua voz do que ela supunha.

— *OK* — disse ele. — *OK*, queres entrar?

Pip hesitou, sentindo um nó no estômago que parecia dilatar-se até à coluna. Mas a polícia já estava a caminho; era capaz de fazer aquilo. Tinha de o fazer.

— Vamos deixar a porta aberta para a polícia entrar — acabou por dizer e depois seguiu-o ao longo do átrio, mantendo uma distância de três passos.

Elliot conduziu-a até uma cozinha. Não havia uma só peça de mobília, mas os balcões estavam cobertos de embalagens com comida e utensílios de cozinha,

não faltando até uma pequena prateleira com temperos. Em cima do balcão estava também uma pequena chave reluzente, ao lado de um pacote de massa. Elliot dobrou-se para desligar o bico do fogão, e Pip encaminhou-se para o outro lado da cozinha, mantendo-se tanto quanto possível afastado dele.

— Afaste-se das facas — disse ela.

— Pip, eu não vou...

— Afaste-se delas.

Elliot afastou-se, ficando junto à parede, do lado oposto dela.

— Ela está aqui, não está? — perguntou Pip. — A Andie está viva e está aqui neste momento, não é verdade?

— Sim.

Pip estremeceu dentro do seu casaco quente.

— Em março de 2012, o senhor e a Andie Bell tiveram uma relação — disse ela. — É melhor começar pelo princípio, Elliot; não temos muito tempo.

— Não era aquilo que... que... — balbuciou ele. — Era... — Soltou um gemido e levou as mãos à cabeça.

— Elliot!

Fungou e endireitou-se.

— OK — disse. — Foi no final de fevereiro. A Andie começou a... dar-me atenção na escola. Eu não era professor dela; a Andie não tinha História. Mas andava atrás de mim nos corredores a perguntar como me estava a correr o dia. E, não sei porquê, mas essa atenção começou a... saber-me bem. Sentia-me tão sozinho desde a morte da Isobel... E depois a Andie começa a pedir-me para ficar com o meu número de telemóvel. Por essa altura, ainda não tinha acontecido nada, não nos tínhamos beijado nem nada do género, mas ela continuava a insistir. Disse-lhe que não seria adequado dar-lhe o meu número. E, ainda assim, passado pouco tempo, já estava numa loja de telemóveis a comprar um novo cartão sim para poder falar com ela sem que ninguém viesse a descobrir. Não sei o que me levou a fazê-lo; suponho que na altura me tenha parecido uma distração depois de ter perdido a Isobel. Só queria ter alguém com quem pudesse conversar. Só usava esse cartão sim à noite, para que a Naomi não pudesse reparar em nada, e então começámos a trocar mensagens. Ela era simpática comigo; ouvia-me quando eu falava sobre a Isobel e dava-me também ouvidos quando eu falava das minhas preocupações a respeito da Naomi e da Cara.

— O tempo está a passar — disse Pip com frieza.

— Sim — disse ele, fungando —, e então a Andie sugeriu que nos encontrássemos em algum lado qualquer fora da escola. Um hotel ou algo do género. Disse-lhe que jamais aconteceria. Mas, num momento de loucura, num momento de fraqueza, dei por mim a reservar um quarto. Ela conseguia ser muito persuasiva. Combinámos a data e a hora, mas depois vi-me obrigado a cancelar num último instante porque a Cara ficou com varicela. Tentei acabar

tudo, independentemente do que pudesse haver entre nós na altura, mas ela voltou a insistir. E reservei um quarto no mesmo hotel para a semana seguinte.

— O Hotel Ivy House, em Chalfont — disse Pip.

Fez que sim com a cabeça.

— Foi a primeira vez que aconteceu. — A vergonha fê-lo baixar o tom de voz. — Não passámos a noite no hotel; não podia deixar as miúdas sozinhas em casa à noite. Ficámos só algumas horas.

— E dormiu com ela?

Elliot manteve-se em silêncio.

— Ela tinha 17 anos! — disse Pip. — A idade da sua filha. O senhor era professor. A Andie estava numa posição vulnerável, e aproveitou-se disso. O adulto era o Elliot, era sua obrigação ter agido com mais juízo.

— Não há nada que possas dizer que me faça sentir ainda mais enojado do que já sinto comigo mesmo. Disse-lhe que aquilo não poderia voltar a acontecer e tentei esquecer tudo o que se tinha passado. A Andie não me deixava. Começou a ameaçar-me, dizendo que me ia denunciar à polícia. Uma vez, interrompeu-me a aula, veio ter comigo e sussurrou-me que tinha deixado uma fotografia dela toda nua escondida algures na sala e que era melhor ir à procura dela antes que alguém a encontrasse. Tentou assustar-me. Por isso, na semana seguinte, voltei ao Ivy House, já que não sabia o que ela estaria disposta a fazer se me recusasse a regressar lá. Achava que passado pouco tempo acabaria por se cansar daqueles estratagemas.

Elliot interrompeu-se para coçar a nuca.

— Essa foi a última vez. Só aconteceu duas vezes, e depois vieram as férias da Páscoa. Eu e as miúdas passámos uma semana em casa dos pais da Isobel, e foi nessa altura, longe de Kilton, que me apercebi do que andava a fazer. Enviei uma mensagem à Andie e disse-lhe que estava tudo acabado e que não me importava se ela quisesse denunciar-me à polícia. Ela respondeu a dizer que, assim que as aulas recomeçassem, trataria de dar cabo da minha vida se não fizesse o que ela queria. Eu não sabia o que ela queria. E então, por obra do acaso, tive uma oportunidade de fazer com que ela passasse com aquilo. Descobri que a Andie andava a provocar aquela rapariga na Internet, por isso telefonei ao pai dela, como te contei, e disse que, se ela não melhorasse o comportamento, iria fazer queixa e seria expulsa da escola. A Andie sabia o que isso queria dizer: seria a ruína garantida de ambos. Poderia mandar-me para a cadeia por causa da nossa relação, enquanto eu teria arranjado maneira de ela ser expulsa da escola e de lhe dar cabo do futuro. Tínhamos chegado a um impasse, e julguei que o assunto ficaria por aí.

— Então porque a raptou no dia 20 de abril, uma sexta-feira? — perguntou Pip.

— Isso não... — começou ele por dizer. — Não foi assim que as coisas se

passaram, de todo. Eu estava sozinho em casa, e a Andie apareceu, por volta das dez, acho eu. Estava tão furiosa, tão zangada... Desatou a gritar comigo, dizendo-me que eu era um triste e um nojento e que só tinha posto as mãos em mim porque precisava de que a ajudasse a entrar em Oxford, como já tinha ajudado o Sal. A Andie não queria que ele se fosse embora sem ela. Disse-me aos berros que tinha de sair de casa, que tinha de ir para longe de Kilton porque aquela vida a estava a matar. Tentei acalmá-la, mas foi inútil. Ela sabia exatamente o que fazer para me magoar.

Elliot pestanejou lentamente.

— A Andie foi a correr para o meu escritório e começou a rasgar os quadros que a Isobel tinha pintado na altura em que estava a morrer, os meus quadros com arco-íris. Destruíu dois desses quadros, e estava eu a gritar para que parasse com aquilo quando a vi pegar no meu preferido. E... empurrei-a para a fazer parar, não era minha intenção magoá-la. Mas ela caiu de costas e foi bater com a cabeça na minha secretária. Com muita força. — Elliot fungou. — E depois ficou estendida no chão, com a cabeça a sangrar. Estava consciente, mas confusa. Apressei-me a ir buscar o estojo de primeiros-socorros e, quando voltei, a Andie já tinha desaparecido, e a porta da frente estava aberta. Não tinha levado o carro até minha casa, e também não havia sinal de carro algum à entrada ou nas redondezas. Foi-se embora a pé e desapareceu. O telemóvel dela estava no chão do escritório, deve tê-lo deixado cair no meio daquela zaragata.

» No dia seguinte — prosseguiu —, fiquei a saber pela Naomi que a Andie estava desaparecida. A Andie tinha saído a correr de minha casa com a cabeça a sangrar e agora estava desaparecida. E, com o avançar do fim de semana, comecei a entrar em pânico: achava que a tinha matado. Achava que tinha saído de minha casa e corrido para parte incerta e que, confusa e ferida, acabara depois por se perder algures e morrer devido aos ferimentos. Achava que estaria estendida algures numa vala qualquer e que seria apenas uma questão de tempo até a encontrarem. E que, quando a encontrassem, seriam descobertas marcas no seu corpo que acabariam por a associar à minha pessoa: filamentos, impressões digitais. Sabia que a única coisa a fazer era dar-lhes um suspeito ainda mais plausível do que eu. Era a única forma de me proteger, de proteger as minhas filhas. Acho que a Naomi não ia sobreviver se me prendessem pelo homicídio da Andie. E nessa altura a Cara tinha apenas 12 anos. Eu era o único pai que lhes restava.

— Agora não há tempo para desculpas — disse Pip. — Então, decidi tramcar o Sal Singh. Sabia do atropelamento e fuga porque tinha andado a ler os diários que a Naomi escrevia como terapia.

— Claro que lia os diários — disse ele. — Tinha de ter a certeza de que a minha menina não andava a pensar em automutilar-se.

— Fez com que ela e os amigos mentissem a respeito do álibi do Sal. E

depois? O que se passou na terça-feira?

— Meti um dia de folga e fui deixar as miúdas à escola. Esperei à porta e, quando apanhei o Sal sozinho no parque de estacionamento, saí do carro e fui falar com ele. Não estava a lidar nada bem com o desaparecimento da Andie. Por isso, sugeri que voltássemos para casa dele e que tivéssemos uma conversa sobre o assunto. Tinha planeado usar uma faca roubada na casa dos Singhs. Mas depois encontrei uns comprimidos para dormir na casa de banho e decidi levá-lo até ao bosque; achei que seria menos brutal da minha parte. Não queria que a família o encontrasse. Tomámos chá, e dei-lhe os primeiros três comprimidos; disse-lhe que eram para as dores de cabeça. Convenci-o de que era melhor irmos dar uma volta pelo bosque e procurarmos a Andie sem a ajuda de ninguém; que isso contribuiria para aliviar o seu sentimento de impotência. O Sal confiou em mim. Nem sequer estranhou o facto de eu estar com luvas de cabedal dentro de casa. Roubei um saco de plástico da cozinha deles e começámos a caminhar na direção do bosque. Levava comigo um canivete e, quando já estávamos suficientemente longe, pus-lhe a lâmina junto ao pescoço. Obriguei-o a tomar mais comprimidos. — A voz de Elliot alterou-se. Os seus olhos ficaram congestionados, e uma lágrima solitária ziguezagueou até chegar à face. — Disse-lhe que o estava a ajudar, que ninguém o consideraria suspeito se também tivesse sido atacado. Engoliu mais alguns comprimidos e depois começou a oferecer resistência. Imobilizei-o no chão e forcei-o a tomar mais comprimidos. Quando começou a ficar sonolento, tomei-o nos braços e falei-lhe de Oxford, das bibliotecas espantosas, dos jantares formais nos refeitórios, expliquei-lhe quão bela era a cidade na primavera. Só para que adormecesse a pensar em alguma coisa agradável. Assim que ficou inconsciente, enfiei-lhe o saco na cabeça, segurei-lhe na mão e deixei-o morrer.

Pip não sentia compaixão alguma pelo homem que tinha à sua frente. Eram onze anos de memórias que se dissolviam, deixando um perfeito desconhecido à sua frente naquela cozinha.

— E depois enviou uma mensagem escrita ao pai do Sal com a confissão dele.

Elliot fez que sim com a cabeça, levando as palmas das mãos aos olhos.

— E o sangue da Andie?

— Já tinha secado debaixo da minha secretária — disse ele. — Não tinha limpado tudo da primeira vez, de forma que consegui deixar alguns vestígios debaixo das unhas dele com a ajuda de uma pinça. Por último, pus o telemóvel da Andie no bolso dele e abandonei-o no bosque. Não o queria matar. Estava a tentar salvar as minhas filhas; já tinham passado por tanto sofrimento. Ele não merecia morrer, mas as minhas meninas também não mereciam aquilo. Era uma escolha impossível.

Pip ergueu o olhar numa tentativa de conter as lágrimas. Não havia tempo para lhe explicar quão enganado estava.

— E depois, à medida que os dias foram passando — disse Elliot com voz chorosa —, fui-me apercebendo da gravidade do erro que tinha cometido. Se a Andie tivesse morrido algures por causa do ferimento na cabeça, por esta altura já a teriam encontrado. E então o carro dela aparece e encontram sangue no porta-bagagem; pelos vistos, não tinha ficado assim tão mal que não pudesse conduzir depois de ter saído de minha casa. Eu entrara em pânico e pensara que aquela pancada tinha sido fatal, quando pelos vistos não fora. Fosse como fosse, era demasiado tarde. O Sal já estava morto, e eu tinha arranjado maneira de ele passar pelo autor do crime. Deram o caso por encerrado, e a poeira assentou.

— Então como se passa disso para o encarceramento da Andie nesta casa?

Ele retraiu-se perante a raiva com que ela lhe falava.

— Foi em finais de julho. Ia eu a conduzir para casa quando a vi, surgida do nada. A Andie estava a caminhar na berma da estrada principal, no sentido Wycombe-Kilton. Encostei o carro e, pelo seu ar transtornado, percebi logo que andava metida em drogas... que andava a dormir na rua. Estava tão magra e desgrenhada... Foi assim que tudo se passou. Não podia deixá-la voltar para casa, pois, se isso acontecesse, toda a gente ficaria a saber que o Sal fora assassinado. A Andie estava drogada e desorientada, mas encostei e meti-a dentro do carro. Expliquei-lhe a razão de não poder deixar que voltasse para casa, mas também lhe disse que iria tomar conta dela. Tinha acabado de pôr esta casa à venda, de forma que trouxe a Andie para aqui e tirei a casa do mercado.

— Onde é que ela tinha estado durante todos esses meses? O que lhe aconteceu na noite em que desapareceu? — insistiu Pip, sentindo os minutos a escaparem-se-lhe.

— Ela não se lembra de todos os pormenores; acho que sofreu uma concussão cerebral. Diz que a sua única vontade era afastar-se de tudo. Foi ter com um amigo que andava metido nas drogas, e esse amigo levou-a para casa de umas pessoas que conhecia. Mas ela não se sentia segura nesse sítio, por isso decidiu fugir e voltar para casa. Ela não gosta de falar desses tempos.

— O Howie Bowers — pensou Pip em voz alta. — Onde é que ela está, Elliot?

— No sótão. — Elliot olhou de relance para a pequena chave que estava em cima da bancada. — Arranjámos o espaço para que se sentisse confortável lá dentro. Isolei-o, pus paredes de contraplacado e um soalho decente. Foi ela que escolheu o papel de parede. No sótão não há janelas, mas montámos vários candeeiros. Sei que deves achar que sou um monstro, Pip, mas nunca lhe toquei com um dedo que fosse, não voltei a fazê-lo desde aquela última vez no Ivy House. Não é nada disso que se passa. E ela também já não é como dantes. É uma pessoa diferente; uma pessoa serena e grata. Tem comida lá em cima, mas eu subo três vezes durante a semana para cozinhar para ela, e uma vez ao fim de semana, além de que a deixo descer para tomar banho. E depois sentamo-nos os

dois no sótão a ver televisão durante um bocado. Nunca se aborrece.

— Ela está presa lá em cima, e a chave é aquela? — disse Pip, apontando para a bancada.

Elliot fez que sim com a cabeça.

E então ouviram o estrépito de rodas a calcarem as folhas na estrada, no exterior.

— Quando a polícia o interrogar — disse Pip, apressando-se de súbito —, não lhes fale na história do atropelamento e fuga nem lhes diga nada acerca de terem tirado o álibi ao Sal. Logo que confessar, ele não irá precisar disso. E a Cara não merece perder a família toda, não merece ficar sozinha. A partir de agora, serei *eu* a proteger a Naomi e a Cara.

Ouviu-se o bater das portas do carro.

— Talvez eu consiga perceber a razão de ter feito o que fez — disse ela. — Mas nunca será perdoado. Matou o Sal para salvar a própria vida. Destruíu a sua família.

Da porta da frente semiaberta soou um grito:

— Polícia.

— Os Bells sofreram com esta situação durante cinco anos. O senhor ameaçou-me a mim e à minha família; entrou em minha casa à socapa só para me assustar.

— Desculpa.

Seguiram-se passos pesados ao longo do corredor.

— Matou o *Barney*.

O rosto de Elliot enrugou-se.

— Não sei do que estás a falar, Pip. Eu não...

— Polícia — repetiu o agente, avançando para a cozinha. A luz que entrava pela vidraça refulgiu na aba do seu chapéu. A colega avançava na retaguarda, alternando o olhar fulminante entre Elliot, Pip e a própria retaguarda, fazendo oscilar o rabo de cavalo, apertado até ao limite.

— Muito bem, o que se passa aqui? — disse.

Pip olhou de relance para Elliot, e os seus olhares cruzaram-se. Ele endireitou-se e estendeu os pulsos.

— Estão aqui para me prenderem pelo rapto e detenção ilegal da Andie Bell — disse ele, sem desviar os olhos dela.

— E pelo homicídio do Sal Singh — disse Pip.

Os agentes olharam demoradamente um para o outro, até que um deles assentiu com a cabeça. A mulher avançou para Elliot, e o homem carregou num botão qualquer do rádio que tinha preso ao ombro. Voltou para o corredor para comunicar através do aparelho.

Vendo ambos de costas voltadas, Pip precipitou-se para o balcão e agarrou na chave. Saiu a correr pelo corredor e galgou as escadas.

— Ei! — gritou o agente por trás dela.

Já no andar de cima, Pip olhou para o teto e viu o pequeno alçapão branco que dava acesso ao sótão. Preso à lingueta da fechadura estava um pesado cadeado, bem como uma argola de metal que fora encastrada na armação de madeira. Por baixo, tinha sido colocado um pequeno escadote de dois degraus.

Pip subiu o escadote, alcançou o alçapão, inseriu a chave na ranhura do cadeado e deixou-a depois cair com estrépito no chão. A agente já estava a subir as escadas no seu encalço. Fez então deslizar a lingueta da fechadura e baixou-se para permitir que o alçapão reforçado balouçasse para baixo, dando-lhe passagem.

Uma luz amarela inundou o buraco que se abria por cima da sua cabeça. Seguiram-se os sons: música trágica, explosões e pessoas a gritar com sotaques americanos. Pip agarrou no escadote do sótão e fez com que assentasse no chão, precisamente na altura em que o agente da polícia subia os últimos degraus em passo de corrida.

— Espera — gritou ele.

Pip subiu os dois degraus do escadote e trepou para o sótão, sentindo as mãos húmidas e escorregadias ao agarrar as traves de metal.

Esticou o pescoço e espreitou pelo alçapão, olhando em volta. Uma série de candeeiros de pé iluminavam o sótão, e as paredes estavam decoradas com um padrão florido preto e branco. Num lado do sótão havia um minifrigorífico com uma chaleira e um micro-ondas por cima, juntamente com prateleiras cheias de comida e de livros. A meio via-se um tapete felpudo cor-de-rosa, e, por trás, um grande televisor de ecrã plano que acabava de ser deixado na pausa.

E ali estava ela.

Sentada de pernas cruzadas numa cama de solteiro com montes de almofadas coloridas. Vestida com um pijama azul cheio de pinguins, igual ao que Cara e Naomi tinham. Olhou para Pip com um ar espantado, uns olhos arregalados e tresloucados. Parecia um pouco mais velha, um pouco mais corpulenta. Tinha agora um tom de cabelo mais baço, e a sua pele estava muito mais pálida. Ficou a olhar boquiaberta para Pip, com o comando do televisor na mão e um pacote de bolachas *Jammie Dodger* no colo.

— Olá — disse Pip. — Sou a Pip.

— Olá — disse ela —, sou a Andie.

Mas não era.

Quarenta e Seis

Pip avançou alguns passos, penetrando no clarão amarelado do candeeiro. Respirou fundo para se acalmar, procurando destrinçar todo o ruído que lhe enchia a cabeça. Semicerrou os olhos e observou atentamente o rosto que estava à sua frente.

Agora que estava mais próxima, reparou em algumas diferenças óbvias, a curvatura ligeiramente diferente daqueles lábios carnudos, o declive dos olhos para baixo onde deviam ser mais arrebitados, o torneado das maçãs do rosto um tanto mais descaído do que era suposto. Transformações que jamais o tempo, por si só, poderia produzir num rosto.

Pip olhara muitas vezes para as fotografias dela durante os últimos meses e conhecia cada traço e cada sulco do rosto de Andie Bell.

Aquela rapariga não era ela.

Pip sentiu-se desligada do mundo, sentiu-se pairar para longe, esvaziada de todo e qualquer sentido.

— Tu não és a Andie — disse ela em voz baixa, precisamente na altura em que o agente trepava pelo escadote atrás dela, antes de ter pousado a mão no seu ombro.

O vento uivava por entre as árvores, e o número 42 de Mill End Road era iluminado por clarões azuis que ora rompiam a escuridão ora a abandonavam. Eram agora quatro os carros da polícia que ocupavam o caminho de acesso à casa, perfazendo um quadrado irregular, e Pip tinha acabado de avistar o inspetor Richard Hawkins (vestido com o mesmo casaco preto que envergara em todas as conferências de imprensa de há cinco anos) a entrar na residência.

Pip deixou de ouvir a agente que se ocupava de recolher o seu depoimento. Conseguia apenas escutar as suas próprias palavras como uma avalanche de sílabas em catadupa. Concentrava-se apenas no ar fresco e sibilante que respirava, e foi então que levaram Elliot preso, ladeado por dois agentes, com as mãos algemadas atrás das costas. Chorava, e as luzes azuis rebrilhavam no seu rosto húmido das lágrimas. Os ruídos de moribundo que deixava escapar passaram a evocar uma espécie de medo ancestral e instintivo no íntimo de Pip. Ali estava um homem que sabia que a sua vida acabara. Teria Elliot realmente acreditado que a rapariga que estava no sótão de sua casa era Andie? Seria possível que se tivesse agarrado a essa crença durante todo este tempo? Baixaram-lhe a cabeça antes de o enfiarem no carro e depois levaram-no. Pip ficou a ver o carro afastar-se até os seus contornos terem mergulhado no túnel de árvores.

Enquanto informava a agente do seu contacto telefónico, ouviu a porta de um carro bater com estrondo atrás de si.

— Pip! — O vento soprou a voz de Ravi até aos seus ouvidos.

Sentiu um aperto no peito e de repente já estava a correr atrás da voz. Desceu o caminho de acesso à casa num atropelo, ao seu encontro, e Ravi tomou-a nos braços, apertando-os à sua volta com a força enquanto procuravam os dois abrigar-se do vento nesse abraço.

— Estás bem? — perguntou ele, segurando-a agora a alguma distância para olhar para ela.

— Sim — disse Pip. — O que estás aqui a fazer?

— Eu? — Ravi bateu levemente no peito. — Quando não apareceste em minha casa, decidi procurar-te na aplicação *Encontrar Amigos*. Porque vieste aqui sozinha? — Ao dizer isto, mirou de soslaio os carros de patrulha e os polícias atrás dela.

— Tinha de vir sozinha — disse ela. — Tinha de lhe perguntar porquê. Não sabia quanto mais tempo terias de esperar para saber a verdade se não o fizesse.

Pip teve de abrir uma, duas, três vezes a boca antes de encontrar as palavras certas e, quando isso aconteceu, pôs Ravi a par de tudo. Contou-lhe como o irmão morrera, os dois parados debaixo das árvores que tremiam ao vento, com uma luz azul e ondulante a iluminar tudo em redor. Disse que lamentava muito quando as lágrimas começaram a correr pelas faces de Ravi, dado que era a única coisa que havia a dizer naquele momento; era como tentar tapar uma cratera com o retalho de um cobertor.

— Não lamentes — disse ele num tom meio choroso e meio risonho. — Não há nada neste mundo que o possa trazer de volta, eu sei. Mas, de certa maneira, conseguimos fazê-lo. O Sal foi assassinado, o Sal estava inocente, e agora toda a gente vai ficar a saber.

Voltaram-se para observar o inspetor Richard Hawkins, que acompanhava a rapariga enquanto saíam os dois daquela casa, ela com uma manta lilás a tapar-lhe os ombros.

— Não é realmente ela, pois não? — disse Ravi.

— São muito parecidas — disse Pip.

A rapariga olhava para tudo em volta com uns olhos esbugalhados e alucinados, reaprendendo o significado do mundo exterior. Hawkins acompanhou-a até um dos carros de patrulha e entrou no banco de trás com ela, enquanto dois agentes fardados ocupavam os lugares da frente.

Pip não percebia como Elliot chegara a acreditar que aquela rapariga que encontrara à beira da estrada pudesse ser Andie. Teria sido uma espécie de alucinação? Será que precisara de acreditar que Andie não tinha morrido de forma a expiar a culpa que sentia por ter matado o Sal em nome dela? Ou será que o medo o deixara cego?

Era essa a opinião de Ravi: Elliot ficara apavorado com a possibilidade de Andie Bell estar viva e regressar a casa a qualquer momento, apavorado com a hipótese de ser incriminado pela morte de Sal. E, tomado por esse pavor levado ao extremo, fora apenas necessário encontrar uma rapariga loura e suficientemente parecida com ela para se convencer a si mesmo de que encontrara Andie. Além disso, tratara também de prender a rapariga, de forma a trancar assim com ela esse seu imenso pavor de ser apanhado.

Pip assentiu com a cabeça, vendo o carro de patrulha afastar-se.

— Acho — disse ela em voz baixa —, acho que ela era apenas uma rapariga com o cabelo e o rosto errados a passear na estrada quando o homem errado passou por ela de carro.

E havia outra pergunta que lhe continuava a fazer comichão e que ainda não conseguia formular em voz alta: O que teria acontecido à verdadeira Andie Bell depois de ter deixado a casa dos Wards naquela noite?

A agente que recolhera o seu depoimento abordou-os com um sorriso afetuoso.

— Queres que eu peça a alguém para te levar a casa, querida? — perguntou ela a Pip.

— Não, não é preciso — disse Pip. — Trouxe o meu carro.

Pip obrigou Ravi a entrar no carro com ela; jamais permitiria que fosse a conduzir sozinho para casa — tremia demasiado para isso. E, embora não o dissesse, a verdade é que também não queria ficar sozinha.

Rodou a chave na ignição, vislumbrando uma nesga do seu próprio rosto no espelho retrovisor antes de as luzes se terem esbatido. Estava com um aspeto lúgubre e macilento, e havia um brilho nos seus olhos encovados. Sentia um grande cansaço. Um cansaço indescritível.

— Agora posso finalmente contar tudo aos meus pais — disse Ravi quando estavam já de volta à estrada principal, à saída de Wendover. — Nem sei por onde começar.

Os faróis do carro iluminaram a placa que dizia «Bem-vindo a Little Kilton», e as sombras em redor adensavam as letras à medida que passavam pela placa e entravam na cidade. O carro desceu a rua na direção da casa de Ravi. Pip encostou junto à rotunda principal. Do outro lado da rotunda, avistaram um carro igualmente parado, com os faróis acesos a projetar uma luz branca e agressiva. O carro tinha prioridade de passagem.

— Porque não avançam? — disse Pip, olhando para o automóvel atarracado que estava à sua frente, todo listrado à luz do candeeiro da via pública.

— Não sei — disse Ravi. — Avança tu.

Foi o que fez, seguindo morosamente ao longo da rotunda. O outro carro permaneceu no mesmo lugar. Assim que se aproximaram da saída e já não eram ofuscados pelos faróis que apareciam em direção contrária, Pip afrouxou o pé no

pedal e espreitou pela janela, movida pela curiosidade.

— Oh, raios — disse Ravi.

Era a família Bell. Os três juntos. Jason ocupava o lugar do condutor. Tinha o rosto afoqueado e raiado de lágrimas. Dava a impressão de que estava a gritar, mexendo os lábios ao pronunciar palavras iradas. Dawn Bell estava ao seu lado, recolhida sobre si mesma. Chorava, e todo o seu corpo arquejava enquanto tentava sorver o ar entre as lágrimas, com a boca escancarada, deixando transparecer um misto de sofrimento e confusão.

Um carro apanhou o outro, e Pip pôde ver Becca sentada no banco de trás do lado deles. Tinha o rosto pálido, em contacto com o vidro gelado da janela. Os lábios estavam apartados, as sobrancelhas franzidas, os olhos perdidos noutro lugar enquanto fixava um ponto alhares, adiante.

E, assim que passaram por eles, o olhar de Becca pareceu ganhar vida, incidindo logo sobre Pip. Notou-se um laivo de reconhecimento nesse olhar, juntamente com uma expressão carregada e ao mesmo tempo urgente, algo que se assemelhava a um absoluto pavor.

Prosseguiram caminho ao longo da rua, e Ravi parou de reter a respiração.

— Achas que alguém lhes contou? — perguntou.

— Dá a ideia de que acabaram de saber — disse Pip. — A rapariga continuava a dizer que se chamava Andie Bell. Talvez tenham de ir lá identificá-la formalmente e dizer que não é ela.

Pip espreitou pelo espelho retrovisor e viu o carro dos Bells sair finalmente da rotunda, seguindo na direção da promessa roubada do regresso de uma filha.

Quarenta e Sete

Pip ficou sentada aos pés da cama dos pais até tarde nessa noite. Ela, o albatroz que lhe pesava aos ombros e a sua história. O relato era-lhe quase tão penoso quanto o próprio vivenciar da história.

A pior parte dizia respeito a Cara. Assim que olhou para o relógio e viu que passava das dez, Pip percebeu que não podia evitar o telefonema por mais tempo. Até então, o seu polegar pairara, indeciso, sobre o botão azul para fazer a chamada, mas não fora capaz. Não conseguiria dizer as palavras em voz alta e ficar à escuta enquanto o mundo da sua melhor amiga mudava para sempre, tornando-se sombrio e estranho. Pip lamentava não ter essa presença de espírito, e contudo já aprendera que não era invencível; tal como os outros, podia quebrar a qualquer momento. Clicou no menu das mensagens escritas e começou a escrever.

Devia estar a telefonar-te para te dizer isto, mas acho que não iria ser capaz, não se ouvisse a tua vizinha do outro lado da linha. Esta é a forma mais covarde de o fazer, e peço-te muita desculpa. Foi o teu pai, Cara. Foi o teu pai que matou o Sal Singh. Manteve uma rapariga refém na vossa antiga casa, em Wendover, uma rapariga que acreditava ser a Andie Bell. O teu pai foi preso. A Naomi vai ficar a salvo, dou-te a minha palavra de honra. Sei a razão de ele ter feito o que fez e posso contar-te tudo quando estiveres pronta para ouvir a história. Lamento imenso... Quem me dera salvar-te disto tudo. Adoro-te.

Releu a mensagem, ainda sentada na cama dos pais, e clicou em enviar, com lágrimas a tombarem sobre o telemóvel enquanto segurava nele com as mãos em concha.

Quando Pip acordou finalmente, às duas da tarde, a mãe preparou-lhe o pequeno-almoço; nem por um momento se ponderou a hipótese de ir à escola. Também não voltaram a falar no assunto; não havia mais nada a dizer, por enquanto. Ainda assim, a questão do que acontecera a Andie Bell não deixava de assombrar o pensamento de Pip, juntamente com o facto de Andie ter ficado na posse de um derradeiro mistério no que à sua pessoa dizia respeito.

Pip tentou telefonar a Cara dezassete vezes, mas o telemóvel ficava sempre a chamar por tempo indefinido. O mesmo acontecia quando tentava telefonar a Naomi.

Nessa tarde, passadas algumas horas, Leanne passou de carro pela casa dos Wards depois de ter ido buscar Josh. Ao regressar, disse que não estava ninguém em casa e que não havia sinal do carro deles.

— É provável que tenham ido para casa da Lila, a tia delas — disse Pip,

tornando a marcar o número.

Victor voltou cedo do trabalho. Ficaram sentados na sala a assistir a concursos de televisão antigos, geralmente pontuados pelos gritos de Pip e do pai, que competiam um com outro para responderem primeiro às perguntas. Ainda assim, era o silêncio que predominava, ao mesmo tempo que se trocavam olhares por cima da cabeça de Josh, numa atmosfera prenhe de tensão, a que se misturavam a tristeza e a pergunta: *E agora?*

Quando alguém bateu à porta, Pip levantou-se num salto para fugir à estranheza que oprimia aquela sala. Vestida com o seu pijama colorido, abriu a porta de entrada, e o ar da rua enregelou-lhe os pés.

Era Ravi, com os pais na retaguarda, e a distância que os separava era de tal modo definida que mais parecia que tinham combinado previamente as respetivas poses.

— Olá, sargento — disse Ravi, sorrindo ao vê-la enfiada naquele pijama de cores garridas. — Esta é a minha mãe, Nisha. — Gesticulou com a desenvoltura de um apresentador de concursos de televisão, e a mãe sorriu para Pip. Tinha o cabelo preto arranjado em duas tranças soltas. — E o meu pai, Mohan. — Mohan acenou com a cabeça, e o seu queixo roçou a parte de cima do gigantesco buquê de flores que segurava nas mãos, trazendo ainda uma caixa de chocolates debaixo do braço. — Pai, mãe — disse Ravi —, esta é a *única e autêntica* Pip.

O «Olá» educado de Pip confundiu-se com os cumprimentos deles.

— Bom — disse Ravi —, fomos chamados há umas horas à esquadra da polícia. Quiseram falar connosco e contaram-nos tudo, tudo aquilo que já sabíamos. E disseram que vão convocar uma conferência de imprensa assim que acusarem formalmente o Sr. Ward, e nessa altura também vão fazer um comunicado oficial a respeito da inocência do Sal.

Pip ouviu a mãe e o andar pesado do pai atravessarem o átrio e postarem-se atrás dela. Ravi voltou a tratar das apresentações para que Victor não ficasse de fora; Leanne já os conhecera, há quinze anos, quando lhes vendera a casa onde agora moravam.

— Portanto — prosseguiu Ravi —, quisemos vir cá todos a casa agradecer-te, Pip. Nada disto teria acontecido sem ti.

— Não sei bem o que dizer — disse Nisha, com um brilho radiante nos olhos, em tudo idênticos aos de Ravi e de Sal. — Agora temos o nosso menino de volta, tudo graças àquilo que vocês os dois fizeram. Devolveram-nos o Ravi, e não há palavras para descrever quanto isso significa para nós.

— São para ti — disse Mohan, inclinando-se e passando as flores e os chocolates para as mãos de Pip. — Desculpa, mas de facto não tínhamos bem a certeza do que se deve oferecer a uma pessoa que nos ajudou a fazer justiça ao nosso falecido filho.

— O Google não apresentou propriamente muitas sugestões — disse Ravi.

— Obrigada — disse Pip. — Querem entrar?

— Sim, façam o favor de entrar — disse Leanne —, vou pôr a chaleira a ferver.

Mas, assim que deu o primeiro passo dentro de casa, Ravi pegou no braço de Pip e puxou-a para trás para poder abraçá-la, esmagando as flores que se encontravam entre ambos, abafando o riso nos cabelos dela. Quando a largou, Nisha entrou em cena e abraçou-a com força; o aroma agradável do seu perfume evocava lares, mãos e noites de verão. E então, sem que soubesse como ou porquê, já estavam os seis aos abraços, a rir com lágrimas nos olhos.

E assim, como que por obra do acaso, com flores esmagadas e um carrossel de abraços, os Singhs tinham chegado e expulsado a sufocante e confusa tristeza que antes invadira aquela casa. Tinham aberto a porta para deixar escapar um fantasma, pelo menos por algum tempo. Isto porque, se havia um final feliz em toda aquela história, esse final era só um: Sal estava inocente. Uma família inteira libertara-se do tremendo fardo que havia carregado ao longo de todos aqueles anos. E, no meio de todo o sofrimento e de todas as incertezas que surgiriam com o passar do tempo, essa era uma verdade a que valia a pena agarrarem-se.

— *O que* estão a fazer? — disse Josh com a sua vizinha perplexa.

Já na sala de estar, sentaram-se em volta de um lanche completo que Leanne conseguira improvisar.

— Então — disse Victor —, estão a pensar ir ver o fogo de artifício amanhã à noite?

— Na verdade — disse Nisha, desviando o olhar do marido para o filho —, acho que este ano devíamos ir. Será a primeira vez desde que... vocês sabem. Mas agora as coisas são diferentes. E isto é um princípio para as coisas serem diferentes.

— Sim — disse Ravi. — Eu gostava de ir. Nunca conseguimos ver nada de nossa casa.

— Fabulástico — disse Victor, batendo palmas. — Se calhar, podíamos juntar-nos? Talvez pelas sete, junto à barraca das bebidas?

Foi então que Josh se pôs de pé, numa pressa para acabar de mastigar a sanduíche antes de recitar: «Lembrai, lembrai o 5 de novembro, pólvora, traição e intriga. Não vejo razão para que alguma destas coisas seja alguma vez esquecida.»

Little Kilton não se esquecera, decidira apenas adiar a ocasião para o dia 4, já que os rapazes encarregados do churrasco eram da opinião de que haveria uma maior afluência de pessoas num sábado. Pip ainda não sabia se estava preparada para estar no meio de toda aquela gente, tendo de lidar com os seus olhares interrogadores.

— Vou aquecer mais água — disse, pegando no bule vazio e levando-o para a

cozinha.

Ligou a chaleira elétrica e ficou a olhar para o seu reflexo distorcido na superfície cromada até ao momento em que um Ravi igualmente distorcido surgiu por trás dela.

— Estás muito calada — disse ele. — O que se está a passar nesse teu cérebro de vastas dimensões? Na verdade, acho que nem preciso de perguntar, já sei o que vais dizer. É a Andie.

— Não posso simplesmente fingir que está tudo resolvido — disse ela. — Até porque não está.

— Pip, ouve-me. Fizeste aquilo que tinhas definido fazer. Sabemos agora que o Sal estava inocente e também sabemos aquilo que lhe aconteceu.

— Mas não sabemos o que aconteceu à Andie. Depois de ter saído de casa do Elliot naquela noite, desapareceu, e nunca mais foi encontrada.

— Já não te compete a ti resolver isso, Pip — disse ele. — A polícia voltou a pegar no caso da Andie. Deixa que tratem do resto. Já fizeste mais do que o suficiente.

— Eu sei — disse ela, e não estava a dizer nenhuma mentira. Sentia-se exausta. Precisava de se ver finalmente livre de tudo aquilo. Precisava de saber que o fardo que carregava aos ombros era só seu e de mais ninguém. E que aquele derradeiro mistério relativo a Andie Bell já não lhe dizia respeito.

Ravi tinha razão; o seu contributo fora dado.

Quarenta e Oito

A sua intenção fora deitá-lo fora.

Tentava convencer-se disso mesmo. Era necessário deitar fora o quadro de homicídio pela simples razão de que a sua tarefa estava concluída. Estava na altura de desmontar todo o aparato relacionado com Andie Bell e de tentar perceber o que restava de Pip. Começara bem, retirando alguns pioneses que prendiam as folhas e arrumando-as em pequenos montes dentro de um saco do lixo que trouxera do andar de baixo.

E então, sem sequer se aperceber do que estava a fazer ou de como isso tinha acontecido, deu por si a analisar tudo de novo: a reler as entradas dos diários, a fazer deslizar o dedo por cima do fio vermelho que ligava os vários elementos, a olhar fixamente para as fotografias dos suspeitos, sempre à procura do rosto do assassino.

Até então, estivera convicta de que não tinha mais nada que ver com o assunto. Não se permitira sequer a pensar nisso durante o dia inteiro enquanto jogava jogos de tabuleiro com Josh, enquanto via episódios consecutivos de séries cómicas americanas, enquanto fazia *brownies* com a mãe, levando à boca bocados de massa crua quando achava que não estava a ser observada. Porém, bastara meio segundo e um olhar desprevenido para Andie conseguir absorver de novo toda a sua atenção.

Supostamente, Pip deveria estar a vestir-se para o fogo de artifício, mas agora estava de joelhos, debruçada sobre o quadro de homicídio. De facto, havia uma série de coisas que tinham realmente ido parar ao saco do lixo, nomeadamente todas as pistas que haviam apontado para Elliot Ward, juntamente com tudo o que dizia respeito ao Ivy House Hotel, para não falar do número de telemóvel apontado na agenda, do atropelamento e fuga, do álibi de que Sal se achara privado, da fotografia de Andie nua que Max encontrara ao fundo de uma sala de aula e dos bilhetes e mensagens da autoria do Desconhecido.

Mas o quadro também estava a precisar de alguns acrescentos, já que agora ela sabia mais a respeito do itinerário de Andie na noite em que tinha desaparecido. Pegou num mapa impresso de Kilton e começou a escrevinhar na folha com uma caneta de feltro azul.

Andie fora a casa dos Wards e saíra de lá pouco tempo depois com um ferimento na cabeça potencialmente grave. Pip fez um círculo em torno da casa dos Wards, em Hogg Hill. Elliot dissera que acontecera por volta das dez da noite, mas é possível que estivesse equivocado. O seu depoimento e o de Becca divergiam em termos de horas, e ainda assim o de Becca era reforçado pelo

sistema de videovigilância: Andie subira a rua principal de carro, às 22h40. Deve ter sido nessa altura que se dirigira a casa dos Wards. Pip fez um tracejado e apontou a hora. Sim, Elliot tinha de estar enganado, pensou, caso contrário a Andie teria voltado para casa com o ferimento na cabeça antes de ter saído novamente. E, se assim fosse, Becca teria comunicado esses pormenores à polícia. Portanto, já não teria sido Becca a última pessoa a ver Andie com vida, mas Elliot.

Ainda assim... Pip começou a roer a ponta da caneta, matutando em tudo ao mesmo tempo. Elliot dissera que Andie não fora de carro até sua casa; achava que ela tinha ido a pé. E, olhando para o mapa, Pip percebeu até que ponto isso fazia sentido. As casas dos Bells e dos Wards eram muito perto uma da outra; uma pessoa que quisesse ir de uma à outra a pé tinha apenas de ir pelo atalho da igreja e de atravessar a ponte pedonal. Seria provavelmente mais rápido fazer o caminho a pé do que de carro. Pip coçou a cabeça. Ainda assim, aquilo não batia certo: as câmaras de videovigilância tinham apanhado o carro de Andie, portanto, ela devia ter ido para lá de carro. Talvez tivesse estacionado o automóvel algures nas redondezas da casa de Elliot, suficientemente longe para alguém reparar.

Sendo assim, como é que a Andie passara desse ponto para a não existência? De Hogg Hill para a descoberta do seu próprio sangue encontrado no porta-bagagens do seu carro, abandonado algures perto da casa de Howie?

Pip tocou ao de leve no mapa com a ponta da caneta, fazendo o olhar saltar entre Howie e Max e depois entre Nat, Daniel e Jason. Tinha de haver dois assassinos em Little Kilton: um que achava que tinha matado Andie e que depois assassinara Sal para encobrir esse primeiro crime, outro que tinha realmente assassinado Andie Bell. E, entre esses rostos que agora a olhavam fixamente, qual corresponderia ao verdadeiro assassino de Andie?

Dois assassinos, e ainda assim só um deles tentara travar Pip, o que significava que...

Espera.

Pip segurou a cabeça com as mãos, fechando os olhos para pensar melhor, e as ideias escapavam-se-lhe numa rápida sucessão para depois voltarem transformadas e com renovado vigor. E havia uma imagem recorrente: o rosto de Elliot assim que a polícia entrara naquela casa. A expressão no seu rosto quando Pip lhe dissera que jamais iria perdôá-lo por ter matado *Barney*. O rosto dele ficara todo enrugado, as sobrelhas franzidas. Mas, agora que voltava a visualizá-lo em pensamento, lembrava-se de que não notara qualquer sinal de remorso nesse rosto. Não, detetara apenas uma expressão confusa.

E, ao lembrar-se das palavras que Elliot tinha proferido, Pip conseguiu terminar a frase por ele. *Não sei do que estás a falar, Pip. Eu não... matei o Barney.*

Pip praguejou em voz baixa, procurando atabalhoadamente o saco do lixo que

se afundava já sob o seu próprio peso. Tirou do saco as páginas que deitara fora e começou a inspecioná-las uma a uma, espalhando uma série de folhas à sua volta. Passado algum tempo, aquilo que procurava foi parar às suas mãos. Numa mão tinha os bilhetes deixados na tenda de campismo e no seu cacifo, ao passo que a outra segurava as folhas com as mensagens escritas que o Desconhecido lhe enviara.

Eram de duas pessoas diferentes. Isso agora parecia-lhe bastante óbvio, bastava a olhar para os documentos para chegar a essa conclusão.

As diferenças não eram apenas notórias na forma das missivas mas também nos respectivos tons. Nos bilhetes, Elliot referira-se a ela como Pippa, e as ameaças eram subtis e implícitas. Mesmo a que fora digitada no seu diário de produção. Mas o Desconhecido tratara-a por «Cabra estúpida», e as ameaças não eram apenas implícitas: tinham-na obrigado a destruir o portátil e depois tinham-lhe matado o cão.

Pip recostou-se na cadeira e soltou um longo suspiro, no seu jeito característico. Eram duas pessoas diferentes. Elliot não era o Desconhecido e não tinha matado *Barney*. Não, o responsável fora o verdadeiro assassino de Andie.

— Vamos, Pip! Já acenderam a fogueira e tudo! — gritou o pai dela do andar de baixo.

Foi num pulo até à porta e abriu-a ligeiramente.

— Hum... É melhor irem andando. Encontramo-nos lá.

— O quê? Não. Desce imediatamente, Pipsy.

— Estou só... Só quero tentar telefonar para a Cara mais algumas vezes, pai. Preciso mesmo de falar com ela. Não demoro. Por favor. Encontramo-nos lá.

— OK, picle — disse ele.

— Saio daqui a vinte minutos, prometo — disse ela.

— OK, telefona-me se não nos encontrares.

Assim que a porta de entrada se fechou com um estrondo, Pip voltou a sentar-se ao lado do quadro de homicídio, e as folhas com as mensagens do Desconhecido tremiam agora nas suas mãos. Passou os olhos pelas entradas do diário, tentando perceber em que fase da investigação as tinha recebido. Recebera a primeira logo a seguir a ter descoberto Howie Bowers, depois de ela e Ravi terem falado com ele e ficado a saber que Andie traficava droga e que Max costumava comprar-lhe *Rohypnol*. E depois alguém levava *Barney*, mais precisamente na semana de férias intercalares. Antes disso já tinham acontecido muitas coisas: Pip cruzara-se por duas vezes com Stanley Forbes, tinha ido falar com Becca e falara também com Daniel na reunião comunitária com a polícia.

Pip amarrotou as folhas de papel e atirou-as pelo ar com um grunhido que nunca antes ouvira sair da sua boca. Havia ainda demasiados suspeitos. E, agora que os segredos de Elliot haviam sido revelados e que Sal estava prestes a ser ilibado, estaria o assassino à espera de uma oportunidade para se vingar? Será que

passaria das ameaças aos atos? Seria realmente boa ideia Pip ficar sozinha em casa?

Baixou os olhos para as fotografias dos suspeitos e franziu o sobrolho. Pegou na caneta de feltro azul e desenhou uma grande cruz por cima do rosto de Jason Bell. Não podia ser ele. Reparara na cara dele ao cruzarem-se na rotunda, depois de supostamente o detetive os ter chamado à esquadrada. Reparara nele e em Dawn: ambos chorosos, zangados e confusos. Mas nos seus olhares vira também algo mais, um pequeno laivo de esperança misturado com as lágrimas. Embora lhes tivessem dito que aquela rapariga não era Andie, talvez uma parte deles tivesse acreditado que poderia efetivamente ser ela. Jason não poderia ter fingido essa reação. A verdade estava estampada no seu rosto.

A verdade estava estampada no rosto...

Pip voltou a pegar na fotografia em que Andie estava com os pais e com Becca e ficou a olhar para ela. Para aqueles olhos.

Não foi de imediato que se apercebeu de tudo.

Essa percepção chegou aos poucos, avivando-lhe a memória.

As peças do *puzzle* encaixaram todas em sequência.

Pip reuniu todas as folhas relevantes que estavam no quadro de homicídio. Entrada n.º 3 do Diário de Produção: entrevista com Stanley Forbes. Entrada n.º 10: a primeira entrevista com Emma Hutton. Entrada n.º 20: entrevista com Jess Walker acerca dos Bells. Entrada n.º 21: acerca de Max comprar drogas a Andie. Entrada n.º 23: acerca de Howie e das drogas que fornecia a Andie. Entradas n.º 28 e n.º 29: acerca da adulteração de bebidas nas festas-calamidade. A folha em que Ravi tinha escrito em letras maiúsculas: *Quem terá ficado na posse do telemóvel pré-pago???* E a hora a que Andie saíra de casa de Elliot, segundo o próprio.

Passou os olhos por todos esses documentos e percebeu logo quem era.

O assassino tinha um rosto e um nome.

A última pessoa que tinha visto Andie com vida.

Porém, havia ainda um último pormenor que era necessário confirmar. Pip pegou no telemóvel, percorreu a lista de contactos e marcou o número.

— Está?

— Max? — disse ela. — Vou fazer-te uma pergunta.

— Não estou interessado. Como podes ver, estavas enganada a meu respeito. Já sei o que aconteceu, e também já sei que foi o Sr. Ward.

— Ótimo — disse Pip. — Sendo assim, já deves saber que neste momento tenho toda a credibilidade junto da polícia. Pedi ao Sr. Ward para não revelar nada acerca do atropelamento e fuga, mas, se não responderes à minha pergunta, eu própria irei pegar no telemóvel agora mesmo e contar-lhes tudo.

— Não serias capaz.

— Acredita que sou. A Naomi já tem a vida dela destruída; não me parece

que seja isso que me vai impedir — disse, fazendo *bluff*.

— O que queres? — disse ele com brusquidão.

Pip fez uma pausa na conversa. Colocou o telemóvel em alta-voz e acedeu à aplicação que lhe permitia gravar a chamada. Clicou no botão vermelho para começar a gravar e fungou bastante alto para disfarçar o *bip* do gravador.

— Max, na festa-calamidade de março de 2012 — disse —, chegaste a drogar ou a violar a Becca Bell?

— O quê? Não, claro que não, merda.

— MAX — vociferou Pip —, não me mintas ou juro por Deus que dou cabo da tua vida! É ou não é verdade que misturaste *Rohypnol* na bebida da Becca e tiveste sexo com ela?

Ele tossiu.

— Sim, mas, tipo... não foi violação. Ela não disse que não queria.

— Porque tu a drogaste, sua gárgula nojenta e estupradora — gritou Pip. — Nem fazes ideia daquilo que foste fazer.

Desligou o telemóvel, parou a gravação e carregou no botão para bloquear o telemóvel. Confrontou-se então com o reflexo do seu olhar fulminante, encapsulado no ecrã escurecido.

A última pessoa a ver Andie com vida? Tinha sido Becca. Fora sempre Becca, desde o princípio.

Pip viu os seus próprios olhos piscarem no reflexo do ecrã, e num ápice a decisão estava tomada.

Quarenta e Nove

O carro abrandou aos sacões assim que Pip encostou à pressa junto ao passeio. Saiu do carro para a rua já escura e foi a caminhar até à entrada.

Bateu à porta.

Os espanta-espíritos na parede ao lado balançavam e cantavam ao sabor da brisa noturna, numa toada estrídula e insistente.

A porta entreabriu-se, deixando entrever o rosto de Becca junto à fresta. Ao ver Pip, abriu totalmente a porta.

— Oh, olá, Pippa — disse.

— Olá, Becca. Eu... vim cá saber se estavas bem, depois da noite de quinta-feira. Vi-te no carro e...

— Sim — disse ela, acenando com a cabeça —, o detetive pôs-nos a par das descobertas que fizeste acerca do Sr. Ward e daquilo que ele fez.

— Sim... Lamento muito.

— Queres entrar? — perguntou Becca, recuando para lhe dar passagem.

— Obrigada.

Pip passou por ela ao entrar e avançou na direção do átrio que ela e Ravi tinham atravessado de forma ilícita algumas semanas antes. Becca sorriu e conduziu-a com um gesto até à cozinha, toda decorada num tom azul-esverdeado.

— Queres um chá?

— Oh, não, obrigada.

— De certeza? Estava agora mesmo a preparar um para mim.

— Está bem, pronto. Simples, por favor. Obrigada.

Pip sentou-se à mesa da cozinha, com as costas muito direitas e os joelhos hirtos, e ficou a observar Becca enquanto esta tirava duas canecas de padrão florido do armário, vendo-a depois colocar as saquetas de chá nas respetivas canecas e enchê-las com água acabada de ferver.

— Desculpa — disse Becca —, preciso só de ir buscar um lenço.

Assim que saiu da cozinha, soou o toque do comboio no bolso de Pip. Era uma mensagem de Ravi: Ei, sargento, onde andas? Pôs o telemóvel em silêncio e voltou a guardá-lo no bolso do casaco.

Becca entrou novamente na cozinha, enfiando um lenço de papel debaixo da manga. Trouxe depois as duas chávenas de chá para a mesa e pousou uma à frente de Pip.

— Obrigada — disse Pip, bebendo um gole. Não estava demasiado quente. E agora agradecia ter a chávena à sua frente: era da forma que ocupava as mãos

trémulas.

O gato preto entrou nessa altura, aproximando-se com um ar todo empertigado e com a cauda para cima e esfregando depois a cabeça nos tornozelos de Pip, até ao momento em que Becca decidiu enxotá-lo.

— Como estão os teus pais? — perguntou Pip.

— Não estão lá muito bem — foi a resposta de Becca. — Depois de termos tido a confirmação de que a rapariga não era a Andie, a minha mãe deu entrada num centro de reabilitação por trauma emocional. E o meu pai quer processar toda a gente.

— Eles já sabem quem é a rapariga? — perguntou Pip com os lábios colados à borda da caneca.

— Sim, telefonaram ao meu pai esta manhã. O nome dela constava no registo de pessoas desaparecidas: Isla Jordan, 23 anos, oriunda de Milton Keynes. Disseram que tem dificuldades de aprendizagem e idade mental de uma menina de 12 anos. Veio de um ambiente familiar conturbado. Já tinha tentado várias vezes fugir de casa e tem um historial de posse de drogas. — Becca começou a mexer no seu cabelo curto. — Dizem que está muito confusa; viveu durante tanto tempo daquela forma, a fingir que era a Andie, já que era isso que o Sr. Ward queria, que agora está realmente convencida de que é uma rapariga chamada Andie Bell, de Little Kilton.

Pip deu grande gole no chá, ocupando de algum modo o silêncio enquanto as palavras estremeciam e se reajustavam na sua cabeça. Sentia a boca seca, e havia um tremor horrível na garganta que parecia repercutir a sua pulsação acelerada. Levantou a caneca e terminou o chá.

— A rapariga é parecida com ela, de facto — disse finalmente Pip. — Por alguns segundos, cheguei mesmo a pensar que era a Andie. E percebi pela cara dos teus pais que ainda tinham alguma esperança de que fosse realmente a Andie. E de que eu e os polícias pudéssemos estar enganados. Mas tu já sabias, não é verdade?

Becca pousou a caneca e ficou a olhar para ela.

— Havia alguma coisa de diferente na tua cara, Becca. Estavas com um ar confuso. Parecias assustada. Tinhas a certeza absoluta de que não podia ser a tua irmã. Tinhas a certeza porque foste tu que a mataste, não foste?

Becca ficou imóvel. O gato saltou para cima da mesa, ficando ao seu lado, e ela não se mexeu.

— Em março de 2012 — disse Pip —, foste a uma daquelas festas-calamidade com a tua amiga Jess Walker. E, enquanto estavas nessa festa, aconteceu-te algo. Não te recordas exatamente do que foi, mas, quando acordaste, apercebeste-te de que havia alguma coisa de errado. Pediste à Jess para ir contigo comprar a pílula do dia seguinte e, quando ela te perguntou com quem tinhas ido para a cama, não lhe contaste. Não porque te sentisses

envergonhada com a situação, como a Jess supôs, mas porque tu própria não sabias. Não sabias como aquilo tinha acontecido nem com quem. Tiveste um caso de amnésia anterógrada porque alguém misturou *Rohypnol* na tua bebida antes de ter abusado de ti.

Becca permaneceu quieta, absorta numa imobilidade inumana, à semelhança de um manequim de pequena estatura com demasiado receio de mexer um só dedo, não fosse assim perturbar o lado mais negro da sombra da irmã. E então começou a chorar. Lágrimas que se assemelhavam a peixinhos de água doce começaram a rolar em silêncio pelas suas faces, ao mesmo tempo que os músculos do queixo se contraíam. Algo feriu Pip no seu íntimo, algo de gélido e opressivo que se fechava em torno do seu coração enquanto olhava para os olhos de Becca e descobria neles toda a verdade. Porque a verdade não tinha nada de vitorioso neste caso; era apenas algo profundamente triste e decadente.

— Nem consigo imaginar quão terrível e sozinha te debes ter sentido — disse Pip, experimentando alguma insegurança. — Não seres capaz de te lembrar, mas sabendo na mesma que tinha acontecido alguma coisa má... Deves ter ficado com a sensação de que ninguém te poderia ajudar. Não fizeste nada de mal e não tinhas motivos nenhuns para te envergonhares. Mas acho que no princípio não debes ter achado isso e depois acabaste por ir parar ao hospital. O que aconteceu a seguir? Decidiste tentar perceber o que te tinha acontecido? Quiseste saber quem era o responsável?

O aceno de cabeça de Becca foi quase impercetível.

— Acho que chegaste à conclusão de que alguém te tinha drogado, e foi por isso que decidiste descobrir a verdade, não foi? Começaste a perguntar por aí quem costumava comprar drogas nas festas-calamidade e quem as fornecia. E com essas perguntas foste dar à tua irmã. O que aconteceu no dia 20 de abril, sexta-feira, Becca? O que aconteceu quando a Andie voltou a pé da casa do Sr. Ward?

— A única coisa que consegui descobrir foi que uma vez alguém lhe tinha comprado MDMA — disse Becca, baixando os olhos e enxugando as lágrimas. — Por isso, quando ela saiu e fiquei sozinha em casa, decidi ir procurar no quarto dela. Descobri o sítio onde tinha escondido o outro telemóvel e as drogas. Espreitei o telemóvel: os contactos tinham sido guardados apenas com uma letra de cada nome, mas li por alto algumas mensagens e descobri quem lhe comprara o *Rohypnol*. Ela escrevera o nome dessa pessoa numa das mensagens.

— Max Hastings — disse Pip.

— E pensei — disse ela a chorar —, pensei que, agora que sabia o que se tinha passado, conseguiríamos resolver as coisas, para que ficasse tudo bem. E pensei que, assim que a Andie chegasse a casa, poderia contar-lhe tudo e chorar no ombro dela, achando que ela me pediria muitas desculpas e que nós, eu e ela, conseguiríamos resolver esta trapalhada toda e obrigá-lo a pagar por isto. A

única coisa que queria era estar com a minha irmã mais velha. E ter a liberdade de finalmente contar a alguém.

Pip enxugou os olhos, sentindo-se esgotada e a tremer.

— E então a Andie chega a casa — disse Becca.

— Com uma ferida na cabeça, certo?

— Não, na altura eu não sabia de nada — disse ela. — Não reparei em nada. Ela deixou-se ficar para ali, na cozinha, e eu não consegui ficar calada por mais tempo. Tinha de lhe contar tudo. E então — a voz de Becca alterou-se —, quando lhe contei, limitou-se a olhar para mim e a dizer que não queria saber. Tentei explicar-lhe, mas recusou-se a dar-me ouvidos. Disse apenas que não podia contar a ninguém, caso contrário iria meter-me em sarilhos. Tentou sair da cozinha, mas eu pus-me à sua frente. Então ela disse-me que eu devia era agradecer o facto de alguém me desejar, já que não passava de uma versão gorda e feia dela. E depois tentou afastar-me com um empurrão. Eu não estava a acreditar, não estava acreditar como ela podia ser tão cruel comigo. Empurrei-a, tal como ela me tinha empurrado, e tentei explicar-lhe mais uma vez o que se passara, e de repente estávamos as duas a gritar e a empurrar-nos uma à outra, e depois... aconteceu tudo tão rápido...

» A Andie caiu de costas no chão. Eu achava que não a tinha empurrado assim com tanta força. Ficou com os olhos fechados. E depois começou a vomitar. Ficou com a cara e o cabelo cheios de vômito. E depois — disse Becca, soluçando de choro — ficou com a boca cheia de vômito e começou a tossir e a sufocar. E eu... eu fiquei completamente paralisada, não sei porquê. Estava tão furiosa com ela... Ao olhar para trás, não sei se foi ou não alguma decisão da minha parte. Não me lembro de nada, só me recordo de ter ficado parada a olhar para ela. Devo ter-me apercebido de que ela estava a morrer, só que fiquei ali parada e não fiz absolutamente nada.

Becca olhou então noutra direção, um espaço junto à porta, ao lado dos azulejos da cozinha. Devia ter sido ali que tudo aconteceu.

— E depois ficou completamente imóvel, e apercebi-me do que tinha feito. Entrei em pânico e tentei desobstruir-lhe a boca, mas ela já estava morta. Queria tanto voltar atrás no tempo... Desde esse dia que a minha vontade nunca foi outra. Mas já era demasiado tarde. Só então reparei que ela tinha sangue no cabelo e pensei que tinha sido eu a feri-la; passei cinco anos a achar isso. Só há dois dias é que soube que a Andie tinha ficado ferida na cabeça depois de ter estado com o Sr. Ward. Deve ter sido por isso que ficou inconsciente, deve ter sido por isso que se sentiu mal. Mas não interessa. Seja como for, fui eu que permiti que ela sufocasse até à morte. Vi a minha irmã morrer e não fiz nada. E, por ter achado que tinha sido eu a provocar-lhe o ferimento na cabeça, a juntar aos arranhões que lhe tinha feito nos braços, provas de que tínhamos estado a lutar uma com a outra, sabia que toda a gente, inclusive os meus pais, iria achar

que a minha intenção fora matá-la. Isto porque a Andie era sempre muito melhor do que eu em tudo. Os meus pais gostavam mais dela do que de mim.

— Puseste o corpo da tua irmã no porta-bagagens do carro dela? — perguntou Pip, chegando-se para a frente para amparar a cabeça, sentindo-a demasiado pesada.

— O carro estava na garagem, e arrastei-a até lá. Não sei onde fui arranjar forças para isso. Está tudo confuso na minha cabeça. Limpei tudo de alto a baixo; já tinha visto uma série de documentários sobre o assunto. Sabia até que género de lixívia se deve usar nestas situações.

— E depois saíste de casa, pouco antes das 22h40 — disse Pip. — Eras tu a conduzir quando as câmaras de videovigilância apanharam o carro da Andie a subir a rua principal. E depois levaste-a para... acho que a levaste para aquela casa de campo antiga que fica em Sycamore Road, sobre a qual andavas a escrever um artigo há uns tempos, e era por isso que não querias que os vizinhos comprassem e restaurassem a propriedade. E foi lá que a enterraste?

— Ela não está enterrada — disse Becca com uma fungadela. — Está numa fossa séptica.

Pip acenou delicadamente, ao mesmo tempo que a sua cabeça confusa se debatia com o derradeiro destino de Andie.

— E depois abandonaste o carro dela e foste a pé para casa. Porque deixaste o carro em Romer Close?

— Quando estava a vasculhar no segundo telemóvel dela, reparei que era lá que morava o traficante que lhe fornecia as drogas. Pensei que, se deixasse o carro nessa rua, a polícia acabaria por juntar dois mais dois e por o considerar o principal suspeito.

— Pergunto-me o que te terá passado pela cabeça quando chegaram de repente à conclusão de que o Sal era o culpado, dando o caso por terminado.

Becca encolheu os ombros.

— Não sei. Achei que talvez fosse algum sinal de que tinha sido perdoada. Embora nunca me tenha perdoado a mim mesma.

— E depois — disse Pip —, passados cinco anos, começo a investigar o caso. Foi através do telemóvel do Stanley que arranjaste o meu número, da vez em que o entrevistei.

— Ele contou-me que uma miúda qualquer andava a fazer um projeto e que achava que o Sal estava inocente. Entrei em pânico. Pensei que, se conseguisses provar a inocência dele, teria de arranjar outro suspeito. O telemóvel pré-pago da Andie tinha estado todo esse tempo na minha posse, e sabia que ela andava a encontrar-se com alguém às escondidas; vi que tinham sido enviadas algumas mensagens escritas para um contacto registado com a letra E, mensagens a combinar encontros num hotel, o Ivy House. Por isso, fui até lá na esperança de tentar descobrir quem era o homem em questão. Não consegui descobrir nada,

até porque a proprietária era uma velhota muito confusa das ideias. Então, algumas semanas mais tarde, vi-te a rondar o parque de estacionamento da estação, sabendo já que era aí que operava o traficante que fornecia as drogas à Andie. Fiquei a observar-te e, quando começaste a segui-lo, fui atrás de ti. Vi-te entrar na casa dele com o irmão do Sal. Só queria que parasses com aquilo, fosse de que forma fosse.

— Foi então que me enviaste a primeira mensagem — disse Pip. — Mas eu não parei. E, quando fui ter contigo à redação do jornal, deveres ter achado que estava prestes a descobrir que tinhas sido tu, quando comecei a puxar os assuntos do telemóvel pré-pago e do Max Hastings. Por isso, decidiste matar o meu cão e obrigaste-me a destruir todo o meu material de pesquisa.

— Desculpa. — Becca baixou os olhos. — Não era minha intenção matar o teu cão. Eu soltei-o, acredita em mim. Mas estava escuro; deve ter ficado desorientado antes de ter caído ao rio.

Pip mal conseguia respirar. Fosse como fosse, independentemente de ter sido ou não um acidente, a verdade é que isso não traria *Barney* de volta.

— Eu gostava tanto dele... — disse Pip, sentindo-se tonta, desligada de si mesma. — Ainda assim, prefiro perdoar-te. Foi por isso que cá vim, Becca. Se fui capaz de deslindar isto tudo sozinha, acredito que a polícia não deva estar muito longe de chegar às mesmas conclusões, especialmente agora que reabriram o caso. E a versão do Sr. Ward começa a apontar para a tua. — Pip falava agora num tom apressado, com uma pronúncia pouco clara, e as palavras enrolavam-se-lhe na língua. — Aquilo que fizeste, deixá-la morrer, não está certo, Becca. Sei que tens essa consciência. Mas aquilo que te aconteceu também não é justo. Não tens culpa disso. E a compaixão não é propriamente o forte da lei. Vim cá avisar-te. Precisas de sair daqui, tens de deixar o país e continuar a tua vida noutro lado qualquer. Digo-te isto porque não tarda nada irão andar à tua procura.

Pip olhou para ela. Becca deve ter dito alguma coisa, mas de repente todos os ruídos do mundo desapareceram, restava apenas o zumbido das asas de um besouro aprisionado na sua cabeça. A mesa começou a sofrer mutações e a efervescer entre elas, e um peso fantasmagórico principiou a fechar as pálpebras de Pip.

— Eu... eu... — balbuciou. O mundo toldava-se, e as únicas cores vivas que restavam eram as da caneca vazia que tinha à frente, um objeto vacilante cujas cores começavam também a esbater-se na atmosfera em redor. — Puseste alguma coi... O meu chá...?

— Sobraram alguns comprimidos do Max no esconderijo da Andie. Guardei-os.

A voz de Becca soou atrozadora e grotesca aos ouvidos de Pip, o eco estridente de uma gargalhada grosseira a zurzir-lhe de orelha a orelha.

Pip tentou levantar-se a custo da cadeira, mas tinha a perna esquerda

demasiado fraca. Acabou por ceder sob o peso do corpo, fazendo com que ela desabasse na ilha da cozinha. Algo se partiu, e os cacos dispersaram-se à sua volta como fiapos de nuvens pelo ar, ao mesmo tempo que o mundo não parava de girar à sua volta.

A cozinha oscilava, e Pip foi a cambalear até ao lava-louça, debruçando-se nele e enfiando depois os dedos pela goela. Vomitou, expelindo um líquido castanho-escuro e corrosivo, e depois voltou a vomitar. Chegou-lhe aos ouvidos uma voz que parecia vir de perto e ao mesmo tempo de muito longe.

— Irei arranjar uma solução, não tenho alternativa. Não há provas de nada. O único problema és tu e aquilo que sabes. Desculpa. Não quero nada fazer isto. Porque não deixaste o assunto morrer?

Pip cambaleou para trás e limpou a boca com a mão. Começou novamente a ver a cozinha a andar à volta, e de repente Becca estava já à sua frente, de braços estendidos e com as mãos a tremer.

— Não — tentou Pip gritar, mas a sua voz perdeu-se algures a meio caminho. Precipitou-se para trás e esquivou-se contornando a ilha. Apoiou-se num dos bancos para manter o equilíbrio. Agarrou-o e arremessou-o para trás. O banco foi embater nas pernas de Becca, e o estrépito produziu um eco ensurdecedor na cabeça de Pip.

Pip correu para a parede do átrio. Com os ouvidos a zunir e espasmos que lhe sacudiam os ombros, encostou-se à parede para não desfalecer e depois foi às apalpadelas até à porta de entrada. Não conseguia abri-la, mas depois pestanejou, a porta desvaneceu-se, e de repente encontrava-se já na rua sem saber como.

Estava escuro, tudo rodopiava à sua volta, e havia algo no céu. Cogumelos luminosos e coloridos, nuvens gigantescas e repuxos cintilantes. O ruído do fogo de artifício rasgava os céus, subindo dos baldios. Pip ganhou balanço e começou a correr na direção das cores brilhantes, rumo ao bosque.

As árvores movimentavam-se numa espécie de marcha entorpecida, e Pip começou a sentir os pés dormentes. Fugiam-lhe. Um novo estrondo cintilante no céu acabou por a ofuscar.

Com os braços estendidos, passou a guiar-se pelas mãos. Um novo estrondo, e de repente tinha Becca mesmo à sua frente.

Pip foi parar ao chão com um empurrão, caindo de costas sobre as folhas e a lama. Becca estava agora de pé à sua frente, com mãos estendidas que a procuravam, e então... apossou-se dela um novo vigor. Concentrou toda essa energia na perna e deu a Becca um valente pontapé. Becca foi parar ao chão, perdendo-se no manto escuro de folhas.

— Estava a ten... tentar aju... ajudar-te — balbuciou Pip.

Virou-se de barriga para baixo e começou a rastejar, os braços a quererem ser pernas e vice-versa. Esgaravato a terra ao levantar-se, recuperou o passo e correu para longe de Becca. Rumo ao cemitério.

As bombas continuavam a explodir no céu, e atrás dela era o fim do mundo. Apoiava-se às árvores para ganhar balanço à medida que avançava, árvores que dançavam e rodopiavam debaixo de um céu em queda. Agarrou-se a uma dessas árvores e sentiu que entrava em contacto com pele humana.

Arremeteu contra ela e agarrou-a com duas mãos. Caíram as duas e rolaram pelo chão. A cabeça de Pip foi embater contra uma árvore, e logo sentiu um rastro húmido deslizar pela face e o gosto metálico do sangue na boca. O mundo voltou a ficar escuro, e a vermelhidão concentrou-se em torno dos seus olhos. Num ápice, Becca estava sentada em cima dela, e havia algo de gélido rente ao pescoço de Pip. Levou as mãos ao pescoço e percebeu que eram dedos, mas os seus pareciam não reagir. Não conseguia abri-los.

— Por favor. — As palavras saíram-lhe dos lábios a custo, e já não conseguia respirar.

Pip tinha os braços colados às folhas mortas, e não havia maneira de conseguir os comandar. Recusavam-se a mexer.

Levantou os olhos para Becca. *Ela sabe onde pode esconder-te, num lugar onde jamais te encontrarão. Num lugar escuro como breu, ao lado das ossadas da Andie Bell.*

Os seus braços e pernas já não reagiam, e a consciência estava a ir pelo mesmo caminho.

— Quem me dera ter tido alguém como tu ao meu lado naquele dia — disse Becca com voz chorosa. — A Andie era a única pessoa que me restava. Era o único escape que eu tinha para me livrar do meu pai. Era a minha única esperança depois do Max. E não quis saber. Se calhar nunca quis saber. E agora estou metida nisto até à cabeça e não há saída possível a não ser esta. Não quero fazer isto. Desculpa.

Pip já não se lembrava de como era poder respirar.

Os seus olhos começavam a fender, e havia uma chama por detrás das fissuras.

Uma escuridão ainda mais profunda engolia agora Little Kilton. Mas aquelas centelhas coloridas que rompiam a noite eram bonitas de se ver. Uma última coisa bela a reter antes de tudo ficar escuro.

E, enquanto isso acontecia, sentiu os seus dedos gelados soltarem-se.

A primeira golfada de ar veio aos repelões, escapando-se-lhe enquanto o sorvia. A escuridão retrocedeu, e da terra brotaram ruídos.

— Não sou capaz — disse Becca, afastando as mãos para se abraçar a si mesma. — Não consigo.

Seguiu-se então um rumorejar de passos, e logo uma sombra saltou para cima de ambas, arrastando Becca para longe dali. Mais ruídos. Berros, gritos e um «Estás bem, picle?».

Pip virou a cabeça, e o pai estava ali com ela, imobilizando Becca no chão enquanto esta se debatia e chorava.

E havia também outra pessoa atrás dela que tentava sentá-la, mas Pip era um

rio e não podia ser agarrada.

— Respira, sargento — disse Ravi, afagando-lhe o cabelo. — Estamos aqui. Já estamos aqui.

— O que se passa com ela, Ravi?

— *Hypnol* — disse Pip numa voz sussurrada, levantando os olhos para ele. — *Robhypnol* no... chá.

— Ravi, chama já uma ambulância. Liga para a polícia.

Os ruídos dissiparam-se novamente. Agora eram apenas as cores e a voz de Ravi a vibrar no peito dele, atravessando-a dos pés à cabeça para depois se perderem nos limites do sentido.

— Ela deixou que a Andie morresse — disse Pip ou pensou que tinha dito.

— Mas nós temos de a deixar ir. Não é justo. Não é justo.

Kilton cintilou.

— Sou capaz de me esquecer. Sou capaz de ficar com am... amnésia. Ela está numa fossa séptica. Casa de campo... Sycamore. Foi onde...

— Está tudo bem, Pip — disse Ravi, segurando-a para que não caísse do mundo abaixo. — Acabou. Agora acabou. Estou aqui.

— Como é queee meee encontraaste?

— O teu dispositivo de localização ainda está ligado — disse Ravi, mostrando-lhe um ecrã trémulo e pouco nítido com um avatar cor de laranja no mapa da aplicação *Encontrar Amigos*. — Assim que te vi aqui, percebi logo o que se passava.

Kilton cintilou.

— Está tudo bem, estou aqui, Pip. Vais ficar bem.

Um novo cintilar.

Estavam novamente a conversar, Ravi e o pai dela. Mas não o faziam com palavras que ela pudesse ouvir, palavras essas que mais se assemelhavam ao ruído surdo de formigas. Também já não conseguia vê-los. Os olhos de Pip eram o céu onde rebentava o fogo de artifício. Era o Armagedão em cascatas de flores. Todas vermelhas. Cintilações e brilhos vermelhos no céu.

E então voltou a ser uma pessoa, uma pessoa estendida no chão gelado e húmido, com a respiração de Ravi colada ao seu ouvido. E, por entre as árvores, uma série de uniformes negros faziam jorrar luzes azuladas em redor.

Pip ficou a observar todas essas luzes que brotavam das lanternas e do fogo de artifício.

Nenhum som. Apenas a sua respiração cava, as centelhas e as luzes.

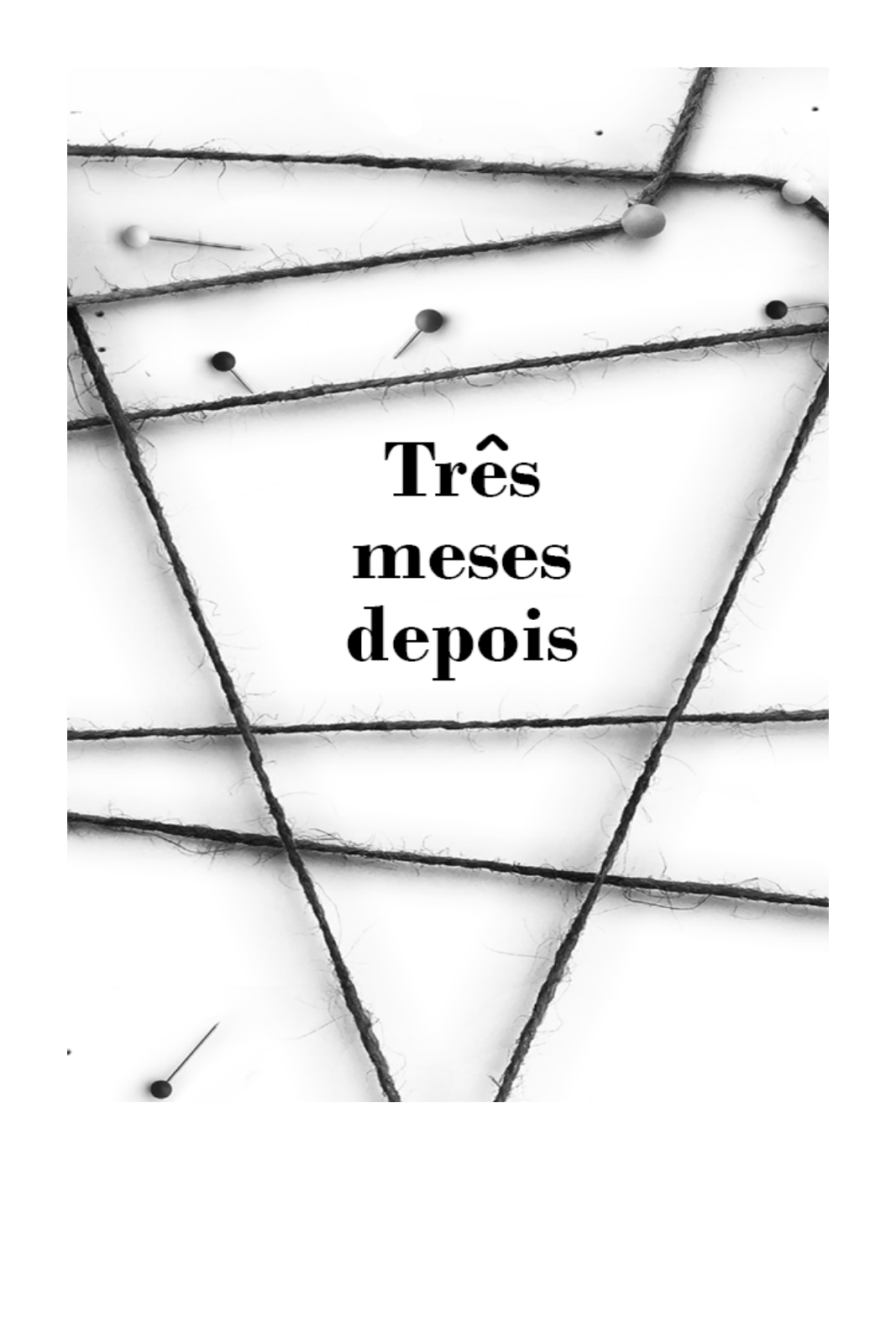
Vermelhas e azuis. Vermelhas

e azuis. Belas e

azuis. Azuis e Bel...

Andie...

Bell...

A black and white photograph featuring a geometric pattern of intersecting dark, textured lines (possibly twigs or thick thread) on a plain white background. The lines form a series of triangles and polygons. Several small, dark, round pins are visible, some of which are holding the lines in place. The text "Três meses depois" is centered in the image in a bold, black, serif font.

**Três
meses
depois**

— Está aqui *muita* gente, sargento.

— Achas?

— Sim, para aí umas duzentas pessoas.

Pip conseguia ouvi-los a todos; ouvia o tagarelar e o arrastar de cadeiras à medida que as pessoas ocupavam os respetivos lugares no salão da escola.

Aguardava numa das alas laterais, com os apontamentos da sua apresentação amarfanhados numa mão, e o suor que lhe cobria a ponta dos dedos ia esborratando aos poucos a tinta da impressão.

Já toda a gente do seu ano tinha apresentado os respetivos projetos de investigação no início dessa semana, em pequenas salas e com o devido aparato técnico. Porém, a escola e o painel de avaliadores tinham chegado à conclusão de que seria boa ideia transformar a apresentação de Pip numa *espécie de acontecimento*, como dissera o diretor. Pip não tivera voto na matéria. A escola divulgara o evento *online* e no *Kilton Mail*. A imprensa fora convidada para assistir à apresentação. Horas antes, Pip tinha visto uma carrinha da BBC estacionar, antes de terem começado a descarregar o equipamento e as câmaras.

— Estás nervosa? — perguntou Ravi.

— Deu-te agora para fazeres perguntas óbvias?

Depois de vir à tona, a história de Andie Bell fora notícia durante semanas nas páginas dos jornais e nos canais de televisão nacionais. Fora no auge dessa loucura generalizada que Pip tivera a sua entrevista de admissão para Cambridge. Os dois membros do corpo diretivo tinham reconhecido Pip das notícias e ficado a olhar para ela, boquiabertos, antes de terem começado a fazer-lhe inúmeras perguntas sobre o caso. Entretanto, fora das primeiras a receber uma proposta de admissão.

Nessas semanas, Pip vira-se de tal modo embrenhada nos segredos e nos mistérios de Kilton que passara a revestir-se deles como uma segunda pele. Exceção feita ao segredo que conservara no seu íntimo, o segredo que guardaria para sempre para salvar Cara. A sua melhor amiga, que nem por uma vez deixara a cabeceira de Pip no hospital.

— Posso passar por tua casa mais tarde? — perguntou-lhe Ravi.

— Claro. A Cara e a Naomi também vão lá jantar.

Ouviram o matraquear aguçado de uns saltos altos, e apareceu então a Sra. Morgan, a debater-se com a cortina.

— Quando estiveres pronta, podemos começar, Pippa.

— OK, é só um minuto.

— Bom — disse Ravi assim que se acharam novamente a sós —, é melhor ir andando para o meu lugar.

Sorriu, pousou as mãos na nuca de Pip, tocando-lhe no cabelo com os dedos, e inclinou-se para encostar a testa à testa dela. Já lhe tinha dito antes que fazia isso para ficar com metade da tristeza, metade da dor de cabeça e metade do seu

nervosismo. Fora no dia da entrevista de Pip, antes de ela entrar no comboio para Cambridge. Fazia-o porque uma coisa má reduzida a metade significava mais espaço para receber coisas boas.

Beijou-a, e Pip ficou radiante com a sensação que se apossou dela. Aquela que tem asas.

— Atira-te a eles, Pip.

— Garantido!

— Ah, é verdade — disse ele, voltando-se por uma última vez à frente da porta —, não lhes digas que a única razão que te fez começar este projeto foi porque engraçavas comigo. Tenta lembrar-te de um motivo mais nobre, se é que me entendes.

— Põe-te a andar.

— Vá, não te sintas mal. Não conseguiste resistir. Afinal, eu sou encantador — disse com um sorriso de orelha a orelha. — Percebeste? *Ravi-shing*. Ravi Singh.¹

— Claro que um dos sinais de uma boa piada é o facto de sermos obrigados a explicá-la... — disse ela. — Agora mexe-te.

Pip aguardou mais um minuto, repetindo para si mesma, em voz baixa, as primeiras linhas do seu discurso. E então avançou para o palco.

As pessoas não sabiam bem como reagir. Metade da assistência começou a aplaudir educadamente, e as câmaras voltaram-se para essas pessoas, ao passo que a outra metade ficou perfeitamente imóvel, com dezenas de olhos a seguirem-lhe os movimentos enquanto se aproximava.

O pai levantou-se na fila da frente e assobiou com os dedos, gritando:

— Dá cabo deles, picle. — Sem perder tempo, a mãe puxou-o de volta para o seu lugar, trocando olhares com Nisha Singh, que estava sentada ao seu lado.

Pip avançou a passos largos para o atril do diretor da escola e pousou as folhas no suporte, alisando-as.

— Olá — disse, e o microfone começou a chiar, rompendo o silêncio do salão. As câmaras entraram em ação: — O meu nome é Pip, e posso dizer que sei muitas coisas. Sei que *typewriter*² é a palavra mais longa a que se pode escrever só com uma fila de teclas do teclado. Sei que a Guerra Anglo-Zanzibari foi a mais curta da história, tendo durado apenas trinta e oito minutos. Sei também que este projeto me pôs a mim, aos meus amigos e à minha família em perigo e que mudou muitas vidas, nem todas para melhor. Mas aquilo que não sei — disse ela, fazendo uma pausa — é a razão de esta cidade e de os *media* nacionais ainda não terem compreendido realmente o que aconteceu aqui. Não sou a «aluna-prodígio» que descobriu a verdade em prol da Andie Bell e que é referida em longos artigos, nos quais tanto o Sal Singh como o seu irmão Ravi são relegados para segundo plano e mencionados em pequenas notas marginais. Este projeto começou com o Sal. Com o objetivo de descobrir a verdade.

Foi então que os olhos de Pip o descobriram. Stanley Forbes, na terceira fila, escrevinhando nas páginas de um caderno aberto. Ainda se interrogava a respeito dele, tal como se interrogava a respeito de outros nomes que faziam parte da sua lista de pessoas sob suspeita, as outras vidas e os respectivos segredos que tinham integrado aquele caso de forma mais ou menos enviesada. Little Kilton ainda tinha os seus mistérios por resolver, incógnitas por revelar e perguntas por fazer. Mas esta cidade tinha demasiados recessos ocultos; entretanto, Pip aprendera a aceitar que estava fora do seu alcance chegar a todos eles.

Stanley estava sentado na fila imediatamente atrás das amigas, e era notória a ausência do rosto de Cara entre elas. Por muita coragem que tivesse mostrado no desenrolar do caso, tinha chegado à conclusão de que teria sido demasiado penoso para si estar presente nesse dia.

— Jamais teria adivinhado — prosseguiu Pip — que, quando este projeto chegasse ao fim, acabaria com quatro pessoas algemadas e uma em liberdade depois de ter passado cinco anos na sua prisão privada. Elliot Ward declarou-se culpado pelo homicídio de Sal Singh, pelo sequestro de Isla Jordan e por obstrução da justiça. Na próxima semana, será lida a sua sentença em tribunal. Becca Bell será julgada ainda este ano pelas seguintes acusações: homicídio involuntário por negligência grave, impedimento da realização de uma cerimónia fúnebre condigna e ainda obstrução da justiça. Max Hastings foi considerado culpado de quatro acusações de abuso sexual e duas acusações de violação e também será julgado ainda este ano. Howard Bowers declarou-se culpado pelo fornecimento de uma droga ilícita e por posse de droga que tencionava vender.

Folheou os apontamentos e tossicou.

— Ora bem, quais foram as razões que conduziram aos acontecimentos que tiveram lugar no dia 20 de abril de 2012, uma sexta-feira? Do meu ponto de vista, há uma mão-cheia de pessoas que são de algum modo culpadas por aquilo que aconteceu não só nessa noite mas também nos dias que se seguiram, e falo de uma perspetiva moral, se não mesmo criminal. Essas pessoas são: Elliot Ward, Howard Bowers, Max Hastings, Becca Bell, Jason Bell e, convém não esquecer, a própria Andie. Todos a pintaram como a donzela em apuros e ignoraram deliberadamente certas facetas mais obscuras da sua personalidade, simplesmente porque essas facetas não encaixavam na narrativa desejada. Mas a verdade é esta: a Andie Bell era uma provocadora que fazia chantagem emocional para conseguir aquilo que queria. Vendeu drogas sem se preocupar ou pensar como estas seriam usadas. Jamais saberemos se tinha consciência de que estava a facilitar o abuso sexual por meio de drogas, mas não há dúvida de que, quando confrontada com esta verdade por parte da própria irmã, não foi capaz de mostrar sequer o mínimo de compaixão.

»Ainda assim, ao analisarmos melhor o caso, o que encontramos por trás

desta verdadeira Andie? Encontramos uma rapariga vulnerável e insegura. Isto porque a Andie cresceu a ouvir da boca do próprio pai que a única coisa que a valorizava enquanto pessoa era o seu aspeto e quão desejada era pelos outros. Para ela, o lar era um sítio onde era intimidada e rebaixada. A Andie nunca teve a oportunidade de se tornar a jovem que poderia ter sido longe daquela casa, com a capacidade de decidir por si mesma aquilo que a tornava especial enquanto pessoa e de descobrir o futuro que desejava para si.

»E embora existam de facto alguns monstros nesta história, vim a descobrir que não é uma história em que se possa fazer uma distinção fácil entre bons e maus. No final de contas, trata-se de uma história sobre pessoas que se revelam nas suas facetas mais ou menos desesperadas, entrando em colisão umas com as outras. Mas há uma pessoa que se revelou boa do princípio ao fim. O seu nome é Sal Singh.

Pip levantou os olhos do papel e apontou-os logo para Ravi, que estava sentado entre os pais.

— Acontece que não concretizei este projeto sozinha, como mandam as regras — disse ela. — Não teria sido capaz de o fazer sozinha. Portanto, acho que terão de considerar a anulação deste projeto.

Na assistência, algumas pessoas ficaram pasmadas, entre elas, e notoriamente, a Sra. Morgan. Ouviram-se também alguns risinhos abafados.

— Não teria conseguido resolver este caso sem o Ravi Singh. Aliás, se não fosse ele, já não estaria aqui para falar do caso. Portanto, se há alguém que pode lembrar a pessoa de bom coração que Sal Singh sempre foi, agora que estão todos finalmente a ouvir com atenção, esse alguém é o irmão dele.

Ravi ficou a olhar para ela do seu lugar, pasmado, com uns olhos muito arregalados e aquele seu ar de repreensão que ela adorava. Mas Pip sabia que ele precisava disto. E ele também tinha essa consciência.

Fez-lhe sinal com a cabeça, e Ravi pôs-se de pé. Victor também se levantou, assobiando novamente com os dedos e batendo ruidosamente palmas com as suas grandes mãos. Alguns dos estudantes que estavam na assistência juntaram-se a ele, aplaudindo ao verem Ravi subir rapidamente os degraus do palco e aproximar-se do atril.

Pip afastou-se alguns passos do microfone, e Ravi juntou-se a ela. Piscou-lhe o olho, e Pip deixou-se levar por uma onda de orgulho ao vê-lo avançar para o atril, coçando ao mesmo tempo a parte de trás da cabeça. Ainda no dia anterior ele lhe tinha dito que voltaria a fazer os exames finais para dar prosseguimento aos estudos no curso de Direito.

— Hum... olá — disse Ravi, e o microfone voltou a guinchar, desta feita para ele. — Não estava à espera disto, mas, afinal de contas, não é todos os dias que uma rapariga abdica da garantia de uma nota máxima num trabalho por nossa causa. — Ouviram-se risos calorosos por toda a plateia. — Mas acho que, no

meu caso, não precisava de preparação para falar do Sal. Há quase seis anos que não me preparo para outra coisa. O meu irmão não era só uma boa pessoa, era das melhores pessoas que este mundo já teve. Tinha um bom coração, um grande coração, passava a vida a ajudar os outros e nunca se poupava a esforços nesse sentido. Era uma pessoa profundamente generosa. Lembro-me de uma vez, quando éramos miúdos, em que sujei a alcatifa toda ao entornar uma garrafa de *Ribena*, e o Sal assumiu as culpas por mim para eu não arranjar sarilhos. Ups... desculpa, mãe, acho que mais cedo ou mais tarde terias de saber a verdade.

Mais gargalhadas na assistência.

— O Sal era atrevido. E o riso dele não podia ser mais ridículo; uma pessoa não podia deixar de se rir com ele. E... ah, pois é, costumava passar horas a desenhar e a escrever histórias de banda desenhada para eu poder ler na cama, isto porque que eu tinha dificuldade em adormecer. Ainda tenho. E, como o Sal era inteligente, caramba... Sei que teria feito coisas incríveis na vida, se não lha tivessem tirado. Sem ele, o mundo nunca mais voltará a ser radiante como era — disse Ravi, e a sua voz quebrou. — E gostava de lhe ter dito todas estas coisas quando ainda estava entre nós. Gostava de lhe ter dito que era o melhor irmão mais velho que alguma vez alguém poderia desejar. Mas pelo menos posso dizê-lo agora, neste palco, e saber que desta vez toda a gente vai acreditar em mim.

Olhou para Pip com os olhos a brilhar e estendeu o braço para ela. Pip avançou alguns passos, ficando ao seu lado, e inclinou-se para o microfone para dizer as suas últimas palavras.

— Mas atenção, Little Kilton: houve um último interveniente nesta história, e esse interveniente somos todos nós. De um modo coletivo, transformámos uma vida bela no mito de um monstro. Transformámos uma casa de família numa casa assombrada. E a partir de agora compete-nos fazer melhor do que isso.

Pip procurou a mão de Ravi por baixo do atril, entrelaçando os dedos nos dele. As suas mãos dadas tornaram-se um organismo vivo, a polpa dos dedos dela assentando na perfeição nas covinhas entre os nós dos dedos dele, como se essas mãos tivessem sido feitas para encaixarem uma na outra.

— Alguma pergunta?

¹ Jogo de palavras sem correspondente em português. *Ravishing* significa «encantador, arrebatador». A personagem faz um trocadilho com o seu nome (Ravi Singh) e este adjetivo. (NT)

² *Typewriter*: máquina de escrever. (NT)

Agradecimentos

Este livro teria permanecido um documento Word abandonado ou uma ideia por explorar na minha cabeça se não fosse uma lista de seres humanos incríveis. Em primeiro lugar, ao meu superagente, Sam Copeland; o facto de teres sempre razão é profundamente irritante. Obrigada por seres tão calmo e paciente. És a melhor pessoa que alguém poderia desejar ter na sua equipa, e ficarei eternamente grata por teres arriscado ao dares-me uma oportunidade.

O Homicídio Perfeito — Um Guia para Boas Raparigas encontrou a sua casa perfeita na Egmont, e não podia estar mais feliz por isso ter acontecido. A Ali Dougal, Lindsey Heaven e Soraya Bouazzaoui: obrigada pelo vosso entusiasmo incansável, por terem visto a alma desta história e por me terem ajudado a encontrá-la. Um agradecimento especial à minha fantástica editora, Lindsey, por me ter guiado ao longo do caminho. A Amy St. Johnston, por ter sido a primeira pessoa a ler e a defender este livro; agradeço-te muito por isso. A Sarah Levison, pelo seu trabalho árduo ao dar forma a este livro; e a Lizzie Gardiner, pelo magnífico design de capa; nem nos meus sonhos teria conseguido imaginar uma capa mais perfeita. A Melissa Hyder, Jennie Roman e a todas as pessoas da equipa de marketing e publicidade: a Heather Ryerson, pela belíssima paginação; a Siobhan McDermott, por todo o trabalho desenvolvido neste livro e não só; a Emily Finn e a Dannie Price, pela genial campanha de promoção; e a Jas Bansal, por ter sido uma verdadeira rainha nas redes sociais. Agradeço também a Tracy Phillips e à equipa dos direitos de publicação por terem feito um trabalho incrível ao conseguirem levar esta história a outras regiões do mundo.

Agradeço todo o apoio do grupo de pessoas que me acompanharam nesta estreia, com especial menção a Savannah, Yasmin, Katya, Lucy, Sarah, Joseph e Aisha, a minha parceira de agência/editora. Toda esta história de publicar um livro é muito menos assustadora quando a fazemos na companhia de amigos.

Às minhas Flower Huns (que nome mais estapafúrdio para um grupo de WhatsApp, e, agora que vem mencionado nas páginas de um livro publicado, já não nos podemos livrar dele), obrigada por serem minhas amigas há mais de uma década e por se mostrarem tão compreensivas quando fujo para o covil da escrita. Obrigada a Elspeth, Lucy e Alice, por terem sido das primeiras leitoras.

A Peter e Gaye, obrigada pelo vosso apoio a toda a prova, por terem lido a primeira versão deste livro e por me terem dado a oportunidade de morar num sítio tão bonito enquanto escrevo o próximo. E a Katie, por ter defendido este livro desde o início e por me ter proporcionado o primeiro vislumbre da Pip.

À minha irmã mais velha, Amy, obrigada por me teres deixado entrar à socapa no teu quarto para ver a série Perdidos quando ainda não tinha idade para isso — a minha paixão por mistérios começou aí. À minha irmã mais nova, Olivia, obrigada por teres lido absolutamente tudo o que escrevi, desde aquele caderno vermelho cheio de esboços de histórias até Elizabeth Crowe: foste a minha primeira leitora de sempre, e não podia estar mais grata por isso. À Danielle e ao George — oh, vejam só, conseguiram entrar na lista de agradecimentos só por serem fofinhos. Espero bem que não peguem neste livro enquanto não tiverem idade para isso.

À minha mãe e ao meu pai, obrigada por me terem proporcionado uma infância repleta de histórias, por me terem educado no meio de livros, filmes e jogos. Não estaria aqui se não fosse por todos aqueles anos de Tomb Raider e Harry Potter. Acima de tudo, agradeço por me terem dito sempre que era capaz, mesmo quando os outros diziam o contrário. Conseguimos.

E ao Ben. Estás sempre comigo, em cada lágrima, em cada ataque de nervos, em cada fracasso, aflição ou vitória. Sem ti, nada disto teria sido possível.

Por fim, obrigada a todos os leitores, por pegarem neste livro e por o lerem até ao fim. Jamais saberão quanto isso significa para mim.